

L. M. BRAZ

*Sonhos
Quebrados*

TRILOGIA ♦ VALENTE ♦ LIVRO 01



PERIGOSAS NACIONAIS

Sonhos Quebrados

Trilogia ♦ Valente ♦ Livro 1
1º edição em e-book.

L. M. Braz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Sonhos Quebrados † L. M. Braz.

Registrado em março de 2018.

Informamos que todos os direitos desta obra, são reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte ou personagens deste livro, sem a autorização prévia da autora por escrito e registrada, poderá ser reproduzido ou transmitido, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros.

Esta é uma obra fictícia, quaisquer semelhanças com pessoas reais vivas ou mortas, é mera coincidência.

Capa: Mia Klein

Revisão: Wilca Sousa

PERIGOSAS NACIONAIS

Contato: l.m.braz.contato@gmail.com

Redes Sociais: Instagram › [l.m.braz_](#)

Facebook › [L. M. Braz](#)

PERIGOSAS ACHERON

Para minha querida revisora.

Quero lhe agradecer, por ter me ajudado na difícil tarefa de revisar a primeira edição deste livro. Muito obrigada. Quero que saiba, que além de amiga e cunhada, você é a irmã que a vida me deu de presente.

Dedico esta obra, inteiramente a você, **Wilca Cristina Sousa**.

Ps. Eu te amo.

-L. M. Braz

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*É doloroso recebermos
ingratidão, daqueles que éramos
capazes de dar nossas vidas.*

-Autor desconhecido.

Sumário

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Spoiler Revelação.](#)

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

A vida não é feita de escolhas fáceis. Às vezes, há momentos em que chegamos a pontos cruciais, onde temos que nos decidir entre manter nossos valores impostos por uma sociedade, que nos dita o certo e o errado, ou arriscar tudo pelo os que amamos. Difícil, é quando descobrimos que esses serão os primeiros a nos deixar para trás, sem fazer o mínimo de esforço para entender o porquê de nossas escolhas. Ser julgado e jogado ao tempo pela própria sorte, pelos que juraram nos amar e proteger desde o início de nossas vidas, é a pior dor e desprezo que alguém pode sentir. Algo que aprendi muito cedo e de maneira dura, é que não importa o quão bom você tenha sido para esses. No fim, serão eles os primeiros a lhe atirar pedras.

CAPÍTULO 01

Aos dezoito anos de idade, fui aceita na Universidade de Houston, no Texas, através de uma bolsa integral de estudos. Uma futura médica na família, foi motivo de grande orgulho para todos, principalmente para o meu pai, Teddy. Ele pregou por meses minha carta de aceitação na porta da geladeira, a exibindo para qualquer pessoa que chegasse em nossa casa. Toda manhã quando entrava na cozinha para o café, ele olhava para ela e sorria como se fosse um cheque assinado de muitos zeros a direita. Lembro-me que no dia em que recebi a tão esperada correspondência, ele passou horas ao telefone contando a todos que conhecia, que sua garotinha estava indo para a faculdade.

Meu pai sempre foi um homem simples, mas dono de grandes sonhos. O maior deles, era que sua única filha pudesse ser alguém na vida com um diploma na mão. O segundo maior, ele realizou a seis anos, quando finalmente tirou o projeto do papel e abriu sua própria oficina de restauração de

carros antigos. Mas as vezes, a alegria tem prazo de validade. Seu negócio não tem se encaminhado bem nos últimos meses. Dividas e mais dividas, tem se acumulado desde que descobrimos que minha mãe, Meredith, está doente. Ela é a melhor mãe, esposa, filha, amiga e pessoa, que o mundo já conheceu.

Meu pai tem se dividido entre o trabalho e o hospital, mas tem sido complicado fazer isso com ajuda de poucos e comigo estando tão longe de casa, nove meses por ano. Ele diz não se cansar e nem se importar de fazer sacrifícios por ela, afinal, juraram se amar até que a morte os separe, mas eu sei o quão difícil é para ele. Quando criança, sempre admirei o amor e o carinho dos meus pais, um com o outro. Apesar das dificuldades que enfrentaram e enfrentam juntos, o amor deles ainda é único e lindo. Sempre pensei que um dia teria com alguém, o que eles têm como casal e como uma família, mas não foi bem assim que começou para mim.

Tudo começou com Mark, meu primeiro namorado, primeiro amor e minha primeira transa.

Pensava que virgindade era algo lindo e delicado, que devia ser dada a quem provou lhe amar, ou, pelo menos a quem você acreditou que te amava. Nos conhecemos na festa de boas vindas da universidade, na primeira semana de aula. Ele sorriu para mim com aqueles dentes brancos e perfeitos, e eu o correspon-di, é claro. Quem não corresponderia aquele maldito sorriso?

Uma hora depois, eu estava deitada em uma cama desconhecida e sob ele. Quando o clima esquentou, tive que lhe dizer que era virgem e que não estava preparada para ter relações, ainda mais em uma festa e na cama de uma pessoa qualquer. Ele disse achar aquilo lindo e prometeu que faria por merece-la. Eu sorri boba, inocente e quase apaixonada. Mark encheu meus ouvidos com coisas que qualquer garota tola gostaria de ouvir. "Isso é incrível." "Você é maravilhosa." "Você se respeita." "Mulheres como você, são especiais.", e eu acreditei.

Um mês se passou desde aquela festa e eu tinha um namorado lindo, que preparava a noite perfeita a qual eu daria a ele, o que ambos

PERIGOSAS ACHERON

desejavam. Minha primeira noite aconteceu e foi tudo lindo e romântico. Mark nos levou para um fim de semana fora da cidade, em uma cabana nas montanhas. Tivemos um jantar à luz de velas, banhos quentes na hidromassagem e sexo gostoso por três dias, a maior parte do tempo. Mais meses se passaram, até que logo completamos nove meses de namoro. Nós éramos felizes e realizados, achava que tinha encontrado a pessoa certa para minha vida.

Foi na mesma festa em que meu caminho se cruzou ao do Mark, que conheci a Penny, a garota que se tornou minha melhor amiga. Ela se aproximou elogiando meu vestido e eu elogiei seus sapatos. Conversamos, bebemos algumas cervejas e ela apresentou-me a algumas pessoas. Ela é o tipo de amiga que se mete em confusões por você e que quando faço algo idiota, ela não teme em me dizer. Mas a bolha mágica cor de rosa da felicidade, em que eu vivi por nove meses, estourou-se quando meu pai deixou uma mensagem na caixa postal. Uma com duração de três minutos, que mudou meu mundo. Era a triste notícia de que minha mãe

estava com câncer de mama, no estágio dois.

Naquele mesmo dia, eu voltei para casa uma semana mais cedo do programado, preparada para enfrentar o diagnóstico junto a ela e meu pai. Estive ao seu lado durante a recuperação de uma mastectomia total e todas as sessões de radioterapia e quimioterapia. Meu pai fez um ótimo plano de saúde, que dava a ela um tratamento rápido e com máximo de conforto. Eu sabia que isso não sairia barato e que estava além de nossos bolsos, mas não podíamos medir esforços para minha mãe.

Quando as férias de verão acabaram, voltei para universidade no início de setembro com a boa notícia de que minha mãe estava curada. Com meu pai endividado, ele não poderia mais me ajudar a me manter na faculdade. Abri mão da minha grade curricular de matérias para trabalhar a noite. De manhã eu frequentava as aulas, no período da tarde estudava na biblioteca do campus com meu grupo de estudos e a noite trabalhava como garçoneiro no Roger's, um bar perto da universidade. O salário não é ruim e o horário um pouco cansativo, mas as gorjetas compensam bem isso, ainda mais em

PERIGOSAS ACHERON

noites de show.

Mais nove meses se passaram e quando menos percebi, as férias se aproximavam novamente. A rotina apertada continuava a mesma, mas já as aulas na faculdade, ficavam cada vez mais difícil. Comecei a trabalhar até mesmo nos feriados, para evitar de precisar da ajuda dos meus pais ao máximo, não os queria preocupados comigo. Aqueles fins de semana que eu não trabalhava, estava os visitando ou estudando para os exames, quase já não tinha mais tempo para namorar.

Não é que eu colocasse Mark em segundo plano, é só que eu não podia mais dar toda a atenção que ele queria, ou tinha de mim antes. Eu sei o quanto era chato ele estar com todos os nossos amigos no bar, em uma sexta à noite, quando cada um deles estavam bebendo e se divertindo com suas namoradas, enquanto ele estava só e eu os servindo. Mas ainda sim, isso não era motivo para que ele me magoasse ou me traísse na minha própria cama. Houve uma sexta em que eu esqueci de levar meus documentos, para que Roger renovasse meu contrato de trabalho por mais nove

PERIGOSAS ACHERON

meses.

— Não dá mais para me enrolar, Maya. Aproveite que a banda ainda arruma o palco e vá buscar seus documentos. Vamos abrir em trinta minutos. — Disse Roger.

— Tudo bem. Eu vou e volto rápido. — Disse antes de sair do seu escritório.

Ao chegar no estacionamento, encontrei Dick, nosso Barman, chegando para mais um turno.

— Dick? — O chamei ao me aproximar.

— E aí, gatinha? — Perguntou todo sorridente.

— Pode me emprestar seu carro? Tenho que ir até a fraternidade e voltar em meia hora. — Pedi com um sorriso sem graça no rosto.

— Claro. — Concordou jogando-me a chave do seu carro e me dando uma piscada de olho.

Dirigi até o campus e entrei na casa, subindo os dois lances da escada que levam ao segundo andar, onde fica os quartos. Assim que pus meus pés no corredor, já pude ouvir gemidos e todos os

chamados exasperados.

— Mark! Por favor... me foda com força. — Implorou a voz ofegante, em meio aos gemidos que ficavam cada vez mais altos.

— Mark? — Repeti sussurrado o nome que meus ouvidos haviam acabado de escutar.

A cada passo à frente no corredor, os gemidos ficavam cada vez mais altos. Segui o som que me levou até a porta do meu quarto. Antes de abri-la, finalmente reconheci a voz que gritava descontroladamente. Era da Violet, minha colega de quarto. Abri a porta lentamente e entrei um passo adentro. Senti as paredes a minha volta girarem e meu estomago embrulhar. Eles continuaram por alguns segundos, talvez por um minuto, até que notaram minha presença. Violet foi a primeira. Ela gritou espantada, empurrando Mark de cima dela e tentando se cobrir com os lençóis amaçados e suados. Já Mark, se levantou pegando o travesseiro caído no chão e cobrindo seu pau com ele. Violet, juntou seus joelhos aos seios, abraçando suas pernas, enquanto chorava pedindo-me

desculpas.

Mark por outro lado, só ficou com o rosto pálido e os olhos arregalados, encarando-me. Esperei por ele dizer algo, mas nada saiu da sua boca entre aberta. Dei minhas costas aos dois, mas antes que eu saísse pela porta, olhei para o lado e vi minha bolsa sobre a cômoda, me lembrando do que eu havia vindo fazer aqui. A peguei e saí batendo a porta atrás de mim. Desci os degraus vagorosamente, tentando digerir o que eu havia acabado de presenciar. Quando cheguei na sala, escutei Mark gritar meu nome do corredor. Apressei meus passos e passei correndo pela porta da frente, correndo até o carro e entrando rápido dando partida no motor. Os dois saíram da casa, descabelados e malvestidos, pedindo para que esperasse para conversarmos. Sem lhes dar ouvidos, acelerei o carro queimando os pneus no asfalto.

No caminho de volta para o trabalho, segurei meu choro e concentrei-me em como a noite poderia encher meus bolsos com boas gorjetas. Estacionei o carro na vaga para funcionários e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrei no bar, indo direto para o escritório do Roger. Entreguei meus documentos a ele e sai pegando meu avental e a bandeja sobre o balcão de bebidas. O bar estava começando a ficar cheio, era final de semana e noite de show. Noites assim, costumam ser as melhores, as quais aparecem caras bonitos e com boas gratificações por um bom atendimento. Porém, eu não estava no clima para sorrir e muito menos para relevar cantadas de mal gosto. Estava decepcionada e de coração partido. Como ele pode me trair? Eu dei a ele tudo que pude, entreguei-me de corpo e alma.

Estava na metade do meu expediente, e não tinha dado muito conversa para meus colegas de trabalho ou os da faculdade que apareceram. Permaneci quieta com uma dor enorme no peito, que me corroía por dentro. Tinha vontade de gritar e socar a cara daqueles dois, mas não podia agir pela raiva. Eu tentava não me lembrar dos meus bons momentos com Mark, porque essas memórias queimavam meu cérebro. Nenhuma garota merece ser traída ou magoada por um idiota. Logo o fim da noite chegou, e eu estava com duzentos dólares no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bolso do meu avental. Essa sem dúvidas, foi uma das melhores noites no Roger's. Depois de limpar as mesas, e pôr o lixo para fora, entreguei a chave do carro para o Dick e o agradei pela ajuda. Ele se ofereceu para me levar até a fraternidade e eu aceitei, já eram três da manhã e eu estava cansada de mais para caminhar um quilometro.

— Está tudo bem? — Perguntou ele no caminho.

— Não. — Respondi com sinceridade, sentindo um bolo se formar em minha garganta e meus olhos arderem, ao ficarem marejados.

— O que está pegando? — Perguntou demonstrando preocupação em sua voz.

— Eu fui traída. — Disse logo de uma vez.

Dick desacelerou o carro e olhou-me ao parar no sinal vermelho, com cara de espanto.

— Está falando sério? — Perguntou incrédulo.

— Estou. — Recostei minha cabeça no encosto do banco e fechei meus olhos segurando meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

choro. — Mas eu não queria estar. — Disse sussurrado.

— Nossa... Maya. Eu nem sei o que dizer.

— Tudo bem. Não precisa dizer nada. — Disse a ele.

— Eu sinto muito. — Disse ao estacionar o carro, à frente da fraternidade.

— É, eu também. Obrigada pela carona, Dick.

Despedi-me dele com um beijo em seu rosto e desci do carro. Ao entrar na casa, tudo estava escuro e em absoluto silêncio, entregando que todas dormiam, exceto uma, que entrou logo atrás de mim.

— Maya. — Penny chamou alto, ao passar pela porta.

— Uau... — Disse ao vê-la bem vestida, com um vestido brilhante e salto alto. — Onde estava? — Perguntei curiosa.

— Com um cara. — Disse rindo alto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Shh... Vai acordar as meninas. — Sussurrei para ela.

— Foi mal. — Disse baixinho. — Eu bebi. — Sussurrou.

— Estou sentindo o cheiro. — Sussurrei de volta.

Penny me abraçou e subimos juntas a escada. Seu quarto era de frente para o meu e ao chegar lá, ajudei-a abrir a porta e a coloquei para dentro lhe dando boa noite antes de sair. Parei de ante a porta do meu quarto, sem coragem para entrar. Tinha medo de que os dois ainda estivessem ali dentro.

— O que foi? — Perguntou Penny, ao abrir a porta do seu quarto.

— Posso dormir com você hoje? — Pedi encarando a madeira branca, a minha frente.

— Pode, mas é claro. — Permitiu.

Entramos para o seu quarto e sentei-me a beirada da cama. Penny morava sozinha, ela tem condições para pagar o aluguel de um dormitório,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem ter que o dividir com alguém.

— Vai falar o que aconteceu? — Perguntou sentando-se na cadeira da mesa de estudos ao lado.

Comecei a chorar feito uma criança perdida no shopping. Deixei as cenas do início desta noite, rolarem soltas por minha cabeça. Passei a noite toda as reprimindo e tentando ser forte, porque precisava trabalhar. Penny ajoelhou-se a minha frente e segurou firme minhas mãos.

— O que houve, Maya? É a sua mãe? — Perguntou preocupada.

— Não. — Disse em meio ao choro alto e negando com minha cabeça.

— O que foi, então? Está me assustando.

— Mark, me traiu.

— Ele o que? — Perguntou alto e incrédula. — Quando e com quem?

— Não sei a quanto tempo acontece, mas eu descobri hoje quando os peguei no meu quarto e em minha cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquele filho da puta, te traiu com uma de nossas irmãs? — Era assim como ela referia-se as outras garotas da fraternidade. — Quem é a vadia? — Perguntou irritada.

— É a Violet. — Disse tão baixo, que saiu quase sussurrado.

— A Violet? Mas como... — Ela fez uma pausa de segundos tentando compreender o que eu havia acabado de lhe contar. — Ah... mais eu mato aquela piranha! — Disse entre os dentes com ódio.

É... Eu também queria matá-la, mas acho que sujar minhas mãos com isso, não valeria a pena. Penny abraçou-me e me consolou exercendo sua função de melhor amiga. Dias depois voltei para casa e comecei a curtir minhas tão amadas férias de verão. As semanas foram passando e eu esquecia-me cada dia mais do cara que me magoou. Logo já era hora de voltar para faculdade e minha rotina árdua. Mudei-me para o quarto da Penny e mesmo ela se recusando, insisti em pagar a outra metade do aluguel. Violet, começou a me evitar de todas as maneiras, mas as vezes era impossível não nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrarmos, já que moramos na mesma casa. Mark tentou falar comigo algumas vezes, mas eu apenas o ignorei por completo. Foi difícil, mas consegui. Roger começou a fazer shows com mais frequência, o que era bom, porém, mais cansativo.

Mais nove meses se passaram e mais um ano letivo estava quase no fim. Já fazia um ano que eu Mark havíamos terminado nosso namoro, mas a algumas semanas atrás, comecei a ter problemas com ele no bar. Ele exigia ser atendido por mim e dava seus ataques de ciúmes depois da quinta cerveja. Houve uma noite em que ele estava muito bêbado e havia acabado de descobrir através de uma maldita fofoca, que eu estava dormindo com um de seus professores. Não que isso fosse mentira ou algo escondido, mas é que odeio fofocas e as odeio ainda mais, quando vão parar nos ouvidos errados. Ele sentiu-se no direito de exigir satisfações minhas e de bancar o valentão, quando um velho babaca passou a mão em minha bunda e disse-me coisas nojentas. Eu já sabia como me resolver com clientes abusivos, mas meu ex-namorado idiota, não.

PERIGOSAS ACHERON

Da última vez, o velho abusou. Ele me deu um forte tapa na bunda, que me fez sentir um ardor na pele e puxou-me para o seu colo. Mark se levantou de onde estava e veio em nossa direção a passos largos e apressados. Ele agarrou meu braço com estupidez, tirando-me do colo do velho e me empurrando para o lado. Mark pegou o homem pela gola do colete de couro surrado e o pôs de pé, acertando um soco em seu rosto enrugado, que o fez cambalear para trás e cair sobre a mesa. Os homens que com o velho estava, se levantaram e uma briga começou. Logo Roger apareceu e Dick pulou o balcão vindo ajudar a separar a confusão. Socos e garrafas de cerveja, voaram por todo lado acertando até quem não estava na briga. Eu, de uma distância segura, gritava pedindo a Mark que parece de socar o homem de idade, mas ele ignorou-me por completo.

Roger conseguiu conter a briga com um bastão de basebol na mão e pôs todos para fora do bar, o velho e sua turma, juntamente com Mark e seus amigos. Uma outra garçonete apareceu com panos e pás para limparmos a bagunça. Dick pegou um

pano e abaixou-se ao meu lado, ajudando-me a limpar os milhares de cacos de vidro espalhados no chão. Desculpei-me com todos ali pelo o ocorrido, estava envergonhada e me sentindo extremamente culpada por estragar a noite de muitas pessoas e dos meus colegas de trabalho. Roger voltou para dentro e passou por mim pisando duro sobre o piso de madeira, que rangia no silêncio.

— Essa já é terceira vez, Maya. Não haverá uma quarta! — Alertou-me.

— Droga! — Exclamei baixinho, o vendo caminhar nervoso em direção ao seu escritório.

CAPÍTULO 02

Estar no terceiro ano de medicina, não é nada fácil, ainda mais quando você trabalha a noite. Estava trabalhando mais do que nunca e estudando loucamente para os exames finais, que me libertariam para mais um verão. Estava contando os dias para ir para casa e ver meus pais, que passavam por mais uma fase difícil na vida. Minha mãe estava doente outra vez e, agora, é bem mais complicado do que a dois atrás. Depois de ter agido como um homem das cavernas a algumas noites, Mark nem mesmo tentou desculpar-se, o que provou que ele é mais idiota do que eu imaginava. Finalmente as provas acabaram e decidi dar um tempo com o professor de cálculo. O sexo com ele era gostoso, mas nada que me surpreendesse ou que me desse a aventura que eu esperava viver com um cara mais velho.

Era sábado à noite e eu estava de folga, por causa do movimento fraco no bar devido as férias que começavam. Penny me convidou para ir a uma

festa na casa de um amigo que eu não conhecia. Sem nada melhor para fazer, eu pensei; porque não? Ela disse que talvez, eu pudesse encontrar a aventura que estava procurando, já que o anfitrião tem amigos mais velhos e interessantes. Nos arrumamos e ela mandou que eu usasse um de seus vestidos curtos e decotados. Ela escolheu para mim um vermelho de alças finas, que combinei com lindas sandálias pretas de tiras. Penny também estava muito bonita em um vestido dourado e sandálias brancas, que combinaram perfeitamente com brincos reluzentes de diamantes que se destacavam em seus longos cabelos loiros e bem arrumados.

O taxi chegou e nós descemos prontas para a noite. Não demorou muito e logo chegamos ao nosso destino. Descemos e subimos os degraus até a porta de entrada, onde uma mulher recepcionava a todos os convidados, que formavam uma fila organizada. Observei os que chegavam depois de nós, e confesso que fiquei surpresa e impressionada ao ver que os carros que na porta estacionavam, eram automóveis que custam alguns milhares de

PERIGOSAS NACIONAIS

dólares. Alguns homens desciam de seus carros acompanhados de lindas garotas, que mais se pareciam com modelos de passarela, e outros sozinhos. Penny passou seu braço no meu e arrastou-me para dentro da enorme mansão luxuosa. Admirei tudo com um olhar atento e encantada com a riqueza de cada detalhe na decoração e na arquitetura moderna do lugar.

— Rick. — Penny chamou um homem bonito, de uns trinta e poucos anos, que conversava com um senhor mais à frente.

— Lola. — Disse ele surpreso e, aparentemente, feliz em vê-la.

Ele pediu licença ao homem e veio até nós segurando Penny pela cintura e a puxando para ele. Ela selou seus lábios com um beijo, passando seus braços por seu pescoço. Eu os observei curiosa, imaginando o porquê do apelido.

— Senti sua falta. — Disse ela com a voz manhosa, alisando o peitoral do homem. — Você não me ligou. — Disse fazendo biquinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe, querida. Estive viajando, mas te ligarei esta semana. — Explicou ele acariciando seus cabelos.

— Você promete? — Perguntou baixo aproximando seus rostos.

— Eu prometo. — Prometeu antes de lhe dar um beijo no rosto. — Quem é a sua amiga? — Perguntou curioso, olhando para mim.

— Ah... — Penny virou e olhou-me assustada. — Essa é... Valentina, minha amiga. — Olhei para ela confusa, sem saber o que estava acontecendo. Por que não me apresentar por meu nome?

— Muito prazer, Valentina. — Disse ele estendendo-me sua mão. — Eu sou Rick Carter. — Apresentou-se levando minha mão até seus lábios e depositando um leve beijo no dorso.

— O prazer é meu. — Respondi curvando meus lábios em um sorriso simpático para ele e depois o desfiz, ao encarar Penny. Ela sorriu para mim, dando-me uma piscada de olho.

— Venha. Vamos apresentar Valentina aos

outros. — Disse Rick a Penny.

Ele passou seu braço esquerdo ao direito da Penny e ofereceu-me seu esquerdo. Aceitei e seguimos a diante, desfilar em meio aos convidados. Ele nos levou até uma roda de homens que conversavam animadamente e apresentou-me a todos eles. Logo conheci um homem que chamou minha atenção. Ele se chama Evan Johnnes. Alto, cabelos castanhos e bem cortados em um corte social, olhos escuros e um sorriso marcante com dentes brancos. Sua beleza jovem transpira elegância e sensualidade. Senti-me atraída.

— Lola, você nunca trouxe uma amiga antes. Ela é deslumbrante. — Elogiou um homem de aparência latina.

A curiosidade do por que todos a tratavam por “Lola”, só aumentava.

— Valentina é uma amiga querida, e estava sem compromisso para esta noite. — Respondeu Penny, olhando para mim com um sorriso largo no rosto. — Mas nem pense nisso, Carlos! — Repreendeu o homem de maneira humorada, mas

PERIGOSAS ACHERON

com uma feição séria. — Ela não é o que você espera. — O homem gargalhou e deu um gole em seu drink.

— É o que todas dizem no início. — Zombou ele, antes de gargalhar na companhia dos demais ao seu redor.

Aquilo deixou-me confusa e desconfortável, senti que estava sendo a piada.

— Lola. — A chamei pronunciando o nome com sarcasmo. — Porquê não vamos pegar uma bebida no bar? — A convidei com um sorrindo falso nos lábios.

— Está bem. Com licença, rapazes. — Pediu antes de se afastar comigo, em direção ao comprido balcão de metal dourado e vidro.

— Que merda é essa de Lola? De primeira, achei que fosse um apelido ou uma brincadeira entre você e seu amiguinho Rick, mas já notei que me enganei. — Disse sussurrado, porém, com raiva.

— Acalme-se, Maya. — Pediu apoiando sua

PERIGOSAS NACIONAIS

mão delicadamente sobre meu ombro.

— O que estamos fazendo aqui? Estou desconfortável neste lugar, olha só para essas pessoas. — Disse olhando para os lados. — Não somos como elas, ao menos, eu não sou.

— Não é você, quem queria dar um tempo de tudo e viver coisas novas? Eu só quis te ajudar a se divertir. Relaxa.

— Por que dos nomes? Valentina? Sêrio? O que tem de errado com meu nome? — Perguntei a observando ficar tensa e engolir seco. — Por que, Penny? — Perguntei brava.

— Por que eles não precisam saber os nossos nomes. — Disse com a voz nervosa.

— Estamos até parecendo garotas de programa, com seus codinomes. — Disse antes de levar a taça de Martine até na boca.

Penny ficou em absoluto silêncio e imóvel, me encarando com os olhos arregalados e assustados, segurando sua taça de champanhe com as duas mãos, próxima ao peito. Foi então que entendi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, meu Deus... Penny! — Chamei seu nome com repreensão. — Por favor... não me diga que é isso que estamos fazendo aqui.

— Desculpe. Só quis dar a você uma noite legal. Eles não vão lhe tocar, se você não quiser. — Disse ela, tentando concertar a situação.

— Você é minha melhor amiga. Como pode fazer isso comigo? — Perguntei irada.

— Desculpe, por favor, Maya! — Implorou aos sussurros. — Não faça nenhum escândalo! — Pediu olhando para os lados, procurando se eu havia chamado a atenção indesejada de alguém.

— Mas o que você é afinal? Pensei que fosse minha amiga. Não sei se você já percebeu, mas não preciso de mais complicações na minha vida!

Coloquei minha taça sobre o balcão e saí andando sem saber para onde eu estava indo. Atravessei o salão esbarrando-me nas pessoas, até chegar a um corredor que me levou até uma enorme porta de madeira, que estava entre aberta. A empurrei e passei por ela, encontrando uma linda

PERIGOSAS ACHERON

varanda com iluminação a luz de velas. A vista dali de cima, é de tirar o folego. Sentei-me em um sofá ao canto e me recostei fechando os olhos, respirando fundo. Nem mesmo a bela vista e a brisa fresca com cheiro de rosas e terra molhada, deixaram-me mais calma. Como minha melhor amiga, pôde ser capaz de me convidar para uma festa de prostituição?

— Parece que você e sua amiga, tiveram um pequeno desentendimento? — Disse uma voz grossa.

Abri meus olhos assustada, sentando-me com a coluna reta e encarando o homem de cabelos grisalhos à minha frente. Apesar da idade, ele é um homem bonito e atraente, diria ter cinquenta anos ou talvez mais. Seus lábios estavam curvados em um sorriso mínimo, que me causou um nervoso.

— Não é da conta de ninguém! — Disse rude.

— Sim, é claro. Desculpe, só tentei ser amigável. Você pareceu estar perdida e chateada, quando passou por mim como um vendaval vindo para cá.

— Eu não tinha noção do que é este lugar. — Ele encarou-me sério. Seu olhar deixou meus ombros tensos. — Já estou de saída.

Levantei-me puxando a barra do vestido para baixo e caminhei em direção a porta. Antes que eu pudesse passar por ela, ele segurou meu antebraço com certa força impedindo-me e sorriu quando o encarei assustada com sua atitude atrevida.

— Por favor, fique. Não quero incomodar. — Disse e soltou sua mão que me agarrava. — Não tem que ir embora. Muitas mulheres vêm a essas festas, somente por diversão.

— É, eu imagino qual seja a diversão. — Disse dando a ele um sorriso sarcástico.

— O fato de sua amiga ser uma acompanhante, não significa que você também seja.

— Acompanhante? Que palavra gentil para prostituta. — Ele riu negando com sua cabeça.

— Assim você irá ofender sua amiga.

— Pouco me importo. — Disse com grosseira,

antes de deixar a varanda.

— Sou Victor White. — Seu nome ecoou pelo corredor atrás de mim.

— Tchau, Sr. White. — Despedi-me seguindo a diante, sem olhar para trás.

Procurei pela saída, até que com a ajuda de um garçom, a encontrei. Parada na calçada, peguei meu celular dentro da bolsa e chamei um taxi.

— Você já vai? — Perguntou um homem.

— Ah, meu Deus. Outro não. — Sussurrei para mim mesma, enquanto guardava o celular na bolsa.

— Você não precisa ir. Ainda está cedo.

— É, mas eu quero. — Respondi rude, virando-me para trás.

Fiquei um pouco surpresa ao ver o homem que destratei. Era o rapaz que conheci a pouco, Evan Johnnes.

— Você é bem arisca. — Disse aproximando com um sorriso no canto da boca. — Adoraria ter a chance de domar você. — Disse e alisou meu rosto

PERIGOSAS ACHERON

com seus dedos.

Dei um passo para trás, tomando distância dele e do seu olhar que agora é desconfortante. O taxi estacionou próximo ao meio fio, e eu lhe dei as costas caminhando até o carro e abrindo a porta.

— Até mais, Valentina. — O escutei dizer, antes que o táxi fosse posto em movimento.

Ao chegar na fraternidade, o silêncio inundou meus ouvidos. A casa estava escura, denunciando que todas já dormiam ou não estavam. Tirei os saltos para evitar de fazer barulho e subi a escada, indo direto para o quarto. Depois de um banho e de vestir um pijama confortável, caí na cama entregando-me ao sono sem demora. Acordei pela manhã com os chamados da Penny, de pé ao lado da minha cama.

— Temos que conversar. — Disse ela arrancando o edredom de cima de mim. Virei para a parede, lhe dando as costas e a ignorando. — Maya, é sério! — Exclamou alto.

— O que foi? — Perguntei zangada por estar

sendo acordada.

— Eu preciso conversa com você. — Disse com a voz embargada.

— Que horas são? — Murmurei sentando-me na cama.

— São sete horas. — Respondeu ela.

— Fala sério. Não dá para conversar depois das nove da manhã? — Perguntei mal-humorada.

— Não! Eu quero falar agora. — Disse como uma criança emburra, cruzando os braços à frente do peito.

— Por que me levou para aquele lugar, Penny? Me levou para uma casa de prostituição.

— Olha só... eu não queria magoar você. Achei que seria uma noite divertida e que fosse gostar da festa.

— Jura que você pensou isso?

— Era só uma festa, Maya. Eu juro! — Disse sentando-se em sua cama, ficando de frente para mim. — Você estar lá, não quer dizer que tenha PERIGOSAS ACHERON

que fazer alguma coisa com alguém ou que seja uma garota de programa.

— Mas se tivesse acontecido algo entre eu e alguém, ele teria me pago. Isso ainda é prostituição para mim. — Levantei-me e caminhei em direção ao banheiro.

— Nem todas de nós, tivemos pais a vida toda para nos ajudar. — Parei na porta do banheiro e olhei para ela sem entender o que ela queria dizer. — Você está trabalhando a dois anos e já está cansada e desgastada. Imagina quem trabalha desde os doze anos. — Disse com lágrimas nos olhos.

— Não é o seu caso. Acredito que possa ser o de algumas, mas não o seu. Seus pais cuidam de você, Penny!

— Não. Não cuidam, Maya. Eu nem mesmo sei, onde eles estão. — Disse em meio ao choro que começava.

— O que? Você disse que...

— Eu sei o que disse. — Disse alto, interrompendo-me. — Mas não é verdade. Meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pais não estão na Suíça. Meu pai foi preso por abusar de mim, quando eu tinha nove anos. Ele pegou vinte anos de prisão. Eu morava em um trailer com minha mãe, em Indiana. Ela é uma alcoólatra que tem um namorado por noite, e nunca se importou comigo. Ela mal durava um dia em um emprego, como poderia cuidar de mim? — Lágrimas escorriam abundantemente por seu rosto.

— Penny. — A chamei aproximando-me em passos lentos.

Eu pude ver a dor e angustia em seu rosto. Meu coração se apertou, fazendo-me sentir a culpada por seu choro. Abaixei-me a sua frente e segurei suas mãos.

— Quando eu fiz doze anos, comecei a trabalhar em uma lanchonete na cidade onde eu morava. Aos dezesseis, tinha grana o suficiente para me mandar dali e deixar aquela vida ordinária. Eu fui para Dallas. Lá, eu conheci um cara que se dispôs a me ajudar. Ele me arrumou um emprego de garçoneiro em uma boate, mas eu precisava de mais grana para conseguir ir para a faculdade.

PERIGOSAS ACHERON

Então o pedi um aumento e ele disse que não podia fazer isso, mas que tinha outro jeito de me ajudar.

— Ah, meu Deus. — Murmurei horrorizada.

— Ele me apresentou a um homem. Um que se tornou meu cliente mais fiel. Ele gostava de mim e então pagou pela minha exclusividade. Me deu um lugar decente para morar, custeou todas as minhas despesas e eu pude voltar a estudar.

— Foi ele quem pagou sua faculdade? — Perguntei e ela assentiu com sua cabeça.

— Quando me mudei para cá, as coisas ficaram difíceis entre nós, por causa da distância e a falta de tempo. Nos encontramos algumas vezes, mas quase nunca ele podia vir e eu nunca podia ir até ele. Então ele decidiu que era hora de acabar. Eu precisava de grana para me manter na faculdade, então ele me apresentou a uma amiga dele que morava aqui na cidade e ela me levou para onde estou hoje.

— Eu sinto muito. — Disse com pena.

— Não sinta. — Pediu curvando os lábios em

um sorriso triste. — Eles me mimam com presentes caros, bons restaurantes e me pagam bem. Sem contar que alguns são lindos e bom de cama. — Disse abrindo seu sorriso. — Não me julgue, por favor. Ainda somos amigas? — Perguntou desfazendo o sorriso.

— Claro, que somos. — Levantei-me e sentei ao seu lado. — Mas você tem que entender, que aquilo me assustou.

— Desculpe. — Pediu dando-me um abraçando

— Eu desculpo.

Ficamos por mais um tempo sentadas em sua cama e ela me contou mais algumas coisas sobre sua vida. Coisas que eu nunca imaginei que ela poderia ter passado. Agora entendendo tudo e não posso julgá-la. Isso não é ser melhor amiga. Na manhã seguinte, era meu último dia de trabalho, antes de estar oficialmente de férias. Trabalhava feliz e ansiosa para voltar logo para casa e ver minha família. A noite estava tranquila, e o bar não estava muito cheio. Continuei a servir e limpar as

PERIGOSAS NACIONAIS

mesas, até que Dick me chamou no balcão de bebidas.

— Não olha agora, mas o senhor encrenca está aqui. — Disse ele, olhando para de trás de mim.

Olhei disfarçadamente por cima do meu ombro e vi Mark entrar com duas garotas e seus amigos. Pela cara das pirralhas, são calouras. Ele olhou-me com superioridade no olhar, empinando seu nariz e arqueando a sobrancelha.

— Grande babaca. — Disse baixo, olhando para frente outra vez.

Ele se sentou em uma mesa no centro do bar com as garotas ao seu lado, rindo alto para chamar minha atenção e sempre olhando para onde eu estava. Continuei a servir os clientes, inclusive os amigos do senhor babaca. Eu o ignorei por completo, o que o deixou visivelmente furioso. Se ele acreditou que as garotas me causariam ciúmes, ele se enganou. Penny estava no bar com uma das nossas colegas da fraternidade e estava as servindo quando ela arregalou os olhos em direção a porta e segurou minha mão com força.

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi? — Perguntei confusa.

— Higor BlackWood, acabou de entrar.

— Aí, merda! — Resmunguei abaixando-me ao seu lado.

Higor BlackWood, é líder de um moto clube de Dallas. Estava tentando curar minha depressão pós termino, quando ele apareceu na cidade e acabamos juntos na cama de um motel. O que era para ser um caso de apenas uma noite, acabou se prolongando um pouco mais e como quase tudo na minha vida, acabou em problemas. Ele era para ser apenas uma distração de um metro e oitenta, longos cabelos castanhos claros até os ombros, corpo sarado e olhos azuis, mas não. Eu tinha que querer mais uma vez, graças a sua pegada forte e quente. Quem estragou tudo na verdade, foi eu. Estava carente e queria atenção, mas acabei deixando transparecer algo a ele que não era real da minha parte. A culpa é minha, admito.

Uma manhã antes de ir para casa, ele disse estar apaixonado por mim. Já faziam alguns meses que estávamos transando, mas não esperava uma

PERIGOSAS ACHERON

declaração dessas. Surpresa e sem saber ao certo que lhe dizer, eu disse a verdade. Eu não o amava, ele era apenas um caso. Higor ficou irritado e disse que me faria arrepender por chuta-lo. Uma noite, dois meses depois, ele apareceu aqui no bar e depois de beber todas, arranhou confusão com um dos homens que eu atendia. Sua agressividade deixou-me com medo dele e assustada. Não o via a três meses, até agora.

— O que eu faço? — Perguntei a Penny.

— Espera ele se virar para o outro lado e.... corra! — Penny se levantou arrastando-me pelo braço até o banheiro feminino e trancando a porta depois de entramos.

CAPÍTULO 03

— Não posso passar o resto da minha noite de trabalho, trancada em um banheiro por causa de um louco! — Disse nervosa.

— Talvez quando ele não achar você, vá embora. — Disse Penny forçando um sorriso e uma calma inexistente.

— Que droga! — Exclamei dando um forte tapa em uma das portas dos sanitários. — Roger já não está muito satisfeito comigo, desde a última confusão do Mark. Se ele me pegar aqui no banheiro eu... — Uma forte batida na porta interrompeu-me, nos assustando.

— Quem é? — Perguntou Penny.

— Maya! — Gritou Roger lá fora.

Penny abriu a porta vagarosamente e Roger estava parado depois dela, de braços cruzados e com uma feição nítida de descontentamento.

— Oi. — Disse Penny para ele.

— Dê um jeito naquilo. — Disse Roger para mim, apontando para o final do corredor. — Que não aconteça mais uma briga neste bar, por sua causa! — Gritou.

Apenas assenti com minha cabeça e saí do banheiro passando por ele. Penny veio logo atrás de mim e segurou minha mão. Quando voltei ao bar, Higor estava sentado em uma mesa com seus amigos ao lado da mesa do Mark. Respirei fundo e peguei minha bandeja com cervejas sobre o balcão, as levando até a mesa do senhor babaca.

— Oi, Maya. — Cumprimentou Shoun, um dos meus colegas do curso.

— Oi, Shoun. Aqui estão as cervejas que pediram. Mais alguma coisa?

— Perguntei ao terminar de servi-los.

— Que você beba com a gente. — Disse ele rindo.

— Eu bem que queria, mas não posso. — Disse sentindo o olhar de Mark queimar sobre mim.

— Maya. — Uma grossa, chamou-me. Virei

tensa para trás e vi o Higor. — Já fazem três meses.

— Oi, Higor. É.... três meses. Já faz um tempo.
— Disse desconcertada e com medo.

— A gente... pode conversar? — Pediu ele.

— Eu não posso agora. — Respondi antes de afastar-me.

— Por favor, Maya. — Insistiu segurando meu antebraço.

— Larga ela! — Mandou Mark, se levantando da cadeira.

— Tudo bem. — Concordei rápido com o Higor, afim de evitar uma briga. — Vem. Vamos lá para fora.

— Maya... quero lhe pedir desculpe. — Disse ele ao chegamos à frente do bar.

— Está tudo bem, Higor. Já faz tempo então... está tudo bem. — Tentei afirmar uma mentira, mantendo uma distância segura entre nós.

— Eu não voltei antes, porque... eu não sabia se você estaria pronta para me desculpar. — Disse
PERIGOSAS ACHERON

aproximando-se a passos lentos. — Eu estava muito bêbado aquela noite. Você... me magoou.

— Olha, Higor. Eu sei que te magoei, mas... eu fui apenas honesta com você. Desde a terceira noite em que dormimos juntos, combinamos que tudo não seria nada além de sexo e....

— E eu confundi as coisas, já entendi. — Disse interrompendo-me. — Mas eu ainda gosto de você, Maya.

Fiquei sem nenhuma reação para responde-lo. Ele fechou o pouco espaço que ainda tinha entre nós e prensou-me contra a parede do bar. Seu olhar não havia nenhum sinal do homem louco de três meses atrás, que me deixou com medo. Ele aproximou sua boca na minha e beijou meus lábios delicadamente, iniciando um beijo lento. Suas mãos foram para minha cintura, trazendo meu corpo para mais junto ao seu. Nossa... tinha me esquecido de como seu cheiro é bom e de como sua boca é gostosa. Eu fiquei nas pontas dos pés e entreguei-me ao seu arrocho. Passei meus braços por seu pescoço, entranhando com minhas mãos em seus

cabelos macios.

Ele desceu uma de suas mãos até a base da minha coluna, deixando-me sentir seus dedos em minha bunda. Higor apertou-me ainda mais contra seu corpo, deixando com que eu sentisse sua ereção dentro da calça, contra o pé da minha barriga. Isso claramente me deixou excitada. Involuntariamente, soltei um gemido baixo em seus lábios quentes. Ele separou nossas bocas, mordendo meu lábio inferior e abaixou sua cabeça deixando um beijo leve em meu pescoço, fazendo-me arrepiar. Higor sabe muito bem como me deixar louca.

— Nada mal para um beijo de adeus. — Sussurrou em meu ouvido e soltou meu corpo. — Se um dia me quiser, Maya... sabe exatamente onde me encontrar. — Disse dando-me um beijo na testa, antes de se afastar e entrar de volta no bar.

— O que foi isso? — Sussurrei para mim mesma, surpresa com o calor que aquele beijo me causou.

Entrei logo depois dele, ainda meio boba com o beijo, quando ouvi Penny gritar.

— Cuidado! Mark, não!

Quando olhei para o lado, Mark havia acertado um soco no rosto do Higor, que revidou de imediato levando os dois para o chão. Eles rolavam no piso sujo, aos murros. Eu me apavorei e comecei a gritar, pedindo para que os dois parassem com aquilo. Logo os amigos de Mark apareceram, para tentar separar a briga que ele estava perdendo feio.

— Parem! — Berrou Roger com um taco de baseball nas mãos. — Todos vocês... — Disse apontando para o tumulto da confusão, com o taco lustrado. — ...fora do meu bar. Agora! — Berrou novamente.

Mark saiu com sua turma e as periguetes. Higor foi logo em seguida para fora com seu moto clube.

— Maya, você está bem? — Perguntou Dick.

— Espero que esteja, porque está demitida. — Disse Roger antes de dar-me as costas.

Envergonhada mais uma vez, desci até o depósito de bebidas e peguei minha bolsa para ir

PERIGOSAS NACIONAIS

embora. Desempregada e com uma mãe cada vez mais doente. Ótimo! Será que minha vida pode ficar pior? Não sei o que fazer agora. Voltar para casa e contar ao meu pai que perdi um bom emprego, não é uma opção. Não quero preocupá-lo ainda mais.

— Maya! — Ouvi o som irritante da voz do Mark gritar por mim, enquanto caminhava pela calçada de volta para casa.

— O que você quer? — Perguntei alto. — Já não conseguiu o que tanto queria?

— Desculpe, por favor. — Implorou acompanhando-me lentamente com o carro, próximo ao meio fio.

— Desaparece, Mark! — Mandeí rude.

— Deixa eu levar você para o campus. Já está bem tarde e é perigoso.

— Vai a merda! — Gritei parando na calçada e o encarando. — Deixe-me em paz. Segue a sua vida e deixa eu seguir a minha! — Mark parou o carro e desceu batendo a porta com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me perdoa. Eu imploro! Por que você é tão dura comigo? Será que dá para você me desculpar?

— Não. Não dá, Mark. Você é um cretino egoísta. Eu precisava daquele emprego e você melhor do que ninguém sabe disso. Você tem conhecimento do que está acontecendo na minha vida. Por que você insiste e me causar problemas? Eu avisei e pedi inúmeras vezes para você ficar longe de mim, para me deixar em paz e me esquecer!

— Maya. — Disse baixo, estendendo suas mãos para tocar meu rosto. — Não me toca! — Disse dando um passo para trás.

— Desculpe. Eu vi vocês se beijando, fiquei louco de raiva e com ciúmes.

— Não sou mais sua namorada, Mark. Faço o que eu quiser da minha vida, assim como você faz da sua. Para! Já chega! Saí de perto de mim e me esqueça! Suas desculpas não vão devolver o meu emprego. — Disse com um nó na garganta.

PERIGOSAS ACHERON

— Então para a gente acabou? É isso?

— Sim! Você acabou com a gente, quando não soube deixar o seu pau dentro da calça. — Disse com raiva. Ele me encarou em silêncio e com seus olhos cheios de lágrimas. — Ah, não. Você ainda tinha esperanças?

— Você nunca disse que era o fim. — Disse encarando as grades que cercavam uma casa, atrás de mim.

— Eu disse muitas e muitas vezes, Mark. Foi você quem não quis ouvir. — Calei-me por alguns segundos e olhando para o céu escuro respirando fundo. — Não acredito que você achou mesmo que aparecendo cada dia com uma garota diferente, batendo no cara que beijei e nos clientes do bar, eu iria voltar para você. — Ele apenas encarou-me em silêncio. — Jura que foi assim que você acreditou, que eu o perdoaria por ter traído minha confiança e quebrado meu amor por você?

— Então vai ser assim? Você vai jogar dois anos fora das nossas vidas, por uma tentação? Um deslize? — Perguntou com a voz carregada de PERIGOSAS ACHERON

amargura. Eu gargalhei com ironia.

— Uma tentação? Deslize? Essas são suas melhores desculpas para o que fez? Foi você quem jogou fora nosso relacionamento por uma garota que não se dá o respeito. E sim, vai ser assim. Vida que segue. — Eu lhe dei as costas e segui meu caminho em frente, pela calçada.

— Eu te amo, Maya! — Gritou ele.

— Pega esse seu amor e vai para o inferno! — Gritei de volta, sem nem mesmo me dar o trabalho de olhar para trás e lhe mostrando o dedo do meio por cima do ombro.

Chegando no campus, Penny me esperava sentada no sofá da sala. Sentei-me ao seu lado e recostei para trás, deitando minha cabeça em seu ombro e deixando as lágrimas escorrerem. Ficamos assim por meia hora, ou talvez mais, em silêncio com todas as luzes apagadas, exceto a da luminária ao nosso lado.

— Não se preocupe. O que eu puder fazer para ajudá-la, eu farei! — Disse ela quebrando nosso

silêncio.

Na manhã seguinte, acordei com meus olhos inchados e uma dorzinha chata de cabeça. Levantei e depois de procurar por analgésicos, passei direto para o banho. Desci para o café e Penny já havia saído. Comi minha primeira refeição do dia, tranquilamente sentada na cozinha e sozinha. Um pouco mais tarde, fui até o Roger's para receber meu mês trabalhado e despedir-me dos meus colegas. Penny me mandou uma mensagem, dizendo para nos encontrarmos na cafeteria perto do campus.

— Oi. — Disse puxando a cadeira a sua frente.

— Oi. Você está melhor? — Perguntou preocupada.

— Sim. Não adianta me desesperar e nem chorar mais. Tenho que procurar outro emprego, mas agora vou para casa ver meus pais e descansar. Depois cuido disso.

— É, você está mesmo precisando de férias. Eu pedi para você, já devem trazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada. Quer sair hoje? Tomar umas cervejas e conhecer alguém, talvez?

— Não dá. Eu tenho uma festa para ir. — Disse dando-me uma piscada de olho.

— Ok. — Disse sorrindo para ela.

— Mas se você quiser ir... seria legal se você estivesse comigo. É um evento social e geralmente nessas festas, sempre fico de lado.

— Melhor não. Por que não fica e saí comigo?

— Não posso. — Disse fazendo biquinho. — Eu bem que gostaria, mas a grana é boa.

— Tudo bem. — Disse dando um gole no cappuccino servido.

— Tenho que comprar um vestido para hoje à noite, você vem comigo? Eu pago o almoço.

— Claro. No Garden?

— Você está querendo de mais, não acha? — Disse sorrindo.

— Ué. Você quem me convidou e lembre-se, a

PERIGOSAS ACHERON

grana de hoje é boa. — Disse a fazendo rir negando com a cabeça.

Depois do café, fomos até o shopping e entramos em uma loja muito sofisticada, de roupas belíssimas. As vendedoras já conheciam Penny e a trataram como uma celebridade. Uma delas nos levou para o segundo piso e Penny começou uma busca incansável pelo vestido perfeito. Ficamos assim por horas, ela deve ter experimentado no mínimo umas dez peças. Todas maravilhosas e elegantes, até que por fim, ela ficou em dúvida entre dois vestidos. Um azul e um vermelho.

— Então, Maya. Qual deles? Estou em dúvida.

— Acho que o vermelho ficou mais bonito em você. — Dei minha opinião.

— Por que você não experimenta o azul? — Perguntou ela.

— E para que? Eu não vou comprar. — Penny bufou revirando os olhos.

— Assim eu posso ver os dois no espelho, um do lado do outro. Temos quase o mesmo corpo e

altura. Por favor! — Pediu juntando as duas mãos à frente do peito.

— Está bem. — Aceitei pela sua insistência, sem a menor vontade de ter que me trocar.

Fui para o provador e vesti o vestido azul. Quase caí para trás ao ver o preço na etiqueta. Não acredito que Penny vai pagar em um vestido, o que tenho que suar durante um mês inteirinho para ganhar. Depois de observa-lo em meu corpo pelo reflexo no espelho, por um segundo, pensei que talvez ele pudesse valer mil e quatrocentos dólares. Ele me deixou surpresa e de boca aberta comigo mesma. É lindo e perfeito! Nunca havia vestido algo tão belo e luxuoso antes. Calcei o par de sandálias que estavam no provador, e quando Penny me chamou impaciente pela segunda vez, saí a vendo sorrir admirada.

— Uau! — Expressou ela boquiaberta. — Você está...

— Linda! — Uma voz grossa a interrompeu, terminando sua frase.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Victor. Oi, como vai? — Cumprimentou Penny.

Olhei para o lado, um tanto surpresa em vê-lo ali. Ele encarava-me com um olhar faminto e um sorrisinho enigmático no rosto.

— Sr. White. — Disse ao cumprimenta-lo.

— Olá, Valentina. — Disse enlarguando seu sorriso. — Vocês estão maravilhosas. Vão a festa está noite?

— Sim, eu vou. — Respondeu Penny.

— E você? — Perguntou ele, voltando sua atenção para mim.

— Não. — Respondi.

— É uma pena. — Disse aproximando-se. — Ficaria contente, em ter sua companhia.

— Eu lamento. — Disse.

— Tudo bem. Haverá outras oportunidades. — Disse e pegou minha mão, depositando um beijando no dorso.

PERIGOSAS ACHERON

— Já me decide. Vou levar o vermelho. — Disse Penny indo para o provador. — Até mais, Victor. — Despediu-se.

— Tchau. — Despedi-me dele e puxei minha mão da sua.

— Até mais, querida. Foi um prazer revê-la. — Disse encarando-me. Seu olhar infiltrava no meu, deixando meus ombros tensos.

Curvei meus lábios em um sorriso mínimo e entrei para o provador. Nossa! Esse homem me comeu com os olhos. Isso deixando-me desconcertada, mas convenhamos... ele está lindo naquele terno de três peças azul marinho e gravata preta. Combinou bem com seus olhos verdes acinzentados. Vestidas com nossas roupas, descemos para o andar de baixo. Penny pagou o vestido e pegou a sacola.

— Obrigada. — Agradeceu ela antes de deixarmos a loja.

Atravessamos a rua e fomos para o Garden. Depois do nosso almoço, resolvemos voltar para

PERIGOSAS NACIONAIS

casa e não fazer nada o resto da tarde. Na saída do restaurante, fomos abordadas por um motorista particular que chamou Penny por seu... "codinome", digamos assim. Ele aparenta ter uns quarenta anos, vestido em um terno preto, calçando luvas brancas nas mãos e segurando um quepe debaixo do braço.

— Olá, Noberto. — Cumprimentou Penny com um sorriso simpático. — Como vai?

— Muito bem, senhorita. O Sr. White mandou que eu as levasse para casa em segurança. — Disse ele abrindo a porta traseira do carro preto, estacionado próximo ao meio fio. — Você é a Valentina. Estou certo? — Perguntou ele para mim.

— Sim. — Respondi forçando meus lábios a se curvarem em um sorriso.

— Entrem, por favor. — Pediu ele gentilmente.

Penny entrou primeiro, puxando-me pela mão. Ele fechou a porta e assumiu a direção do carro, o pondo em movimento. Seguimos para a

PERIGOSAS ACHERON

fraternidade e quando chegamos, ele desceu e abriu a porta do carro para nós. O agradecemos e caminhamos em direção a entrada da casa.

— Espere, Srta. Valentina. — Gritou Noberto.

Eu parei e olhei para trás, o vendo abrir o porta malas do carro e retirar de lá de dentro, uma caixa branca e uma sacola. Ele caminhou até nós e as estendeu para mim.

— Pegue, por favor. — Insistiu ao notar que eu não as pegaria.

— O que é tudo isso? — Perguntou Penny, tão confusa quanto eu.

— São presentes do Sr. White, para a Srta. Valentina.

— Ok! Ela agradece. — Disse Penny entusiasmada, pegando a caixa de suas mãos e a brindo. — Uau! — Exclamou ela depois de puxar um papel de seda de lá de dentro.

— O que tem aí? — Perguntei curiosa, puxando a tampa da caixa que estava a minha

frente. Era o vestido azul que eu havia experimentado a pouco.

— O Sr. White pediu para avisa-las, que venho apanha-las as nove horas da noite em ponto.

— Tudo bem! — Concordou Penny.

— Até mais tarde, senhoritas. — Despediu-se e saiu em direção ao carro.

— Penny, eu não vou a essa festa. — Disse baixo.

— Bom... você vai ter que ir. Você já tem até o vestido. E que vestido! — Disse sorridente.

Entramos para dentro de casa e subimos para o nosso quarto. Abri a sacola e peguei uma caixa retangular, a puxando para fora. Dentro, havia um belíssimo par de sandálias com saltos finos e altos, de cor prata. Tudo é lindo, mas eu não posso aceitar. Primeiro, não há motivos para receber presentes de um estranho. Segundo, não irei a está festa e ponto. Eu e Penny tivemos uma breve discussão sobre devolver os presentes, até que ela concordou. Depois de dormir um pouco a tarde,

acordei com os cutucões da Penny.

— Me deixa. — Murmurei cobrindo a cabeça com o travesseiro.

— Não acredito que está conseguindo dormir com todos esses gemidos. — Disse rindo.

Tirei o travesseiro da cabeça e de olhos fechados, concentrei-me em escutar o som que vinha de fora do quarto. Era alguma das nossas colegas vadias, transando escandalosamente.

— Mas que merda é essa? — Perguntei sentando-se na cama.

— Vem do quarto da Violet. Já faz uns trinta minutos.

— Que ridícula.

— Nem me fale. Parece até que estamos nos bastidores de um filme pornô. — Disse rindo.

Depois de alguns minutos o barulho cessou. Não demorou muito e escutamos a porta do quarto de frente ser aberta e depois fechar. Penny levantou-se rápido e abriu a porta do nosso quarto,

PERIGOSAS NACIONAIS

espiando por uma fresta quem deixava o dormitório da Violet.

— Ai, merda! — Exclamou ela.

— O que foi? Quem é? — Levantei-me curiosa e puxei mais a porta, colocando a cabeça para fora no corredor, a tempo de ver quem deixava o segundo andar. — Fala sério. — Disse ao ver Mark sumir ao descer a escada.

— Ele está fazendo isso só para te provocar. — Disse Penny.

— Que se fodam os dois. — Disse indo para o banheiro.

Depois de um banho, pedi a Penny que arrumasse meus cabelos, enquanto eu fizesse minha maquiagem.

— Onde vai? — Perguntou Penny.

— Vou a uma festa. — Respondi sentando-me de frente a penteadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que festa? — Perguntou curiosa, de pé atrás de mim.

— Na qual vou usar um vestido de mil dólares, com aqueles seus brincos de diamantes, que eu amo, emprestados. — Ela sorriu para mim contente e abraçou meu pescoço.

— É assim que se faz, garota. Nossa noite vai ser maravilhosa! — Disse entusiasmada.

— É melhor nós sermos rápidas, já são sete horas.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 04

Depois de me arrumar, ajudei Penny a ondular seus cabelos. Enquanto calçava minhas sandálias, ela olhou pela janela e avisou que o carro já havia chegado.

— Bem pontual. — Disse olhando as horas em meu celular.

No caminho para a festa, acomodada no acento traseiro da Limusine, convenci a mim em pensamentos, que esta noite seria para estar com pessoas diferentes de Mark, beber, dançar e, principalmente, me divertir.

— Parece nervosa. — Disse Penny.

— Um pouco. — Confessei.

— Não tem por que está nervosa. Você está linda e com certeza vai chamar a atenção de todos. — Disse sorrindo confiante.

— Não sei o que o Victor espera de mim, com tudo isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo isso o que? O vestido? A Limusine?
— Assenti com a cabeça. — Relaxa. Ele é um homem simpático e respeitoso. É claro que ele espera que você ao menos o acompanhe está noite, mas tenho certeza que ele irá lhe tratar muito bem. E não é porque você estará lá, ou com ele, que os outros vão pensar ou dizer que você é uma garota de programa.

— Não confio nisso. Uma garota de vinte e um anos com um coroa de uns.... sessenta? — Perguntei fazendo uma careta de dúvida.

— É. Por aí. — Disse rindo. — Lembra que você veio para curtir a noite. Não fica pilhada! Idade é o de menos, você verá.

Noberto abriu a porta do meu lado, fazendo-me assustar. Nem mesmo havia notado que já tínhamos chegado. Ele estendeu sua mão para ajudar-me a sair do carro e eu aceitei sua cortesia. Penny saiu logo depois de mim e entramos logo no grande salão luxuoso, onde a festa seguia a todo vapor. As pessoas desfilavam exibindo seus trajes de gala em meio à multidão, enquanto outros, dançavam

PERIGOSAS ACHERON

lentamente na pista de dança ao som de uma banda de jazz ao vivo. Observando todos atentamente a minha volta, avistei Victor conversando com outros dois homens. Ele estava simplesmente de tirar o folego vestido em um smoking preto com lapela de seda e gravata borboleta, que se destacou em sua camisa branca. Fiquei parada, o admirando como uma boba. Quando ele notou minha presença, olhou para mim e sorriu abertamente fazendo um sinal com a mão, pedindo para que eu o aguardasse.

— É melhor fechar a boca. — Sussurrou Penny próxima ao meu ouvido.

— Não estou de boca aberta. — Disse sorrindo para ela.

— Vamos pegar uma bebida. — Chamou passando seu braço no meu e arrastando-me até o bar.

— Boa noite, Damas. — Cumprimentou Rick ao se aproximar de nós.

— Rick, querido. Está atrasado. — Disse

PERIGOSAS NACIONAIS

Penny, já se pendurando em seu pescoço.

— Desculpe, minha Lolita. — Pediu ele, antes de atacar seus lábios em um beijo meio feroz.

— Vão para um quarto vocês dois. — Mandou um homem atrás de mim.

Por curiosidade, olhei por cima do ombro e vi Evan Johnnes parado ali, sorrindo para mim.

— Por que você não vai a merda? — Perguntou Rick de forma humorada, arrancando uma risada debochada do Evan.

— Valentina, não é? — Perguntou parando a minha frente e estendendo-me sua.

— Isso. — Concordei apertando-a.

— Não esperava vê-la aqui, está noite. — Disse com sorriso no canto dos lábios.

— Ela está comigo! — Disse Victor autoritário e alto, atraindo os olhares a nossa volta.

— Boa noite, Victor. — Cumprimentou Evan, com um semblante sério e pesado no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa noite, querida. — Cumprimentou-me Victor, posicionando-se a minha frente, ficando entre eu e o Evan.

— Oi. — Disse baixo, quase sussurrado.

— Foi um prazer revê-la, Valentina. — Disse Evan dando um passo para o lado, saindo de trás do Victor.

Seus lábios estavam curvados em um sorriso, mas que logo se desfez quando encarou Victor arqueando sua sobrancelha, antes de afastar-se de nós.

— Não tinha certeza, se a veria esta noite. — Disse Victor.

— Bom... nem eu tinha certeza se viria. — Ele sorriu e desceu seu olhar por meu rosto, indo até minha boca.

— Venha. Vamos nos sentar. — Convidou ele. Olhei para os lados a procura da Penny, mas ela já havia sumido com o Rick.

Victor conduziu-me até um sofá em um canto

PERIGOSAS ACHERON

mais reservado do salão, com sua mão apoiada na base da minha coluna nua, pelo decote das costas no vestido. O contato da sua mão, provocou-me arrepios até o pescoço. Nós nos sentamos, e ele pediu ao garçom que passava, mais uma dose de whiskey sem gelo e uma taça de champanhe. Ele estendeu seu braço direito, o apoiando sobre o encosto do sofá atrás das minhas costas.

— Estou feliz que esteja aqui. — Disse acariciando levemente meu ombro direito, com as pontas dos seus dedos. — Você está deslumbrante. — Elogiou com os lábios curvados em um sorriso. — Este vestido ficou lindo em seu corpo. — Disse e aproximou seu rosto do meu.

— Victor. — O chamei recuando minha cabeça para trás, criando uma distância entre nossos rostos. — Eu tenho que dizer a você que... não faço o mesmo que a Lola. Nós não temos... — Fiz uma pausa de segundos, buscando uma palavra a dizer. — ...a mesma profissão. — Ele recuou-se para trás, prestando atenção em minhas palavras

nervosas. — Eu vim a festa porquê... não tinha nada de mais interessante para fazer está noite. — Ele arqueou sua sobrancelha, demonstrando ter ficado surpreso ou ofendido, não sei ao certo, com meu comentário.

Victor levou o último gole do seu whiskey até sua boca e ao abaixar o copo, o repousou sobre sua perna esquerda.

— Então sou sua segunda opção? — Perguntou encarando-me sério.

— Não! — Respondi, nervosa. Sei que falei besteira, não quero que ele pense isso. — Eu não quis dizer isso, me desculpe. Só estava...

— Valentina. — Chamou interrompendo-me. Eu calei minha boca e o encarei apreensiva. Não quis ofende-lo. — Eu entendi desde a primeira vez que a vi, que você não é uma acompanhante. Eu apenas a achei bonita e gostei de você, mesmo com sua arrogância. Na verdade, foi o que me deixou atraído. — Disse com um sorriso mínimo no rosto. — Mesmo se eu tivesse a conhecido na fila do Croissant, teria me interessado por você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa... — Sussurrei abaixando minha cabeça, sentindo-me um pouco envergonhada. Não esperava ouvir isso dele.

— Agora você pode curtir esta noite comigo, sem achar que vou lhe pagar no final dela? — Perguntou humorado, fazendo-me sorrir achando graça da forma em que falou.

— Sim. — Concordei olhando para ele novamente.

Depois de mais uma taça de champanhe, e uma hora de conversa boba com Victor, eu conseguia me sentir mais à vontade no ambiente da festa. Ele me contou histórias engraçadas da sua adolescência e da sua primeira viagem para fora do país sozinho, sempre um assunto se emendando ao outro. Penny reapareceu com outro homem, que eu não fazia a menor ideia que quem era. Ele engajou em uma conversa de negócios com o Victor, fazendo com que eu e Penny ficássemos de lado.

— Lola, vamos ao banheiro? — A chamei no intuito de nos livrar daquele tédio e do assunto que não entendíamos nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. — Concordou levantando-se.

— Então, o que houve com o Rick? —
Perguntei a caminho do banheiro.

— Ele teve que ir. — Disse ela nada contente, retorcendo o bico com raiva.

— Por que? O que houve?

— Eu não sei, ele não me disse nada e eu também não perguntei.

— É assim que funciona? — Perguntei curiosa.

— É! A vida dele não é da minha conta, do mesmo jeito que a minha não é da dele. — Disse ela ao entrarmos no banheiro. — Mas aposto que é aquela ex-noiva magricela. — Disse irritada, revirando os olhos.

— Por que acha que é ela? Você a conhece? —
Perguntei ao entrar no sanitário.

— Conheço. — Respondeu de lá de fora. —
Ela nos pegou juntos uma certa vez.

— Como assim? — Perguntei curiosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teve uma noite em que ela estava fora da cidade e ele me levou para a cobertura dele. Então, ela... meio que chegou na hora errada e nos flagrou.

— Aí, caramba! — Disse boquiaberta, saindo do sanitário. — E depois?

— Ela nos xingou, jogou o anel de noivado em mim e depois saiu correndo. — Disse ela retocando seu batom. — Ele me culpou pelo fim do noivado, ficamos um tempo sem nos falarmos, mas assim como ele não aguenta de saudades dela, ele também não consegue ficar longe de mim. — Disse com um largo sorriso convencido no rosto. — Ele ama o que eu faço com ele. — Disse e jogou um beijo para seu reflexo no espelho. — Me fala sobre o Victor? Vi que vocês se divertiam antes de me aproximar.

— Ele é engraçado e fez com que eu me sentisse mais à vontade na festa.

— Isso é bom. Sobre o que conversaram?

— Sobre a adolescência dele.

— Que fofo. Tomara que vocês deem certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisa de um homem maduro na sua vida.

— É, eu concordo. — Disse saindo do banheiro. — Mas não acha que ele é maduro demais para mim?

— Dança comigo? — Pediu Victor, nos encontrando no meio do caminho, antes que eu pudesse ouvir a resposta da Penny.

— Eu não sei dançar. — Assumi envergonhada.

— Tudo bem, fique tranquila e relaxe o corpo. Eu irei conduzi-la. — Disse oferecendo sua mão.

Eu a aceitei e ele levou-me para a pista de dança. Fiz exatamente o que ele mandou. Relaxei meu corpo e o deixei guiar a dança. A música era lenta, o que é uma ajuda para alguém que tem dois pés esquerdos. Victor espalmou a mão no meio das minhas costas e deixou nossos corpos bem próximos, de um jeito que eu podia sentir bem seu cheiro bom e o calor que sua pele irradiava.

— Lindo par de diamantes. — Elogiou os brincos que usava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada, mas não são meus. Foi um empréstimo da Lola para esta noite.

— Quem os deu a ela, tem bom gosto. — Disse sorrindo.

— Sim, eu devo concordar. São maravilhosos.

Depois que a dança acabou, Victor apresentou-me a alguns de seus amigos e suas companheiras ou acompanhantes, não sei e tanto faz. Nós conversamos e rimos distraídos. O resto da noite passou rápido e para minha surpresa, eu estava adorando cada minuto.

— O que acha de já irmos embora? — Perguntou Penny, deitando sua cabeça em meu ombro.

— Que horas são? — Perguntei a ela.

— Já são quase duas da manhã. — Respondeu bocejando. — Eu sei que você está se divertindo e me sinto muito mal por te chamar para ir embora, mas é que vou dormir mais tranquila se você estiver em casa. Entende?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. — Sorri por sua preocupação. —
Então vamos. Fim de noite.

— Se despeça do Victor. — Disse ela.

Levantei-me do sofá onde estava sentada com Penny e mais duas garotas, e caminhei até ele que conversava com mais alguns homens mais à frente.

— Victor. — O chamei ao me aproximar, tocando de leve seu braço.

— Sim. — Respondeu virando-se para mim.

— Eu agradeço pela noite e pelos presentes, gostei muito de estar na sua companhia, mas eu e Penny, já estamos indo para casa.

— O que? Não! Ainda são duas da manhã. —
Disse olhando em seu Rolex no pulso.

— Sim, eu sei e é por isso que já vamos. Está tarde.

— E eu já chamei o táxi. — Disse Penny, parando ao meu lado.

—Táxi? Pelo o amor de Deus, cancelem isso. Noberto levará vocês em segurança para casa,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim como as trouxe. Valentina... — Chamou-me, acariciando meu rosto delicadamente com seus dedos. — ...espero vê-la em breve. Se importa de passar seu número para Noberto?

— Não. Eu darei a ele. — O respondi e Victor surpreendeu-me com um beijo leve e demorado no canto da minha boca.

— Boa noite. — Disse baixo com seus lábios próximos aos meus, encarando-me nos olhos.

— Boa noite. — Sussurrei para ele, antes de me afastar.

— Uau! — Disse Penny puxando-me pelo braço, em direção a saída.

Uau, digo eu. Senti uma enorme vontade de beijá-lo, ao sentir seus lábios quase em cima dos meus. Como seu olhar é intenso. Noberto nos levou para casa e antes de sair do carro, dei a ele meu número anotado em um pedaço de papel. Na manhã seguinte, acordei animada arrumando minhas coisas para voltar para casa e rever meus pais. Quando subi de volta para o quarto, depois do café

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da manhã, havia uma mensagem em meu celular de um número desconhecido.

Bom dia, linda Valentina. Agradeço mais uma vez pela ótima companhia que me fez na noite passada. E novamente, você estava deslumbrante.

-Victor.

09:20 a.m.

**Bom dia, Victor. Eu que lhe agradeço mais uma vez.
Foi uma ótima noite.**

-Valentina.

09:34 a.m.

Por um momento pensei em dizer meu real nome a ele, mas ainda não. Acho que não é esse o momento certo para deixa-lo mais próximo a quem sou de verdade.

Jante comigo está noite? Posso fazer uma ótima reserva em um bom restaurante.

-Victor.

09:35 a.m.

Desculpe, mas não posso. Fica para outra oportunidade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

-Valentina

09:36 a.m.

É uma pena, que você já tenha algo de mais interessante para esta noite.

-Victor.

09:36 a.m.

Não é isso. Estou indo para casa, em Tulsa.

-Valentina.

09:37 a.m.

Quando volta? Não me deixe esperando por você. Na verdade, eu não sei esperar.

-Victor.

09:40 a.m.

— Com quem está falando? — Perguntou Penny, ao entrar no quarto.

— Com o Victor.

— Ah. Então é ele, o motivo desse sorrisinho aí?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem sorrisinho nenhum. — Disse levantando-me e fechando a mala sobre a cama.

— Perdi alguma coisa ontem à noite?

— Não. Me ajuda a levar essas coisas para baixo? — Pedi ajuda, a desconversando. Não sabia ao certo o que estava sentindo em relação à noite passada, então, é melhor ignorar.

— Okay. — Disse pegando uma bolsa no chão.

Entreguei minhas malas para o taxista e despedi-me da Penny. O táxi me levou até a rodoviária interestadual de Houston, onde peguei um ônibus, rumo a Tulsa. Foram longas doze horas e meia de viagem, até em casa. Quando cheguei, um lindo homem de cabelos castanhos escuros e olhos verdes, aguardava por mim recostado em seu Impala 67, preto e de rodas cromadas. Ele deu-me seu lindo sorriso e naquele momento, percebi o quanto eu realmente estava com saudades de casa. Soltei a alça da mala e joguei a bolsa no chão, correndo em sua direção. Arremessei-me em seus braços e o abracei apertado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha garotinha. — Disse ele, retribuindo o aperto.

— Pai! Senti tanta sua falta. Tanta saudade de casa. — Disse sentindo meus olhos arderem, ao ficarem marejados.

— Ah, minha querida. Você está ainda mais linda. — Disse ele, ao me soltar dos seus abraços, segurando meu rosto entre suas mãos ásperas pelo trabalho árduo. — Vem. Vamos para casa, você deve estar com fome.

— É, eu estou. Não dá para comer direito na estrada. — Disse sorrindo.

Ele pegou meus pertences jogados no chão e os colocou no porta malas do seu carro. Seguimos para casa, ao som do Aerosmith no último volume. Chegando em meu lar doce lar, ao abrir a porta da frente, fui bem recepcionada por Bow, meu Golden Retriever de cinco anos.

— Bom... você conhece tudo, querida. A casa é sua. — Disse sorridente.

PERIGOSAS ACHERON

— Vem Bow. — O chamei subindo a escada.

Meu pai deixou minha mala e a bolsa em meu quarto e saiu dizendo que ia me preparar um lanche.

— Aviso quando estiver pronto. — Gritou ele do corredor.

— Garanto que vai ser um copo de leite com um sanduíche de pasta de amendoim. — Disse para Bow que me observava desfazer as malas, sentado ao lado da cama.

Não demorou muito e meu pai gritou do andar de baixo. Desci a escada e ao entrar na cozia, logo avistei um copo de leite sobre a mesa e um sanduiche de pasta de amendoim cortado na diagonal, dentro de um dos pratos de porcelana azul. Sentei-me a mesa e comi enquanto conversava com meu pai sobre a faculdade.

— Está preparada? — Perguntou enquanto eu colocava o prato e o copo sujo, dentro da pia. Virei-me para ele e o encarei confusa. — Me refiro à sua mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos que estar, não é? — Perguntei o vendo abaixar seu olhar para suas mãos sobre a mesa.

— Ela está piorando. Não chore na frente dela. Okay? — Pediu encarando-me sério.

— Não me peça isso. Sabe que é inevitável. — Disse sentando-me novamente, na cadeira a sua frente.

— Eu sei. Mas ela chora quando nos ver chorar. Não quero vê-la com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu vou tentar. — Disse segurando firme suas mãos.

Subimos para os quartos e antes de entrar no meu, me despedi dele no corredor, o dando um beijo em seu rosto e um forte abraço. Na manhã seguinte, ele bateu na porta dizendo que já passavam das oito da manhã. Depois de me arrumar, desci para o café da manhã, e saímos juntos para o hospital. Quando as portas do elevador se abriram no quarto andar, senti um

PERIGOSAS ACHERON

enorme frio instalar em meu estomago. Caminhamos pelo corredor movimentado, até a porta do seu quarto. Quando meu pai a abriu, avistei minha mãe deitada em sua cama. Aproximei-me dela e a observei dormir com tranquilidade.

Sua cabeça sem nem um fio de cabelo, estava coberta por um lenço que lhe dei quando descobrimos o câncer de mama. Ela estava pálida e bem mais magra que a última vez que a vi. Senti-me tão culpada por estar longe de casa nesse momento tão delicado e doloroso de nossas vidas. Sem perceber, uma lágrima quente e solitária escorreu por meu rosto sem nenhum aviso. Segurei sua mão magra, notando que sua pele estava marcada por hematomas de uma cor amarelada, misturada com algumas manchinhas roxas. Eram marcas que denunciavam, onde ela havia recebido seus medicamentos. Seus dedinhos apertaram minha mão, e então, olhei para seu rosto vendo que ela havia acordado.

— Oi, mamãe. — Disse não conseguindo conter minhas lágrimas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, querida. — Sussurrou com a voz fraca.

Debrucei-me sobre ela com cuidado e a abracei, lhe dando vários beijos em seu rosto, arrancando dela, uma risada baixa. Chorei com a cabeça deitada em seu ombro por alguns minutos. Deitei-me na beirada da sua cama e a abracei não tão forte, deitando minha cabeça junto a sua no travesseiro. Conversamos por alguns minutos, até ela adormecer outra vez, está cansada demais para muita conversa.

— Eu te amo, Mãe. — Sussurrei em seu ouvido, a observando dormir. — Faria qualquer coisa para trocar de lugar com você se pudesse, ou até mesmo para lhe dar a cura. Qualquer coisa!

— Queria que essa cama tivesse um pouco mais de espaço, para eu deitar aí também. — Disse meu pai, de pé ao meu lado.

— Podemos tentar dar um jeito nisso. — Disse sorrindo para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 05

Já passavam das dez horas da noite, quando minha mãe finalmente conseguiu dormir depois de passar muito mal com o jantar. Eu e meu pai voltamos para casa e minha tia Jenna ficou com ela no hospital, pelo motivo do meu pai não deixar eu ficar. Depois de um bom banho, deitei-me cansada na cama e peguei meu celular sobre o criado mudo ao lado, vendo que havia três mensagens recebidas.

Quando você volta? Precisamos conversar.

-Mark.

20:35 p.m.

Ei, garota! Cadê você, que sumiu? Vê se aparece, já estou com saudades.

-Dick.

17:09 p.m.

Cadê minha colega de quarto mandona? Não vai avisar, se chegou viva?

-Penny.

13:12 p.m.

Respirei fundo e impaciente com a mensagem do Mark, a ignorando. O que ele ainda quer? Não temos absolutamente nada para conversar. A única que respondi, foi a da Penny. Avisei a ela que estava tudo certo e que amanhã nos falaríamos. Quanto ao Dick, achei que seria melhor ligar para ele amanhã, até mesmo porque a essa hora, ele está trabalhando. Encarei a tela do celular por alguns segundos, com certo desaponto. Nenhuma mensagem do Victor? No fundo, eu queria falar com ele, mas eu estou confusa, não sei para onde eu gostaria que esse contato nos levasse. Abri as chamadas e para minha surpresa, havia duas ligações perdidas dele. Olhei as horas no celular e o relógio marcava meia noite e dez. Já estava tarde para retornar suas ligações. Coloquei o celular ao meu lado na cama e deitei-me me entregando ao sono.

Na manhã seguinte, acordei as nove da manhã com o despertador de quatro patas, que latia estridentemente dentro quarto. Levantei-me e depois de escovar os dentes, descemos para o café da manhã. Meu pai já havia saído para o trabalho e deixado um bilhete na geladeira, avisando-me de que o meu café estava pronto sobre a mesa. Arrumei ração na tigela Bow e a coloquei no chão ao meu lado, o observando comer desesperado, enquanto tomava meu café calmamente. Alimentados, eu subi para me arrumar e sair. Pronta, coloquei Bow na coleira e saí com ele pelas calçadas caminhando em direção a oficina do meu pai, que não fica muito longe de casa. Ao chegar lá, vi todos trabalhando a todo vapor. Alguns dos poucos funcionários que restam, sorrirão e me cumprimentaram. Subi a escada de ferro e ao entrar no escritório, encontrei meu pai quebrando a cabeça com alguns papeis espalhados sobre sua mesa.

— Precisa de ajuda? — Perguntei ao entrar.

— Não! Não quero que se preocupe com minha bagunça, resolvo sozinho. — Disse

PERIGOSAS ACHERON

apressado, recolhendo os papeis.

— Pai. Sabe que pode me contar as coisas, não é? Não sou mais criança, eu agora entendo tudo e posso até te ajudar. — Disse fechando a porta de sua pequena sala e sentando-me em uma velha poltrona rasgada a sua frente.

— Não precisa, querida. São coisas da contabilidade da oficina. — Disse afastando-se da mesa e indo em direção a janela, que dava uma ampla visão para o galpão.

— Já te ajudei antes, posso fazer isso de novo. — Insisti pegando a pasta sobre a mesa, onde ele havia guardado os papeis.

Ao abri-la, a primeira coisa que li na primeira folha em maiúsculo, foi a palavra hipoteca. Meu pai veio mais do que de pressa e tomou a pasta da minha mão com certa ignorância.

— Já disse que não preciso da sua ajuda, Maya! — Disse quase em um grito.

— O que estamos perdendo, pai? A casa ou a oficina? — Perguntei preocupada.

Ele respirou fundo e coçou sua barba por fazer com impaciência. A pasta foi jogada sobre a mesa com força, fazendo alguns papeis escaparem de dentro dela. Ele abaixou a cabeça e cruzou os dedos atrás da nuca, ficando em silêncio por alguns segundos.

— A nossa casa. — O encarei incrédula, sentindo minha cabeça dar uma forte pontada nas têmporas. — Mas não conte nada a sua mãe e nem a ninguém. Entendeu? — Perguntou encarando-me sério. Sem palavras para lhe dizer, eu apenas assenti com minha cabeça.

— Mas o que houve, pai? — Perguntei com a voz tremula e falha. — Eu ligo para você todos os dias e você sempre diz que está tudo certo, mas quando volto, descubro que vamos perder nossa casa? O que está acontecendo, e eu quero a verdade.

— Minha querida, você não tem que... — Começou a dizer, sentando-se em sua cadeira do outro lado da mesa.

— Nem comece, pai. — O interrompi. — Pare

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de me tratar como criança. Primeiro você e mamãe tentaram me esconder a doença dela, depois que venderam dois dos nossos carros e agora isso? — Disse irritada, apontando para a pasta sobre a mesa. — O que mais está acontecendo? Ou você me diz, ou vou descobrir sozinha! — Disse alto e impondo-me.

— Hipotequei a nossa casa a três meses, mas não tive nem mesmo como pagar a primeira parcela. Tive que dispensar mais da metade do quadro de funcionários a um mês, por não ter como paga-los. Mesmo com o novo sócio, não tivemos como bancar salário e bônus de fim de ano para toda essa gente. Se não bastasse, o serviço está reduzido. Mal tenho renda para pagar o plano de saúde que está cada vez mais caro e remédios que custam uma fortuna, que não são disponibilizados pelo governo e que o plano não cobre.

— Sócio? — Perguntei confusa.

— É! Quando o tratamento da sua mãe mudou no ano passado, o plano não cobriu alguns exames necessários e não tínhamos mais dinheiro guardado.

PERIGOSAS ACHERON

Foi então que vendi o carro da sua mãe e precisei pegar dinheiro do capital da oficina. Cheguei a um ponto que ia fechar as portas, mas como íamos comer ou como ia comprar os remédios da sua mãe? Eu não podia deixar isso acontecer. Preciso manter esse lugar aberto, porque ele ainda me ajuda. Então vendi minha caminhonete, e encontrei um sócio. Ele não tinha muito, mas foi o suficiente para me ajudar a não falir de vez.

— Meu Deus, pai! Tem carregado tudo isso sozinho? — Ele assentiu com a cabeça. Pude ver o cansaço e tristeza, estampados em seu rosto.

— Ninguém sabe, querida. Nem sua mãe e nem a sua tia Jenna. Okay? Você é a única para quem contei. Consegue guardar isso? Sua mãe não precisa de um fardo desses. O câncer já é difícil demais para ela. — Disse com a voz embargada.

— Tudo bem, pai. Confie em mim. Nós vamos dar um jeito em tudo isso. Só volto para Houston quando tudo estiver certo por aqui.

— Não, Maya! Foi por isso que não quis lhe contar. Não quero que pare de estudar, é o seu

PERIGOSAS ACHERON

sonho e você lutou muito para conquista-lo. Não vou permitir isso.

— Acontece que já sou maior de idade e você não pode me impedir de querer te ajudar, pai! Eu lamento!

Levantei-me e dei a volta na mesa para abraçá-lo. Ele se pôs de pé e abriu seus braços para mim. Nós abraçamos apertado, enquanto eu recostava minha cabeça em seu peito. Nosso momento foi interrompido pelo toque do meu celular no bolso de trás da minha calça. Meu pai me soltou e afastou-se limpando as lágrimas que escorreram em silêncio por seu rosto.

— Atenda. Deve ser seus amigos da Universidade. — Disse ele servindo-se de um copo de água.

Peguei o celular e ele parou de tocar antes que eu pudesse ver quem me ligava. Destravei a tela e vi uma ligação perdida do Victor. Um leve frio percorreu minha barriga. Saí da sala e fui para fora da oficina, ficando longe do barulho das lixadeiras e da máquina de solda, retornando a chamada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Linda Valentina. — Disse ele, ao atender no primeiro toque.

— Para começarmos bem... muito prazer. Sou a Maya. — Apresentei-me a ele.

— Tudo bem... Maya. — Disse ele, pronunciando meu nome vagarosamente.

— Isso. Me chame assim agora. Esse é o meu nome.

— Okay. — Concordou. — Quando a verei de novo? — Perguntou em seguida.

— Estou em Oklahoma com a minha família. Não sei quando estarei de volta ao Texas.

— Maya... Estamos a poucas horas de distância. Acha mesmo que isso é desculpa o suficiente para mim?

— Não, mas é que eu...

— Estarei aí amanhã. — Disse interrompendo-me. — Esteja livre para jantarmos. Tenho que desligar agora. — Disse e encerrou a ligação, sem nem mesmo me dar tempo para lhe dizer tchau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maya? — Chamou meu pai.

— Oi. — Respondi virando-me para ele.

— Estou indo ao hospital, você vem?

— Vou. Claro!

Fomos para hospital e chegando lá, havia algumas visitas no quarto. Pelo corredor já se deu para ouvir a conversa alta e risos vindos de lá dentro.

— Vovó. — A chamei ao entrar no quarto.

— Minha formiguinha. — Disse ela contente, vindo até mim e abraçando-me apertado.

— Vovó, por favor. Não tenho mais quatro anos. — Disse baixo para ela.

— Jura? Eu nem notei que não cabe mais no meu colo. — Disse humorada, dando sua risada única.

— Oi, Mãe. — Disse indo até ela e beijando seu rosto.

— Oi, filha. — Sussurrou ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, querida. Pretende ficar as férias toda? — Perguntou minha avó.

— O máximo de tempo que eu puder. — Respondi sorrindo e olhando para minha mãe, que me correspondeu com um sorriso.

— Vou fazer aquele bolo que você ama de laranja com chocolate branco. Se lembra, querida? De quando eu fazia para você? — Perguntou minha avó para minha mãe. — Quem sabe um gosto de infância te faça bem? Hum?

— É uma boa ideia, vovó. — Disse a ela.

— Eu preciso dar uma saída rápida, tenho umas coisas para resolver. Venho busca-la mais tarde, Maya. — Disse meu pai aproximando-se da minha mãe para se despedir.

— Tudo bem. — Disse.

— Eu dou uma carona a ela. — Disse tia Jenna, ao meu pai.

— Okay. — Concordou ele, antes de sair do quarto.

Passei o resto da manhã e a tarde toda no

hospital com minha mãe, minha avó, tia Jenna e Clarice, a melhor amiga de infância da minha mãe. Já era quase noite quando Grace apareceu. Grace é filha da Clarice e minha melhor amiga desde sempre. Estava com saudades dela, com a vida ocupada pelo trabalho e estudo, não nos falamos com muita frequência e só nos vemos quando eu estou na cidade. Saímos para jantar em um food truck ali perto e colocar o papo em dia. Ela me contou o quanto estava feliz de estar em seu último ano da faculdade de publicidade e propaganda, e que estava com grandes planos para se mudar para Seattle no próximo ano. Depois de muita conversa, Grace deixou-me em casa e marcamos um passeio pela cidade para o dia seguinte na parte da tarde. Ao entrar em casa, encontrei meu pai dormindo recostado em sua poltrona velha, com a Tv ligada no canal de esportes e segurando uma garrafa de cerveja vazia na mão. Bow, seu companheiro de todas as noites, estava deitado no chão sobre o carpete felpudo, ao seu lado. Peguei a garrafa da sua mão e desliguei a Tv, ligando a luz da sala.

— Oi, filha. — Disse com a voz sonolenta, ao

acordar com a luza acesa.

— Oi, pai. Já são quase dez horas. Eu cheguei agora.

— Eu fui até o hospital e você não estava. Sua avó disse que você tinha ido jantar com a Grace.

— É, ela me trouxe.

— Se divertiram? — Perguntou levantando-se da poltrona.

— Sim. Você já jantou? — Perguntei preocupada.

Ultimamente, ele tem cuidado de tudo, menos de si mesmo. Reparei isso quando cheguei, sem ninguém precisar me dizer nada. Ele está bem mais magro do que o seu normal.

— Sim, querida. Já tomei banho e escovei os dentes também. — Disse com sarcasmo e sorrindo.

— Bom, você vai ter que escovar de novo. Estava bebendo cerveja. — Disse humorada.

— É só cerveja. Não suja os dentes. — Disse sorrindo para mim, parado no primeiro degrau da escada. — Vou dormir. Se precisar de mim, sabe
PERIGOSAS ACHERON

onde me encontrar.

— Bom descanso, pai.

— Boa noite, Maya. — Desejou subindo a escada.

Depois de um banho e de levar Bow ao jardim, deitei em minha cama entregando-me ao cansaço do dia. Quase adormecida, olhei para teto do quarto e observei as estrelas verde fluorescentes que o cobriam todo. Fechei meus olhos e lembrei-me do dia em que eu e minha mãe, compramos as estrelas. Eu tinha medo do escuro, e o pequeno abajur cor de rosa sobre a cômoda, não era o suficiente. Então, minha mãe colou milhares de pequenas estrelas no teto. Ela me disse que quando eu sentisse medo, era só olhar para cima e lembrar-me que eu era a dona do meu próprio céu e que nele, monstro algum poderia me pegar. Nem dá para acreditar que isso já faz dezoito anos. Com pensamentos saudosos, adormeci. Acordei com um susto, quando Bow latiu dentro do quarto. Sentei-me na cama meio atordoada, sem saber direito onde estava e que horas eram. Depois de me situar, olhei para Bow que ainda latia para a janela, que tem vista para o

PERIGOSAS NACIONAIS

quintal da vizinha.

— Para Bow! — Mandeí.

Ele parou por um segundo, sentou-se e olhou para mim abanando seu rabo peludo, antes de continuar a latir sem parar. Levantei-me para ver o que chamava sua atenção, e na árvore vi um esquilo. Abri a janela e o toquei para longe, Bow calou-se e caminhou até porta que estava encostada, a abrindo com o focinho e saindo para o corredor.

— Folgado! — Disse irritada.

Olhei para o relógio sobre o criado mudo e vi que já passavam das oito da manhã. Meu pai já devia ter saído para a oficina e para mais um dia cheio de problemas. Sentada na janela, descabelada e vestida apenas com uma calcinha e uma camiseta larga da Universidade, olhei novamente para fora e assustei-me ao ver um rosto conhecido conversando com minha vizinha Beth, uma senhora de quase oitenta que gosta de ajudar seus vizinhos a cuidar de suas vidas particulares.

PERIGOSAS ACHERON

— Higor? — Disse baixinho, imaginando o que ele fazia ali.

Ele se virou em direção à minha casa e olhou para cima. Eu abaixei-me no chão, torcendo para que ele não tenha me visto. Mas o que ele faz aqui? Por que está na casa da vizinha xereta? Arrastei-me pelo chão, para o mais longe da janela e levantei-me quando cheguei a porta do banheiro. Depois de vestida decentemente e com os cabelos penteados, peguei meu celular e descii para tomar café da manhã. Mais uma vez meu pai havia deixado tudo pronto para mim antes de sair, eu sempre amei esse seu cuidado. Coloquei Bow para o quintal dos fundos e peguei minha bolsa e óculos de sol. Saí pela porta lateral da cozinha, que dava para frente do outro vizinho e caminhei de pressa até a calçada na esperança de não ser parada por ninguém, em especial pelo o Higor.

— Bom dia, Maya. — Gritou Carla, a vizinha do outro lado da rua, vindo em minha direção.

— Bom dia. — Respondi apressando meus passos.

— Espera! Quero notícias da Meredith. —

Disse parando a minha frente na calçada.

— Ela está bem e eu estou com pressa. Tchau.

— Disse e tentei passar rápido por ela, mas Carla segurou meu braço e puxou-me para trás.

— O que está havendo? Seu pai está estranho a dias e agora você. — Ela fez uma pausa de segundos e puxou o ar forte pela boca, arregalando os olhos e fazendo cara de espanto. — Oh, Deus! Meredith está morrendo? — Perguntou alto colocando sua mão sobre o peito.

— O que? Não! Ela não está morrendo. — Disse com raiva por sua petulância, puxando meu braço da sua mão que o agarrava forte. Uma movimentação na calçada chamou minha atenção, eu olhei por cima de seu ombro e vi Higor aproximar. — Droga! — Exclamei em um sussurro, abaixando a cabeça.

— Ahar! Eu sabia. Tem alguma coisa acontecendo, não é? — Perguntou ela em tom de acusação, ao ver-me abaixar a cabeça.

— Não tem nada acontecendo, Carla. — Disse

impaciente com sua ousadia. — Minha mãe está viva, bem viva! E para seu desgosto, se meu pai um dia vier a ficar viúvo, vou mantê-lo bem longe de você, seu abutre! — Respondi alto, a vendo arregalar os olhos assustada.

— Maya. — Higor chamou-me. — Sabia que era você quando a vi na janela. — Disse ele parando ao meu lado com um sorriso largo no rosto.

— Oi. — Disse admirando algumas mechas dos seus cabelos, ficarem mais claras ao reflexo do sol.

— Então é aqui que você mora três meses por ano?

— Oi. Eu sou a Carla. — Apresentou-se ao Higor. O que essa mulher ainda faz aqui? — Até mais, Maya. Mande melhoras a sua mãe. — Ela afastou-se com um sorriso falso no rosto, voltando para sua casa.

— Melhoras a sua mãe? Ela está doente? — Posso jurar que vi preocupação em suas perguntas.

— O que você faz aqui? — Perguntei o

desconversando, para evitar de responder suas perguntas.

— Uau! Você não é muito sutil em mudar de assunto. — Disse com sorriso sem graça no rosto. — Mas, respondendo à sua pergunta. Minha tia avó Beth, mora naquela casa. — Disse apontando para a casa ao lado da minha. — Você a conhece?

— É, eu a conheço. Ela mora aqui a uns.... dez anos.

— É. Ela não está muito bem de saúde e precisava de ajuda para limpar a calha e o jardim. — Concordei com minha cabeça, sem saber com o que estava concordando.

— Bom... eu tenho que ir. Tenho coisas para fazer. Tchau, Higor. — Disse ante de lhe dar as costas.

— Vamos tomar um café mais tarde. — Parei e olhei para ele novamente, lembrando-me do nosso último beijo, mas em seguida, lembranças da noite em que ele surtou no bar, amedrontaram-me.

— Não posso. Já tenho compromisso. — Disse

lhe dando um sorriso mínimo e virei-me novamente seguindo meu caminho pela calçada.

— E amanhã? — Perguntou alto.

— Também não posso. — O respondi sem parar ou
olha-lo desta vez.

— Seremos vizinhos por alguns dias, Maya. Estarei aqui a semana toda. Dormindo bem ao seu lado. — Disse ele usando tom de sacanagem, que me fez sorrir.

CAPÍTULO 06

Ao chegar na oficina, encontrei meu pai em sua sala, andando de um lado para o outro, enquanto falava animadamente ao telefone. Sentei em sua cadeira, esperando ele desocupar-se. Meu celular vibrou em meu bolso na calça e quando o peguei, vi que havia acabado de receber uma mensagem do Victor.

Espero que não tenha se esquecido de mim. Onde mando meu motorista lhe buscar?

-Victor.

09:58 a.m.

— Droga. Fala sério! — Sussurrei comigo mesma. Não tive credibilidade de que ele viria para cá.

— Algum problema? — Perguntou meu pai, ao desligar o telefone.

— Não. Precisa de ajuda com alguma coisa? — Perguntei ficando de pé.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Vamos ao hospital?

— Vamos. — Concordei pegando minha bolsa sobre sua mesa.

No caminho para o hospital, seguimos nos distraindo com uma conversa boba sobre programas de Tv. Meu celular vibrou outra vez em minha mão e olhando para tela, vi que era mais uma mensagem do Victor.

Já estou aqui. Não me faça esperar.

-Victor.

10:10 a.m.

**Conheço um bom lugar para jarmos no lago Green
Pine.**

-Maya

10:11 a.m.

Vou providenciar as reservas. Espero que tenha algo mais interessante, para não poder vir até mim agora.

-Victor.

10:12 a.m.

PERIGOSAS ACHERON

Restaurante Lake Green. 413, logo Green Pine.

-Maya

10:12 a.m.

Meu motorista irá buscá-la às 08h. Sem atrasos.

-Victor.

10:14 a.m.

Não será necessário, eu estarei lá.

-Maya.

10:15 a.m.

— Algum amigo de Houston? — Perguntou meu pai curioso.

— É. — O respondi.

Um amigo que talvez o senhor não aprovaria. Paramos no estacionamento e descemos do carro. Eu fui direto a loja de presentes no saguão do hospital e comprei um boque de girassóis para minha mãe, são suas preferidas. Quando as portas do elevador se abriram, saímos e encontramos um médico deixando o quarto da minha mãe.

— Doutor? O senhor aqui tão sedo. Algum problema com a Meredith? — Perguntou meu pai apressado e preocupado. O médico olhou para mim desconfiado, parecendo não saber se podia dizer algo na minha frente ou não. — Tudo bem, Doutor. Está é Maya, nossa filha. Pode dizer a verdade. — O médico curvou seus lábios em um sorriso simpático para mim e estendeu-me sua mão.

— Sou Dr. Larry Collins. — Disse ele quando apertei sua mão.

— Prazer em conhece-lo.

— Este é o novo médico da sua mãe. — Informou meu pai. — Então, Doutor? Temos algum problema?

— Meredith passou muito mal está manhã. Sentiu fortes dores abdominais. — Meu pai cobriu sua boca com sua mão esquerda e apoiou a outra em seu quadril, preparando-se para más notícias. — Já fizemos alguns exames e estamos no aguardo do resultado. Agora ela está dormindo e não sente mais dores, por causa da morfina. Por tanto, nada de visitas longas hoje, cinco minutos para cada. A

deixem descansar.

— Claro. — Disse a ele. Meu pai estava estático e com seus olhos marejados. — Os resultados demoram? — Perguntei preocupada.

— Não muito, umas três ou quatro horas. Quando já os tiver em minhas mãos, dependendo do resultado, teremos que fazer mais exames detalhados. Eu os ligarei, assim que tiver mais notícias.

— O plano de saúde irá cobrir estes exames, Doutor? — Perguntou meu pai com a voz meio embargada.

— Estes, sim. Mas se precisarmos fazer outros mais detalhados, teremos que pedir a autorização ao plano de saúde, Teddy. — Informou o médico. Meu pai coçou a cabeça e fechou seus olhos, respirando fundo. — Vai ficar tudo bem. — Consolou convincente, apoiando sua mão sobre ombro direito do meu pai e o apertando de leve.

— Obrigada, Doutor. Vamos aguardar boas notícias. — Disse a ele. O médico assentiu com sua

cabeça e se retirou em silêncio. Olhei para meu pai e vi que seu rosto estava molhado por lágrimas que escorriam dos cantos de seus olhos. — Por que não vai ao banheiro, pai? Lave seu rosto e tente se acalmar. Eu vou entrar, um pouquinho. Preciso vê-la, antes de ir. — Ele concordou e seguiu até o corredor que leva aos banheiros.

Quando entrei, minha mãe dormia profundamente, também não era para menos, eles haviam dado morfina a ela. Em seu rosto, havia resquícios de uma feição de dor, o que fez meu coração doer. Queria poder livra-la deste sofrimento. Tirei as rosas brancas que já estavam secas do vaso de flores e as joguei no lixo ao lado da porta. Peguei o vaso e fui até o banheiro, o enchendo com água limpa. Ao voltar para o quarto, encontrei uma enfermeira que verificava a medicação que corria direto para as veias da minha mãe. Ela sorriu simpaticamente e elogiou os girassóis que eu colocava na água. Deixei o vaso sobre a mesinha nos pés da cama, para quando ela acordar, que seja a primeira coisa que verá. A enfermeira saiu e eu me sentei na poltrona ao seu

lado da cama, a observando dormir. Logo meu pai entrou e ficou de pé ao lado de sua esposa, segurando firme sua mão, chorando em absoluto silêncio.

— Vai ficar tudo bem, pai. — Disse levantando-me e indo até ele, — Nós vamos conseguir. Vamos ajudá-la. — Ele abraçou-me e não foi mais capaz de controlar seu choro.

Meu pai soltou suas lágrimas, soluçando em meu ombro. O apertando mais em meus braços, chorei silenciosamente dando a vez do conforto a ele. Meu pai foi firme comigo e principalmente com minha mãe, desde o início. Nos deu seu apoio, seu ombro, seu amor e todo seu carinho. Agora era minha vez de retribuir a ele e mostra-lo o quanto o amo. Depois de alguns minutos ali, saímos do quarto e resolvemos esperar perambulando pelo hospital, que ela acordasse. Já eram meio dia e minha mãe ainda não havia acordado, e nem sinal dos resultados dos exames. Resolvi ir até a lanchonete e pegar algo para comer. Pedi um café e um bolinho de frutas, sentando-me em uma mesa do lado de fora da lanchonete. Enquanto comia com

PERIGOSAS ACHERON

pouco apetite, pensamentos ruins invadiram minha mente, perguntando-me; E se o câncer estiver se espalhando? Essa pergunta me deixou angustiada, acabando com a pouco fome que eu tinha.

— Oi. Seu pai disse que estava aqui. — A voz da Grace despertou-me do meu transe emocional.

— Oi, Grace.

— O que houve? — Perguntou ela, sentando-se ao meu lado.

— Minha mãe sentiu fortes dores no abdome hoje. — Disse engolindo o choro que embolava em minha garganta.

— Maya... — Disse segurando minha mão sobre a mesa. — Não passará de uma dor boba, você vai ver. Fique calma, estou aqui com você. — Consolou-me.

— Eu sei. — Disse apertando sua mão que estava pegada a minha. — E eu agradeço.

— Quer deixar nosso passeio para outro dia? — Perguntou ela com os lábios curvados em um

sorriso de compaixão no rosto. Eu apenas concordei com minha cabeça. — Tudo bem, mas eu vou te levar para um almoço decente. — Disse sorrindo.

Depois de almoçarmos em um lugar não muito longe do hospital, compramos sorvete e fomos para minha casa. Grace e eu, ficamos largadas no sofá uma ao lado da outra, nos entupindo de açúcar. Quando o sol começou a se pôr, ela foi embora restando apenas eu, Bow e o silêncio de uma casa vazia. Estava lavando as tigelas que sujamos com o sorvete, quando meu pai me ligou para contar que os resultados dos exames, não foram os melhores. Com a autorização do plano de saúde, o médico a levou para mais exames, e meu pai disse que ficaria lá está noite.

Sozinha e apreensiva, sentei-me a mesa da cozinha e lembrando que eu devia duas ligações para o Texas. Peguei meu celular sobre o sofá da sala e subi para o meu quarto na companhia do Bow. Depois de um bom banho na banheira, sentei-me na cama e liguei primeiro para Penny. Desabafei minha angustia e contei a ela tudo o que

PERIGOSAS ACHERON

me aconteceu desde o dia em que cheguei. As dividas, Victor, Higor e por último, o estado de saúde da minha mãe. Ela me disse que pegaria o primeiro voo para cá, mas eu a dispensei. Disse que não era necessário e que não queria incomoda-la. Penny me deu palavras de calma e conforto. Até mesmo ofereceu ajuda financeira.

— Não tenho muito, mas o que tenho, é tão seu quanto meu. — Disse ela na ligação, deixando-me emocionada com sua amizade.

Depois de nos despedir, liguei para Dick. Ele estava entrando no trabalho e disse que já estava com saudades minhas. Deu-me um leve sermão por ter voltado para casa sem despedir-me dele, mas com tanta coisa em minha cabeça, acabei me esquecendo. Quando desliguei o celular vi que já eram quase sete da noite. Pensei em desmarcar com Victor e não ir a esse jantar, mas eu não poderia fazer isso com ele sem lhe dar uma explicação decente, afinal, ele veio até aqui só para me ver. Tenho certeza que ele exigiria isso. Eu não o pedi para vir até aqui, mas quando ele disse que viria, eu não o impedi ou o disse um simples não. Liguei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o meu pai e lhe disse que sairia para jantar com um amigo. Ele não se importou e desejou-me um bom divertimento. Pedi a ele que qualquer notícia, fosse ela qual for, era para ele me ligar imediatamente.

— Eu prometo. — Disse ao telefone.

— Boa noite, pai. Amo vocês. — Disse antes de encerrar a chamada.

Chamei um táxi e me vesti fazendo uma leve maquiagem e soltando os cabelos. Meu vestido é de cor marfim, com comprimento até o meio das coxas, justo ao corpo e com um belo e discreto decote nos seios. Calcei sandálias pretas, peguei minha bolsa de mão e uma echarpe da mesma cor das sandálias. O carro chegou e saí fechando a porta da frente, logo atrás de mim. A caminho, recebi uma mensagem do Victor com a foto da linda vista que se tem da mesa reservada, para o lago. A pouca luz elétrica do restaurante e as velas acesas sobre as mesas, tornam o ambiente romântico e encantador. Chegando lá, a recepcionista levou-me até a mesa onde ele estava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao me ver aproximar, ele se levantou e sorriu para mim com um sorriso galanteador.

— Você está simplesmente linda. — Disse beijando-me no canto da minha boca.

— Obrigada. Você também está muito bonito. — Ele abriu mais seu sorriso ao me ouvir elogia-lo. Victor puxou a cadeira à frente da sua, ajudando-me a sentar.

— Bela escolha de lugar. É tranquilo e eu gosto.

— Exatamente por isso, eu gosto daqui. A tranquilidade me atrai.

— Espero que não se importe, mas tomei a liberdade de pedir um bom vinho tinto e suave. Acertei? — Perguntou servindo duas taças com o vinho posto sobre a mesa.

— Sim. — O respondi com um sorriso no rosto.

— Ótimo! Um brinde a este jantar e a bela noite que nos acompanha. — Disse erguendo sua

PERIGOSAS ACHERON

taça.

— Saúde. — Brindei nossas taças e tomamos um gole do vinho, que por sinal era doce e delicioso.

— Então, Maya. Quero conhece-la melhor. — Disse recostando em sua cadeira e cruzando as pernas, dando-me toda sua atenção.

— Bom... — Disse fazendo o mesmo. — Eu nasci e cresci aqui em Tulsa. Só morei em dois bairros na minha vida. Sou filha única e me mudei para Houston quando consegui uma bolsa na Universidade, para medicina.

— Medicina? — Perguntou surpreso.

— Sim. — Respondi sorridente.

— Já decidiu sua especialidade?

— Cardiologia. — Disse convicta.

— Uma boa área.

— E você, Victor? O que faz da vida?

— Trabalho no ramo financeiro. Tenho meus

próprios negócios como casas, hotéis, restaurantes e uma linha aérea. Também trabalho com ações.

— Uau! Um homem ocupado, eu presumo.

— Às vezes. — Disse e deu um gole em seu vinho. — Estou curioso para saber o que tinha de tão interessante hoje, para não podermos nos encontrar durante o dia. — Encarei minha taça sobre a mesa, pensando em o que lhe dizer.

— Alguns problemas familiares. — Respondi por fim.

— Posso perdoá-la desta vez. — Disse humorado, levando a taça até seus lábios outra vez.

— Vocês já querem pedir? — Perguntou o garçom, ao nosso lado.

— Se importa se eu fizer o pedido para você?
— Perguntou Victor, olhando o cardápio.

— Por favor. — Pedi concordando.

Ele fez nossos pedidos e logo o garçom se afastou. Victor nos serviu mais do vinho, e continuamos a conversar e nos conhecer melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aos poucos, os assuntos foram surgindo e nos deixando mais... íntimos, digamos assim. contei a ele algumas coisas de família, deixando o caso da minha mãe de lado, era algo que não queria compartilhar com ele está noite. Victor me contou que é divorciado a seis anos e que tem um filho adolescente, fruto deste casamento. Ao meu entender, seu relacionamento com o filho é um pouco complicado devido ao divórcio.

Seus pais são falecidos e ele tem apenas uma irmã mais nova. Formado em finanças na Universidade Columbia, hoje ele comanda a própria empresa financeira, de domínio mundial. Rimos com algumas de suas histórias da sua época da faculdade e assim, o jantar seguiu com muita tranquilidade. Mesmo sempre com minha cabeça no hospital e atenta ao celular sobre a mesa, posso dizer que me diverti neste jantar. Enquanto esperávamos a sobremesa, Victor tirou de seu paletó uma pequena caixa de couro preto e a colocou a minha frente, onde estava o meu prato.

— Vamos. Abra. — Mandou com sutileza.

PERIGOSAS ACHERON

Peguei a caixinha, um pouco envergonhada, e a abri lentamente. Dentro dela brilhou um lindo par de brincos de diamantes. Eles são exuberantes, tão lindos quanto os brincos da Penny. Fiquei admirada com eles, mas ao mesmo tempo, sem entender o motivo do presente.

— Victor... eu não posso...

— Sim! — Disse interrompendo, em tom autoritário de voz. — Você pode e vai. São seus, Maya. Não aceito devoluções. — Disse encarando-me sério.

— Mas o que fiz para merecer um presente desse?

— Está jantando comigo. — Disse com um sorriso nos lábios antes de dar mais um gole em seu vinho. — Assim terá seus próprios diamantes e não precisará mais usar os da Lola. — Sorri um pouco envergonhada, é um presente luxuoso e caro. Não estou acostumada a isso.

— Obrigada. São lindos, Victor. Tão lindos quanto os da Lola. — Ele deu-me um largo sorriso

e estendeu sua mão para que eu colocasse a minha sobre ela.

— Maya. Posso lhe oferecer isso e muito mais.
— Garantiu com firmeza.

Senti-me hipnotizada com todo seu poder na forma segura que pronunciava cada palavra e na intensidade em que me olhava nos olhos. Minha boca queria a sua. Nesse momento minha mente zerou e minha respiração era tão lenta, que mal sentia meu peito arfar. Ele acariciava o dorso da minha mão com delicadeza e carinho, fazendo-me arrepiar de leve no braço. Seu sorriso é marcante e seu olhar sedutor. Ele tem uma feição segura, como a de quem sabe exatamente o que vai acontecer nos minutos seguintes. Ele é um homem que dorme e acorda, certo de que conseguirá tudo o que deseja. Fomos interrompidos quando meu celular vibrou sobre a mesa, trazendo-me de volta a realidade. Mas do que de pressa peguei meu celular soltando sua mão e a caixa com os brincos.

Preciso de você no hospital. Venha logo!

- Papai.

10:01 p.m.

Ao ler a mensagem, meu coração disparou no peito, deixando meu corpo tenso. Minha preocupação misturou-se com meu medo de algo terrível ter acontecido, enquanto eu estava aqui me divertindo e sendo presenteada com brincos caros.

— Desculpe, Victor. Eu tenho que ir. — Disse saltando da cadeira.

— Espere! — O escutei pedir, enquanto saia correndo do restaurante.

— Um táxi, por favor. — Pedi ao manobrista, que parou um que passava pela rua imediatamente.

Entrei às pressas no carro, mas antes que o táxi rompesse para o hospital, pude ouvir Victor me chamar de longe. Assim que táxi parou a frente da emergência, eu o paguei e entrei às pressas no hospital, tomando o elevador para o quarto andar. Quando as portas se abriram, saí para o corredor avistando meu pai de longe, andando desorientado de um lado para o outro na porta do quarto. O médico tentava conversar com ele, mas era em vão. Tia Jenna tentava controlar o ataque de pânico

PERIGOSAS ACHERON

do meu pai, quando os alcancei.

— Pai! — O chamei e ele jogou-se em meus braços, abraçando-me forte. — O que houve? — Perguntei segurando o choro.

— Maya, querida. — Disse tia Jenna vindo, até mim.

— Onde está minha mãe? — Perguntei a ela, sentindo uma lágrima escapar.

— Na UTI. Ela passou mal outra vez e os resultados dos últimos exames saíram.

— O câncer está se espalhando, filha. — Disse meu pai, soltando-me do seu abraço.

— O que? Como assim se espalhando? — Perguntei com desespero, ao médico.

— Ela precisa de uma cirurgia, mas infelizmente está muito fraca. — Começou a explicar o médico. — Para podermos opera-la, é preciso interrompermos a quimioterapia e entrarmos com um novo tratamento alternativo. O problema, é que custa treze mil dólares por semana

e é um tratamento que ainda está em fase de aprovação.

— Em que esse tratamento vai ajudar? — Perguntei ao médico.

— Ele é um tratamento com o vírus da AIDS. As células passam por uma mutação genética antes de serem aplicada ao corpo, então, ao invés delas se transformarem em uma doença maligna, elas se instalam no câncer e impedem que ele se desenvolva, sem contar que em dois dos nossos seis casos, os vírus regrediram o câncer em trinta por cento. O tratamento é bem menos agressivo do que uma radioterapia e dará a Meredith, as condições que ela precisa para passar por uma ou duas cirurgias, onde vamos tentar remover o máximo da doença o possível. — Explicou o médico.

— E até onde o câncer já alcançou? — Perguntei.

— Começou no fígado, mas já está tomando o pâncreas, os rins e em breve, se não formos rápidos, chegará aos pulmões. Infelizmente a doença está sendo mais rápida do que a quimioterapia.

Enquanto ouvia o médico falar, o desespero foi apoderando-se de mim. Senti a vida da minha mãe escapar entre meus dedos, sem eu conseguir impedir.

— Não sei mais o que fazer. Não sei mais de onde posso tentar tirar dinheiro. — Disse meu pai com seu rosto vermelho e lavado de lágrimas.

— Eu posso tentar um empréstimo universitário. —
Disse a eles.

— Você pode tentar querida, mas não vai conseguir muito sem um bom fiador. — Disse tia Jenna.

Pensei na ajuda financeira que Penny me ofereceu hoje mais cedo, mas sei que ela não teria a quantia que preciso. Tia Jenna tem razão. Sem um bom fiador, não consigo muita coisa. Mesmo que eu arrume um emprego ainda hoje, não será possível ganhar treze mil dólares em uma semana.

— Maya. — O chamado do meu pai, tirou-me dos meus pensamentos. — Sim. — O respondi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá para casa, querida. Está tarde e não tem nada que possa fazer aqui. — Disse ele, sentando-se em uma cadeira no corredor.

— Eu vou dar um jeito nisso, pai. Vou conseguir esse dinheiro, nem que eu tenha que assaltar um banco.

— Não diga besteira. — Disse ele de cabeça baixa, com seu rosto escondido entre suas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 07

Eu sabia que meu pai se sentia um fracassado naquele momento, por não poder fazer nada por minha mãe. Ele sempre foi o homem da casa, aquele que deu o sustento e pagou todas as contas. Sentir-se impotente diante da sua família, era seu fim. Despedi-me deles e saí em direção ao elevador. Ao chegar na rua, peguei meu celular na bolsa e destravei a tela, buscando um número na agenda. Só tem uma pessoa a quem recorrer agora.

— Alô.

— Oi. Sou eu. Vou lhe pedir algo, mas tenho que ter certeza, de que não irá me negar.

— O que houve, Maya?

— Minha mãe está ainda mais doente. O câncer está se espalhando muito rápido. Ela precisa de uma cirurgia urgente, mas antes, precisa de um tratamento alternativo que custa muito caro e meu pai não tem mais de onde tirar dinheiro. — Disse apressada, em meio a um choro desesperado com

soluções. — Vamos perder a casa em alguns meses, Penny. Estou desesperada.

— Maya... eu não sei nem o que dizer. Quer que eu vá para aí? Quer que mande algo para sua conta bancária? Faço o que você pedir.

— Não. Se eu pegar seu dinheiro não sei quando poderemos lhe devolver. Vou voltar para Houston amanhã.

— O que vai vir fazer aqui? Você tem que ficar aí, com sua família.

— Penny... — Fiz uma pausa por alguns segundos, pensando bem no que eu estava prestes a pedi-la. — Me coloque no seu trabalho.

— O que? — Perguntou em um grito. — Maya... não! Você está desesperada. Não está pensando direito.

— É, eu estou desesperada. Por favor, Penny. Você disse que faria qualquer coisa para me ajudar e estou pedindo. Apresente-me a alguém. Eu preciso de dinheiro e rápido. Minha mãe não tem muito tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não vou fazer isso, Maya. Existe outras alternativas.

— Como o que? Trabalhar em um bar e ganhar mil e duzentos dólares por mês? Eu preciso de mais, muito mais. Penny... se não me ajudar, vou procura a ajuda que preciso em outros lugares.

— Está maluca? — Perguntou em outro grito.
— Meu Deus... — Murmurou baixo do outro lado da linha. — Está bem. Eu vou te ajudar.

— Obrigada. — Agradei respirando aliviada.

— Vai dormir, Maya. Fique aí até eu te ligar amanhã. Vou ver o que consigo para você o mais rápido possível e que seja seguro.

— Okay! Boa noite.

— Boa noite. — Despediu-se antes de encerrar a ligação.

Peguei um taxi e fui direto para casa. Com a cabeça cheia em mil pensamentos, passei a noite em claro, virando de um lado para o outro na cama. Quando o dia amanheceu, levantei-me e descii para

PERIGOSAS ACHERON

preparar o café da manhã. Estava tirando a última panqueca no fogo, quando a porta da frente se abriu e meu pai passou por ela.

— Bom dia. — Disse sentando-se a mesa da cozinha.

— Bom dia, pai. Como a mamãe está? — Perguntei temendo que a resposta fosse; Piorando.

— Ela acordou e levaram para o quarto está manhã.

— Você a viu?

— Sim, por meia hora.

— Tudo vai ficar. — Disse sentando-me na cadeira a sua frente. — Vou voltar para Houston e tentar um empréstimo.

— Acha que consegue? — Perguntou encarando-me com um olhar triste.

— Sim. Vou fazer o possível. — Disse com firmeza.

Depois de comer panquecas e ovos com bacon, ele subiu para seu quarto na expectativa de
PERIGOSAS ACHERON

conseguir dormir um pouco. Coloquei as louças sujas na lavadora e fui para o hospital no carro do meu pai. O médico permitiu somente um acompanhante no quarto e minha avó pediu para que eu a deixasse ficar. Ele não deixou que eu permanecesse por muito tempo, apenas o horário de visita. Despedi-me da minha mãe e saí rumo ao estacionamento vazio e entrei no carro respirando fundo. Tudo estava sendo muito difícil para todos nós e eu precisa de reunir forças para ir em busca do que precisava com urgência.

Dirigi devagar o caminho até em casa, pensando no que eu teria de enfrentar pela frente nos próximos dias. Prometi a mim mesma, que tomaria o máximo de cuidado para que nada de ruim acontecesse a mim. Rezei em silêncio para que Deus me perdoasse pelo o que ia fazer e para que ninguém descubra. Quando cheguei em casa, subi direto para o meu quarto e deitei-me em minha cama encarando o teto. Perdida em pensamentos, lembrei-me do Victor e depois de seu presente. Eu havia o abandonado em nosso jantar, assim como os brincos. Sentei-me na cama e peguei meu celular

ao lado, para manda-lo uma mensagem com pedido de desculpas, mas já havia uma mensagem dele de quase uma hora atrás.

Espero que esteja tudo bem. Você saiu tão de pressa, que nem mesmo deu-me a chance de me despedir de você. Seu presente está comigo.

-Victor.

10:23 a.m.

— Droga! — Exclamei, caindo para trás na cama.

Passei o resto dia sem saber o que escrever na mensagem para ele. Desculpas não seria o bastante, ele precisava de uma satisfação a qual eu não queria dar. A noite chegou e não tive notícias da Penny. Liguei para ela, mas não me atendeu. Na manhã seguinte, acordei com meu celular tocando sobre o criado mudo. Ainda de olhos fechados, tateei a mão por cima da madeira, em busca dele.

— Alô. — Atendi sonolenta.

— Levanta e vem para cá. Temos uma festa

PERIGOSAS NACIONAIS

para ir hoje à noite e o cara que vou acompanhar tem um amigo que gostou de você. Mandeí uma foto sua para ele, espero que entenda. — Disse Penny.

— Tudo bem. — Disse forçando minhas pálpebras a se abrirem.

— Eu comprei uma passagem aérea para você, já te mandei no seu e-mail. O voo saí as dez, então se apressa.

— Okay. Já estou levantando. — Disse sentando-me na cama e pondo meus pés no chão.

— Maya?

— Sim.

— Você está certa, de que é isso mesmo que você quer? — Pensei por alguns segundos. Querer, não é a palavra certa. Precisar, sim. — Tudo bem se quiser desistir.

— Não. Eu tenho certeza. Vou estar aí em quatro horas.

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

— Tchau. — Despedi-me antes de encerrar a chamada.

Olhei para o teto, observando as estrelas e pensando que a garota que tinha medo do escuro, nunca imaginou, nem em seus piores pesadelos, passar pelo o que estou passando hoje com minha família. Com certeza ela não se orgulharia nem um pouco do que estou prestes a fazer. Não quero perder minha casa, o lar que morei por doze anos. Não quero perder minha mãe, a mulher que me deu a vida e ensinou-me a ser boa e a amar o próximo. Não quero perder meu pai, para a tristeza ou depressão. Arrumei minhas coisas e descii para o café da manhã. Encontrei meu pai sentado à mesa, com os olhos escondidos sob sua mão no rosto.

— Bom dia. — Disse ao entrar na cozinha e lhe dei um beijo em sua cabeça.

— Bom dia, filha. — Disse ele descobrindo os olhos e pegando o jornal sobre a mesa.

— Vou voltar para Houston hoje e resolver a questão do empréstimo. Assim que tudo estiver certo por lá, deposito o dinheiro na sua conta. Pode

PERIGOSAS NACIONAIS

me levar no aeroporto em meia hora?

— Claro, querida. Quando você vai voltar?

— Eu não sei. Estou pensando em cobrir férias de alguém no Roger's, já que estamos precisando de grana. — Preciso de uma desculpa para ficar em Houston. Apenas uma noite, não me dará treze mil dólares.

— Odeio que você tenha que fazer isso. — Disse derrotado. — Eu sou seu pai. Sou eu quem devia estar cuidando de vocês duas e resolvendo os problemas, mas ao invés disso, olha só para mim. Um falido que está prestes a perder a casa.

— Pai... não fala assim. — Disse sentando-me na cadeira ao seu lado. — Se estamos nessa situação, é porque o senhor deu tudo pela mamãe. — Segurei firme sua mão, atraindo seu olhar para mim. — Você fez tudo por nós, até o que não pode. Eu preciso fazer alguma coisa também. Agora é minha vez, você entende?

— Sim. — Respondeu com os olhos marejados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou subir e me trocar.

— Okay, querida.

Meu pai me levou para o aeroporto e o caminho foi feito em um silêncio confortável. Chegando lá, ele ajudou-me a despachar as malas e me acompanhou até o portão de embarque. Nós nos despedimos com um longo abraço, que por um segundo, me fez querer desistir e ficar.

— Quando você for visitar a mamãe, lembre-se de dizer a ela que precisei ir, mas que volto logo.

— Tudo bem, querida. Boa viagem. — Desejou e deu um beijo em meu rosto.

Quando cheguei em Houston, já era quase meio dia. Penny correu para fora da casa quando viu o táxi estacionar a frente. Ela mal esperou que eu descesse do carro e deu-me um longo e forte abraço. Pegamos minha mala e entramos, subindo direto para o quarto.

— Então... a que horas é a festa? — Perguntei sentando-me em minha cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Às dez horas. Você é uma sortuda. O cara que te arrumei é um gato. Advogado, trinta e poucos anos... — Disse sorrindo. — Todas que já ficaram com ele, dizem que ele paga muito bem.

— Quanto acha que eu consigo está noite?

— Eu não sei, isso vai depender de você e até onde está disposta a ir com ele. Não se cobre, deixe rolar. Quanto menos tensa, melhor. Vamos. Marquei uma depilação completa para você e manicure. — Disse pegando sua bolsa sobre a cama.

Depois de algumas horas no salão, voltamos para casa. Quando mais perto o relógio chegava das dez horas, mas tensa eu ficava. Cansada, eu me deitei e acabei dormindo. Penny me acordou, chamando-me abaixada ao lado da minha cama.

— Já são oito horas. Temos que fazer seu cabelo e a maquiagem. — Disse ela acariciando meus cabelos.

— Okay. — Disse sentando-me na cama.

De banho tomado, Penny ajudou-me com meus

cabelos e fez uma linda maquiagem em mim, digna de um ensaio fotográfico. Ela me emprestou um de seus vestidos curtos e brilhantes, um decote bem exagerado nas costas e nos seios, deixando-me quase nua e desconfortável nele.

— Definitivamente, o azul é a sua cor. Contrasta bem com sua pele branca e seus cabelos escuros. — Disse Penny, observando-me vestida.

Ela estava em um lindo vestido prata, Dolce Gabbana. Prontas, olhei as horas no celular e já eram dez da noite. Um frio congelante se instalou em meu estomago, causando-me um leve enjoo. Seguimos de táxi até a festa, que acontecia do outro lado da cidade. Assim que chegamos, logo avistei um rosto conhecido em meio à multidão. Evan estava acompanhado de uma bela morena de cabelos cacheados até a cintura. Ao me ver, ele curvou seus lábios em um sorriso safado.

— Christian. — Disse Penny.

— Lola. — Disse um homem alto, negro, de cabelos quase raspados e de olhos amendoados. Uma definição de Deus grego. — Então esta é sua

PERIGOSAS NACIONAIS

amiga de Oklahoma? — Perguntou com um sorriso gentil para mim.

— Sim. Valentina, este é Christian. Christian, está é minha amiga gata de quem lhe falei.

— Como vai, Valentina? — Perguntou ele apanhando minha mão e a beijando como um galanteador.

— Bem, obrigada. — Respondi lhe dando um sorriso nervoso.

— Vamos apresenta-la ao seu amigo? — Chamou Penny.

— Claro. Ele está logo ali no bar. — Christian nos conduziu até o bar, com suas mãos repousadas em nossas colunas. — James? — Chamou ele.

— Sim. — Respondeu o homem, virando-se para nós.

— Está é Valentina. — Apresentou Christian.

— Olá, Valentina. Sou James Cabolt. — Apresentou-se e me surpreendeu com um beijo em meus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá. — Disse um pouco envergonhada.

— Você bebe o que?

— Vodka, por favor. — Precisava de algo forte que me dê coragem para mais tarde.

— Uma Vodka com tônica e um Whisky doze anos. — Pediu ele ao Barman. — Então... a primeira vez que vem aqui?

— Sim.

— E de onde você é? — Perguntou passando os dedos delicadamente por uma mecha do meu cabelo.

— De Oklahoma.

— Você é ainda mais linda pessoalmente. — Disse encarando-me nos olhos.

O Barman entregou nossas bebidas e então, seguimos até um sofá a diante. James é um lindo homem, dono de belos olhos verdes, que se destacam em seus cabelos pretos. Seu sorriso é encantador e sua conversa, descontraída. Eu estava nervosa, mas sua companhia é agradável. Logo

PERIGOSAS ACHERON

Christian e Penny apareceram e juntaram-se a nós no espaço cercado por um cordão azul de veludo. Conversamos todos por um tempo e bebemos mais alguns drinks. É surpreendente como Penny faz tudo isso parecer fácil. Ela age de maneira tão descontraída e relaxada, que chega a ser assustador a tamanha tranquilidade em que ela leva a noite. Não demorou muito para que eu sentisse os lábios do James em meu pescoço. Ele começou com leves beijos úmidos, deixando uma vez ou outra, uma mordida em minha pele. Se eu não estivesse tão nervosa, isso teria sido bem excitante.

— Vamos sair daqui. — Sussurrou ele em meu ouvido, subindo sua mão lentamente por minha perna esquerda, até entrar com os dedos debaixo do vestido.

— Vamos. — Concordei engolindo seco.

Ele pegou-me pela mão e saímos em direção a longa escada. No andar de cima, ele conduziu-me por um largo corredor, até a porta de um dos quartos. James tirou um cartão magnético do bolso interno do seu paletó e abriu a porta, puxando-me

para dentro. Ele laçou firme minha cintura com seus dois braços, me trazendo para mais junto o seu corpo e tomando minha boca em um beijo faminto. Com o pé, ele fechou a porta, e depois prensou-me contra a parede. Sem demora, senti sua mão direita descer por meu quadril, alcançando a barra do meu vestido e a puxando para cima, até minha cintura. Levei um pequeno susto, que me fez gemer, mas não de prazer, ao sentir sua mão dentro da minha calcinha.

James desencostou-me da parede e me virou de costas para ele, prensando sua ereção em minha bunda. Ele tirou meu cabelo para o lado, deixando minhas costas nuas, a exposta para ele. Senti beijo quente e úmidos em minha pele, quanto sua mão direita pressionava meu clitóris, fazendo-me uma massagem em círculos. Senti minhas pernas tremerem de nervoso, eu não sabia o que fazer para ele e não conseguia me excitar. Ele virou-me para ele outra vez e me pegou em seu colo, passando minhas pernas por sua cintura e levando-me até uma mesa mais adiante, onde me sentou sobre o tablado de madeira. James se posicionou entre

minhas pernas e beijou-me novamente, agarrando meus cabelos da nuca, com certa força. Apoiei minhas mãos sobre seus ombros e tentei acompanhar seu beijo caloroso e cheio de desejo, mas não estávamos na mesma sintonia.

Ele soltou meus cabelos da nuca e com as duas mãos, puxou as alças do vestido para baixo, deixando meus seios descobertos. Senti seus dedos acariciarem meus mamilos e os beliscar com força. Aquilo tudo devia ser gostoso, mas eu não estava conseguindo sentir prazer em nada. Tudo o que eu pensava, era nos meus pais, nas dívidas e quanto eu preciso estar aqui pelo dinheiro. Entrei com minhas mãos por debaixo do seu paletó, acariciando seu corpo sarado, na intenção de tentar conseguir me acalmar e sentir tesão pelo homem que me beijava com tanta vontade, mas não aconteceu. Nado do que eu fizesse estava funcionando, meus músculos doíam de tanta tensão. Ele deixou meus lábios e afastou-se em um passo para trás, encarando-me com suas mãos apoiadas no quadril.

— Está nervosa? — Perguntou calmo, e eu assenti com minha cabeça, o olhando

PERIGOSAS ACHERON

envergonhada. — Está tudo bem. Não vou forçá-la a nada. — Disse se aproximando novamente. — É sua primeira vez, não é? — Perguntou baixo, acariciando meus braços. Eu abaixei minha cabeça, sabendo que estava estragando uma chance de ouro.

— Sim. — Respondi baixo, olhando-o novamente. James ficou em silêncio por alguns segundos, encarando-me pensativo.

— Não posso fazer isso. — Disse sério. — Você devia ir para casa e pensar melhor no que está fazendo.

— Isso será temporário. — Disse o vendo se afastar.

— É o que todas dizem, mas algo que não te contaram, é que esse dinheiro fácil vicia. — Disse tirando um envelope de dentro do seu paletó e o pondo sobre a mesa ao meu lado. — Vai para casa. — Disse curvando seus lábios em um sorriso mínimo.

James caminhou até a porta e deixou o quarto,

a fechando logo atrás de si. Desci da mesa e puxei as alças do vestido para cima, cobrindo meus seios novamente. Olhei para o envelope branco e senti-me mal por ter o dito não, quando o deixou sobre a mesa. A passos lentos, fui até o banheiro e encarei meu reflexo no enorme espelho sobre a pia de mármore polido. Ajeitei meus cabelos bagunçados com os dedos e com um lenço de papel, limpei o pouco de batom borrado no canto da boca. Encarando-me pelo espelho, vi as lágrimas que começavam a escorrer por rosto. Sentei-me no chão e escorei minhas costas na porta do armário sob a pia.

Chorei com desespero, puxando minhas pernas para junto do meu corpo e as abraçando forte. Aparei minha testa sobre meus joelhos, escondendo meu rosto para baixo e fechei meus olhos os apertando com força, tentando buscar a calma. Depois de algum tempo, levantei-me do chão secando as lágrimas com o dorso das minhas mãos e limpando o rímel borrado. Respirei fundo e voltei para o quarto pegando o envelope e o guardando dentro da minha pequena bolsa de mão, que estava

jogada próxima a porta, sobre o carpete. Saí dali envergonhada, evitando olhar para as pessoas. Desci a escada de vagar, olhando para os meus pés e sentindo alguns olhares queimarem minha pele.

— Sua presença está noite, me surpreendeu. — Disse Evan parando a minha. — Como vai, Valentina?

— Oi, Evan. — O cumprimentei com frieza na voz, passando por ele.

— Foi bem rápido. — Disse com deboche. Olhei para trás e o encarei com raiva. Não estava afim de piadinhas, ainda mais vinda de alguém com quem não tenho o mínimo de intimidade. — A julgar por sua feição, aquele cara não fez um bom serviço.

— Como é? — Perguntei com raiva.

— Sabe, Valentina... você é linda demais para ficar aqui sozinha ou de mão em mão. — Disse ao se aproximar. Ele estendeu sua mão e acariciou o contorno do meu rosto com seus dedos. — Eu posso ajuda-la. — Disse passando seu dedo

suavemente por meus lábios.

— Quem lhe disse que eu quero a sua ajuda?
— Perguntei com arrogância.

— Qual é, garota. — Disse rude. — Você está em um evento de prostituição. Não está aqui porque curte o ambiente, está aqui porque precisa da grana que circula em um lugar como este. Qual é a sua necessidade, Valentina? Família? Dividas? Faculdade? Ambição por algo? — Permaneci em silêncio, o encarando furiosa e sentindo-me ofendida. — Eu posso dar tudo o que precisar e você já sabe o que tem que me dar em troca. — Sorriu com o canto da boca. Ele tirou um cartão de seu paletó e colocou em meu seio, por dentro do vestido. — Vou esperar por sua ligação. — Disse convicto e afastou-se em direção à grupo de pessoas, que conversavam entre si.

Peguei seu cartão de dentro da minha roupa e li nele, seu nome e seu número de telefone. O joguei fora no chão e segui para a saída. Caminhei desolada pela calçada, respirando fundo a brisa fresca da noite, até avistar um táxi estacionar

PERIGOSAS NACIONAIS

próximo ao meio fio. Duas mulheres desceram e eu entrei dando ao motorista o endereço da fraternidade.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 08

Ao entrar em casa, o relógio marcava pouco mais das duas horas da manhã. Sentei-me na cama, tirei os acessórios que usava e minhas sandálias. Fui para o banheiro e arranquei o vestido por cima da cabeça, caminhando até o chuveiro. Entrei debaixo da água, ainda com maquiagem no rosto e tomei um banho longo e quente. Deitei em minha cama com os cabelos molhados e peguei meu celular ao lado, para mandar uma mensagem a Penny, lhe avisando que eu já estava em casa. Para minha surpresa, havia uma mensagem do Victor. Ele deve estar me odiando, neste momento.

Estou curioso para saber o que você fazia naquele lugar está noite. Mais curioso ainda, para saber porque desapareceu e deixou-me no restaurante.

-Victor.

00:23 a.m.

— Com certeza ele me odeia. — Disse para mim mesma, fechando meus olhos e respirando

fundo.

Como ele sabe que eu estava lá está noite? Será que ele também estava lá? Ou Evan o contou? Eles se conhecem, mas não se suportam, isso ficou claro na outra noite.

— Aquele filho da mãe! — Esbravejei furiosa com a possibilidade de ter sido o Evan a ter feito uma fofoca ao meu respeito.

Depois de muito tempo e de rolar de um lado para o outro na cama, finalmente consegui dormir. Acordei quando Penny entrou no quarto, com seus sapatos na mão.

— Bom dia. — Desejou ela com animação.

— Bom dia. — Retribui despreguiçando-me.

— Você foi embora bem cedo ontem. Como foi com o James? — Perguntou sentando-se em sua cama.

— Ele me pagou mil dólares.

— Uau! O que fez para merecer isso em tão pouco tempo? — Perguntou curiosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade... não aconteceu nada.

— O que? Como assim? — Perguntou confusa.

— Ele percebeu que eu estava nervosa. Também notou que era a primeira vez que eu fazia aquilo.

— E você ainda faturou mil dólares? — Perguntou incrédula.

— Sim.

— Caramba! Preciso de um desse por semana.

— Disse rindo. — Você vai tentar de novo?

— Vou. Eu preciso.

— Por que não fala com Victor? Ele demonstrou interesse em você.

— O que? Não! Não tem como eu pedir a ele cinquenta mil dólares. A maior intimidade que tivemos foi um jantar, o qual eu o deixei plantado em um restaurante e saí correndo sem dar explicações. Não respondi a suas mensagens, o que tem em mente que eu faça? "Oi, Victor. Se lembra de mim? Maya? Então, eu preciso de cinquenta mil

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dólares que eu nunca vou poder te devolver. Será que você pode me arranjar essa grana?"

— Pare de ser ridícula. — Disse Penny, sentando-se ao meu lado. — Liga para ele, peça desculpas, conte sobre sua mãe e deixa ver o que acontece.

— Eu não posso. Não consigo.

— Consegui sim, Maya. Deixe de ser tola. — Olhei para ela de cara feia. — Não tenho medo dessa cara! — Disse e levantou-se. — Vou tomar um banho e dormir.

— Okay. — Disse a vendo sumir pela porta do banheiro.

Depois do café da manhã, liguei para meu pai que atendeu no primeiro toque. Perguntou se havia ocorrido tudo bem no banco e eu menti dizendo que sim, mas que ia demorar alguns dias para eles me liberarem o empréstimo. Ele me agradeceu e pediu para que eu voltasse logo para casa. Desliguei o telefone e sentei-me em uma das espreguiçadeiras de madeira no jardim dos fundos. Estava uma linda

PERIGOSAS ACHERON

manhã de sol, com um clima fresco e agradável. Fechei meus olhos e viajei com meus pensamentos em um sonho de um futuro melhor, onde tudo fica bem no final.

— Maya?

— Sim. — Respondi abrindo meus olhos e vendo Kálita, uma de nossas colegas, chamando-me da porta da cozinha.

— Tem alguém procurando por você na sala.

— Já estou indo. — Disse levantando-me e caminhando para dentro da casa. Ao chegar na sala, fiquei apreensiva com quem esperava por mim. O que ele faz aqui? — Victor? — O chamei com a voz falha.

— Oi, Maya. — Cumprimentou e curvando seus lábios em sorriso.

— O que faz aqui? — Perguntei aproximando-me dele.

— Acho melhor conversarmos em outro lugar.
— Disse interrompendo-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. Eu vou me trocar. — Disse e saí em direção a escada. — Penny, acorda. — A Chamei, ao entrar no quarto. — Acorda! — Chamei novamente, sacudindo-a pelo seu braço.

— Humm... — Resmungou ela.

— Penny, por favor. Acorda!

— A casa está pegando fogo? — Perguntou com a voz sonolenta.

— Pior que isso. Victor está aqui. — Respondi ficando de joelhos ao lado da sua cama.

— O que? — Perguntou sentando-se na cama em um pulo.

— Isso mesmo que você ouviu. Ele está lá embaixo.

— Ah, meu Deus, Maya. O que está esperando? Vá se arrumar.

— Okay. — Levantei-me do chão e fui até o guarda-roupas.

— Essa é sua chance, Maya. — Disse ela vindo até mim.

PERIGOSAS ACHERON

Troquei rápido de roupa e penteei meus cabelos, os deixando soltos. Quando desci, ele já me esperava dentro do carro. Ao sair na calçada, Noberto abriu a porta traseira do carro para mim.

— Bom dia, Srta. Valentine. — Cumprimentou ele, batendo sutilmente com os dedos na aba do seu quepe.

— Bom dia.

Entrei no carro e ele fechou a porta, logo assumindo a direção e o pondo em movimento. Victor fechou a divisória escura entre nós e Noberto, nos dando privacidade. Sem saber o que dizer ou fazer, um pouco envergonhada por tudo o que houve, ainda mais por ele ter descoberto sobre ontem à noite, continuei quieta e de cabeça baixa, encarando minhas mãos repousadas em meu colo. Victor se aproximou e passou sua mão por meus cabelos caídos sobre o ombro, os jogando para trás.

— O que fazia naquele lugar, Maya? — Perguntou sussurrado, com sua boca próximo a minha orelha.

Permaneci de cabeça baixa e fechei meus olhos, pensando no que lhe responder. Havia dito a ele que não era como Penny, mas ontem eu estava em uma casa de prostituição.

— Victor... — Tentei me explicar, mas fui interrompida por um beijo em meu pescoço fazendo-me arrepiar.

— Não tem que ser como ela. — Disse baixo, com seus lábios rosando em minha pele. Ele subiu sua mão lentamente por minha perna esquerda, por cima do jeans, até chegar no alto da minha coxa, entrando com seus dedos entre minhas pernas. — Me peça o que quiser, Maya. Qualquer coisa. Diga-me do que você precisa? Só pedirei algo em troca.

— O que? — Perguntei encarando seus dedos que acariciavam minha intimidade, deixando-me ainda mais nervosa.

— Permita que eu domine você e irá ter tudo o que desejar. — Olhei para ele surpresa com suas primeiras palavras ditas.

— Victor, eu... — Comecei a dizer baixo, negando

com minha cabeça.

— Não tenha medo. Eu lhe ensinarei tudo o que deve saber. — Disse interrompendo-me.

Ele aproximou sua boca da minha, e segurou delicadamente meu rosto com sua mão esquerda, colando nossos lábios com um beijo lento, que logo se tornou um cheio de desejo. Apoiei minha mão esquerda sobre a sua que massageava minha intimidade e repousei minha direita em seu peito, sentindo o quanto definido é. Sem interromper nosso beijo, ele puxou-me para seu colo deixando minhas pernas, uma para cada lado do seu quadril. Seus braços envolveram minha cintura, trazendo meu corpo para mais junto ao seu. Entre minhas pernas, sentada em seu colo, senti um grande volume rígido dentro da sua calça. Seus dedos entranharam em meus cabelos, o dando mais firmeza em minha cabeça para seu beijo bruto e longo, de tirar o folego. O carro estacionou e eu olhei pela janela, vendo uma enorme mansão em tons claros de amarelo com marrom escuro.

— Diz que sim, Maya. — Disse sussurrado,

beijando meu pescoço.

— Victor...

— Sim! — Insistiu alto, puxando meu rosto para encara-lo. — É essa a palavra que quero ouvir. — Disse em tom autoritário, encarando-me nos olhos.

— Sim, Victor. — Respondi o encarando de volta.

Ele sorriu como quem havia acabado de ganhar o jogo. Sai do seu colo e sentei-me novamente no banco do carro, ajeitando meus cabelos bagunçados. Victor tentou ajeitar sua camisa amarrotada, alisando suas mãos uma vez no tecido. Ele deu duas leves batidas no vidro do carro e Noberto abriu a porta para que Victor e eu saíssemos. Descendo primeiro, ele estendeu-me sua mão para me ajudar a sair do carro. Ele conduziu-me para dentro da mansão, com sua mão pegada a minha. Ao entramos no hall, uma empregada surgiu e nos desejou um bom dia, levando consigo minha jaqueta jeans e seu blazer de camurça preta.

— Por que estamos aqui? — Perguntei quando

ficamos sozinhos na entrada.

— Está é minha casa e é aqui que nos encontraremos.

— Tudo bem. — Concordei sem questionar.

— Venha, vamos subir. Preciso te pôr a par de algumas regras.

— Regras? — Perguntei, o acompanhando até a escada de mármore, com corrimão dourado.

— Sim, teremos algumas regras. Algo que precisa saber sobre dominação, é que as coisas só funcionam com regras. Algum problema em segui-las? — Perguntou encarando-me.

— Não. — O respondi sem ter certeza. — Para onde está me levando, agora?

— Você verá.

Subimos dois lances de escada, até o segundo andar da mansão. Caminhamos pelo largo corredor cheio de quadros antigos nas paredes e vasos históricos, posto sobre pedestais de metais aos cantos. Paramos de ante de uma porta de madeira

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalha a mão e ele a abriu fazendo um sinal com sua cabeça, para que eu entrasse primeiro. Victor entrou logo em seguida e fechou a porta, a trancando na chave. O quarto é lindo e bem decorado, assim como o pouco da casa que vi. É tudo muito clássico e luxuoso. O quarto tem uma enorme antessala, com sofás, mesa de centro, poltronas e um pequeno bar ao canto. Do outro lado da parede de vidro branco, uma enorme cama ocupava o centro do cômodo, com cabeceira e dossel de ferro.

— Este é meu quarto. Ali por aquela porta, é o banheiro. — Disse apontando para a esquerda. — E este... — Disse conduzindo-me a outra porta ao lado do banheiro. — ...é o meu closet. Aquele espaço é para você, caso queira deixar algo aqui. — Observei que no fundo do closet, havia um armário que tomava toda a parede com portas de vidro preto, puxadores de metal e trancas eletrônicas por senha. — Aquele é um armário especial. — Disse ao notar que eu observava curiosa. — Quer ver o que tem lá dentro? — Perguntou eu assenti com minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Victor dirigiu-se até o armário e digitou a senha no pequeno painel. Todas as portas se abriram, mostrando um arsenal de brinquedos eróticos e de punição. Muitos eu nunca havia visto, outros já tinha visto através da internet e poucos, já havia usado com Mark.

— Não se assuste. Nada aqui será usado sem seu consentimento.

— Okay. — Consegui dizer.

— Mas antes de dizer não, lembre-se que tudo isso será usado tanto para o meu prazer, quanto para o seu. — Disse aproximando-se de mim.

— Só... vamos com calma, está bem? Tudo isso é novo para mim. — Disse ao sentir seus lábios quentes e macios em meu pescoço.

— Claro. Vamos nos sentar. — Disse pegando-me pela mão e levando até o sofá da sua antessala. — Sente-se. — Mandou. — Vamos as regras. — Disse acomodando-se ao meu lado. — Você só fará sexo comigo, nunca permitirá outra pessoa lhe tocar, seja quem ou como for. Quando eu a chamar,

PERIGOSAS NACIONAIS

você virá sem questionar. Quero ser informado de cada passo seu e se eu disser não, é não!

— Okay. — Concordei achando suas regras estranhas e sentindo-me um tanto relutante por dentro.

— Você me acompanhará em todos os eventos que eu lhe convocar. Gosto de descrição em muitas coisas na minha vida e uma delas é no que eu faço entre quatro paredes com uma mulher. O que faremos é prazeroso, mas assusta a muita gente. Por isso, é mantido em sigilo.

— Tudo bem. — Concordei novamente um tanto assustada, imaginando como será essa forma de prazer.

— Sobre você ter uma vida social com suas amigas, isso só poderá acontecer com minha permissão, mesmo eu estando fora da cidade. Lembre-se, querida. Seu corpo me pertence agora! Eu pago por ele. — Engoli seco com sua última frase. Só então me caiu a ficha, do que sou agora.

— Claro. — Concordei abaixando minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maya... — Chamou ele, segurando meu queixo entre seus dedos e erguendo meu rosto com delicadeza. — Nunca, em nenhuma circunstância, desobedeça-me. Estarei sempre de olhos em você. Não importa onde eu esteja no mundo. Gosto de manter minhas propriedades no meu campo de visão. — Assenti com minha cabeça, tentando acalmar minha respiração. Confesso que ele me assustou um pouco. — Querida, preciso perguntar algo a você e não quero que se ofenda.

— Tudo bem.

— Você ficou com aquele homem? — Perguntou referindo-se ao James.

— Não. — Respondi sem demora, o olhando nos olhos.

— Agradeço a sinceridade. Agora vá para o banheiro e tire toda sua roupa. Entre na banheira e espere por mim. — Ordenou, olhando-me nos olhos.

Levantei-me sem dizer nada, até mesmo porque não tinha o que dizer a ele. Fui para o

PERIGOSAS ACHERON

banheiro e me despi por completo, deixando minhas roupas sobre um banquinho no canto. Prendi meu cabelo em um coque alto e entrei na banheira que já estava preparada com um banho quente. Não demorou muito e ele passou pela porta, completamente nu. Eu o admirei dos pés à cabeça. Victor se aproximou da banheira e parou a minha frente. Ele deixa muitos caras com quem já transei no chinelo. Seu corpo é alto e esguio. Seus músculos definidos, lhe dão a aparência de ser mais jovem, apesar dos cabelos completamente grisalhos. Seu pau estava com uma leve ereção, que me deixou ansiosa para vê-lo duro por completo. Victor entrou na banheira com espaço o suficiente para nós dois ficarmos à vontade, e sentou-se atrás de mim puxando meu corpo para junto ao seu.

— Relaxe. Você está tensa. — Disse passando suas mãos suavemente por meus ombros.

Eu estava mesmo tensa. Tensa pela conversa de minutos atrás, tensa por estar aqui com ele, e principalmente, tensa por estar ficando excitada com a visão e o contato do seu corpo no meu. Sua massagem me fez relaxar sob seu toque. Sentindo-

PERIGOSAS ACHERON

me mais à vontade, ele desceu suas mãos acariciando todo meu corpo nu e imerso na água. Recostada em seu corpo, deitei minha cabeça em seu ombro e fechei meus olhos. Involuntariamente, meu corpo entregou-se a ele, nos primeiros sinais de excitação entre minhas pernas. Victor agarrou meus seios e os apertou com um pouco de força, antes de beliscar meus mamilos causando-me uma sensação gostosa.

Acaricieei suas pernas que estavam ao redor do meu quadril, sentindo seus lábios trilharem beijos do meu pescoço, até minha orelha, causando-me um leve arrepio. Uma de suas mãos desceu até minha boceta e massageou delicadamente meu clitóris. Eu já estava completamente relaxada em seus braços. Ele aumentou a força com que massageava entre minhas pernas, causando aquele leve tremor familiar no pé da minha barriga. A excitação da massagem e a leve dor ao beliscar meus mamilos enrijecidos, causou-me uma mistura de prazer, que tomou conta de mim. Um gemido escapou da minha boca e eu senti seus lábios que beijavam meu pescoço, se curvarem em um sorriso

contra minha pele.

Seu pênis duro, cutucava minhas costas, deixando-me louca para tocá-lo. As caricias em meu corpo, ficaram mais intensas e fazendo-me escapar outro gemido. Victor virou meu rosto para ele e ordenou em sussurros, que eu abrisse meus olhos e olhasse para os seus. Eu o obedeci e pude ver toda a excitação e desejo em suas írises azuis, notando sua pupila levemente dilatada. Ele beijou meus lábios, penetrou-me com dois de seus dedos, deslizando para dentro de mim com facilidade. Seus dedos começaram um movimento gostoso de vai e vem, que me fez gemer em seus lábios. Ele gemeu baixo separando nosso beijo, quando sentiu minha mão tocar seu pau duro como uma rocha.

— Vire-se para mim! — Mandou e eu fiz, sentando-me em seu colo e de frente para ele.

Victor agarrou suas mãos em meu quadril e o puxou para frente, esfregando minha intimidade em sua ereção. Ele sugou meu seio e mordeu meus mamilos, enquanto apertava o outro entre sua mão. Eu já estava completamente excitada e ele também.

PERIGOSAS NACIONAIS

Gemi alto com todo o tesão que percorreu meu corpo, agarrando seus cabelos da nuca. Desci minha mão direita para dentro da água, até chegar em seu pênis e o masturbei cuidadosamente. Seu pau ficou ainda mais rígido ao meu toque. Ele soltou meu seio da sua boca e gemeu contido mordendo o lábio inferior, agarrando minha bunda com suas duas mãos e fechando seus olhos enquanto jogava sua cabeça para trás. Ele se permitiu gemer alto, gozando em minha mão por debaixo da água morna. Essa cena deixou-me com desejo enorme de sentir toda sua carne dura dentro de mim.

Quando seus espasmos sessaram, seu pênis ainda continuou ereto entre minha mão. Ele ergueu sua cabeça e encarou-me com um sorriso nos lábios. Victor agarrou meu corpo passando seus braços a minha volta e puxou-me para ele, juntando nossos lábios em um beijo lento e demorado. Ele me tirou da banheira e vestiu-se em um roupão banho preto, entregando-me outro de cor branca. Voltamos para o quarto e ele mandou que eu me deitasse no meio da sua cama, nua. Victor

PERIGOSAS ACHERON

desapareceu para dentro do closet e eu fiz o que me foi mandado. Encarei o teto com detalhes em gesso branco, até que ele voltasse. Ele surgiu no quarto, trazendo consigo uma corda fina vermelha, uma venda preta de seda e um chicote de couro. Senti uma mistura de medo e ansiedade.

— Não será ruim. — Disse ele largando os objetos que trouxe, ao meu lado na cama. — Quero que abra bem as pernas e os braços! — Mandou.

Novamente, eu o obedeci e ele posicionou-se de frente para mim, segurando nas mãos parte da corda vermelha. Victor encarou meu corpo totalmente aberto e descoberto para ele, com admiração e desejo. Ele fez um laço na corda e a passou pelo meu pé, a deixando justa em meu tornozelo e a amarrou no ferro dossel nos pés da cama. O mesmo ele fez com meu outro tornozelo e meus punhos, amarrando meus membros, um para cada lado. Presa, Victor vendou-me, fazendo com que me sentisse totalmente vulnerável a ele. Minha respiração ficou ofegante e meu corpo, tenso. Não houve um centímetro de pele que não tenha ficado arrepiado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 09

Gemi tentando puxar minhas pernas presas, ao sentir sua boca quente em minha intimidade. Victor acariciou meu corpo e a cada toque seu, meus músculos relaxaram outra vez, deixando minha respiração. Senti ele afastar-se e suas caricias darem lugar a ponta do chicote, que se arrastava por minha perna a cima, começando pelo tornozelo. Ouvi um estralo e então, veio uma ardência em um pequeno pedaço da minha coxa. Victor acomodou-se entre minhas pernas, fazendo sua intimidade roçar na minha, provocando-me mais uma onda de arrepio pelo corpo. Ele passou sua ereção entre os lábios da minha boceta, deslizando pela umidade que começa a se acumular. Gemi baixo tentando me controlar, ao senti-lo pressionar meu clitóris com seu pau. Ele acertou o chicote novamente em minha perna, causando um dor maior.

Victor deslizou levemente o chicote por meus seios, descendo por minha barriga e dando outra chicotada, mas desta vez acertando minha boceta e

fazendo-me gemer de tesão. Ele deu leves batidas com o chicote sobre meus mamilos rígidos e doloridos, enquanto me penetrava lentamente com seu pau duro e grosso. Sua carne firme e quente, preencheu-me fundo enquanto me torturava com chicotadas em meus mamilos, me deixando cada segundo mais louca. Não consegui mais me conter e gemi alto, entregando-me a todo o prazer proporcionado a mim. Victor deslizou o chicote por meu corpo, marcando minha pele em alguns lugares com fortes chicotadas, provocando ardência enquanto me fodia cada vez mais rápido e mais fundo.

Tive vontade de agarrar seu corpo junto ao meu, mas estava presa pelas cordas que se apertavam mais e mais em meus punhos e tornozelos, a cada tentativa de me mover. Não demorou muito e logo comecei a ouvir seus grunhidos controlados e abafados dentro da boca. Sua mão agarrou meu seio direito, o apertando com força, enquanto seu quadril chocava-se contra o meu, em uma velocidade intensa. Ele se debruçou sobre mim, entrando com uma de suas mãos em

meus cabelos e levando a outra até meu pescoço, o apertando de leve. Seus lábios se juntaram aos meus, em um beijo bruto com mordidas e chupões. Meu corpo estremeceu em um aviso claro de que um orgasmo se aproximava.

— Goze, Maya. Se entregue ao prazer. — Disse baixo em meu ouvido.

Sem demora, entreguei-me a um intenso orgasmo que fez gemer alto e arquear minhas costas. Devo admitir que Victor sabe bem como levar uma mulher à loucura. Vendo-me gozar, ele gemeu alto, quase em um urro rouco, e gozou logo em seguida, me fodendo forte e rápido, fazendo meu corpo balançar para cima e para baixo. Completamente ofegante, meu peito arfava em busca de folego. Victor tirou a venda, a puxando por cima da minha cabeça, permitindo que eu abrisse meus olhos. Os abri piscando rápido algumas vezes, adaptando minha visão a claridade do quarto. Ele sorriu satisfeito e acariciou meu rosto, antes de me beijar outra vez.

— Isso é só um pouco do que posso dar a você

entre quatro paredes. — Sussurrou em meu ouvido, ainda dentro de mim.

Ele me desamarrou e alisando com cuidado as marcas que se formaram em minha pele pelo arrocho das cordas. Victor levantou da cama e vestiu seu roupão novamente, entregando a mim o que eu usei anteriormente. Ele foi até a antessala e eu o acompanhei até lá, o vendo sentar-se no sofá e abrir seu Laptop sobre a mesa de centro. Caminhei até as enormes portas de vidro que levam a uma varanda, observando uma vista espetacular para um jardim maravilhoso. Meu celular vibrou sobre o aparador perto das grandes portas, dando um alerta de mensagem. Peguei meu celular e não consegui acreditar no que a mensagem dizia. Olhei confusa para Victor, que se aproximava de mim com um sorriso no canto dos lábios.

— São quinze mil dólares. Isso é para a primeira semana do tratamento da sua mãe. — Disse passando os dedos em meus cabelos.

— O que? — Perguntei incrédula, sem entender absolutamente nada, perguntando-me

como ele sabe a respeito do tratamento.

— Fiquei bastante curioso em saber o porquê você saiu correndo e me deixando para trás no nosso jantar. Então descobri coisas interessantes sobre você em Oklahoma. Duas delas são que sua mãe está doente e a outra, é que seu pai está falido. — Permaneci em silêncio, apenas o ouvindo, sem acreditar que ele havia transferido toda esse dinheiro para minha conta. — Quando Evan mandou uma foto sua para mim, naquele lugar na noite passada, ao lado de outro homem que não era eu, sinceramente tive vontade de ir até lá e arrastá-la para cá. Mas ainda não era seu dono e lembrei-me dos seus pais, então imaginei o porquê de você estar lá. — Uma lágrima solitária escorreu por meu rosto. — Se vai ficar com alguém por dinheiro... — Disse secando a lágrima que escorria. — ...fica comigo, Maya. — Victor abraçou-me, me acolhendo em seus braços e deitando minha cabeça em seu peito.

— Como sabia o número da minha conta? — Perguntei curiosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não existe muito que eu não consiga descobrir. — Disse acariciando meus cabelos. — Mais uma coisa, querida. — Ergui minha cabeça e olhei para ele. — Nunca mais deixe algo que eu lher sobre a mesa de um restaurante. Ainda mais se esse algo custou alguns mil dólares. — Disse humorado, descontraindo o momento e fazendo-me sorrir.

— Desculpe, é que... — Ele interrompeu-me com beijo, puxando meus cabelos da nuca.

— Não diga nada. — Disse ao soltar meus lábios. — Vamos tomar um banho.

Fomos para o banheiro e ele ligou o chuveiro, deixando-me lá e saindo para atender seu celular que tocava insistentemente no quarto. Deixei a água quente cair sobre meus ombros doloridos de tensão, enquanto esperava por ele.

— Tome seu banho, preciso resolver isso. — Disse da porta do banheiro com seu celular na mão.

— Okay. — Respondi o vendo sair e deixar a porta aberta.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de um bom banho, vesti a roupa que usava quando cheguei e sai para o quarto. Victor estava na varanda da antessala, com as portas fechadas. Não consegui ouvi o que ele conversava, mas parecia estar bem irritado. Sentei-me no sofá e peguei meu celular para transferir todo o dinheiro da minha conta, para a do meu pai.

TRANSAÇÃO REALIZADA COM SUCESSO.
THEODORO CHAYNNE VALENTINE.

Nunca senti tanto alívio, em ler está mensagem de transferência. Victor ainda estava ao telefone e parecia que a coisa ia demorar bastante, então liguei para o meu pai.

— Oi, meu amor. — Disse ele ao atender a ligação.

— Oi, pai. Estou ligando para avisar que acabei de transferir parte do dinheiro.

— Ótimo, querida! — Disse com entusiasmo.
— Quanto conseguiu, Maya?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou conseguir todo o dinheiro com o banco, mas eles vão liberar por partes. É um banco universitário, eles têm algumas políticas meio chatas. — Expliquei a ele uma mentira.

— Tudo bem, minha filha. Isso nem mesmo é obrigação sua.

— É minha obrigação sim! É pela mamãe, pai. Faço tudo por vocês, sabe disso.

— Eu sei, querida, e agradeço imensamente a você.

Sorri de cabeça baixa, agradecendo pela paz que começava a se formar dentro do meu peito. Posso sentir que as coisas iram melhorar. Ergui a cabeça e vi Victor parado a minha frente, observando-me de braços cruzados à frente do peito.

— Tenho que ir, pai. Eu te ligo depois.

— Eu te amo, filha. Não se esqueça.

— Não vou. Eu também amo você. — Encerrei a ligação e levantei-me indo até ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Era o seu pai? — Perguntou sério.

— Era sim. — Afirmei a ele.

— Vou tomar um banho e depois desceremos para o almoço.

— Tudo bem. — Disse sorrindo.

Ele se aproximou e segurou firme minha cintura, dando-me um beijo rápido nos lábios. Victor sumiu pela porta do banheiro e eu o esperei na varanda, observando sua enorme propriedade. Depois de alguns minutos, ele voltou de banho tomado e vestindo uma calça jeans com uma camiseta branca. Até assim, ele é lindo. Descemos para sala de jantar, onde o almoço já estava servido. Victor puxou a cadeira para que eu me sentasse e sentou-se ao meu lado, na ponta da mesa.

— Alérgica ou algo que não goste? — Perguntou, enquanto um dos empregados nos servia.

— Não. — O respondi estendendo o guardanapo em meu colo.

PERIGOSAS ACHERON

Logo os empregados saíram e nos deixaram a sós. Victor olhou para mim e sorriu estendendo seu braço e segurando minha mão esquerda, que estava sobre a mesa.

— Por que não me conta sobre seus pais? — Pediu ele gentilmente.

— Ainda á alguma coisa que você não saiba? — Perguntei sorrindo.

— Vejamos... — Disse soltando minha mão e recostando-se em sua cadeira. — Quem é o sócio do seu pai? Não consegui achar nada sobre ele. — Disse e sorriu antes de beber mais um gole do vinho branco, servido em sua taça.

— Eu não sei. Faz três dias que descobri sobre isso. Meu pai não me disse nada. Mas do que isso importa?

— Em nada. Só uma curiosidade. Eu sempre sei tudo de muita gente quando procuro e sobre ele eu não descobri nada.

— Quanta curiosidade. — Disse sorrindo, mas sentindo-me um pouco desconfortável com sua

investigação.

— Sabe sobre o que realmente estou curioso?

— Perguntou cortando sua carne.

— O que? — Perguntei colando a taça de volta à mesa.

— O por que foi até aquele lugar, quando devia ter vindo até mim.

— Victor eu... eu sinto muito por não ter procurado você, mas é que... — Fechei meus olhos respirando fundo e abaixando a cabeça. — Como eu deveria ter feito isso? — Perguntei erguendo minha cabeça e o encarando novamente. — Eu o deixei outra noite no restaurante, sem nenhuma satisfação...

— Deveria ter me ligado! — Disse alto e interrompendo-me, mostrando sua insatisfação pelo o que fiz, através do tom de voz zangado.

— Mas eu não podia ligar para você no meio da noite, depois de desaparecer no meio de um jantar e ignorar suas mensagens. — Disse um tanto irritada com ele.

— Sim, Maya. Você podia! Eu dei a você um par de brincos que custam mais do que aquilo que seus pais chamam de casa. Acha mesmo que cinquenta mil dólares seria problema para mim? Olha a sua volta. — Disse quase em um grito.

Eu o encarei com raiva, sentindo-me comprada por ele desde aquele jantar. É assim que as prostitutas se sentem? Compradas por terem que se entregar a um homem por dinheiro e humilhadas por terem que engolir insultos? Como eu gostaria de não ter que precisar de nada disso, nesse momento.

— Não... que eu esteja querendo ofende-la. — Disse ao notar o quão rude foram as palavras que saíram da sua boca. — Só quero que saiba, que vou ajuda-la no que precisar.

— Eu agradeço, mas não precisa chamar isso de ajuda. Acho que tudo que está acontecendo, ficou bem claro para mim. — Disse com raiva.

— Maya... Não queria ter sido tão rude, é só que... saber onde você estava e a procura do que, deixou-me louco.

— Okay. Já entendi. — Disse voltando minha atenção para o prato a minha frente.

O restante do almoço seguiu em absoluto silêncio. Depois da sobremesa, Victor levou-me até uma enorme sala de estar e enquanto ele nos servia dois drinks, parei de ante do vidro transparente que tomava toda uma parede e contemplei a vista com montanhas. Ele entregou-me uma taça com Martini e se sentou em uma poltrona de couro marrom atrás de mim.

— Vem aqui. — Chamou com sua mão estendida para mim.

Eu a segurei e ele puxou-me para seu colo, tomando a taça da minha mão e a colocando sobre a mesinha redonda ao lado, junto com seu copo de Whiskey. Victor passou sua mão levemente por meus cabelos, os colocando para trás do meu ombro e orelha. Sua boca se aproximou do meu pescoço e deixou ali, um leve beijo que me fez arrepiar. A mão que estava em minha cintura, apertou-me com certa força, enquanto a outra passeava livremente por meu corpo com carícias

que me provocavam uma excitação. Ele beijou meu pescoço, deixando minha pele úmida e com marcas de suas dolorosas mordidas. Lacei seu pescoço com meus braços e com delicadeza acariciei seus cabelos da nuca. Sua boca subiu até a minha, dando-me um beijo de tirar o fôlego.

Sentei-me de frente para ele, deixando minhas pernas uma para cada lado do seu quadril e o beijei com vontade e tesão, que já percorria meu corpo e se acumulava em minha intimidade. Eu estava com raiva dele pela forma que me tratou no almoço, mas não conseguia conter-me por mais que eu quisesse. Seus toques, sejam eles com as mãos ou os lábios, me excitam. A cada segundo, nosso beijo se tornou mais intenso e uma ereção crescia dentro da sua calça. Victor tirou minha blusa e meu sutiã, os deixando jogados pelo chão e percorreu com beijos meu pescoço, descendo por minha clavícula até chegar em meus seios. Ele os chupou com vontade, passando seus braços por minha cintura e trazendo meu busto para perto do seu rosto. Eu rebolei em seu pênis duro, sobre o tecido, sentindo minha intimidade ficar cada vez mais úmida. Como eu já

PERIGOSAS NACIONAIS

o quero dentro de mim de novo.

— Não vou lhe tratar como uma prostituta, Maya. Vou lhe tratar como minha propriedade! — Disse com sua boca próxima aos meus seios. Abri sua calça e puxei seu pau para fora, o libertando do jeans e da cueca. — Quero sentir seus lábios doce, em mim. — Disse enquanto eu começava a masturba-lo lentamente.

Desci do seu colo e coloquei-me de joelhos a sua frente. Ele segurou seu pau pela base em sua mão e eu o abocanhando quase por inteiro, o levando fundo em minha garganta. Escutei Victor gemer baixo, entranhando sua outra mão em meus cabelos. Sua carne estava dura como pedra e latejava forte dentro da minha boca. A cada vez que o sugava, engolindo seu membro por quase inteiro, ele gemia mais alto e puxando com força meus cabelos. Massageei suas bolas inchadas de tesão, tentando o levar mais fundo em minha garganta.

— Maya! — Chamou-me em meio a um gemido ofegante, deixando meu corpo completamente louco para recebe-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Victor puxou minha cabeça para trás, tirando seu pau de dentro da minha boca e se masturbando enquanto gozava forte e grosso em meus seios descobertos. Sua porra escorreu por minha barriga até meu umbigo, deixando-me toda melada. Ele passou seu dedo em seu gozo, apanhando um pouco e levando até minha boca. Chupei seu dedo de forma provocante e sugestiva, olhando em seus olhos e vendo o quanto de desejo havia neles.

— Fique aqui, exatamente como está! — Mandou antes de se levantar e caminhar até uma porta no final da sala.

Victor voltou com uma pequena toalha nas mãos, umedecida com água morna, limpou meus seios e onde mais havia sujado. Ele jogou a toalha no chão e curvou-se para frente, dando-me um leve beijo nos lábios e puxou minha cabeça para deitar em seu colo. Victor acariciou meus cabelos, enquanto eu permanecia de joelhos para ele, sentada sobre meus calcanhares. Por mais estranho que isso pareça, eu estava confortada aos seus cuidados naquele momento. Depois de um tempo, fomos para o seu quarto e direto para o chuveiro.

PERIGOSAS ACHERON

Victor entrou junto comigo desta vez, mandando que eu ficasse de costas para ele e apoiasse minhas mãos na parede, empinando bem minha bunda para trás.

Senti seus dedos acariciarem meu clitóris e depois me penetrar lentamente, fazendo com que eu soltasse um grunhido contido dentro da boca. Ele me masturbou por alguns minutos, deixando-me cada vez mais excitada. Victor agarrou meu quadril com suas duas mãos e enterrou seu pau fundo em mim de uma só vez. Gemi alto e surpresa. Seus grunhidos, deixam-me maluca querendo-o cada vez mais. Transamos debaixo do chuveiro por quase uma hora, até que gozei sem ar pela segunda vez e ele logo depois de mim. De banho tomado, Victor me deu uma de suas camisas para vestir e se deitou comigo em sua cama. Ele me puxou para o seu peito e assim, acabei caindo no sono.

Quando acordei, vi pelas portas de vidro entre abertas do quarto, que o dia já havia ido e dado lugar a uma noite de brisa fresca. Victor não estava na cama e o quarto estava bem silencioso. Levantei-me indo até o banheiro e passei uma água

PERIGOSAS ACHERON

fria no rosto, a fim de me despertar de uma vez e penteei os cabelos bagunçados com a escova que estava sobre a pia. Voltei para o quarto e caminhei até varanda e escorei-me no para peito de madeira, respirando fundo a brisa fresca e úmida com meus olhos fechados. Comecei a pensar nos meus pais e de como seria o dia amanhã para minha mãe, ela dará início a um novo tratamento para sua cirurgia futura.

— Não quis te acordar. — Disse Victor atrás de mim, tirando-me dos meus pensamentos.

— Eu estava mesmo me sentindo cansada. — Disse virando-me para ele. — Você saiu? — Perguntei ao vê-lo vestido em um terno cinza chumbo com camisa branca e uma gravata azul escuro com finas listras prateadas.

— Eu percebi. Tive que sair, tinha assuntos para resolver. — Disse passando seus braços por minha cintura. — Está se sentindo mais descansada agora?

— Estou. — O respondi com um sorriso nos lábios.

— Ótimo. Porque você não vai para casa hoje.

— Não? — Perguntei surpresa.

— Não. Nós vamos foder a noite inteira, minha querida. — Disse e sorriu com provocação, antes de me beijar.

CAPÍTULO 10

Victor cumprir suas palavras e foi o que realmente fizemos a noite toda. Ele mandou que eu vestisse a lingerie de seda preta, com detalhes em renda vermelha, sinta liga, meias finas e saltos alto, que ele havia comprado para mim essa tarde. De joelhos e pernas abertas, com os pés e as mãos algemados para trás, ele torturou-me por longos minutos com um vibrador em meu clitóris, por cima da calcinha. Eu gozei intensamente, gemendo alto e sentindo minhas pernas fraquejarem. Sentada sobre meus calcanhares, fechei meus olhos buscando folego e quando os abri, encontrei Victor nu a minha frente, exibindo sua enorme ereção grossa. Ele puxou meus cabelos da nuca, levando minha cabeça para trás e se masturbou rápido chegando a um orgasmo com gemidos baixos. Nossos olhares estavam conectados olhos nos olhos, de forma intensa e sedutora.

— Abra a boca! — Mandou ofegante e eu o obedeci.

Victor gozou minha boca, deixando escorrer um pouco por meu lábio inferior até o queixo. A cada jato do seu esperma, ele gemia aliviado com seus olhos ainda nos meus, sem nem mesmo piscar por uma vez. Engoli tudo o que foi despejado em minha boca, passando a língua no que havia derramado para fora. Victor desprendeu as algemas dos meus punhos e tornozelos, ajudou-me a levantar. Ele beijou-me com desejo, provando do próprio gosto, enquanto suas mãos apertavam minha bunda. Victor pegou-me em seus braços e me levou de volta para seu quarto, mandando que deitasse em sua cama.

— Fique de quatro sobre o colchão! —
Ordenou.

Ele foi até o closet e logo voltou com algo prateado em sua mão. Ele mandou que eu relaxasse e então, introduziu o objeto que trouxe consigo, em meu ânus. O metal estava frio e escorregadio, deslizou para dentro do mim sem dificuldades. Eu sabia que aquilo era um plug anal, já havia visto alguns no sexy shop, mas nunca usado. Meus músculos estavam ainda mais tensos, eu já havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

feito sexo anal antes, mas tinha sido com Mark e não foi nada prazeroso. Nos primeiros segundos, foi um tanto desconfortável, mas as suas mãos que acariciavam minha bunda e coxas, ajudaram-me a relaxar e logo me acostumei. Depois de introduzir o plug, foi sua vez de entrar em mim. Ele beijou minhas costas e suas mãos ainda me tocavam quando o senti penetrar seu pau rígido em minha boceta. Ele entrou e saiu vagarosamente por algumas vezes, deixando-me louca de tesão, desejando que ele me penetrasse mais rápido. Mordi com força meu lábio inferior, tentando conter meus gemidos altos de prazer.

— Victor... por favor! — Implorei ofegante, em meio a um gemido desesperado.

— Já estava me perguntando quando iria implorar. — Disse penetrando-me em uma estocada bruta.

Fizemos sexo de quatro até gozarmos juntos. O ar queimava em meu peito, nunca tinha sido tão gostoso como agora. Respirei fundo diversas vezes, tentando recuperar meu folego. Victor retirou o

PERIGOSAS ACHERON

plug anal, dando-me uma sensação de alívio prazerosa.

— Deite-se de lado! — Mandou acertando um tapa estalado em minha bunda.

Assim eu fiz e ele deitou-se em seguida atrás de mim, penetrando minha bunda com seu pau melado nosso gozoso. Devagar, ele começou a se movimentar até que eu me acostumasse com ele dentro de mim e os poucos, Victor foi penetrando-me com mais força e rapidez. Suas mãos apertavam meus seios com muita força e beliscavam meus mamilos. Uma mistura de dor, desconforto e tesão, tomou meu corpo, levando-me ao ápice. Não demorou muito para que eu gozasse e minutos depois foi sua vez, enchendo-me com sua porra. Uma mordida em meu ombro, despertou-me do transe pós orgasmo. Transamos por toda a noite. Victor têm seu jeito bruto, mas também é cheio de caricias. Depois de um banho, adormeci em seu peito, sentindo-me saciada pela primeira vez na vida.

Acordei pela manhã sozinha, sentindo um

cheiro forte de café no quarto. Sentei-me de olhos estreitados na cama, acostumando-me a luz do sol que invadia o quarto. Olhei ao meu redor e Victor não estava, eu o chamei, mas não ouvi sua voz em resposta. Avistei um roupão de seda sobre uma poltrona adiante, próxima ao closet. Levantei-me indo até ele e o vesti. Caminhei até o banheiro, e penteei a bagunça que estava meus cabelos e escovei meus dentes. Voltei para o quarto e fui para a antessala, encontrando uma linda mesa servida com o café da manhã. Sentei-me no sofá e admirei as frutas frescas a minha frente, pegando um pêssego e dando uma mordida sedenta. Notei que sobre o guardanapo dobrado, dentro do prato, havia um cartão branco, com as iniciais V W gravadas nele em dourado. Eu o peguei e abri curiosa, já imaginando ser algum bilhete do Victor.

**Tome seu café da manhã e desça.
Suas roupas estão no closet.**

- Victor.

Depois de comer um pouquinho de quase tudo que havia ali, tomei um bom banho e fui para o closet. Fiquei surpresa ao ver quantos vestidos e sapatos novos, guardados ali dentro. Escolhi um vestido azul marinho, de corpo justo e saia rodada, calcei um par de sandálias pretas de salto Anabela e saí do quarto descendo para o hall, encontrando alguns dos empregados pelo caminho.

— Bom dia, Srta. Valentine. — Desejou uma empregada vindo até mim.

— Bom dia. — A respondi.

— O Sr. White lhe espera no escritório. É no fim do corredor a direita. — Disse ela, repousando sua mão esquerda em sua barriga gestante.

Aquela imagem veio como uma cena em minha cabeça. Eu e Victor, havíamos nos divertido por horas e horas no dia e noite de ontem, e não usamos camisinha nenhuma vez. Por mais que eu fizesse uso regular do anticoncepcional, eu não confiava nisso cem por cento. Terei que conversar

com Victor sobre isso depois. Tudo o que menos preciso agora, é envolver um inocente nessa bagunça que é minha vida. Segui pelo corredor a direita, até chegar a portas duplas de madeira. Uma parte estava entre aberta, eu a empurrei e bati de leve com os nós do dedo contra a madeira. Victor estava ao telefone de costas para mim, segurando seu celular com sua mão esquerda em seu ouvido e com a direita enfiada no bolso de sua calça. Entrei em sua sala e parei um pouco distante dele, o suficiente para não o atrapalhar.

— Okay. Obrigado. — Disse ele antes de encerrar sua ligação e guardar o celular no bolso interno do seu paletó. — Uau! Você está linda. — Disse ao se virar para mim.

— Eu me perguntei o que você tem contra calças jeans. Só haviam vestidos lá. — Disse o fazendo sorrir.

— Elas cobrem suas pernas. É o que tenho contra elas. — Victor se aproximou e parou a um passo de ante de mim.

— É, são calças. É isso que elas fazem. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Disse sorrindo.

— Não gostou dos vestidos? Posso mandar que troquem todos eles. — Disse apoiando suas mãos em meu quadril.

— Não. São lindos. Todos eles! — Disse com firmeza.

— Tenho um almoço de negócios hoje. Vou pedir que meu outro motorista a leve para o campus, mas quero vê-la a noite. Então esteja livre.

— Claro.

Victor pegou meu rosto entre suas mãos e beijou meus lábios de leve. Ele puxou-me pela mão até o sofá ao lado e se sentou deixando-me de pé a sua frente, entre suas pernas. Ele subiu suas mãos lentamente por minhas coxas até minha bunda e a apertou. Seus dedos puxaram vagarosamente minha calcinha, até meus joelhos e a soltou deixando cair sobre meus pés. Victor olhou-me e curvou seus lábios em um sorriso maldoso, levantando a saia do vestido para cima.

PERIGOSAS ACHERON

— Afaste as pernas. — Mandou.

Eu o obedeci e ele aproximou seu rosto da minha intimidade e deu-me um beijo quente e úmido, que me fez arrepiar e curvar-me um pouco para frente, apoiando minhas mãos em seus ombros. Ele sugou meu clitóris com vontade e eu gemi baixo, deliciando-me de sua boca em mim. Victor agarrou minha bunda com força, puxando-me para si e mordendo levemente meu clitóris, fazendo-me gritar de tesão. Minhas pernas fraquejaram quando Victor introduziu dois de seus dedos em minha boceta excitada, deslizando lentamente para dentro de mim. Ele me masturbou com mais agilidade, enquanto beijava minha intimidade. Um tremor e um calor familiar, instalou-se em meu corpo e eu soube que estava prestes a gozar.

— Não goze! — Mandou apertando sua mão que estava em minha bunda.

Victor afastou-se e me puxou para o sofá pedindo que eu ficasse de joelhos sobre o estofado, deixando um para cada lado do seu quadril. Ele

continuou a me masturbar, enquanto eu tentava me controlar. Senti que estava prestes a explodir em um orgasmo. Fechei meus olhos e os apertei com força, jogando minha cabeça para trás e agarrando seus cabelos com minhas duas mãos.

— Não goze, Maya! — Mandou alto, observando minha agonia. — Olhe para mim.

— Victor. — O chamei em meio um gemido ofegante e sussurrado, ignorando sua ordem.

Assustei-me com a ardência do seu tapa em minha coxa e abri meus olhos encarando os seus. Ele tinha uma feição séria, que o deixava ainda mais sexy. Senti meu corpo estremecer forte, como um sinal claro de que eu não podia mais ter esse controle.

— Victor. Por favor. — O implorei ofegante.

Ele tirou seus dedos de mim e me puxou pela cintura, jogando-me de costas contra o assento do sofá. Ele acomodou-se entre minhas pernas, abrindo sua calça e arrancando seu paletó, o jogando no chão ao lado. Victor penetrou-me

fundo, fazendo-me gritei agarrando seus cabelos e gozando loucamente em seu pau. Antes mesmo que os espasmos parassem, ele desferiu dois tapas seguidos em minha coxa, causando uma a dor rápida e uma ardência.

— Não grite! — Mandou acertando outro tapa no mesmo lugar. — Sabe o porquê está sendo castigada, Maya?

— Não. — Respondi baixo.

— Porque mandei não gozar. — Disse alto. — Mas você me desobedeceu. Então conte comigo, querida. Serão cinco tapas em cada nádega.

Ele se afastou e virou-me de bruços, levantando meu vestido e acertando o primeiro tapa.

— Um. — Comecei a contar e ele disparou mais dois tapas seguidos do mesmo lado. — ...três, quatro... — Já sentia minha pele dolorida e quente. — ...sete, oito... — Uma lágrima solitária desceu por meu rosto. — ...dez. — Finalmente acabou e ele se debruçou sobre minhas costas, afastando

meus cabelos do pescoço e o deixando descoberto para um beijou.

— É necessário castigo, para se corrigir. — Disse baixo em meu ouvido.

Victor ergueu-se e acariciou minha bunda. Seu toque suave, permitiu que eu sentisse o quanto minha pele esta dolorida. Com toda certeza, deve estar com a marcas da sua mão.

— Vamos. Ruan, irá leva-la para casa.

Levantei-me ajeitando meu vestido e meus cabelos, Victor puxou-me para si e me abraçou pela cintura juntando nossos corpos. Ele acariciou meu rosto e beijou-me lento e demorado.

— Vamos sair para jantar está noite. Vou mandar que Noberto leve o que deverá usar no jantar.

— Okay. — Respondi antes dele beijar-me novamente, com um beijo mais intenso.

Ruan deixou-me em casa e quando cheguei, Penny não estava. Já faziam vinte e quatro horas

que não a via ou falava com ela. Depois de um banho, vesti uma camiseta larga e um short curto, e deitei-me na cama caindo no sono. Acordei com batidas na porta do quarto e sendo chamada insistentemente por uma das nossas colegas da fraternidade.

— Entregaram isso para você. — Disse ela, estendendo-me uma caixa grande e retangular.

— Obrigada, Lucy. — A agradei entrando para o quarto e fechando a porta.

Coloquei a caixa sobre a cama e a abri. Dentro dela, um lindo vestido vermelho, com comprimento até o meio das coxas, costas decotadas e mangas longas. No fundo da caixa, uma caixinha de couro chamou minha atenção. Eu a peguei e a abri, vendo o lindo par de brincos longos que Victor havia me dado no jantar da outra noite. Um pequeno cartão dentro da caixa, ditava uma ordem. “ Use-os! ”, era o que dizia. Guardei o vestido e os brincos de volta na caixa e peguei meu celular sobre o criado mudo ao lado da minha cama e olhei as horas, já estava bem tarde e eu não havia recebido nenhum sinal de

vida da Penny. Preocupada, liguei para ela, mas não me atendeu. Resolvi mandar uma mensagem para ela, pedindo que me ligue logo e outra para o Victor, o agradecendo pelo vestido maravilhoso. Fui respondida em segundos.

**Não me agradeça por isso. Só esteja linda nele está noite.
Nos vemos às oito.**

-Victor.

04:15 p.m.

Deitei-me novamente na cama e fiquei olhando para teto, pensando outra vez nos meus pais. Eu já estava morrendo de saudades deles. Como eu gostaria de estar em casa agora. A porta do quarto se abriu e Penny passou por ela, trazendo junto consigo, um alívio para o meu peito.

— Onde você estava? — Perguntei brava, sentando-me na cama. — Eu te liguei, mas você não me atendeu.

— Não, não! Eu é que pergunto. Onde você se meteu? Sumiu por um dia todo sem me dar notícias. Não é porque estava com o coroa

PERIGOSAS NACIONAIS

gostosão, que eu não vou me preocupar com você.

— Disse em um tom severo de voz.

— Desculpe. Você tem razão.

— Mas então... como foi com o Victor? — Perguntou sentando em sua cama de frente para mim.

— Na verdade, ... — Parei por alguns segundos, lembrando-me das últimas vinte e quatro horas. — ...foi bom.

— Só isso? Só... foi bom? — Perguntou desapontada.

— Ele me deu quinze mil dólares.

— O que? — Perguntou alto e arregalando os olhos. — Quinze mil... Ah, meu Deus, Maya!

— É.... pelo que entendi isso é só pela primeira semana com ele.

— Nossa... você arrasou com ele. — Disse rindo. — O que fizeram? — Perguntou curiosa, entrelaçando as pernas sobre a cama.

— De tudo um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é de tudo um pouco? Fala logo, estou curiosa

— Ele descobriu tudo sobre mim. Sobre a falência do meu pai, a doença da minha mãe e.... sobre eu ter ido à festa naquela casa com você. Por isso me procurou aqui.

— Aí, caramba. Mas como ele...

— Evan! — Respondi sua pergunta, antes mesmo que ela a concluísse.

— Mas que merda. O que ele te disse?

— Que sabia o porquê que eu estava lá, mesmo depois de eu garantir a ele que eu não era uma prostituta.

— Nossa, Maya...

— Depois ele me disse que se eu quisesse ficar com alguém por dinheiro, que eu ficasse com ele.

— Uau! Ele foi bem direto.

— E não acaba aí. Ele pediu para ser meu dominador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um dominador? — Perguntou assustada em quase um grito.

— Shhh... Fala baixo.

— Maya, isso pode ser perigoso. Você nunca viveu algo assim e....

— Está tudo bem, Penny. Não foi tão ruim assim. Teve umas coisas que foram um pouco desagradáveis no começo, mas... acho que tudo é questão de escolha e entrega, então...

— Se ele for um daqueles sádicos por tortura, não permita que ele a machuque! — Disse interrompendo-me.

— Acho que ele não é assim. Ele parece curtir domínio e alguns coisas a mais na cama, mas não é sádico. Não se preocupe, ele é bom comigo. — Garanti a ela. — Mas do que eu esperava na verdade.

— Tomara que ele continue assim. — Disse fazendo uma careta de brava, que me fez sorrir. — O que tem nessa caixa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, é.... um vestido. Vamos sair para jantar hoje.

— Posso ver? — Pediu levantando-se da cama em um pulo e tirando a tampa da caixa. — Minha nossa! — Disse ao tirar o vestido de dentro da caixa, o admirando. — Vai enfartar o velho assim. — Gargalhei alto.

— Acredita em mim. Se ele não enfartou ontem e nem essa madrugada, eu acho que ele não corre esse risco. — Disse levantando-me e pegando o vestido das suas mãos.

— Mas que safada. — Disse rindo e acertando um leve tapa em meu braço, com as pontas dos dedos. — Tenho uma sandália perfeita que irá combinar com esse vestido. — Disse abrindo seu guarda-roupas. — Já sabe para onde vão?

— Não. Ele não me disse nada. Só que vem me buscar as oito. — Disse indo atrás dela.

— Aqui. Use está. — Disse entregando-me um par de sandálias vermelhas de cetim, com o salto coberto por cristais transparentes.

PERIGOSAS ACHERON

— São lindas, obrigada.

— Já são quase cinco e meia. Acho melhor você ir tomar um banho e lavar os cabelos. Vou arrumá-los para você.

CAPÍTULO 11

◇ *Victor* ◇

Era tarde da noite e eu estava trabalhando em meu escritório de casa, quando recebi uma mensagem do Evan em meu celular. Uma que me desagradou bastante, confesso. Era uma foto da Maya em umas das mansões sugar, na companhia de um homem que não era eu. Senti uma enorme raiva e vontade de ir até lá e tira-la pelos cabelos daquele lugar. Pude ver em seus olhos, desde a primeira vez que a vi, que ela não é assim. Pedi ao Rob, um dos meus homens, que descobrisse tudo sobre ela, o máximo que pudesse. Quando ele apareceu com as informações, soube sobre sua família e entendi seu motivo de estar naquele lugar. Jamais senti tanta vontade de cuidar e proteger alguém, como quero fazer com ela, ao mesmo tempo que também a quero de joelhos para mim. Nunca vi tamanha delicadeza nos olhos de alguém. Sua beleza e seu sorriso, são tão inocentes e frágeis,

PERIGOSAS NACIONAIS

que chegam a enlouquecer-me de desejo. Ela é perfeita para mim. Há uma necessidade, que grita alto em meu peito. Preciso que ela seja minha. Somente minha!

— Sr. White. — Chamou Noberto ao entrar em meu escritório.

— Sim.

— Fiz o que senhor mandou. Entreguei a caixa na universidade.

— Okay. Obrigado, Noberto.

— Desculpe atrapalhar, Senhor, mas temos uma reunião. — Disse minha secretária ao entrar na sala.

— Nos falamos mais tarde. — Disse a ele, levantando-me da minha cadeira e abotoado meu paletó.

Noberto deixou minha sala, e nós seguimos para mais uma reunião do dia. Sentado na ponta da comprida mesa de vidro, ouvia disperso todos falarem alto, em uma quase discussão, sobre a baixa de algumas ações. Meus pensamentos

PERIGOSAS ACHERON

estavam um pouco longe do assunto debatido, eu pensava na garota que passou o dia e noite anterior comigo. Preciso cuidar dela. É somente no que penso. A noite chegou e eu me sentia ansioso para vê-la. Ri para meu próprio reflexo no espelho do closet, ao notar que tinha um sorriso bobo no rosto, como se eu fosse a porra de um adolescente esperançoso para mais um encontro. Noberto estacionou o carro à frente da fraternidade, próximo ao meio fio e logo a vi sair pela porta da frente, usando o vestido que eu escolhi a dedo para ela. Ele abriu a porta e eu sorri ao ver seus lábios curvarem-se em um sorriso envergonhado. Ela entrou, e eu puxei-a para mais perto de mim e beijei de leve sua boca pintada de vermelho pelo batom.

— Está maravilhosa, querida. — Disse acariciando seu rosto.

— Você também está muito bonito. — Retribui o elogio, alisando suas mãos em meu paletó cinza claro.

— Tenho algo para você. — Disse pegando uma caixa quadrada de couro vermelho da Cartier,

no compartimento a frente.

Entreguei o presente a ela, que abriu em seguida, observando maravilhada com os lábios entre abertos. Dentro, um bracelete de ouro amarelo em formato de um prego longo, que dá a volta no punho, encontrando-se nas pontas cravejadas de diamantes. O peguei e puxei sutilmente seu braço esquerdo para mim, prendendo-o em seu punho fino e delicado.

— Não tire nunca! Entendeu, Maya? — Perguntei sério, encarando-a nos olhos.

— Entendi. — Respondeu baixo.

— Isso é para que os demais saibam, que você pertence a alguém.

Ela sorriu e tocou o bracelete com as pontas dos dedos, admirando-o. Alisei seus cabelos, atraindo seu olhar novamente para mim e a puxei aconchegando-a em meu colo. Encostei nossas testas, sentindo minha pele tocar a sua que é tão macia. Beijei seus lábios com lentidão, apreciando sua boca quente. Ela passou seus braços por meu

pescoço e eu senti seus dedos acariciarem meus cabelos da nuca.

— Obrigada, Victor. É lindo. — Surrou, ao separar
nosso beijo.

— Que bom, que gostou. Agora... tem mais
uma coisa que quero que use está noite.

Peguei no bolso do meu paletó um saquinho de veludo preto e o desamarrei virando sua abertura para baixo e deixando cair na palma da minha mão, um plug anal em formato de gota com uma pedra de rubi na base. Ela olhou para ele e eu sorri ao ver suas bochechas rosarem. Fechei o vidro fume entre nós e Noberto, nos dando privacidade.

— Fique de quatro, Maya. — Mandeí e assim ela fez.

De quatro sobre o banco, eu subi seu vestido até sua cintura e descí sua calcinha até seus joelhos, deixando sua bunda perfeita descoberta. Ela olhou por cima do ombro, encarando-me nos olhos com a respiração um pouco ofegante. Levei minha mão até sua boceta lisinha e deslizei meus dedos entre

seus lábios. Para minha surpresa, ela estava molhada. A penetrei com dois dos meus dedos, vendo-a fechar os olhos e a ouvindo deixar escapar um gemido contido. Seu jeito envergonhado, sempre me deixa louco e excitado. Retirei meus dedos, e lubrifiquei o plug em sua própria umidade.

— Relaxa, querida. — Disse acariciando sua coxa.

Introduzi lentamente o metal em formato de gota, vagorosamente em seu ânus e ela gemeu mais alto, agarrando a beirada do banco com suas mãos. Parei por um segundo e admirei a joia entre suas nádegas. Acertei um tapa em sua bunda, vendo a sua pele pálida ficar marcada por minha mão. Vesti sua calcinha e ajeitei seu vestido. Ela se sentou e olhou para mim, colocando uma mecha dos seus cabelos escuros para trás da orelha. Seu rosto estava vermelho e sua respiração um tanto acelerada.

— Você está bem? — Perguntei.

— Estou. — Respondeu procurando uma posição confortável no banco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual é a sensação?

— Uma sensação boa, eu acho. Esse parece ser diferente do que usei ontem.

— É sim. É maior e mais grosso. — Sorri ao vê-la engolir seco. — Não tire. Entendeu? — Disse imponente e sério.

— Entendi. — Respondeu recostando-se no banco.

Não demorou muito e logo já estávamos no restaurante. Noberto abriu a porta e eu desci primeiro, estendendo minha mão para ajudá-la a descer em seguida. Entramos de braços dados e a recepcionista nos levou até a mesa que havia reservado mais cedo. O restaurante estava cheio e no caminho até nossos lugares, vi quase todos homens torcerem seus pescoços para olharem a linda mulher de vestido vermelho ao meu lado. Isso estranhamente me incomodou. Puxei a cadeira para ela, que me agradeceu com um doce sorriso e sentou-se lentamente fazendo uma feição engraçada, arrancando-me um riso baixo.

— Você se acostuma. — Sussurrei em seu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

Sentei-me ao seu lado na mesa redonda, e pedi ao garçom uma garrafa de um vinho tinto francês, que logo a trouxe nos servindo de duas taças. Tomei frente dos nossos pedidos e quando o garçom se retirou, deslizei minha mão por sua coxa, levando meus dedos até sua intimidade por debaixo do seu vestido. Maya olhou-me assustada, afastando a taça dos seus lábios. Mantive-me sério, tomando mais um gole do bom vinho.

— Afaste as pernas. — Mandeí baixo.

Ela resistiu por alguns segundos, mas cedeu quando apertei sua coxa, mostrando-a que era uma ordem e não um pedido. Puxei o elástico da sua calcinha para o lado e toquei seu clitóris, o massageando de leve. Ela gemeu baixinho contido em sua boca, encolhendo seus ombros e encarando a taça a sua frente sobre a mesa. Deslizei meus dedos até sua entrada e ela puxou o ar entre os lábios assustada e segurou minha mão com as suas, fechando os olhos.

— Abra os olhos. — Mandeí sussurrado em seu ouvido. — Olhe para mim! — Disse um pouco

mais alto.

Maya olhou-me com as bochechas e o nariz avermelhados e ainda segurando firme meu punho, impedindo de acaricia-la.

— Por favor. — Pediu baixinho. — Estamos em público.

— Eu sei. Isso é excitante, não é?

Ela engoliu seco e soltou meu punho, recostando-se na cadeira e abrindo suas pernas, que apertavam minha mão entre elas, a segundos atrás. Escorreguei meus dedos para dentro dela, a vendo morder seu lábio inferior.

— Tudo bem se quiser gozar. — Sussurrei em seu ouvido. — Só não grite ou gema alto.

Ela escondeu seu rosto em meu pescoço e agarrou a lapela do meu paletó com sua mão direita. Encostei meus lábios em sua testa e pude sentir o quanto ela estava quente. Sua outra mão agarrou meu braço com força, cravando suas unhas e enfim ela gozou, deixando minha mão molhada e meus dedos ensopados. Sua mão afrouxou-se do

PERIGOSAS NACIONAIS

meu braço e ela ergueu sua cabeça olhando-me envergonhada.

— Gostou? — Perguntei.

— Sim. — Respondeu baixo, ajeitando-se na cadeira.

Tirei um lenço de dentro do bolso interno do paletó e discretamente, abaixo da mesa, limpei minha mão e o guardei de volta.

O jantar foi servido com os cumprimentos do chefe. Nós comemos e tomamos o restante do vinho.

— Tenho que viajar depois de amanhã. — Disse a ela, enquanto esperávamos pela sobremesa.

— Okay. — Respondeu pousando a taça vazia sobre a mesa.

— Vou para Las Vegas e se caso desejar, tem minha permissão para ir para Tulsa. — Ela sorriu para mim e eu pude ver alegria em seus olhos. Como não querer cuidar de alguém assim.

— Isso será ótimo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou mandar que minha secretária compre sua passagem amanhã.

— Obrigada. — Agradeceu sorridente.

— De nada, meu anjo. — Disse acariciando sua coxa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

Depois da sobremesa, o chefe veio nos cumprimentar pessoalmente. Só então prestando atenção na conversa, foi que entendi que Victor é dono do restaurante.

— Então é dono desse lugar incrível? — Perguntei enquanto deixávamos o local.

— Prefiro investir meu dinheiro em grandes indústrias, mas este restaurante está na minha família a anos.

— O lugar é maravilhoso e o fluxo é melhor ainda. Não teria porque se desfazer daqui. — Disse entrando no carro.

— Se eu ao menos pensasse em fazer algo assim, minha mãe reviraria no tumulo, acredite. — Disse humorado, fazendo-me rir.

— Vamos para sua casa? — Perguntei quando Noberto virou para o lado oposto da universidade.

— Vamos. Mas no caminho... — Disse ele

passando as pontas de seus dedos por meu queixo e encarando-me com um olhar provocativo. — ...quero essa sua boquinha linda no meu pau.

Sorri para ele, já com desejo de ter sua carne em minha boca. Victor podia ter seus sessenta anos e pagar-me para estar ali com ele, mas eu sinto um enorme tesão por esse homem. Ajoelhei-me no assoalho entre suas pernas e abri sua calça, puxando-a para baixo com sua ajuda. Seu pênis já estava duro e sua cueca branca, marcada por manchinha úmida. Libertei sua ereção do tecido fino, puxando sua cueca para junto da calça. Bastou toca-la levemente com minha mão para Victor soltar um gemido pelos lábios entre abertos. Passei minha língua suavemente por sua glândula inchada e rosada, lambendo o líquido transparente da sua pré-ejaculação. Ele gemeu outra vez, deitando sua cabeça para trás no encosto do banco.

O abocanhei por inteiro, permitindo que entrasse fundo em minha garganta, controlando-me para não sentir ânsia. O chupei com vontade, desejo e tesão. Victor entranhou sua mão direita em meus cabelos, os puxando de leve e permitindo que eu

PERIGOSAS ACHERON

seguisse com ritmo em que o chupava. Sentir seu pau latejar em minha boca, é extremamente excitante. Levei minha outra mão até suas bolas inchadas e as massageei com cuidado, o ouvindo puxar o ar entre os dentes. Victor gemeu alto e puxou meus cabelos da nuca com força, mostrando-me o quanto estava com tesão. A cada vez que o engolia, seu pênis latejava mais forte em minha língua e suas bolas contraíam-se em minhas mãos, eu podia sentir o quanto seu orgasmo estava perto. Para tortura-lo, o chupei mais devagar afastando minha mão dos seus testículos.

— Ah, Maya. Quem provoca tortura aqui, sou eu, querida. — Disse ofegante, em meio a um gemido e outro.

Victor segurou firme meus cabelos com suas duas mãos e comandou o boquete, tirando de mim a chance de provoca-lo. Ele gemeu mais alto, liberando todo o ar de seus pulmões pela boca. Sua carne estremeceu e enrijeceu como pedra em minha garganta, fazendo-me ansiar por seu gozo morno. Mas antes que eu pudesse sentir seu gosto, ele puxou meus cabelos para trás, afastando-me dele e

PERIGOSAS ACHERON

masturbou-se, gozando em sua outra mão. O encarei decepcionada e ele sorriu triunfando da minha decepção.

— Isso, querida... — Disse pegando o lenço novamente de dentro do seu paletó e limpando sua mão. — ...é para você aprender que quem provoca, castiga e tortura, é apenas eu!

Ele jogou seu lenço no pequeno cesto de lixo ao canto e ajudou-me a sentar no banco. Ajeitei meu vestido puxando-o para baixo e passei meus dedos por meus cabelos desgrenhados, respirando fundo buscando folego. Seguimos o restante do caminho em silêncio e logo chegamos a sua casa, sendo recebidos por Rose, sua governanta, ao entrar.

— Boa noite, Senhor. Suponho que tenhamos um pequeno problema.

— Disse ela ao pegar seu paletó.

Rose parecia um tanto aflita, olhando-me pelos cantos dos olhos. Victor mandou que eu subisse para o seu quarto e que o aguardasse lá. Como mandado, eu fiz. Subi pela escada e entrei em seu

quarto, indo diretamente para o banheiro. Vi pelo meu reflexo no espelho sobre a pia, que meu batom estava um pouco desbotado e borrado. Tirei meu vestido e o coloquei sobre um banquinho no canto, próximo a banheira. Penteei meus cabelos, os prendendo em um coque alto na cabeça e limpei o batom fora dos lábios com um lençinho de papel. Escutei a porta do quarto fechar-se, soltei meus cabelos os jogando para o lado com os dedos e saí do banheiro para encontrar com Victor, vestida somente de lingerie preta e salto alto. Ao entrar no quarto, dei de cara com um rapazinho de cabelos castanhos claros e que sorriu fascinado ao me ver quase nua a sua frente. Gritei assustada ao ver alguém estranho parado no quarto e tentei cobrir-me, em uma tentativa inútil, com meus braços.

— Quem é você? — Perguntou ele engolindo-me com os olhos.

— E.... eu.... Eu sou Maya. — Apresentei-me gaguejando envergonhada.

— Muito prazer, Maya. Eu sou o Caleb.

— O que faz aqui, Caleb? — Perguntou Victor

em um berro ao entrar no quarto. — Não mandei que fosse para o seu quarto?

— Não disse que estava de namorada nova, pai. — Disse rindo.

— Vista-se, Maya! — Mandou Victor em um grito, assustando-me.

Ele caminhando apressado até mim, com uma expressão nada satisfeita no rosto. Victor puxou o xale dos pés da cama e o enrolou a minha volta, cobrindo-me.

— Desculpe. — Sussurrei.

— Vá vestir uma roupa! — Mandou sério, bufando de raiva.

Envergonhada, entrei para o closet, vesti uma camisola de seda e coloquei um roupão de banho por cima. Voltei para o quarto e não encontrei mais ninguém ali dentro. Sentei-me nos pés da cama, já imaginando no castigo que irei receber por ficar quase nua na frente de um adolescente. Esperei por

quase meia hora e por fim Victor voltou, batendo a porta pesada de madeira com força. Ele estava sério e visivelmente muito irritado, seus olhos chegavam a estar vermelhos. Não estava gostando nem um pouco em vê-lo assim.

— Meu filho gostou do seu showzinho. Ele disse que devia existir uma lei, que proibisse garotas como você de usarem roupas. — Disse sério com a respiração pesada, mas eu não consegui me conter e acabei deixando escapar um riso baixo. — Acha isso engraçado? — Perguntou alto, quase em um grito.

— Desculpe, é que... — Fiz uma pequena pausa de segundos, respirando fundo e tentando controlar minha pequena crise de riso. — Ele é só um adolescente, Victor. Adolescentes dizem besteiras. Não brigue com ele, sou eu quem não deveria sair quase nua por aí.

Victor encarava-me sério, contraindo seu maxilar com força, parado de frente para mim com seus braços cruzados à frente do seu peito.

— É um adolescente, mas já pensa como um

PERIGOSAS ACHERON

homem. Quando disse que não queria que outro homem chegasse perto de você, também me referi ninguém a ver nua! — Terminou sua frase em um grito.

— Desculpe. — Pedi novamente, abaixando minha cabeça.

Ele se aproximou e deitou-me para trás, subindo na cama de joelhos e ficando por cima de mim. Victor beijou meus lábios vagarosamente, deixando o beijo mais intenso a cada segundo. Abracei seu quadril com minhas pernas e seu pescoço com meus braços. Suas mãos deslizavam por minhas coxas até minha bunda, a apertando de leve. Ele traçou beijos passando por meu pescoço, ombro e clavícula, até chegar em meus seios, abrindo o roupão e puxando a camisola para baixo, deixando-os expostos. Sua boca quente sugou meus mamilos com força, fazendo-me curvar as costas e gemer baixo. Ele esfregou sua ereção, ainda dentro da calça, entre minhas pernas, provocando-me excitação. Seus lábios juntaram-se aos meus novamente, em um beijo cheio de desejo. Desatei o nó de sua gravata e abri os primeiros botões da sua

PERIGOSAS ACHERON

camisa. Victor afastou-se de mim, ficando de pé a minha frente outra vez.

— Victor. — O chamei em um sussurro, tentando agarra-lo por sua gravata.

Ele sorriu malicioso com o canto da boca e começou a despir-se, tirando cada peça do seu corpo. Nu, exibindo sua ereção, ele pegou sua gravata no chão e se aproximou novamente.

— Fique nua. — Mandou e assim eu fiz, ficando de pé e retirando o roupão e a camisola, deixando por último, minhas peças íntimas. — Punhos. — Pediu com a voz severa.

Estendi meus punhos a ele, que os atou apertado com sua gravata. Victor mandou que eu deitasse novamente na cama, de quatro, empinando bem minha bunda para trás. Ele subiu no colchão, ficando de joelhos atrás de mim, acariciando meus quadris e costas, pedindo-me para relaxar. Devagar, senti ele puxar o plug do meu ânus, fazendo-me gemer de alívio. Ele afastou-se, sumindo para dentro do closet e voltando em seguida com um chicote branco de couro cru nas mãos e o jogando a

minha frente sobre a cama. Tensa, fechei meus olhos tentando controlar minha respiração pesada e acelerada. Algo extremamente gelado tocou meu ânus, fazendo-me gemer assustada e abrir os olhos. Victor riu baixo, entrando com a coisa molhada e gelada em mim.

— O que é isso? — Perguntei ofegante.

— É só gelo, querida. É feito de água e derrete. Não se preocupe. — Disse com sarcasmo. — É só para acalmar seu cuzinho, depois de horas com o brinquedinho. — Senti seus lábios roçarem de leve meu ombro. — Está noite será longa e você não irá gozar. — Sussurrou em meu ouvido, deixando-me frustrada outra vez.

Então este é meu castigo, por ficar de lingerie na frente do seu filho? Mas que culpa eu tenho? Sem aviso prévio, Victor penetrou-me com seu pau em uma estoca bruta, deslizando fácil para dentro da minha boceta. Gemi sem ar, o sentindo entrar e sair lentamente de dentro de mim, deixando-me louca de tesão. Remexi meus quadris tentando fazer com que ele me penetrasse mais rápido, mas ele os

segurou firme, impedindo que eu os movesse. Victor torturou-me por longos e agonizantes minutos, interrompendo cada orgasmo que se aproximou. Ele deitou-me de barriga para cima e segurou meus punhos atados a cima da minha cabeça, e me fodeu com força, parando bruscamente quando mais um orgasmo começou a estremecer meu corpo anunciando sua chegada. Ele me martirizou, até que se deu por satisfeito de me castigar e gozou em minha barriga, gemendo alto.

— Fica ainda mais linda, com minha porra derramada em você. — Disse ofegante, admirando sua lambança com orgulho estampado nos olhos.

Ele desatou sua gravata e carregou-me em seu colo até o banheiro, me colocando no chão dentro do box e ligou o chuveiro. Victor lavou cada parte do meu corpo com lentidão e leveza, enquanto eu viajava por meus inúmeros pensamentos.

— Por que está tão caladinha? — Perguntou, abraçando-me pelas costas.

— Nunca usamos preservativos. — Revelei um de meus pensamentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu confio em você, Maya. Pode confiar em minha saúde também. — Virei-me para ele, o olhando nos olhos.

— Não é só essa questão...

— Não vou fazer um filho em você, se é isso que está pensando. — Disse interrompendo-me. — Sou vasectomizado, não corremos esse risco. Mas se for da sua vontade, podemos ir até uma clínica e fazer testes para DST.

— Não. Tudo bem, eu confio em você. — Disse sentindo-me mais tranquila.

— Que bom. Porque confiança é a base para este relacionamento. —

Disse entranhando sua mão em meus cabelos molhados, antes de beijar-me.

Acordei com barulho do chuveiro ligado, e olhei para ao meu lado na cama, vendo que ele estava vazio. Levantei-me preguiçosamente e caminhei nua até o banheiro, encontrando Victor dentro do box, de costas para mim. Recostei-me no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

portal da porta e o observando de braços cruzados, enxaguar seus cabelos grisalhos. Ele notou minha presença e virou-se, curvando seus lábios em um belo sorriso.

— Não quis lhe acordar. — Disse desligando o chuveiro.

— Tudo bem. Você vai trabalhar hoje?

— É preciso, mas antes de ir vou deixa-la em casa. — Disse enrolando uma toalha branca na cintura.

— Okay.

A frente do espelho no closet, fechando os botões perolados no busto do vestido, o observei atar o nó da sua gravata prateada, com uma feição séria e dura. Sorri com um pensamento bobo que invadiu minha mente, perguntando-me se, talvez, mais tarde eu poderia desfazer o que ele fazia com tanto capricho.

— Está tudo bem? — Perguntou ele tirando-me do meu pensamento tolo.

PERIGOSAS ACHERON

— Está. — Respondi virando-me para ele.

— Do que estava sorrindo? — Perguntou se aproximando.

— Nada importante.

— Tudo bem. Vamos descer para o café.

Pegado a minha mão, com nossos dedos entrelaçados, descemos até a sala de jantar onde o café da manhã já estava posto. Encontrei o adolescente da noite passada sentado à mesa, mexendo atentamente no celular e rindo alto sozinho.

— Devo me preocupar com isso? — Perguntou Victor ao filho, puxando uma cadeira.

— Relaxa, pai. Só estou conversando com alguns amigos. Não enlouqueci ainda. — Respondeu Caleb, tirando os olhos da tela e dando sua atenção para mim, sentada do outro lado da mesa. — Bom dia, Maya! — Desejou com um sorriso largo no rosto.

— Bom dia. — O respondi séria e

educadamente.

— Então, pai. Para onde vai viajar amanhã?

— Las Vegas. Mas você não vai! — Disse Victor cortando a alegria do filho, que surgiu quando ouviu o nome Las Vegas.

— Eu vou ter que ficar aqui? Sozinho? — Perguntou com indignação.

— Você não é mais uma criança, tem dezesseis anos! Se tem idade para dirigir, pode muito bem ficar por alguns dias sozinho nesta casa. — Respondeu Victor, repreendendo o filho.

— Por que a Maya não fica aqui comigo? — Perguntou sorrindo para mim e dando-me uma piscando de olho.

— Porque a Maya não é sua baba e ela também irá viajar. — Respondeu Victor sem muita paciência com o garoto.

— Mas bem que podia. — Resmungou atraindo um olhar irado do pai.

Depois do café da manhã, Victor me levou

para casa antes de seguir para o seu trabalho. Quando o carro estacionou à frente da fraternidade, ele subiu o vidro escuro nos dando privacidade e puxou-me para seu colo, beijando meus lábios e abraçando minha cintura

— Tenha um ótimo dia. — Desejou ao separar nosso beijo.

— Você também.

— Noberto trará sua passagem mais tarde.

— Certo. — Disse sentando-me ao seu lado no banco.

Noberto abriu a porta e Victor segurou meu braço antes que eu pudesse descer do carro, atraindo meu olhar para ele.

— Não se toque! Você ainda está sendo punida e só irá gozar, quando eu permitir. Entendeu? — Perguntou rude e sério.

— Entendi. — O respondi sentindo-me um pouco frustrada com este castigo.

Saí do carro e entrei em casa subindo direto

para o meu quarto e encontrei Penny ainda dormindo. Deitei-me por alguns minutos em minha cama e mandei uma mensagem para meu pai e outra para Grace, os avisando que voltarei para Tulsa. Depois de um tempo, decidi sair para correr, uma coisa que já não faço a algum tempo, mas que sentia muita falta. Vesti uma legging com um tope, calcei meus tênis, prendi o cabelo em um rabo de cavalo e desci para o andar de baixo.

— Não sabia que você agora dá golpe em velhinhos. — Disse Violet, ao passar por mim na sala.

— Minha vida não é da sua conta. — Disse lhe dando as costas e abrindo a porta.

— Está transando por grana? — Perguntou ela. Detive meus passos antes de sair para fora e a encarei com ira. — Só pode ser. — Disse colocando as mãos na cintura e curvando os lábios em um sorrindo cínico.

Abri minha boca para responde-la, mas uma voz grossa interrompeu-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maya. — Virei-me assustada para trás.

— Victor...

— Resolvi eu mesmo trazer sua passagem, querida. — Disse e encarou Violet com o semblante fechado. Ela abaixou sua cabeça e saiu para a cozinha. — Ia sair para correr? — Perguntou ao entrar na sala, encarando minha roupa com sua sobancelha arqueada.

— É.

— Coloque uma camiseta! Não quero moleques babando por minha mulher. — Mandou ainda sério.

— Okay. Eu já volto.

Voltei para o quarto e encontrei Penny saindo do banheiro. Vesti uma camiseta e a avisei que ia sair para correr, mas que logo voltava. Quando desci novamente, Victor aguardava por mim na calçada ao lado de seu carro. Ele olhou-me e sorriu satisfeito.

— Bem melhor. Lembre-se das regras,

PERIGOSAS ACHERON

querida. — Disse entregando-me a passagem. — Não deixe que cheguem nem perto.

— Claro.

Victor beijou meus lábios de maneira carinhosa, puxando-me para junto dele. Suspirei fundo quando ele separou nosso beijo, sentindo seu cheiro maravilhoso. Nos despedimos e ele entrou em seu carro seguindo a direita da rua. Observei parada na calçada seu carro desaparecer ao virar a esquina e comecei minha corrida, seguindo em direção ao parque. Corri até a igreja e resolvi parar na cafeteria em frente. Peguei um café e sai caminhando de volta para o campus, aproveitando o resto da manhã e o melhor Cappuccino da cidade. No meio do caminho, parei em uma livraria procurando pelos lançamentos mais recentes, quando avistei Mark no caixa. Para evita-lo, tentei esconder-me entre as prateleiras, mas esbarrei em um homem que carrega uma caixa cheia de livros, fazendo todos caírem no chão causando um enorme barulho no lugar tão silencioso, atraindo a atenção de todos ali. Agachei-me depressa, ajudando o homem a recolher os livros esparramados pelo

PERIGOSAS ACHERON

chão.

— Desculpe. — Pedi envergonhada a ele.

— Maya. — Chamou Mark. Olhei para cima e ele estava parado a minha frente, com um sorriso no rosto. — Eu te ajudo. — Disse abaixando-se e recolhendo os últimos livros no chão.

— Oi, Mark.

— Como você está? — Perguntou ao levantar-se.

— Bem, obrigada.

— Sabe... eu estava mesmo querendo falar com você.

— Eu tenho que ir. Tenho um compromisso agora. — Disse afastando-me dele e caminhado em direção a porta.

— Maya, por favor. — Pediu segurando meu braço e detendo meus passos. — Eu só quero me desculpar com você, por ter feito perder seu emprego.

— Desculpas aceitas. — Disse e puxei meu
PERIGOSAS ACHERON

braço da sua mão. — Eu tenho mesmo que ir. — Lhe dei as costas outra vez e saí da livraria.

— Soube que você já tem alguém. — Disse ele alcançando-me na calçada e parando a minha frente.

— Quem lhe disse isso? — Perguntei o encarando.

— A Violet.

— Tinha que ser. — Murmurei. — Não me leve a mal, mas minha vida não é da sua conta. Quando vai entender isso?

Mark repousou sua mão esquerda em seu quadril e abaixou sua cabeça, coçando sua barba por fazer com sua outra mão. Ele respirando fundo e encarou-me com sutileza nos olhos.

— Eu... eu achei que antes de se envolver com outra pessoa, você nos daria mais uma chance.

— O que? Está se ouvindo? Chances? Quais chances, Mark? Será que já não ficou claro para você e para todo o mundo, que não tem mais volta

entre nós? Caramba, já faz mais de um ano que o nosso namoro acabou. Vida que segue.

Passei por ele apressada, tomando meu caminho de volta a passos largos. Ao chegar na fraternidade, comecei a fazer minhas malas, já que meu voo sairá amanhã às oito da manhã. Estava sentada na cozinha, conversando com algumas colegas, quando Penny chegou em casa às seis da tarde e pedimos uma pizza para o jantar. Victor ainda não havia dado sinal de vida. Ainda aguardava por ele, quando chegou uma mensagem às nove horas da noite, avisando-me de que não nos veríamos mais hoje, ele teve que embarcar antes do planejado para Las Vegas.

Senti uma pequena tristeza, só não sabia se era porque iríamos ficar alguns dias sem se ver, e eu já estava me acostumando com sua presença, ou porque eu iria ficar alguns dias sem gozar. Na manhã seguinte, meu celular despertou acordando-me para me arrumar e ir para o aeroporto. Penny foi comigo de táxi até lá e esperou que eu embarcasse rumo a Oklahoma. Foram quase duas longas horas de viagem e estava de volta em casa, louca de

PERIGOSAS ACHERON

saudades dos meus pais. Ao passar pelo portão de desembarque, avistei tia Jenna que me esperava com um sorriso feliz e de braços abertos. Ela me ajudou a colocar as malas no carro e seguimos direto para o hospital.

— Como ela está, tia Jenna? — Perguntei referindo-me a minha mãe.

— Ela está mais forte. Mais animada. Esse tratamento vai dar a ela uma chance de vida.

— Acho que estamos todos animados com isso. — Disse sorridente. — Fico feliz em saber que ela está melhor.

CAPÍTULO 13

Chegamos no hospital e subimos para o quarto andar. Bati de leve na porta e entrei em seguida.

— Filha. — Disse meu pai feliz, vindo até mim. — Como foi a viagem?

— Foi ótima. — Disse lembrando-me o quanto foi confortável viajar de primeira classe. — Oi, mãe. — A cumprimentei indo até ela e lhe abraçando apertado.

— Oi, minha garotinha. Senti saudades. — Disse ela sorridente, alisando sua mão magra em meu rosto.

Sua aparência está bem melhor de quando a deixei, a alguns dias atrás. Passei o dia todo no hospital e sai apenas para almoçar com a Grace ali perto, aproveitando para desculpar-me com ela por ter ido sem me despedir. No final do dia, minha avó chegou para ficar com minha mãe e eu fui para casa com meu pai. No caminho, paramos e compramos comida chinesa para o jantar. Comemos sentados

PERIGOSAS NACIONAIS

no chão da sala, assistindo ao jogo de basquete. Bow começou a choramingar arranhando a porta de entrada na sala, pedindo para sair para fora.

— Você pode leva-lo para dar uma volta, querida? Não quero perder o jogo. — Pediu meu pai sem tirar os olhos da Tv.

— Claro. — Levantei-me do sofá e calcei minhas sandálias. — Vem, Bow. — O chamei abrindo a porta.

Ele passou correndo por mim, caminhando a minha frente pela calçada da rua escura e deserta. Bow cheirou poste e cerca da vizinhança, antes de marcar território. Próxima à esquina, ele saiu correndo até o hidrante vermelho mais à frente. Eu parei esperando por ele, para voltarmos para casa, quando senti que alguém aproximar de mim por trás.

— Não devia estar aqui sozinha, a essa hora. — Disse uma voz grossa e meio rouca, fazendo-me assustar.

— E nem você. — Disse ao virar para trás e

PERIGOSAS ACHERON

encontrar o Higor.

— Quando foi que voltou?

— Hoje pela manhã. Achei que quando eu voltasse, você não estaria mais aqui.

— Minha tia ainda precisa de mim. — Disse com um sorriso cínico.

— ãham. Sei. — Disse com sarcasmo.

— Estou com negócios na cidade. Não posso ir embora agora.

— Você não tem cara de homem de negócios.

— Você iria se surpreender comigo, se desse a chance de nos conhecermos melhor. O que sabemos sobre o outro, se limita ao bar e uma cama de motel.

— Está bom assim para mim. — Disse e passei por ele, tomando o caminho de volta.

— O que vai fazer amanhã? — Interrompi meus passos e olhei para ele outra vez. — Saia comigo. Tem um bar novo na cidade, eu ainda não fui até lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho melhor não, Higor.

— Como amigos. Vamos sair só... como dois amigos e conversar. Se quiser, eu prometo lhe trazer de volta para casa, até meia noite. O que me diz?

— Vou pensar.

— Às sete está bom para você?

— Disse que vou pensar. Vamos Bow!

Voltei para casa e subi direto para o meu quarto, tomando um banho e caindo na cama. Na manhã seguinte, acordei cedo para ir com meu pai para a oficina. Passamos toda manhã organizando documentos para mandarmos ao contador. Graças ao novo sócio do meu pai, que decidiu investir mais em seu negócio, vamos conseguir colocar boa parte de impostos e dívidas com fornecedores em dia. Meu pai estava muito feliz, disse que no início, seu sócio teve medo e receio de investir em uma oficina à beira da falência, mas agora, ele está convencido de que aqui, era um bom lugar para pôr seu dinheiro.

PERIGOSAS ACHERON

— Aí Chefe. O seu sócio está lá embaixo e deseja falar com o senhor. — Disse Tomás, um dos empregados.

— Eu já estou indo. — Disse meu pai antes de deixar o escritório. Eu continuei meu serviço a todo vapor e concentração, até que ele voltasse. — Maya, querida. Quero que conheça meu sócio. — Disse ele ao voltar.

Virei-me para trás e assustei deixando cair alguns dos papeis no chão, ao ver o homem que passava pela porta, logo depois do meu pai.

— Eu te ajudo. — Disse Higor vindo até mim e ajoelhando-se a minha frente, ajudando-me a pegar os papeis.

— Maya... este é Higor BlackWood. Ele é sobrinho da senhora Elizabeth, nossa vizinha. — Apresentou meu pai.

Seu celular tocou e ele saiu da sala, pedindo licença e fechando a porta atrás de si.

— Por isso ainda está na cidade? Esse é seu negócio? — Higor ficou de pé e passou por mim

colocando as folhas sobre a mesa.

— Sim.

— Investiu mais dinheiro na oficina, por que descobriu que ele é o meu pai?

— Não. — Mentiu descaradamente.

— Não minta!

— Que diferença isso faz? Você devia estar contente pelo seu pai que está feliz e pela a oficina que não vai mais fechar as portas.

— Não conta para ele. — Pedi observando meu pai ao celular, através do vidro da porta.

— Por que não? — Perguntou.

— Ele acredita que você fez isso, porque enxergou potencial no negócio dos sonhos dele. Você tem razão, ele está feliz. Então por favor...

Não diga nada. — Pedi quase o implorando.

— Tudo bem. Não vou dizer nada, já não tinha essa intenção mesmo. Como ia começar a explicar isso a ele? Que fiz isso pela garota por quem estou apaixonado. Que nós transamos algumas vezes, por

PERIGOSAS ACHERON

alguns meses e depois você me chutou?

— Não começa. — Ele sorriu abaixando sua cabeça. — Já que também é dono, tem que trabalhar. — Disse indo até a mesa e lhe entregando uma pilha de documentos.

— Okay. — Concordou sentando-se no sofá.

— Querida. — Chamou meu pai ao entrar novamente na sala. — Não vou poder ir almoçar com você. Tenho que ir até a agência do plano de saúde.

— Quer que eu vá com você?

— Não, está tudo bem. Só tenho que assinar alguns papéis por formalidade.

— Tudo bem. — Concordei lhe dando um sorriso.

— Já vou indo. Até mais, Higor. — Despediu-se antes de sair da sala.

Sentei-me em sua cadeira atrás da mesa, e meu celular soou o alerta de mensagem no bolso de trás

PERIGOSAS NACIONAIS

da calça jeans. O peguei e ao destravar a tela, vi que era uma mensagem do Victor. Higor observava-me meticulosamente pelo canto dos olhos, mas o ignorei.

Oi, querida. Como vai em Tulsa? Estarei de volta em 3 dias. Meu pau já sente a sua falta!

-Victor.

01:12 p.m.

Que ousado! O que devo responder?

Oi, meu dominador. Por aqui está tudo certo. Meu corpo também já sente sua falta.

-Maya.

01:13 p.m.

Tentei responder sua mensagem da mesma forma, mas me senti estranha em fazer isso na frente do Higor, por mais que ele não tivesse a menor noção do que eu fazia no meu celular.

Lembre-se! Quem toca seu corpo, é apenas eu!

-Victor.

01:13 p.m.

PERIGOSAS ACHERON

Como se eu pudesse esquecer. Ele me lembra a todo instante. Tão controlador. Ainda não sei o porquê Victor não colocou um lembrete de a cada meia hora em meu celular, para lembrar-me disto. Quanta obsessão.

Ou seria insegurança? Difícil de saber.

Vou sempre me lembrar.

-Maya.

01:14 p.m.

— Ainda vamos sair hoje à noite? —
Perguntou Higor.

— Eu não disse que aceitei seu convite. Mas eu estou indo almoçar. — Disse levantando-me da cadeira. — Você vem?

— É claro. — Disse levantando-se e vindo logo atrás de mim.

Fomos andando até um restaurante mexicano, próximo da oficina. Pedimos tacos no balcão e depois de pegar nossos pedidos na bandeja, procuramos por uma mesa desocupada para

sentarmos.

— Então... qual é a daquele cara que partiu para cima de mim no Roger's? — Perguntou sentando-se a minha frente na mesa alta.

— Aquele é o Mark. Meu ex-namorado.

— Ah. E.... vocês ainda têm alguma coisa? — Perguntou desviando seu olhar do meu.

— Não. Acabou a muito tempo.

— Parece que ele não aceitou isso muito bem.

— Não, mas... acho que ele já está começando a aceitar melhor. Entender que acabou.

— Isso é bom, mas a julgar pelo modo em que você não tira o celular da mão... — Disse e olhou para minha mão. — ...significa que já tem outra pessoa por perto.

Segui seu olhar e só então notei que segurava meu celular. O guardei dentro da bolsa e peguei um taco de carne seca, dando a primeira mordida.

— Qual é o nome dele? — Perguntou encarando-me.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Higor. Minha vida pessoal não é da sua...

— Você tem razão. — Disse interrompendo-me. — Não tem que me dizer nada. Estou me metendo demais, desculpe.

— É. Você está. — Afirmei sua conclusão. — Quando pretende voltar para Dallas? — Perguntei mudando de assunto.

— Acho que logo após a contabilidade ser feita. Está com pressa de que eu vá? — Perguntou com um sorriso malicioso no canto da boca.

— Não. — Menti.

Na verdade, eu estava muito querendo que ele fosse logo embora. Sua intromissão me irrita, mas não posso fingir e negar que não sinto atração por ele. Higor é um homem lindo e seu cheiro me desperta memórias excitantes. Estar perto dele, é perigoso. Existe uma tensão sexual entre nós e eu não posso permitir que ele se aproxime mais. Acho que já estamos muito perto e eu tenho um trato com Victor.

— Ainda podemos sair hoje á noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare de insistir. Já não está bom almoçarmos?

— Tudo bem, eu parei. Não insisto mais. — Disse desapontado, voltando sua atenção para o prato a sua frente.

Depois do almoço, Higor voltou para oficina dizendo que terminaria o pouco que faltava para organizarmos o imposto e eu peguei um táxi rumo ao hospital.

— Oi, mãe. — Disse ao entrar no quarto.

— Oi, querida! — Disse minha mãe sorridente.

— Como você está hoje? — Perguntei indo até ela.

— Estou ótima! Até consegui comer. — Disse com entusiasmo.

— Isso é maravilhoso, mãe! — Disse sentando-me a beirada de sua cama e pegando sua mão, a sentindo quente.

— Oi, netinha. — Cumprimentou minha vó ao sair do banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi, vovó.

— Já que chegou, vou buscar um café. Você quer um, querida? — Perguntou a mim.

— Quero sim, obrigada.

Deitei-me ao lado da minha mãe e a abracei, repousando minha cabeça em seu ombro. Conversamos sobre a primeira semana do tratamento e de como ela estava se sentindo bem melhor e mais viva, desde que descobriu o câncer novamente. Isso deixou-me muito feliz. Vê-la bem, é gratificante. Logo a noite chegou e eu fui para casa no carro do meu pai, já que ele ficou para dormir com minha mãe. Depois de levar Bow para dar uma voltinha no quarteirão, voltei para casa e tomei um bom e demorado banho na banheira do meu quarto. Estava me vestindo quando tocaram a campainha. Calcei meus chinelos e descí, imaginando quem seria às nove da noite. Ao abri a porta, encontrei Higor para depois dela, segurando duas sacolas de papel nas mãos.

— Oi. — Disse ele com um sorriso mínimo no rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi. O que houve? — Perguntei fechando um pouco mais a porta.

— Eu estava em casa sozinho e com fome. Aí eu resolvi ligar para o restaurante chinês e pedir comida para um, mas a atendente não fala muito bem a minha língua e acabou duplicando meu pedido, além adicionar rolinhos primavera.

Eu sabia que aquilo tudo é mentira. Reconheci o logo do restaurante impresso nas sacolas. Mas eu estava com fome, então reuni o útil ao agradável.

— Entra. — Disse abrindo mais a porta e dando passagem para ele. — Por que não dividiu o jantar com a sua tia? — Perguntei ao fechar a porta.

— Ela está no bingo da igreja e só volta mais tarde.

Peguei uma das sacolas da sua mão e o levei para a cozinha. Coloquei os pratos sobre a mesa e nós nos sentamos um de frente para o outro, começando a nos servir.

— Quer mais uma cerveja? — Perguntei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando os pratos na pia.

— Não, obrigado. — Agradeceu recolhendo as embalagens vazias sobre a mesa.

— O nome dela Ruby. — Disse e ele encarou-me com uma feição confusa.

— De quem está falando?

— A garota que te atendeu no restaurante. Ela se chama Ruby. Estudamos juntas. — Higor sorriu sem graça, abaixando sua cabeça. — Os pais dela são donos daquele restaurante há anos e ela fala muito bem nosso idioma. — O encarei escorandome na beirada do balcão.

— Eu precisava de uma desculpa para estar perto de você está noite. Você é uma mulher confusa, Maya. Primeiro você me quis, mas depois me mandou ir embora da sua vida. — Disse aproximando-se a passos lentos. — Eu quero você. Por que não me quer? — Perguntou juntando nossos corpos.

— Não devia ter deixado você entrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que? — Perguntou acariciando meu rosto. — Não farei nada com você, que não queira tanto quanto eu. — Ele aproximou nossos rostos e eu pude sentir o cheiro forte do seu perfume. — Eu sei que você me quer, Maya. Eu posso sentir isso.

— Higor, não. — Disse baixo, fechando os olhos involuntariamente.

— Diga que não me quer. Que não sente o mesmo que eu sinto por você. — Disse e roçou seus lábios nos meus. — Mas diga olhando nos meus olhos. Não apenas me mande ir embora, como fez da última vez. Fale que não me deseja e eu irei para sempre. — Sussurrou em meu ouvido.

Eu queria manda-lo ir embora e dizer que não sentia nada por ele, que não o desejava. Mas fui fraca e ao invés disso, passei meus braços por seu pescoço, puxando sua boca para minha e colando nossos lábios em um beijo ardente. Higor envolveu minha cintura com seus braços, puxando-me para cima e sentando-me sobre o balcão. Agarrei seu quadril com minhas pernas, juntando nossas intimidades e sentindo sua ereção dentro do jeans.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tirei sua camiseta e deslizei minhas mãos por seu peitoral e abdome sarado. Higor tirou minha blusa, deixando meus seios nus e expostos para ele. Sua boca afastou-se da minha e seus beijos desceram por meu pescoço, até chegarem em meus seios, os abocanhando com vontade e excitação. Gemi baixo, agarrando seus cabelos sedosos com minhas duas mãos e os puxando.

Ele me pegou em seu colo e deitou-me sobre a mesa, abocanhando meus seios novamente, deslizando sua mão para dentro do meu short tocando meu clitóris. Seus beijos foram descendo por minha barriga, até chegarem em meu umbigo. Ele puxou meu short para baixo junto com a calcinha, deixando-me completamente nua. Higor abaixou sua cabeça entre minhas pernas e beijou minha intimidade com delicadeza, arrancando-me um gemido e fazendo-me curvar as costas. Ele como ninguém, sabe me deixar louca de tesão com sexo oral. Higor chupou-me até que eu gozasse em sua boca, gritando ofegante e agarrando seus cabelos com força. Sua boca encontrou a minha novamente, mordendo meu lábio inferior.

PERIGOSAS ACHERON

— Me leva para meu quarto. — Pedi baixo, encarando seu sorriso lindo e sedutor.

Higor me carregou em seu colo, passando minhas pernas ao redor da sua cintura e subiu a escada indo até a porta que lhe indiquei no final do corredor. Ele deitou-me devagar sobre minha cama e terminou de se despir antes de deitar sobre mim, ajeitando-se entre minhas pernas. Ele beijou de leve em meus lábios e roçou seu pênis duro e lubrificado por sua pré-ejaculação, entre os lábios da minha vagina. Lentamente, ele escorregou sua ereção para dentro de mim, fazendo-me gemer manhosa com sua boca na minha. Ele penetrava-me entrando e saindo com força, apreciando cada curva do meu corpo com suas mãos grandes e firmes. O abracei arranhando suas costas, sentindo meus pulmões ficarem sem ar com o beijo continuo.

Transamos sem pressa e gostoso, por duas horas ou mais. O clima era de puro êxtase e tesão. Fiquei deitada na cama ao seu lado, encarando o teto, tentando não deixar um peso da culpa que começa a surgir, pesar sobre mim. Levantei-me depressa e fui para o banheiro deixando Higor

PERIGOSAS ACHERON

deitado no quarto, olhando-me confuso. Liguei o chuveiro e tomei banho vagorosamente lavando meus cabelos. Tentava não pensar em como Victor reagiria caso soubesse do que fiz minutos atrás com outro homem. Eu quebrei sua regra. Deus... eu arrisquei demais, por mais uma transa com o Higor. Eu joguei com a saúde da minha mãe! A água passava por meu corpo, escorrendo pelo chão até o ralo no canto da parede e eu tentava deixar ir com ela, o peso da consciência. Por que não pensamos direito ou em nada, quando estamos com tesão nas veias? Saí do box e me sequei com a toalha felpuda rosa, vestindo o roupão de banho.

— Você tem que ir embora! — Disse para o Higor ao sair do banheiro.

Ele sentou-se na cama e olhou-me confuso, arqueando uma de suas sobrancelhas.

— Por que? O que houve? Nunca fizemos isso antes. Sempre passamos a noite juntos quando transamos. — Questionou nada contente.

— Olha só... as coisas entre nós, não são mais como antes. Está bem? Nós... transamos e foi bom, PERIGOSAS ACHERON

mas agora você tem que ir! — Disse pegando um vestido na cômoda e voltando para o banheiro, fechando a porta em um baque e a trancando com duas voltas na chave.

Sentei-me na beirada da banheira e minha visão ficou turva. Medo de perder quem estava me salvando, encheu meu peito me causando desespero.

— Maya. — Higor chamou, batendo de leve na porta. — Por que está agindo assim? O que fiz de errado? — Permaneci quieta e em silêncio. — Existe outra pessoa, não é? — Perguntou insistindo em abrir a porta trancada. — Vamos conversar, amor. Eu posso cuidar de você. Eu te amo. Você sabe disso, já lhe disse. Seja ele quem for, posso ser melhor.

— Vai embora, Higor. — Disse alto, lá de dentro.

— Não, até você me dizer o por que quer que eu vá. Maya... se você não me quisesse, não teríamos feito amor esta noite, não teria me deixado entrar aqui. — Disse alto, demonstrando raiva em

PERIGOSAS NACIONAIS

sua voz. — Saia daí. Vamos conversar como dois adultos. — Ele forçou a porta outra vez tentando abri-la. — Maya! — Gritou esmurrando a porta, fazendo-me assustar com o estrondo.

— Vai! — Gritei. — Saia da minha casa. Foi apenas sexo, Higor. Nós trepamos e acabou. Suma daqui!

— Tudo bem. Você está nervosa, eu entendo. Está lutando contra seus sentimentos por mim. Mas saiba que eu estou por perto agora. Não tem mais como você fugir de mim. Eu não vou desistir de você, Maya! — Disse alto, quase em um grito. — Eu não vou! — Gritou esmurrando a porta outra vez.

Escutei a porta do quarto ser fechada e depois de alguns minutos sem ouvir nem um ruído se quer vindo de fora do banheiro, me vesti e sai encontrando o cômodo vazio. Sentei-me na cama e respirei fundo, inalando o cheiro do perfume do Higor que ainda estava no ar, misturado com cheiro do nosso sexo. Isso deixou-me ainda mais arrependida. Comecei a me sentir uma completa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

idiota, por ter transado com o Higor. Eu devia não ter o convidado para entrar ou tê-lo mandado ir embora quando se aproximou. Troquei os lençóis e deitei na cama, buscando um sono inexistente. O arrependimento mora em mim agora.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

Rolei de um lado para o outro, até que o dia amanhecesse. Levantei-me depois de uma noite de sono fracassada e desci para cozinha. Depois de uma enorme caneca de café, sai para correr. Corri até o centro da cidade e resolvi ir até o trabalho da Grace, eu precisava conversar com alguém nesse momento.

— Oi. Meu nome é Maya. Eu gostaria de falar com a Grace Montgomery. — Disse a recepcionista do sexto andar.

— Só um instante, por favor. — Disse ela pegando o telefone do gancho e discando três números antes de colocá-lo em sua orelha.

Esperei por ela observando as miniaturas de prédios e shoppings expostos no hall, dentro de enormes caixas de vidro.

— Maya. — Uma voz masculina me chamou.

— Olá, Sr. Montgomery. — O cumprimentei

ao virar-me para trás. — Desculpas aparecer sem avisar, mas é que eu estava correndo aqui perto e decidi dar passada rápida para falar com a Grace.

— Tudo bem, querida. Não precisa avisar, você é da família. — Disse sorridente. — Já pediu para a chamarem?

— Sim.

— Você vir até aqui, me faz pensar que algo errado aconteceu. — Disse Grace ao se aproximar de nós.

— É. Mais ou menos. — A respondi.

— Eu estou de saída, vão para o meu escritório e fiquem à vontade. Foi bom te ver, Maya. Mande um abraço ao seu pai. — Disse o Sr. Montgomery.

— Claro. Foi bom lhe ver também.

Entramos no escritório do seu pai e ela pediu para que eu me sentasse no sofá enquanto servia-me com um copo d'água

— Preciso da minha melhor amiga agora. —

Disse a ela, quando se sentou à minha frente.

— Maya... você está me assustando. O que houve? — Perguntou preocupada.

— É que... eu... eu tenho um... — Gaguejei de nervoso, buscando uma palavra que eu pudesse atribuir ao o que Victor é em minha vida, que não fosse cliente ou dominador. — ...um cara em Houston.

— Certo. Não vai me contar que está grávida, vai? — Perguntou apreensiva.

— O que? Não! Não é isso. Eu não estou grávida! — Garanti a ela.

— Graças a Deus! — Disse soltando o ar dos pulmões com alívio, sorrindo para mim. — Então... o que tem esse cara?

— Ele não é um cara. — Disse e a vi regalar os olhos para mim. Já até imagino o que Grace tenha pensado. — É um homem de sessenta anos.

— Está ficando maluca? — Perguntou alto. — Meu Deus, Maya. Sessenta anos? Ele tem idade

para ser seu avô! — Disse repreendendo-me.

— Eu sei. Ele já foi casado e tem um filho adolescente de dezesseis anos.

— Mas o que foi que você viu nesse velho? Não começaram a se relacionar como amantes, começaram? — Encarou-me arqueando sua sobancelha.

— Não! Sabe que eu não faria isso, longe de mim me meter no relacionamento dos outros. Ele é um cara legal. Charmoso e está em muito boa forma para sua idade.

— E como foi que vocês se conheceram?

— Em uma festa. Uma amiga em comum nos apresentou e aí... a coisa toda rolou.

— Certo. O seu pai jamais pode sonhar com isso, ele surtaria e mataria você.

— Eu sei bem disso e ele não vai saber. Mas o problema em questão... não é esse.

— E o que pode ser pior do que você está namorado alguém, que tem quase o triplo da sua

idade?

— Eu ter dormido com outro ontem à noite... na casa dos meus pais... na minha cama. — Disse jogando-me para trás no sofá e cobrindo meu rosto com as minhas mãos.

— Ah, meu Deus. Isso está ficando cada vez melhor. Quem é o outro?

— O sócio do meu pai. — Disse descobrindo o rosto e olhando para ela.

— Que danadinha. — Disse e riu negando com a cabeça. — Tudo bem, mas deixa eu ver se entendi. Você está namorando um coroa e o traiu ontem à noite com o sócio do seu pai? — Assenti com minha cabeça. — Okay. E... o que vai fazer? Vai contar para o velho? Ou... vai omitir? — Fiquei calada, pensando enquanto encarava a parede de pedra atrás dela.

— Eu não sei. Esperava que você me dissesse, o que devo fazer.

— Não posso. Se você tivesse me perguntando antes de fazer a besteira, eu teria dito para sair fora

do problema. Trair nunca é legal.

— Eu sei. — Disse abaixando minha cabeça.
— Esse cara, o sócio do meu pai, ele se chama Higor. Eu o conheci a quase um ano atrás em Houston. Nós estávamos transando e estava sendo muito bom, até ele dizer que estava apaixonado por mim. Isso me desesperou, eu havia acabado de sair de um relacionamento que não terminou bem.

— Então você teve uma recaída é isso?

— Acho que foi. Eu sinto uma tração enorme por ele, a tensão sexual entre nós é grande, não posso negar, mas... eu agi por impulso.

— Como foi que ele se tornou sócio do seu pai? — Perguntou curiosa.

— Isso foi coincidência. Ações do acaso ou do destino, não sei. Mas quando Higor descobriu que seu sócio era meu pai, ele resolveu investir mais na oficina, se tornando o sócio majoritário com cinquenta e três por cento.

— E ele fez isso por você? — Assenti com minha cabeça. — Mandou ele ir embora depois de

transarem?

— Mandeí. Ele disse que não vai desistir e isso será um grande problema.

— Porque o velho não pode ficar sabendo, já entendi. Por isso está tão apavorada. Não quer perder o coroa.

— É, e o nome dele é Victor.

— E o que o Victor vai fazer se souber? A coisa entre vocês é tão séria assim?

— Ele é bom para mim. Me ajudou a conseguir o empréstimo que precisei para o novo tratamento da minha mãe. Se ele souber disso, vai me deixar. Eu não posso perdê-lo. — Disse com o coração apertado de desespero.

— Bom... acho que o jeito de evitar uma confusão, é voltar para Houston e não contar nada para o Victor.

— Fugir do problema?

— Melhor do que o encarar. Acho que se for tentar resolver, não vai acabar bem.

— Você tem razão. Obrigada, Grace.

— Amigas é para isso. — Disse e sorriu.

Voltei para casa e sentei-me no jardim dos fundos, encarando o celular nas mãos com três mensagens do Victor, que eu ainda não tinha visualizado. Tive medo de que umas delas, fosse ele dizendo saber o que eu fiz na noite passada. Depois de minutos, abri a primeira mensagem. Nela, ele dizia que voltaria na segunda de manhã e que mandaria alguém me buscar na fraternidade para jantarmos. Na segunda, ele avisava que havia mandado minha passagem de volta para o Houston por e-mail. Na terceira, ele dizia que havia me comprado um lindo presente que cairia muito bem sobre minha pele clara. A culpa em mim ficou ainda maior.

O resto dia passou como uma eternidade. O domingo, foi o mais longo que já vivi. Evitei sair de casa ou de ir até a oficina, para não correr o risco de encontrar com o Higor. A noite chegou e eu arrumei minha mala para voltar na manhã seguinte para a universidade. Menti para o meu pai,

dizendo a ele que voltaria para um curso rápido de verão. Na manhã seguinte, parti lhe prometendo que mandaria logo a outra parte do empréstimo, assim que possível. O voo de volta foi rápido e logo estava em Houston. Ao passar pelo portão de desembarque, avistei Noberto que aguardava por mim.

— Oi, Noberto. — O cumprimentei com um sorriso simpático.

— Deixe que eu leve sua mala, Srta. Valentine.
— Disse pegando-a da minha mão.

Sáímos do aeroporto e ao chegarmos no carro estacionado próximo ao meio fio, Noberto abriu a porta traseira da BMW, e para meu espanto, Victor aguardava por mim lá dentro.

— Victor. — Disse surpresa.

— Olá, querida. — Disse curvando os lábios em um sorriso.

Retribui seu sorriso gentil e entrei no carro. Noberto fechou a porta e depois de guardar minha mala na traseira, ele assumiu a direção e pondo em

movimento. Victor fechou o vidro escuro nos dando privacidade, antes de puxar-me para seu colo e beijar meus lábios.

— Achei que nos veríamos só a noite. — Disse para ele.

— Eu também, mas minha reunião de hoje foi cancelada e eu estou sem nenhum compromisso para o almoço. Fiz reservas em um bom restaurante aqui perto. Como foi seu fim de semana?

— Foi bom. — Respondi abaixando meu olhar para sua gravata verde oliva.

— Que bom. — Disse dando leves beijo em meu pescoço.

— Onde será nosso jantar essa noite? — Perguntei tentando disfarçar minha tensão.

— Na minha empresa. Será um coquetel na verdade.

— Você quer que eu lhe acompanhe em uma noite de negócios? — Perguntei olhando-o novamente. — Pensei que manteríamos nós dois

em segredo.

— Não. Por que eu esconderia você? —
Perguntou acariciando meu rosto.

— Não sei. Você é uma figura pública. O mundo sabe quem você é. — Disse apreensiva. — O que as pessoas vão pensar de mim, quando nos virem juntos está noite?

— Que é uma interesseira, ou... uma prostituta. Como preferirem chamar. — Disse parecendo não se importar.

— E por que pensariam diferente, não é? —
Disse abaixando minha cabeça.

— Não podem pensar diferente, porque não conseguem. — Disse erguendo meu rosto com sua mão direita. — Olhe para mim. — Mandou e eu fiz. — Você não é uma oportunista, Maya. Sempre mantemos os nossos interesses um pelo outro, bem claros entre nós. Não pense coisas ruins de você. É minha submissa e eu sou seu dominador. Sempre irei trata-la bem e lhe dar de tudo que precisar. Mas é claro que... desde que seja obediente e leal a mim.

Victor sorriu e juntou nossos lábios em um beijo lento, apreciando e explorando cada canto da minha boca. Senti-me uma traidora mentirosa e aproveitadora. Não queria decepcioná-lo e muito menos perder quem tanto me ajuda. Eu fui burra, admito. Victor passou minha perna esquerda para o outro lado do seu quadril, e beijou meu ombro, apartando minha bunda. Seus lábios voltaram para os meus em um beijo mais feroz, enquanto suas mãos puxavam as alças do vestido para baixo, expondo meus seios para ele. Ele sugou um e depois o outro, fazendo-me relaxar em seus braços e me deixando excitada. Suas mãos agarraram firme meu quadril, puxando-o para baixo e pressionando minha intimidade contra sua ereção rochosa sob a calça social preta. Deixei escapar um gemido contido, fechando meus olhos e passando meus braços por seu pescoço.

— Senti sua falta, querida. — Disse baixo, beijando minha clavícula e pescoço.

— Também senti a sua. — Disse quase sussurrado, com minha respiração levemente ofegante. Eu havia mesmo sentido sua falta e não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me dado conta disto.

— O que fazia com Higor BlackWood na sexta? — Perguntou sussurrado em meu ouvido, apertando mais ainda suas mãos em meu quadril, chegando a me causar dor.

Minha respiração parou e meus músculos se tencionaram. Como ele soube sobre o Higor? Será que mandou alguém me viajar, assim tão de perto?

— O que perguntou? — Perguntei com um fio de voz, buscando a certeza se eu havia o escutado certo, ou se isso era fruto da uma consciência pesada.

— Precisa que eu repita? — Perguntou rude, porém, baixo.

— Ele é o sócio do meu pai. — O respondi nervosa.

— O que faziam naquele restaurante? — Perguntou apertando ainda mais suas mãos. Então, é do almoço de sexta que ele está se referindo? — Pareciam um tanto íntimos pela maneira que se olhavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Era só um almoço com o sócio do meu pai. — Ele me encarou com os olhos serrados. — Como você soube do almoço?

— Não importa! — Respondeu ríspido. — Eu lhe avisei, que a vigiaria de perto. Assim como lhe avisei que sofreria castigos, caso você se atrevesse a desobedecer minhas regras. — Victor segurou meu maxilar entre sua mão de forma bruta e puxou meu rosto para mais perto do seu. — Se transaram, Maya... é melhor dizer agora. — Disse apertando ainda mais sua mão que estava em meu rosto.

— Não houve nada. — Disse sussurrado e com medo da sua ignorância. O que ele é capaz de fazer, se souber a verdade?

— É melhor que seja verdade, para o seu bem. — Victor soltou meu rosto e respirou fundo, passando suas mãos por seus cabelos e sorriu. — Como foi ficar um fim de semana sem gozar, meu anjo? — Perguntou com a voz mansa, acariciando onde havia apertado.

— Foi... ruim. — Menti, é claro. Senti medo dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então imagine como seria um mês inteiro, apenas sendo torturada. Melhor pensar bem em suas ações futuras. — Ameaçou com sarcasmo na voz. — Depois do almoço, vamos direto para minha casa. Você receberá ajuda para ficar impecável esta noite.

— Okay.

Sentei-me novamente ao seu lado no banco e ajeitei meu vestido, passando meus dedos por meus cabelos levemente bagunçados. Chegamos no restaurante e Victor fez nossos pedidos, sem me dar a chance de olhar o cardápio. Comemos em silêncio, e a tensão no ar era tão palpável, que se podia cortar com uma faca. Nunca imaginei que ele poderia demonstrar agressividade. Quando chegamos à sua casa, Victor mandou que uma de suas empregadas levasse-me até o quarto de hóspedes, que já havia sido preparado para mim. Ao entrar no luxuoso quarto, observei cada detalhe, notando um roupão de seda branca sobre a cama e chinelos a beirada da mesma, sobre um tapete felpudo.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou preparar seu banho. — Disse a empregada sumindo pela porta do banheiro.

— Obrigada.

Caminhei até o closet e fiquei impressionada com o tamanho do cômodo. Lá dentro, havia pendurado três belos vestidos de gala. Um amarelo, um verde e um preto, todos de diferentes modelos. Além deles havia sapatos e sandálias que combinavam perfeitamente com cada vestido. A empregada preparou o banho e saiu do quarto deixando-me sozinha. Fui para o banheiro e me despi entrando na banheira cheia de água quente, sais de banho e pétalas de rosas brancas. Imergi para debaixo da água e fiquei por alguns segundos prendendo minha respiração e de olhos fechados. Neste momento, não é aqui ou com ele que eu gostaria de estar. Se pudesse escolher, estaria em Oklahoma com meus pais. Quando emergi, busquei fôlego e abri meus olhos, assustando-me com Victor parado a minha frente, me observando com uma feição bem séria.

— Já escolheu o vestido que vai usar? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Perguntou se aproximando.

— Não. — O respondi abaixando minha cabeça.

Victor deu a volta na banheira, a passos lentos e parando atrás de mim. Ele agachou-se e pousou suas mãos em meus ombros, os apertando de leve. Sua mão direita desceu agarrando meu seio e a esquerda subiu até meu pescoço o segurando firme. Eu engoli seco e fechei meus olhos.

— Está com medo de mim, Maya? — Perguntou baixo em meu ouvido.

— Não. — Menti tentando controlar minha respiração nervosa.

— Eu sei que está, mas não fique. Não fiz nada com você. Não, ainda. — Disse apertando um pouco sua mão em entorno do meu pescoço, deixando meu coração acelerado. — Tome seu banho. Eu vou lhe esperar no meu quarto. — Disse e soltou meu pescoço. Assenti com minha cabeça em resposta e ele deixou o banheiro, fechando a porta atrás de si.

PERIGOSAS ACHERON

Queria prolongar o máximo de tempo possível esse banho, para ficar longe desse Victor que me assusta hoje. Depois de alguns minutos, saí da água, me sequei e voltei para o quarto, vestindo o roupão de seda. Sai pelo corredor deserto e o atravessei até chegar na porta do seu quarto. Dei duas leves batidas com os dedos na madeira e entrei sem esperar ele mandar eu entrar. Ao abri-la, deparei-me com um enorme aparato de madeira, em formato de "X", no meio de sua antessala. Curiosa, aproximei-me daquilo sem saber para o que serve. Em cada ponta do aparato, haviam correntes e algemas de couro, que se fechavam com pequenos cadeados. Peguei uma das algemas em minhas mãos, observando atentamente cada detalhe. São feitas de um couro preto e rígido, com costuras grossas e revertidas por um veludo vermelho.

— Foram feitas sob medidas. — Assustei-me ao ouvir a voz do Victor, soltando a algaema das mãos e virando para trás.

— Para quem? — Perguntei o vendo aproximar de mim e do aparato.

— Para você, Maya. Para quem mais será? — Perguntou pegando meu punho esquerdo. — Quer ver como são confortáveis na pele?

— Sim. —

Ele pegou a que eu segurava segundos atrás em minhas mãos, prendendo-a bem justa em meu punho.

— Sinta como o toque do mais caro veludo, em sua pele. Gostou, querida? — Perguntou acariciando meu braço.

— Sim. São confortáveis.

— Ótimo. Porque serão nelas que ficará presa por longas horas esta noite! — Disse desafivelando a algema.

Eu olhei assustada para ele, que me encarava sério. Como assim presa por longas horas? Victor deu a volta em torno do meu corpo e parou atrás de mim, tirando meus cabelos molhados do meu pescoço, os pondo todo para um lado. Seus lábios quentes encostaram em minha pele dando-me beijos, enquanto suas mãos desamarravam o laço

que fechava o roupão. Ele o tirou e deixou cair amontoando-se em meus pés. Suas mãos grandes percorreram meu corpo, partindo dos seios até minha intimidade, que ainda não expressava nenhuma excitação. Estava tensa e nervosa. Com dois de seus dedos, Victor começou uma leve massagem em meu clitóris, ao mesmo tempo que circulava meu mamilo esquerdo com o polegar da sua outra mão.

— Entregue-se, Maya. Não resista. Não comigo. — Sussurrou em meu ouvido, antes de morder levemente o lóbulo da minha orelha direita.

CAPÍTULO 15

Deitei minha cabeça para trás em seu ombro e ele beijou meu pescoço, enquanto lentamente introduzia dois de seus dedos em minha entrada pouco lubrificada. Aos poucos, sob seu toque, fui me soltando em seus braços e entregando-me a ele.

— Isso, querida. Se solte. — Sussurrou em meu ouvido.

Virei-me para ele e sua feição ainda estava séria, mas seus lindos olhos verdes acinzentados, mostravam sua excitação. Nossos rostos aproximaram-se e eu fechei meus olhos, sentindo seus lábios tocarem os meus em um beijo faminto. Suas mãos passeavam por meu corpo nu, apertando meus seios e beliscando meus mamilos. Ele apertou minha bunda e puxou-me para ele, pressionando sua ereção contra minha boceta. Gemi involuntariamente em sua boca, ao senti-lo. Victor pegou-me em seu colo, e eu passei minhas pernas por sua cintura agarrando-o. Ele nos levou para o seu quarto e deitou-me vagarosamente sobre sua

PERIGOSAS ACHERON

cama. Olhei para o lado e vi sobre a poltrona próxima ao closet, cordas grossas e vermelhas. Sem esperar por ele mandar, coloquei minhas mãos juntas a cima da minha cabeça, eu já sei o que vem a seguir. Victor se despiu tirando cada peça de roupa que vestia e subiu na cama, ficando de joelhos entre minhas pernas. Ele pegou minhas mãos que estavam prontas para serem atadas e as desceu para baixo, pousando-as ao lado do meu corpo.

— Não vou prende-la. Não agora! — Disse deixando-me surpresa.

Ele deitou sobre mim, aconchegando-se entre minhas pernas e tomando minha boca em outro beijo. Com as mãos livres, toquei seu corpo e o acariciei delicadamente, subindo-as até seus cabelos lisos e grisalhos, os puxando de leve durante o beijo que começa a ser mais intenso. Victor abriu mais minhas pernas as erguendo um pouco para cima, permitindo que eu me esfregasse em sua ereção que tocava minha intimidade. Gemendo em sua boca e ele mordeu meu lábio inferior com força, ao mesmo tempo que me

PERIGOSAS ACHERON

penetrou lento e fundo. Suas estocadas tomaram velocidade entrando e saindo de mim, deixando-me louca por mais e tirando meu folego.

Puxei seus cabelos e desprendi meus lábios dos seus, gemendo alto e buscando por folego enquanto nós transávamos de forma sensual e carinhosa. Este é um momento que acreditei, que nunca teria com Victor. Afinal, ele é um dominador. Estava à beira de um orgasmo, quando ele parou e saiu de dentro de mim, beijando meu rosto e meu pescoço. Victor apoiou-se sobre seus joelhos e sorriu com malícia. Suas mãos agarraram firme meu quadril e girou meu corpo, virando-me de barriga para baixo. Seus lábios fizeram uma trilha de beijos molhados por minhas costas até meu ombro, deixando uma leve mordida.

— Empina sua bunda para mim! — Mandou baixo e ofegante em meu ouvido.

Empinei minha bunda para ele e, lentamente, penetrou-me por trás. Senti suas bolas rígidas e pesadas tocarem em meu clitóris inchado de tesão. Com sua mão direita, ele segurou meus cabelos da

nuca com firmeza, puxando minha cabeça para trás. Ele fodeu-me com força, até gozarmos satisfeitos com os corpos molhados de suor e enchendo o quarto com nossos gemidos. Victor soltou meus cabelos e beijou minhas costas, antes de sair de dentro de mim e deitar-se ao meu lado em silêncio. Ele me puxou para mais junto dele, e eu deitei minha cabeça em seu peito abraçando-o. Aconchegada em seus braços e entregando-me ao cansaço que chegava de pouco a pouco, adormeci.

Acordei com batidas insistentes na porta do quarto. Abri meus olhos piscando algumas vezes rápido, tentando limpar minha visão embaçada. Sentei-me na cama, demorando um pouco para situar-me onde estava. Eu não estava mais no quarto do Victor, estava no quarto em que ele me hospedou e vestindo uma camiseta azul dos Rangers Texas. As batidas na porta ainda continuaram. Levantei-me irritada da cama, passando as mãos pelos cabelos bagunçados e caminhando em direção a porta. A abri, sem me preocupar por estar vestida por apenas com uma camiseta de baseball, que cobria meu corpo até o

meio das minhas coxas.

— Oi. — Disse Caleb abrindo um sorriso, ao olhar para minhas pernas.

— Oi. — Disse puxando a barra da camiseta para baixo, tentando cobri-las mais.

— A empregada me disse que você estava aqui. O meu pai teve que sair, mas acho melhor você começar a se arrumar para a noite de hoje. Já são sete e meia.

— O que? — Perguntei assustada ao ouvir as horas. — Eu dormi demais.

— Acho melhor se apressar. — Disse batendo com o dedo indicador, na lente de seu relógio de pulso.

— Obrigada, Caleb. — Disse e fechei a porta.

Tomei um banho e sequei meus cabelos, os prendendo em um rabo de cavalo alto. Fiz uma leve maquiagem nos olhos, caprichando no batom vermelho escuro nos lábios. Fui para o closet e lá avaliei bem cada um dos vestidos, tentando me

decidir qual usar está noite. Escolhi o preto que me chamou a atenção com a longa fenda que vinha da barra do vestido, até o alto da coxa. Minúsculas pedras, reluziam na cintura sobre o veludo e sobre o ombro de manga única e longa, no braço esquerdo. Calcei o sapato preto de saltos altos e finos e caminhei até a frente do espelho, observando admirada minha imagem.

— Está linda! — Elogiou Caleb da porta do closet.

— Obrigada.

— Meu pai nos aguarda lá em baixo.

— Então não vamos deixa-lo nos esperando.

Descemos para o andar de baixo e do último lance da escada, avistei Victor no hall conversando com Noberto, próximo a porta. Noberto forçou um pigarreado dando um passo para lado. Victor encarou-me sem esboçar nenhum sorriso ou um olhar admirado ao me ver. Será que não estou impecável como ele mandou?

— Vamos, pai. — Chamou Caleb passando

PERIGOSAS NACIONAIS

por nós e saindo pela porta acompanhado por Noberto.

— Gostou? — Perguntei com a voz baixa, de pé a sua frente.

— Gostei. Está muito bonita. — Disse curvando seus lábios em um sorriso mínimo.

Victor tirou do bolso da sua calça, uma caixinha fina de couro preto com as iniciais HW em prata na tampa. Ele a abriu e dentro dela, havia um lindo e delicado par de pequenos brincos de diamantes e safira.

— São maravilhosos. — Disse admirando-os.

— São seus. Safira e diamantes. — Disse entregando-me a caixinha.

Peguei os brincos e os coloquei em minhas orelhas, tirando os que eu usava. Victor tomou os brincos de pequenas perolas das minhas mãos e os guardou no bolso interno do seu paletó.

— Já podemos ir? — Perguntou ele.

— Sim. — Respondi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entramos na limusine que nos aguardava na entrada. Victor sentou-se ao meu lado e Caleb, a nossa frente. Fizemos o caminho em absoluto silêncio, até chegarmos a um enorme prédio no centro da cidade. Fiquei espantada com a quantidade de fotógrafos e reportes que havia na entrada principal que leva ao hall de entrada. Passamos direto por todos eles e entramos no estacionamento subterrâneo, passando por uma segurança rigorosa. Noberto estacionou o carro próximo ao elevador e um dos seguranças ali presente, abriu a porta da limusine para nós. Victor desceu primeiro, oferecendo-me sua mão para me ajudar a sair.

— Sr. White. — Gritou um homem que saiu pela porta da escada de incêndio. — Aqui. Uma foto. — Disse erguendo seu celular e disparando alguns flashes seguidos.

Os seguranças o deterão, jogando-o no chão e tomando seu aparelho antes de arrasta-lo para fora.

— Como ele entrou aqui? — Perguntou Victor furioso ao segurança que estava a nossa frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, Senhor. Não sabemos. — Respondeu ele, pressionando um ponto em seu ouvido.

— Ela é sua namorada, Sr. White? — Perguntou o paparazzo. — Ou só mais uma das suas acompanhantes de luxo?

Victor contraiu o maxilar e serrou seus punhos, encarando o homem com ira. Toquei seu braço em um gesto de tentar acalmá-lo, atraindo seu olhar para mim.

— Mas o que está havendo aqui? — Perguntou uma mulher ao sair do elevador.

Ela é linda. Alta, cabelos castanhos longos e ondulados, até sua cintura.

Muito elegante em seu vestido vermelho e um colar invejável de diamantes.

— Mãe! — Disse Caleb entusiasmado, indo em direção a mulher.

— Filho. Senti saudades. — Disse ela, abraçando-o. — Senti saudades de você também, Vic. — Disse aproximando-se de nós dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não lamento por não poder dizer o mesmo.
— Disse ele ríspido. — Achei que ainda estava viajando.

— Estava. Mas já voltei. — Ela encarou-me com a sobrancelha arqueada e um olhar nada agradável. — Olá. Eu sou, Eliza. Esposa do Victor.
— Apresentou-se estendendo sua mão para mim.

— O termo certo é, ex-esposa. — Disse Victor segurando minha mão, para não tocar a dela.

— Não perante a Deus ou a justiça. — Disse ela rindo com ironia. — Venha, querido. Vamos para a festa. — Chamou Caleb e os dois seguiram até o elevador.

— Desculpe por tudo isso. — Pediu Victor, aproximando mais nossos corpos.

— Tudo bem.

— Senhor. — Chamou um dos seguranças. — Já vasculhamos o prédio. Está limpo.

— Já deviam ter feito isso, antes de chegarmos aqui. — Disse Victor alto e irritado. — Aquele

PERIGOSAS ACHERON

homem tirou as fotos com um celular, já devem estar indo para as revistas de fofocas ou redes sociais. Seremos primeira capa de amanhã!

— Vamos resolver, Senhor. — Garantiu.

Victor pegou minha mão e caminhamos em direção ao elevador. As portas cromadas se abriram na cobertura do prédio e nós saímos de braços dados. Logo nos primeiros passos, já fomos abordados por algumas pessoas. Ele pegou uma taça de champanhe para mim e pediu que eu lhe aguardasse por alguns minutos, antes de sair por um corredor acompanhado de outros dois homens. Afastei-me de todos e caminhei até uma parede de vidro, que dava o prazer de uma bela vista noturna para cidade iluminada. Fiquei ali sozinha, por alguns minutos, pensando em minha família.

— Olha só você aqui. — Disse um homem atrás de mim.

— Evan. — Disse ao virar-me para trás e vê-lo.

— O próprio. — Disse sorrindo. — Eu te vi

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui sozinha e com uma taça vazia, então, resolvi lhe fazer companhia. — Disse estendendo-me uma taça servida de champanhe. — Está acompanhando o Victor?

— Sim. — Respondi pegando a taça da sua mão.

— As pessoas estão comentando. A diferença de idade entre vocês, causaram burburinhos pelos cantos.

— Pouco me importo com o que os outros estão falando sobre nós. — Disse sentindo-me um pouco irritada.

— Eu só queria saber... por que ele e não eu?
— Perguntou aproximando-se mais em alguns passos, deixando nossos corpos bem perto.

— Por que está perguntando isso?

— Eu posso paga-la melhor que ele. E dá-la mais prazer, é claro. O vigor de um homem de sessenta anos, deve ser um desastre. — Zombou.

— Quem você pensa que é para se meter na

PERIGOSAS ACHERON

nossa intimidade? — Perguntei com raiva do seu atrevimento.

— Calma. Não se ofenda, Valentina. — Disse com um sorriso debochado no rosto. — Ele te paga melhor por fingir os orgasmos?

— Vai se ferrar! — Disse alto, jogando o resto de champanhe que havia na taça, em seu rosto e afastando-me dele a passos largos.

Passei apressada em meio as pessoas e fui em direção ao corredor por onde Victor havia ido. Sai em um hall depois do corredor, onde havia muitas portas para diferentes salas. Não sabia em qual delas ele estava e muito menos se podia sair procurando por ele de sala em sala. A direita, avistei uma porta branca que dava para o banheiro feminino. Caminhei até ela e entrei encontrando o banheiro vazio. Empurrei a porta tentando fecha-la, mas algo impediu forçando-a para trás e a abrindo com brutalidade, fazendo-me cambalear para o lado e quase cair no chão.

— Quem você pensa que é? — Gritou Evan ao entrar no banheiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Saia daqui! — Mande alto.

— Vou te ensinar, sua vadia maldita, o que acontece com quem tenta me humilhar! — Gritou e trancou a porta, girando a chave.

— Deixe-me sair. — Pedi o vendo curvar seus lábios em um sorriso diabólico, que me causou medo e calafrio. — Se afasta!

— Não dificulte as coisas. — Disse se aproximando a passos lentos, encurralando-me contra a bancada de vidro da pia.

Ele agarrou meu pescoço com sua mão esquerda e puxou meus cabelos para trás com sua mão direita, aproximando sua boca da minha e colocando seus lábios nos meus, iniciando um beijo estúpido e nojento. Eu me debati tentando livrar-me dele, mas Evan a grande e forte demais. Mordi seu lábio com força, sentindo o gosto enferrujado de sangue invadir minha boca.

— Vadia! — Gritou puxando-me pelos cabelos e arremessando meu corpo contra a parede.

Ele aproximou outra vez, armando sua mão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para um tapa, mas eu acertei seus testículos com uma joelhada, fazendo-o se afastar e inclinar-se para frente buscando folego e gemendo de dor.

— Eu mandei se afastar! — Gritei.

Aproveitei sua vulnerabilidade e corri até a porta, a destrancando e saindo do banheiro antes que ele pudesse me impedir.

— Volta aqui, sua puta! — Disse com a voz esganiçada de dor, tentando se erguer e vir atrás de mim.

Passei pela porta apressada, tentando fugir do Evan, mas fui impedida quando meu braço foi agarrado e puxado para trás com força. Virei-me apavorada e pronta para gritar por socorro, mas não era Evan quem me agarrava e sim o Victor. Respirei aliviada e o abracei, permitindo que algumas lágrimas de pânico escorressem por meu rosto. Eu o soltei do meu abraço e ele encarou-me confuso.

— O que houve? — Perguntou ele, demonstrando preocupação em sua voz.

PERIGOSAS ACHERON

— Até mais, amor. — Disse Evan saindo do banheiro com um sorriso no rosto, ajeitando seu paletó do smoking.

Olhei para ele incrédula, não acredito no que ele está tentando fazer. Ele se afastou de nós voltando para a festa, ajeitando seus cabelos levemente bagunçados com as mãos. Victor encarou-me com pura ira nos olhos e a respiração pesada.

— Não aconteceu nada, Victor. — Expliquei antes que ele perguntasse algo. — Você tem que acreditar em mim. O Evan entrou no banheiro e me encurralou, mas eu consegui me livrar dele. — Mais lágrimas desceram por meu rosto. — Ele estava lá dentro porque invadiu, e não porque foi convidado.

Victor bufou serrando os punhos e passou por mim a passos largos e apressados, quase correndo em direção ao corredor. Eu fui atrás dele, já prevendo o que ele iria fazer. Ao chegar de volta no coquetel, ele procurou por Evan em meio à multidão de umas oitenta pessoas ou mais. Ao

avista-lo, ele rangeu os dentes e tentou dar um passo à frente em direção dele, mas eu o impedi segurando seu braço com força e o puxando para trás.

— Aqui não, Victor. Tem toda essa gente, isso pode ser ruim para você. — Disse baixo.

Seu peito arfava alto com sua respiração acelerada, como se ele tivesse acabado de correr quilômetros.

— Está tudo bem, querido? — Perguntou Eliza parando ao nosso lado.

— Está tudo bem. — Respondi por ele, sem olha-la.

— Eu perguntei ao Vic. Não a você. — Disse Eliza com arrogância, estreitando os olhos para mim.

— Estou bem! — Disse Victor encarando-a sério.

— Não é o que me parece. Somos casados, se esqueceu? Eu conheço você. — Disse alisando seu

PERIGOSAS ACHERON

braço com certa intimidade e aproximando seu corpo do dele. Isso me causou uma pequena pontada de ciúmes.

— Quando vai parar com essa de que ainda é minha mulher? — Perguntou irritado e alto, atraindo olhares de algumas pessoas mais próximas de nós.

— Victor, por favor, fique calmo. — Pedi a ele.

— Afinal, quem é você? Não deu para entender o que faz aqui com o meu marido. É uma acompanhante de luxo? Porque é isso que os convidados estão comentando por aí. — Disse ela soltando o braço do Victor.

— Não é da sua conta, Eliza! — Disse Victor encarando-a com raiva.

Ele pegou minha mão entrelaçando nossos dedos e levou-me para longe dela. Victor pegou uma dose de whiskey servida por um garçom na bandeja e a virou em um só gole.

— Vá com calma. — Pedi a ele, quando o vi

PERIGOSAS NACIONAIS

pegar mais um copo e o levar em direção da sua boca.

Ele afastou o copo que já estava próximo aos seus lábios e encarou-me com um olhar mais calmo, aproximando sua boca da minha e passando seu braço por minha cintura.

— Se importa comigo? — Perguntou ele.

— Claro que sim.

— Então me beija. — Mandou.

Segurei seu rosto entre minhas duas mãos e toquei seus lábios com os meus, começando um beijo vagaroso. Nossas línguas tomaram a boca um do outro com calma. O gosto do Whiskey em nosso beijo, é excitante. Sua mão subiu lentamente minhas costas até minha nuca. Um aperto veio em meu peito, fazendo com que eu me sentisse arrependida outra vez por ter traído sua confiança. Separei nosso beijo colando nossas testas e ficando ainda de olhos fechados. Quando os abri, Victor me olhava deslizando seu dedo polegar por meu rosto delicadamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos para casa. — Disse colocando o copo de Whiskey que ainda tinha na mão sobre a mesa ao lado.

CAPÍTULO 16

Chegamos na sua casa e Caleb desceu primeiro da limusine, entrando logo para dentro da mansão. Desci por último e segui Victor escada a cima até o corredor que levava para o seu quarto. Ele abriu a porta e fez um gesto com a mão para que eu entrasse primeiro. O aparato ainda continuava ali e no mesmo lugar.

— Tire somente o vestido! Eu já volto. — Mandou ele indo em direção ao closet.

Tirei meu vestido e o coloquei sobre o sofá ao lado, ficando apenas de calcinha e salto alto. Aproximei-me do aparato e toquei a madeira envernizada com as pontas dos dedos, sentindo sua textura lisa. Não conseguia pensar ou imaginar o que ele tem em mente para mim com essa coisa enorme.

— Chamamos de Cruz de St. Andrew. — Disse Victor ao voltar. Virei-me para ele e o vi se aproximar com uma caixa preta nas mãos. — Está

pronta? — Perguntou colocando a caixa sobre a pequena mesa de centro adiante.

— Estou. — Respondi na dúvida se realmente estou pronta, para o que virá às escuras.

Ele pegou-me pelo braço e posicionou-me de costas para a cruz, colocando meus braços para o alto e abrindo minhas pernas.

— Vou prende-la agora. Tudo bem? — Assenti com minha cabeça em resposta.

Ele prendeu um punho e depois o outro, deixando as algemas de couro bem justas. Abaixou-se a minha frente e prendeu meus tornozelos, deixando minhas pernas arreganhadas. Victor pegou de dentro da caixa, três cintos de couro preto e voltou até mim. Ele laçou o maior em torno da minha cintura, prendendo-me no eixo da cruz. Logo depois fez o mesmo com minhas coxas, usando os cintos menores. Eu fiquei totalmente imóvel. Meus membros ficaram estirados nas pontas da cruz, fazendo meu corpo acompanhar sua forma de "X".

Ele pegou mais objetos de dentro da caixa e

aproximou-se outra vez. Era um par de grampos para meus mamilos. Ele os prendeu, arrancando de mim um gemido baixo, quase inaudível. Em sua outra mão, tinha um pequeno vibrador de clitóris. Ele o pôs dentro da minha calcinha, ligando-o em seu volume médio de vibração, através do minúsculo controle remoto. Victor afastou-se e parou à minha frente, observando-me como se contemplasse uma obra prima. Ele se aproximou novamente, acariciou meus seios com as pontas dos seus dedos e os descendo lentamente por minha barriga, até chegar ao elástico da minha calcinha. Seus lábios tocaram os meus dando-me um beijo intenso de tirar o folego.

— Você é linda, Maya. Dona de um corpo escultural, cheio de belas curvas. — Disse sorrindo. — Quando eu a vi pela primeira vez, fiquei encantado e o que mais chamou minha atenção em você, foram seus olhos castanhos amendoados que brilharam com inocência. Eu soube naquele instante que a queria sobre meu domínio, mesmo sabendo que isso poderia me custar bem caro. — Disse cada palavra olhando em meus olhos. —

Achei que você gostasse de mim. Acreditei que você valorizasse o que faço por você, mas descobri que não é digna da minha confiança! — Disse com a voz alterada. — Não posso mais acreditar em você, Maya. Não merece o melhor de mim. — Suas palavras foram duras e me doeram.

— Sim, você pode. — Disse sentindo meus olhos ficarem marejados.

— Não! Eu não posso! — Gritou. — Você transou com aquele homem, Maya. Eu dei a você a chance de me dizer a verdade, mas você ainda assim negou! — Ele sabia a verdade o tempo todo. Por isso tem agido estranho. Estava esperando uma confissão minha, mas eu menti. — Eu fiz amor com você, para lhe mostrar que também sei fazer o que aquele merda faz. Fiz amor com você, porque me culpei por alguns segundos pela sua traição. Pensei que talvez tivesse acontecido, porque era algo que você sentia falta, mas você dormiu nos meus braços, me beijou em público e não teve a coragem ou o caráter de contar que traiu uma ordem e a minha confiança. A confiança do seu Dominador! — Gritou olhando-me nos olhos.

Pude ver magoa em suas palavras e entender o quanto traído Victor se sentia. Nunca me arrependi tanto de ter feito algo, como arrependo-me agora. Eu me perdi na minha própria confusão de sentimentos e fiz besteira. Eu gostava de transar com o Higor, também adorava seus beijos calorosos e seu cheiro másculo inconfundível. Porém, nunca soube ao certo o que eu sentia por ele, mas de uma coisa em sempre tive certeza. Nunca me apaixonei pelo Higor, era somente uma fogaosa atração sexual. Ele nunca poderá fazer por mim, o que o Victor faz. Nunca causará em mim, o efeito que Victor causa com sua proteção, sua disposição em me ajudar, seus cuidados, seus mimos, seus toques, sua voz grave em meu ouvido e a forma em que ele possuía meu corpo... Deus... tudo isso me deixa louca.

Cheguei em um ponto da vida, aos vinte e um anos de idade, que é hora de aprender a tomar decisões e saber fazer escolhas certas. A vida toda eu fui assim, uma indecisa e perdida. Roxo ou rosa? Qual cor pintar as paredes do meu quarto aos oito anos? Gato ou cachorro? Qual seria o melhor

animal de estimação aos dez anos? Jacke ou Fernando? Por quem eu estava apaixonada aos quinze anos? Essas foram algumas das coisas na vida, que nunca consegui me decidir. E no final... bom... no final eu acabei sem todas elas. Cresci em um quarto de paredes brancas, sem nenhum animal de estimação e nunca soube por quem eu estava apaixonada no colégio.

Que droga de vida! Eu não sou mais uma criança ou uma adolescente, sou uma mulher. Preciso ter mais responsabilidades com minhas ações e aprender a arcar com as consequências delas. Eu não entendia o porquê ainda estava aqui, se eu o traí. No rompante de um segundo, ele beijou meus lábios de forma dura e intensa, agarrando com força meus quadris. Só depois de relaxar sob ele durante aquele beijo, é que consegui sentir a vibração constante em meu clitóris. Estava tão tensa, que nem se lembrava mais do pequeno aparelho dentro da minha calcinha. Victor separou nosso beijo, mordendo meu lábio inferior com força, fazendo-me sentir dor.

— Quero foder você! — Disse ele olhando-me

PERIGOSAS ACHERON

nos olhos.

Victor tirou o vibrador de dentro da minha calcinha e o jogou sobre o sofá, antes de rasgar a mesma em pedaços. Sem esperar muito, ele abaixou sua calça do smoking e penetrou-me com uma estocada bruta. Com uma mão agarrou meu seio e com a outra, meus cabelos da nuca. Ele me fodia com força arrancando de mim gemidos altos de tesão, enquanto beijava e mordida meu pescoço e ombro. Senti-me tão vulnerável a ele, como nunca estive antes. Isso é bom e prazeroso, fez meu corpo explodir em um orgasmo intenso, me causando uma onda de calor. Eu não sabia dar nome ao que sentia, só sabia que queria mais. Victor continuou com suas estocas fundas e agora mais lentas, enquanto marcava a pele da minha coxa direita com tapas. Relaxei cada músculo do meu corpo e me entreguei a todo o seu poder sobre mim. Acho que comecei a entender nesse instante, o que é ser dominada.

— É assim que eu a quero. Submissa ao meu poder. — Disse com a voz meio rouca e tremula pelos os movimentos que seu corpo investia contra

PERIGOSAS ACHERON

o meu.

Não precisou de muitos mais tapas ou estocadas firmes, para outro orgasmo surgir e estremecer meu corpo. Victor continuou por mais alguns minutos até que gozou jogando sua cabeça para trás. Ele beijou meus lábios outra vez, ainda com seu membro dentro de mim. Seus beijos desceram por meu pescoço até meus mamilos presos por grampos. Ele os puxou de uma só vez, causando-me uma dor que foi seguida de um alívio excitante. Victor abaixou sua cabeça e sugou um seio e depois o outro, deixando-me ainda mais excitada. Sua mão direita massageou meu clitóris inchado, levemente.

— Victor. — Gemi baixo seu nome. Ele soltou o seio que sugava forte e olhou-me, aproximando sua boca da minha.

— Quando estiver nua ou amarrada, trate-me como seu Senhor! — Disse rude, encarando-me firmeza.

— Sim, Senhor. — Respondi o encarando da mesma forma.

Ele beliscou meus mamilos sensíveis e mordeu meu ombro deixando a marca de seus dentes em minha pele. Dei um grito de dor, que logo se tornou dando vez a um gemido contido dentro da boca, quando o senti me penetrar outra vez. Fizemos sexo ali novamente e Victor saiu de dentro de mim beijando minha testa, antes de se afastar e desaparecer pela porta do banheiro. Escutei o barulho da água que saía do chuveiro cair no chão. Depois de longos minutos presa ali, ele voltou de banho tomado e completamente nu. Ao se aproximar, o cheiro másculo do seu sabonete invadiu minhas narinas, fazendo suspirar. Victor parou de ante de mim com os braços cruzados à frente do peito e encarou-me por cinco minutos ou talvez mais.

— Acho que você merece uma noite assim. Presa aí, como está. Mas não há quero cansada para amanhã. — Disse rude.

Victor descruzou os braços e se aproximou desatando-me da cruz. Eu estava sem forças para me manter de pé e ele sabia disso. Por isso pegou-me em seu colo e me levou para dentro do

PERIGOSAS ACHERON

banheiro. A banheira se enchia de água quente e ele colocou-me dentro dela, jogando os sais de banho na água, antes de sair fechando a porta, deixando-me só para um banho. Esfreguei meu corpo com calma, observando as marcas vermelhas em minhas coxas, das fivelas e da sua mão. Fiquei dentro da água até que a senti esfriar e meus dedos enrugassem. Recuperada, sai da banheira e sequei-me vestindo um roupão branco que estava dobrado sobre a bancada da pia.

Quando saí do banheiro, Victor estava sentado a varando de seu quarto, fumando um charuto e vestindo apenas seu roupão azul escuro. Caminhei até lá e passei pelas portas, sentando-me na cadeira do outro lado da mesa redonda de vidro. Ele continuou como estava, sentado com o tornozelo repousado sobre o seu joelho, com um charuto na mão direita e uma dose de whiskey servida ao lado sobre a mesa. Ele me ignorou por completo, nem parecia que eu estava ali. A noite estava agradável e com uma brisa leve e fresca. Escorei-me para trás na cadeira aconchegante e apoiei meus calcanhares em sua beirada.

Ficamos ali em absoluto silêncio, apreciando à noite, até que ele terminasse seu charuto e sua dose. Victor colocou o cinzeiro que estava no braço da cadeira sobre a mesa ao lado do copo e levantou-se ajeitando seu roupão. Ele deu a volta a pequena mesa de vidro fume e parou a minha frente, estendendo-me sua mão. Coloquei a minha mão sobre a sua e ele puxou-me para si gentilmente, me ajudando a levantar da cadeira. De mãos dadas, seguimos para dentro do quarto e depois de nos despir, deitamos em sua cama abraçados. Fiquei admirada ao ver que seu pau começava a ficar excitado outra vez.

Resolvi ser ousada e subir em cima dele, deixando minhas pernas entorno do seu quadril. Acaricieei sua ereção com as pontas dos meus dedos, fazendo-o respirar fundo e fechar seus olhos relaxando sua cabeça em seu travesseiro. Peguei seu pau em minha mão e comecei a masturba-lo com delicadeza, o sentindo ficar cada vez mais duro. Observei excitada, a primeira gota da sua pré-ejaculação escorrer por sua glândula rosada e inchada. Desci do seu quadril e o coloquei em

minha boca, engolindo-o vagorosamente.

A cada chupada, colocava mais um pouco do seu pau dentro da minha boca, o sentindo descer aos poucos cada vez mais fundo em minha garganta. O chupei com gosto, desejo e vontade. Ele agarrou meus cabelos e os puxou, gemendo ofegante até gozar. Seu gozo morno e grosso, encheu minha boca, chegando a escorrer pelos cantos dos lábios. Engoli tudo sentindo descer pegajoso por minha garganta. Isso me excita. Subi sobre seu corpo sentando sobre seu pênis duro e debruçando-me sobre ele. O beijei lentamente, fazendo com que ele sinta do seu próprio gosto. Transamos novamente, com meus punhos atados por uma gravata de seda vermelha, até que ficarmos exaustos.

Na manhã seguinte, Victor foi para o trabalho depois de deixar-me no campus. Sai para caminhar com a Penny no parque e depois fomos nos encontrar com Dick, para um café no centro da cidade. Da hora em que acordei, até a hora que descii do carro do Victor, ele não mesmo me dirigiu uma palavra se quer. Nem mesmo um “Bom dia”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Devia ainda sentir raiva pelo meu erro. Durante a caminhada, contei a Penny tudo o que houve desde o final de semana. Ela disse que não sabia o que me dizer, até mesmo porque nunca viveu um "relacionamento" com o qual estou envolvida no momento.

Quando chegamos ao café, Dick já nos aguardava. Nós conversamos e rimos como costumávamos fazer antes, ao menos uma vez na semana. Nos despedimos da Penny na calçada, onde ela tomou um táxi e seguiu para seu próximo compromisso e Dick me deu uma carona até o campus. Despedi-me dele com um abraço e agradei antes de descer do carro. Entrei para dentro da casa e fui abordada por Lucy, uma de nossas colegas da fraternidade.

— Tem um homem no seu quarto. — Disse ela com a voz nervosa, esfregando suas mãos uma na outra.

— O que? Você deixou um homem entrar aqui? Quem está lá em cima? — Perguntei preocupada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei. Ele bateu na porta e quando abri, ele procurou por você. Eu disse que não estava, mas ele entrou sem ser convidado e subiu as escadas me perguntando qual era seu quarto. — Passei por ela subindo a escada apressada e abri a porta em um supetão, sem saber quem eu poderia encontrar ali dentro.

— Victor! — Disse ao vê-lo sentado em minha cama mexendo em meu celular. — Mas o que você está fazendo aqui? — Perguntei um tanto confusa e curiosa.

— Eu vim atrás de você! Eu te liguei, mas você não atendeu minhas ligações e nem respondeu as minhas mensagens.

— Isso é porque eu saí e deixei meu celular carregando. O que há de tão urgente para você entrar aqui? Não podemos receber homens na casa, sabia? Isso pode gerar a minha expulsão. — Expliquei um pouco irritada.

— Desculpe, mas te procurei e você não deu nenhum sinal eu só... fiquei preocupado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay. Ouça... eu saí para caminhar com a Penny e depois fomos tomar um café com um amigo...

— E por que não me avisou? — Perguntou alto interrompendo-me.

— Fala baixo. Não estamos na sua mansão. — Disse brava com ele.

— Devia ter ao menos me avisado, já que não tem a capacidade de me pedir a permissão para sair. Ainda mais para se encontrar com um homem!

— Disse nervoso e alto outra vez.

— Já pedi para falar baixo e sim, eu devia ter lhe avisado. Desculpe, foi só um vacilo. Mas quanto há ter que te pedir sua permissão para tomar um café com meus amigos, você pode esquecer, porque isso não vai rolar! — Disse sendo um pouco rude.

Victor fechou seu semblante e aproximou-se a passos lentos, pegando firme meu braço esquerdo e apertando sua mão, causando-me dor. Segurei sua

PERIGOSAS ACHERON

mão que me machucava e tentei puxá-la, mas Victor não permitiu que eu me livrasse do seu aperto.

— Não seja malcriada! Nunca me trate com desrespeito ou eu lhe darei uma surra aqui mesmo! — Disse rude entre os dentes, com seu rosto próximo ao meu. — Você me deve satisfações, assim como deve pedir minha autorização até para pintar as unhas. Você me entendeu?

— Você está me machucando, Victor. Me solte. — Pedi tentando livrar meu braço da sua mão.

— Você entendeu, Maya? — Perguntou rangendo os dentes de raiva e apertando ainda mais meu braço.

— Aí! — Exclamei ao sentir seu arrocho ficar mais forte. — Sim. Eu entendi.

— Sim, o que? — Sabia bem o que ele queria que eu dissesse.

— Sim, Senhor. — Disse ao notar que assim seria a única maneira de livrar-me da sua mão que

me machucava. — Me solte, por favor. Está doendo.

Victor soltou meu braço e agarrou minha nuca com uma mão e minha cintura com a outra, puxando-me mais para ele e beijou ferozmente minha boca. Não era um beijo que me deixou excitada ou que demonstrava afeto, carinho ou saudade. Era um beijo que gritava, "Eu mando em você!" Sua mão que estava em minha cintura, apertou-me deixando a marca de seus dedos.

— Ah, meu Deus! — Disse uma voz assustada. Victor me soltou e eu virei-me olhando para porta, encontrando Lucy parada depois dela, nos olhando desconcertada com suas bochechas coras. — Eu só vim ver se você precisava de alguma coisa. Desculpem.

— Eu estou bem. — Disse e ela assentiu com sua cabeça, nos dando um sorrisinho envergonhado, antes sair sem dizer mais nada.

Caminhei até a porta e a fechei trancando com a chave. Victor sentou-se novamente em minha cama e pegou seu celular no bolso da calça.

— Vim até aqui para lhe mostrar isto. — Disse entregando-me seu celular.

Na tela, havia uma foto do Victor ajudando-me a sair da limusine na noite anterior, em um site famoso de fofocas. Subindo a imagem, havia um pequeno texto que dizia que Victor está de namorada nova e que ele a apresentou a sociedade dos economistas na noite de ontem. No mesmo, perguntavam quem seria eu e de qual buraco a "ninfeta de cabelos negros" havia surgido. No final do texto, ainda havia a pergunta; “ Juntos por amor ou dinheiro? ”. Segundo o editor do tabloide, uma fonte segura e próximo ao "casal", lhe disse que eu seria uma acompanhante de luxo.

— Essa merda está em todo lugar. — Disse Victor irritado.

— Victor! Se isso chegar aos olhos e ouvidos da minha família, eu estou ferrada. Meus pais vão me odiar pelo resto da vida deles. — Disse entrando em completo desespero, sentindo meus olhos marejarem.

— Calma. — Pediu levantando-se e vindo até

PERIGOSAS ACHERON

mim. — Eu já tenho uma equipe trabalhando para retirar isso da internet e as malditas revistas das bancas. Também pedi a pessoas da minha confiança para descobrirem quem foi a fonte segura desse jornalista de merda. — Victor me abraçou aconchegando minha cabeça junto ao seu peito. Passei meus braços a volta do seu corpo, sentindo o calor dos seus braços. — Não fique assim, minha querida.

— Eles estão dizendo a verdade. — Disse baixo.

— Não, Maya! Você é minha submissa, não uma acompanhante. — Disse e soltou-me pegando meu rosto entre suas mãos, encarando-me com firmeza. — Você é minha garota e não uma prostituta. Entenda! O fato de lhe ajudar, não quer dizer que seja um pagamento por você me dar prazer. — Assenti com minha cabeça e ele selou meus lábios de leve. — Talvez seja melhor voltar para Oklahoma. Eu irei vê-la, assim que possível. Quem sabe estando lá, você consiga evitar que alguém veja isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem.

— Mas lembre-se, querida. Não haverá outra chance. Se errar comigo de novo, eu prometo acabar com você! — Ameaçou calmo, porém, sério. Pude ver que Victor movido a ira, é capaz de muito ou qualquer coisa.

— Okay. — Respondi sussurrado.

— Ótimo! Vou mandar que meu jatinho particular a leve hoje mesmo. Assim chegara mais rápido e será melhor do que esperar o próximo voo para casa.

— Obrigada. — Victor beijou meus lábios de forma carinhosa e rápida.

— Antes que eu me esqueça... — Disse colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Coloquei um agrado em sua conta esta manhã.

— Obrigada outra vez. — Disse e ele assentiu com sua cabeça, pegando seu celular da minha mão e caminhando em direção a porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Até mais, querida. — Disse antes de sair do quarto.

— Tchau. — Despedi-me curvando meus lábios em um sorrindo forçado.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

Arrumei minhas malas e logo Noberto chegou para me levar até o aeroporto. Não demorou muito até que eu já estivesse em Oklahoma. Ao desembarcar, Grace esperava por mim próxima ao portão, como havíamos combinado.

— Desembarque privado, é? — Perguntou ela sorrindo.

— Pois é. — Respondi com um sorriso sem graça.

— Isso é coisa daquele seu namorado mais velho? — Perguntou enquanto caminhávamos até o estacionamento.

— Ele não é meu namorado, mas sim. Foi ele quem mandou que eu viesse em seu jatinho.

— Ah, meu Deus! Onde eu arrumo um desse? Acho que vou me mudar para o Texas. — Disse rindo e fazendo-me gargalhar. — Uma parada para um café? — Perguntou ao entrarmos no carro.

— Com certeza.

Seguimos até um café no centro e como sempre, nos sentamos para conversar e eu acabei contando a ela sobre a reportagem a respeito do meu envolvimento com Victor. Ela disse que se alguém próximo soubesse, já teria dito algo a ela ou sua mãe. É como dizem; Cidade pequena, grandes línguas. Ela deixou-me em casa e nos despedimos marcando algo para a noite. Ao entrar na sala, tudo estava silencioso e escuro. Subi para o meu quarto e fui direto para o banho. Já eram seis horas da tarde e meu pai ainda não havia chegado. Eu não queria ligar para ele, estava afim de fazer uma surpresa. Resolvi descer e fazer algo para o nosso jantar. Estava colocando o bolo de carne no forno, quando bateram à porta. Limpei minhas mãos no pano amarrado em minha cintura e fui abri-la.

— Oi, Maya. Sabia que era você. — Disse Carla, a vizinha intrigueira.

— Oi. Em que posso ajudar? — Perguntei sendo grosseira.

— O seu pai está em casa? — Perguntou com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso sínico no rosto.

— Não. O você quer com ele? — Perguntei rude.

Desde que minha mãe foi para o hospital da última vez, ela fica como um abutre em cima do meu pai e isso me tira do sério.

— Na verdade, nada. Está tudo bem? — Perguntou enlarguando seu sorriso sínico.

— Estou ótima. Se não precisa de nada, com licença. Estou com o jantar no forno. — Disse e puxei a porta para fecha-la, mas ela colocou seu pé no caminho, impedindo-me.

— Fico feliz que esteja tudo bem. — Disse e desceu seu olhar para o meu braço — Uau! Que bela pulseira. — Arregalou os olhos, puxando meu braço para si. — É de ouro? Deve custar uma verdadeira fortuna! — Disse admirando-a com inveja.

— Obrigada. Preciso mesmo voltar para a cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxei meu punho das suas mãos e tentei fechar a porta outra vez, quando ela me impediu novamente.

— Isso foi um presente do seu namorado?

— Isso é da sua conta. Boa noite.

— Boa noite, Maya. — Disse e deu-me costas caminhando em direção à rua.

— Vadia! — Sussurrei antes de fechar a porta.

Voltei para a cozinha e terminei o jantar. Estava colocando a mesa quando a porta da frente se abriu e meu pai passou por ela.

— Maya! — Disse surpreso vindo até mim.

— Oi, pai. — O cumprimentei indo até ele e o abraçando apertado.

— O que faz aqui? Achei iria demorar voltar para casa.

— Sim, mas... eu decidi que férias são férias e você e a mamãe são mais importantes que qualquer outra coisa. — Ele sorriu e beijou na testa.

PERIGOSAS ACHERON

— Esse cheiro bom significa que fez o jantar?
— Perguntou sorrindo e indo em direção ao fogão.

— Sim. Tentei reproduzir o bolo de carne da mamãe, mas não prometo que tenha ficado tão bom quanto o dela. — Disse terminando de pôr a mesa.

— Ah, querida... eu vou amar tudo que não venha em uma caixa de papelão. Já estou ficando com o gosto daquilo impregnado em minha boca.
— Disse com a boca cheia do purê que estava sobre a mesa.

— Pode pegar o bolo no forno, por favor?

— Mas é claro.

Ele colocou a travessa de porcelana sobre a mesa e sentou-se à minha frente, servindo-se primeiro.

— Quem está no hospital?

— Sua Tia Jenna.

— Amanhã eu fico. Já estou morrendo de saudades da Meredith.

— Hoje ela ficou um pouco cansada depois do
PERIGOSAS ACHERON

novo tratamento. — Disse de cabeça baixa, mas mesmo assim, pude sentir sua tristeza.

— Ela vai ficar bem pai. Esse tratamento é menos agressivo e vai dar a ela grandes chances de sucesso na próxima cirurgia, você vai ver. Vão conseguir controlar o câncer. — Ele limpou os olhos, ainda de cabeça baixa. — Pai. Ela vai voltar para casa, eu sei disso. Tenha fé.

— Eu tenho, minha filha. É que eu sinto muita falta dela aqui. Sinto falta da vida que tínhamos antes.

— Eu também sinto, mas esses tempos vão voltar. Quer uma boa notícia? — Perguntei lhe dando um sorriso.

— Se é uma notícia boa, é bem-vinda.

— O banco liberou mais uma parte do empréstimo. — Disse animada o vendo sorrir.

— Quem bom, Maya. As coisas na oficina estão começando a ficarem melhores, graças ao Higor. Em breve, vamos poder devolver o dinheiro ao banco, filha. — Sorri feliz ao ver esperança

surgir em seu rosto.

Levantei-me e caminhei até o balcão ao lado, pegando meu celular sobre ele. Iria transferir o dinheiro agora mesmo para a conta do meu pai, mas acabei me assustando com o saldo total da minha conta bancária.

— O que foi filha? — Perguntou meu pai. — Aconteceu alguma coisa, parece até que viu um fantasma.

— Não. Não foi nada. Só uma mensagem. — Disse e sorri para ele.

Voltei a encarar a tela do celular incrédula. Havia trinta e cinco mil dólares na minha conta. Eu realmente não esperava mais do que quinze mil. Fiquei tão perdida observando os números na tela, que nem mesmo havia notado que a campainha havia tocado e meu pai atendido a porta.

— Querida. Você se lembra do Higor, não é? — Perguntou meu pai.

— Sim. — Respondi o encarando assustada ao vê-lo parado de ante de mim. — Oi, Higor.

— Oi, Maya. — Disse com um lindo sorriso no rosto.

— Se junte a nós para o jantar. — Convidou meu pai. — Foi a Maya quem o preparou, acabamos de nos servir. Venha, sente-se. Fique à vontade. — Disse colocando mais um prato a mesa, enquanto eu e Higor ainda nos encarávamos, indiscretamente e em silêncio.

Seu olhar passeava por cada centímetro do meu rosto, deixando-me um pouco desconcertada, enquanto as palavras do Victor martelavam intensamente em minha mente sem parar. "*Não haverá outra chance. Se errar comigo de novo, eu prometo acabar com você!*"

— Higor. — Meu pai o chamou.

— Desculpe. Vim somente lhe entregar sua via do contrato, já vou indo. Não quero incomodar.

— Por favor, pare de bobagens. Eu insisto. — Disse meu pai lhe entregando uma cerveja.

Meu celular vibrou em minhas mãos, chamando minha atenção para ele. O nome do

Victor brilhou na tela, a cima de um ícone de carta. Com as mãos tremulas cliquei para abrir a mensagem.

Mande esse homem ir embora, AGORA!

-Victor.

07:48 p.m.

— O que? — Perguntei-me surpresa, em voz alta.

— O que disse, querida? — Perguntou meu pai chamando minha atenção para ele.

— Não é nada. — Disse e saí da cozinha.

Passei pela sala e sai para a varanda. Parei nos degraus e observando a rua, não havia nada e ninguém ali. Nem mesmo um carro passando ou estacionado. Caminhei até a calçada e fui por ela até esquina. Também não havia nada lá. Como ele soube?

— Maya. — Assustei-me ao ser chamada e tocada no ombro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por Deus, Grace. Você me assustou. — Disse enquanto ela gargalhava do meu susto.

— Desculpe, não queria assusta-la. Acho que não está pronta. — Disse dando-me uma boa olhada dos pés à cabeça.

— Desculpe. Eu me esqueci. — Disse lembrando-me de que havíamos combinado de sair está hoje. — Eu me arrumo rápido, prometo. — Voltamos caminhando pela calçada e entramos para dentro de casa.

— Boa noite. — Disse Grace ao entrar.

— Boa noite, Grace. — Cumprimentou meu pai.

— Oi. — Ela disse sorrindo para o Higor.

— Higor está é Grace, amiga da Maya. Este é Higor, meu sócio.

Ela olhou para mim surpresa e depois olhou para o Higor outra vez lhe dando um sorriso mínimo. Ele levantou-se e foi até ela estendendo sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

— Muito prazer. — Disse ele.

— O prazer é meu. — Disse Grace apertando sua mão.

— Eu vou subir, você espera aqui? — Perguntei para ela, que ainda o encarava com cara de boba e a boca entre aberta. — Grace! — Chamei sua atenção.

— Sim. — Disse soltando sua mão e olhando-me sem graça. — Eu te espero aqui.

Subi a escada com aquela cena me corroendo por dentro. Parei no primeiro lance e olhei para baixo. Higor me observava de braços cruzados, ele sabia que a aproximação dos dois havia me incomodado. Continuei a subir a escada e atravessei o corredor em direção ao meu quarto. Abri meu armário a procura de algo para vestir e peguei um vestido preto que não usava desde o colegial. Ele foi presente da minha avó. Preto com brilhos pratas, as alças de correntes finas, decote em "V" nos seios e de comprimento até o meio das coxas. Lembro-me do dia em que ganhei este vestido, meu pai teve um surto de ciúmes. Ficou

sem falar com a minha avó pôr dias. A acusou de tentar me transformar em uma mulher aos dezessete anos de idade.

Vesti o vestido e fiquei surpresa por ainda caber em meu corpo. Ele estava mais justo no busto, mas ainda assim ficou perfeito. Coloquei um cinto fino e preto na cintura, e calcei sandálias pretas de salto alto. Peguei minha jaqueta de couro preto e uma bolsa pequena para colocar apenas o essencial, que seria minha carteira de motorista, chaves e um batom. Quando abri minha gaveta da cômoda para pegar o batom, vi no canto um preservativo. Confesso que foi tentador pega-lo também e guardar na bolsa. Se fosse a algumas semanas atrás, eu o pegaria e sairia para me divertir. Fiz uma maquiagem rápida, marcando bem meus lábios com um batom marrom escuro e sai voltando para a sala.

Ao descer, encontrei Grace sentada a mesa, ao lado do Higor com suas pernas cruzadas em sua direção. Eles riam de algo que meu pai contava. Higor estava sentado bem próximo a ela, diria que uma distância de no máximo uns vinte centímetros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Grace olhou para ele quando começou a falar, jogando seus cabelos loiro escuro para trás do ombro, deixando seu decote bem à mostra. Aquilo deixou-me com vontade de ir até lá e o abraçar, para mostrar por quem ele é apaixonado, mas não podia fazer isso. É ridículo e sem sentido.

— Estou pronta. — Disse aproximando-me deles.

— Está linda, filha. — Elogiou meu pai. — Não vai terminar seu jantar? — Perguntou levantando-se da mesa.

— Não, pai. — Caminhei de encontro a ele e
lhe dei um beijo no rosto.

— Boa noite. — Desejei abraçando-o. —
Vamos, Grace?

— Vamos. — Disse antes de virar-se para o Higor. — Até mais, Higor. — Disse estendendo sua mão para ele.

— Até mais, Grace. — Disse ele sorrindo para ela, apertando sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa noite, Sr. Valentine. — Disse ela virando-se para o meu pai.

— Boa noite, querida. — Respondeu meu pai.

Dei uma última olhada para o Higor antes de sair. Ele me olhava de um jeito que eu sabia bem o que queria dizer. Caminhamos até a porta e ainda podia sentir seu olhar queimar em minha pele. Saímos e Grace entrou em seu carro. Antes de eu fazer o mesmo dei mais uma olhada pela rua e as esquinas escuras. Tudo ainda estava deserto. Como Victor pode ter alguém de olho em mim? De onde esta pessoa está me observando?

— Está tudo bem? — Perguntou Grace enquanto afivelava o cinto.

— Está. — Respondi entrando no carro.

— Poxa, você não me disse que o Higor era um gato. — Disse sorrindo.

— É. Ele é sim. — Disse olhando pela janela. Confesso, eu estou com ciumes.

Logo chegamos ao bar agitado no centro. Para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma cidade pequena, o local é bem grande e tumultuado. Haviam pessoas de todos os tipos. É o lugar preferido de quase todos os moradores. Pedimos umas cervejas e depois alguns shots de tequila. Conhecemos boa parte das pessoas que estão aqui. O DJ começou a tocar uma música do Florida Georgia Line e eu já estava com álcool nas veias e com animação total. Tirei minha jaqueta e puxei Grace para a pista de dança. Começamos a dançar e logo alguns homens começaram a se juntar ao nosso redor e nós estávamos nos divertindo como não fazíamos a bastante tempo. Por alguns minutos durante algumas músicas, limpei minha mente esquecendo-me de todos os problemas que me cercavam nos últimos dias. Estava tudo ótimo e perfeito, até eu ser agarrada com força pelo braço e puxada com violência para trás.

— Me solta! — Disse alto puxando meu braço de volta.

— Qual é, minha linda? Eu sei que você quer.
— Disse um homem estranho, agarrando-me pela cintura e me puxando para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse para me soltar. — Gritei tentando livrar-me dos seus braços que me cercavam. — Me solta seu imbecil! — Berrei

— Solta ela! — Gritou Grace, tentando me puxar dos seus braços, mas ele a empurrou para trás com uma só mão, a fazendo cair de bunda no chão.

— Me deixa. Eu não quero! — Gritei o empurrando, quando ele tentou me beijar a força.

— Se não quisesse, não estaria aqui rebolando com essa sua amiga vadia. — Por impulso e raiva, lhe acertei um tapa em seu rosto, que estalou alto contra sua pele.

Ele me soltou e ergueu seu braço para revidar o tapa, quando uma mão segurou firme seu braço, impedindo-o de que me acertasse. Olhei assustada para o lado, sem saber o que fazer ou dizer. Nem mesmo conseguia respirar. Tenho certeza que todos os problemas que esqueci por segundos atrás, acabaram de voltar.

— Qual é a tua, Vovô. — Disse o estranho puxando seu braço da mão que o apertava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Noberto, leve-as para fora! — Mandou Victor.

Noberto ajudou Grace a se levantar do chão e com a ajuda de outro homem, nos arrastou para fora do bar. Antes que passássemos pela porta, olhei para trás a tempo de ver Victor acertar o estranho com um soco em seu rosto e um tumulto se formar rapidamente em volta deles com gritos e assobios.

— Noberto, você não pode deixa-lo lá dentro, tem que voltar. — Disse enquanto ele arrastava-me até o carro.

— Victor sabe o que faz, Maya. Nem se eu quisesse, conseguiria tirá-lo de lá. — Disse abrindo a porta do carro.

— Aquele homem tem o dobro do tamanho dele e metade da idade. — Disse parando na calçada, recusando-me a entrar no carro.

— Victor tem trinta anos de faixa preta. Aquele homem lá dentro, é só mais um valentão que gosta de se aproveitar do seu tamanho para

PERIGOSAS ACHERON

agarrar mocinhas indefesas. Agora entra no carro, por favor! — Pediu apontando para dentro do carro.

Entrei e encontrei Grace já sentada lá dentro. Ela olhou-me assustada e se arrastou para mais perto de mim.

— O que está havendo, Maya? — Perguntou ela.

— Aquele é o Victor. O homem de quem te falei.

— Mas o que ele faz aqui? Você o chamou?

— Não. Victor não precisa ser convidado para aparecer nos lugares e muito menos que eu o informe para ele saber onde estou.

— Para onde estamos indo? — Perguntou ela e só então notei que o carro já estava em movimento pelas ruas.

— Vamos tira-las daqui. — Respondeu Noberto, antes que eu o fizesse a mesma pergunta. — E não se preocupe, senhorita Montgomery. Seu

PERIGOSAS NACIONAIS

carro já está sendo levado para sua casa em segurança, eu lhe prometo. — Disse a olhando pelo retrovisor.

— Mas para onde vai nos levar? — Perguntou Grace um pouco apreensiva.

— Para sua casa, senhorita. — Disse ele.

— Mas quanto a Maya? Para onde vão leva-la? — Perguntou preocupada.

— Não se preocupe comigo, Grace. — Disse pegando em sua mão. — Ficarei bem.

Olhei para o retrovisor e Noberto dividia seu olhar entre a estrada a frente e eu. Senti que ele já não tem tanta certeza assim, se eu ficarei bem. Ele estacionou o carro à frente do prédio da Grace e saiu para a abrir a porta. Descei logo depois dela para me despedir, agradecer pela noite e desculpar-me pelo modo que acabou.

— Eu te ligo amanhã. — Disse antes de solta-la do meu abraço e entrar novamente no carro. — Como ele me achou? — Perguntei ao Noberto quando pôs o carro em movimento.

PERIGOSAS ACHERON

— Olhos em todos os lugares, senhorita Valentine. Olhos em todos os lugares. — Disse encarando a estrada a frente.

Paramos à frente do Hotel LasGold, no centro da cidade e outro homem, que deduzi trabalhar no hotel, veio até nós e abriu a porta para mim. Saí com sua ajuda e Noberto guiou-me para dentro. Atravessamos o luxuoso saguão com decoração em marfim, branco e dourado, em direção ao elevador privado que nos levou até a cobertura. Quando as portas do elevador se abriram, haviam dois homens de pé na porta da suíte de braços cruzados à frente do peito. Um deles abriu a porta para nós e eu entrei seguida por Noberto. Ele colocou minha bolsa e minha jaqueta que carregava em suas mãos, sobre um aparador de madeira atrás do comprido sofá e depois posicionou-se no canto do outro lado da sala, entre o piano e as portas de vidro, que levam a uma varanda com vista esplendida.

Sentei-me no sofá, sentindo-me um pouco enjoada. Admito que bebi um pouco mais do que devia. Levantei-me um pouco zonza e sai em direção ao banheiro dentro do quarto. Tinha

PERIGOSAS ACHERON

vontade de pôr tudo para fora, mas não conseguia. Lavei meu rosto tirando toda a maquiagem borrada pelo suor e o sequei com uma toalha preta que estava dobrada sobre a bancada de mármore da pia. Respirei fundo tentando aliviar-me do mal-estar, quando senti um frio percorrer meu corpo e o nervoso tomar de conta de mim outra vez, ao ouvir a voz furiosa do Victor soar alto pela suíte.

— Onde ela está? — O escutei perguntar novamente em um berro. Saí na porta do banheiro e o vi entrar apressado no quarto. — Aí está você. — Disse encarando-me nos olhos e vindo até mim.

— Como me achou, Victor? Quem está me seguindo para você? — Perguntei caminhando de encontro a ele.

CAPÍTULO 18

— Estou sempre de olho em você, Maya. Achou mesmo que eu a mandaria para cá e a deixaria solta por aqui? — Perguntou parando a minha frente. — Você nem mesmo pediu minha permissão para sair esta noite! — Grito.

Seus lábios estão com um pequeno corte no canto esquerdo, que sangra um pouco. Sua respiração está tão acelerada e ofegante, que seu peito arfar alto. Seus olhos verdes, agora estão vermelhados e radiam raiva sobre mim, causando-me um calafrio e um pouco de medo pelo que virá a seguir.

— Já disse que não vou pedir sua permissão para nada. Não acredito que mandou mesmo alguém me seguir. É tão louco por controle, que vigia até mesmo quem entra na minha casa. — Disse com raiva, quase em um grito.

— Fale baixo comigo, Maya ou...

— Ou o que, Victor? — Perguntei em um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grito, o interrompendo enquanto me ameaçava. — Vai me amarrar na cama e me punir por tentar ter uma noite longe de tudo isso? — Disse abrindo os braços. — Me punir por tentar ter uma noite normal com uma amiga? — Perguntei baixo.

— O que está querendo dizer? — Perguntou encarando-me e chegando mais perto.

— Que não aguento mais isso. Gosto de ter liberdade e hoje, enquanto eu estava lá dançando e bebendo, me senti livre e feliz até você chegar. Sempre quando você chega o clima pesa e não me sinto mais eu mesma. Estou me perdendo no meio desse seu jogo de sedução, controle e Dominação.

— Não faça isso, Maya.

— Eu não estou feliz, Victor. Estou perdendo o controle de mim mesma. Nada a minha volta, por mais caro ou reluzente que seja, não está me fazendo bem. Me senti uma completa vadia ao abrir minha conta bancária está tarde.

— É por causa daquele homem, não é? O tal do Higor? — Perguntou em um grito.

PERIGOSAS ACHERON

— O que? Você ouviu tudo o que eu acabei de te dizer? Falei tanto sobre o que estou sentindo, mas parece que não escutou nada do que eu lhe disse. — Ele esticou sua mão para me tocar, mas eu dei um passo para trás. — Não! Acabou aqui.

Passei por ele, mas Victor alcançou meu braço com sua mão e puxou-me em sua direção. Tentei livrar-me dele, mas sua mão apertou-me ainda mais causando dor.

— Acaba, quando eu disser que acabou! — Gritou erguendo sua mão e disparando um forte tapa contra meu rosto, fazendo-me cair de lado no chão.

O olhei incrédula, não conseguia acreditar que Victor havia mesmo me batido.

— Desculpe. — Pediu abaixando-se a minha frente e levando sua mão para tocar meu rosto.

— Não! — Disse alto, tentando afastar-me dele.

— Foi preciso. — Disse tocando levemente onde havia batido.

— Foi... preciso? — Repeti sua pergunta. — Foi preciso me machucar?

— Você precisa ser educada, querida. Precisa de correção. — Eu apenas o encarei sem palavras ou reação, enquanto ele alisava a marca de sua mão em meu rosto. — Posso dar o mundo a você, Maya. Em troca... — Fez uma pausa de segundos, aproximando mais seu rosto do meu. — ...quero sua lealdade e sua obediência cega.

— Eu não posso. Não quero mais isso. — Sussurrei.

— Você só está bêbada e magoada, não sabe o que diz. Mas acredite, meu anjo. O certo a se fazer, é ficar comigo. Além de ser o mais seguro para você, é claro. — Lágrimas desciam abundantemente pôr meu rosto, não conseguia controla-las. — Vou te levar para o banho agora. Depois vamos para a cama, eu vou te colocar no meu colo e te pôr para dormir. Okay? — Perguntou com a voz mansa, acariciando meus cabelos como se eu fosse um bicho de estimação.

Victor se levantou e estendeu-me suas mãos

PERIGOSAS ACHERON

para me ajudar a levantar. Ele pegou-me em seu colo e nos levou para o banheiro, colocando-me sentada à beira da banheira. Ele ligou a água quente e agachou-se à minha frente tomando meu tornozelo em suas mãos e retirando as sandálias que eu calçava. Victor beijou minha coxa e deixou uma leve mordida. Olhando-me nos olhos, escorregou sua mão por debaixo do vestido, até tocar minha calcinha. Tive vontade de empurrá-lo para longe de mim e sair correndo, mas tive medo de que ele não me deixasse ir e me batesse outra vez.

Ele desligou a torneira que enchia banheira, mandando que eu tirasse meu vestido e minha calcinha. Victor despiu-se na minha frente e não pude deixar de notar que ele estava completamente excitado. Toda essa situação o excita? Não acredito. Ele entrou na banheira e me ajudou a entrar em seguida. Sentei-me dentro da água quente, entre suas pernas sentindo sua ereção cutucar minhas costas. Se fosse em outro momento, eu já estaria completamente ansiosa para transar com ele, mas agora estou ansiosa mesmo, é para

estar em casa e deitada em minha cama.

— Rosas ou frutas cítricas? — Perguntou tirando-me dos meus pensamentos.

— O que? — Perguntei olhando para suas mãos que estava parada a minha frente. Cada uma delas seguravam um sabonete líquido.

— Rosas? — Perguntou chacoalhando levemente sua mão esquerda. — Ou frutas cítricas? — Fez o mesmo com sua mão direita.

— O que quiser. — Respondi sabendo que era exatamente essa a resposta que lhe daria satisfação e ele queria ouvir.

— Rosas, então. — Disse e beijou meu ombro, antes de começar a espalhar o sabonete por minha pele.

Victor lavou cada centímetro do meu corpo e depois lavou meus cabelos. Ele tirou-me da banheira, me secou com uma toalha branca e por último, vestiu em mim um roupão de banho, antes de me levar de volta para o quarto. Sentei-me na cama e ele voltou para o banheiro, ligando o

chuveiro para tomar o seu banho. Levantei-me e fui até a sala da suíte, Noberto já não estava mais ali. Peguei meu celular dentro da bolsa e vi que já passavam das quatro da manhã. Tinham duas mensagens do meu pai e uma da Grace. Resolvi ligar para o meu pai sem me importar com as horas. Meu peito se apertou quando no primeiro toque ele atendeu com a voz embargada de preocupação.

— Maya? Querida, graças a Deus. Onde você está?

— Estou bem, pai. Resolvi dormir na casa da Grace e me esqueci de avisar. Desculpe.

— Tudo bem, só fiquei preocupado. Sua mãe já está a sua espera no hospital pela manhã.

— Eu irei. Te amo, pai.

— Também te amo, filha. Durma bem.

— Você também, Tchau.

Encerrei a ligação e guardei o celular novamente na bolsa. Senti que alguém se aproximava de mim pôr trás e virei-me encontrando

PERIGOSAS NACIONAIS

Victor vindo em minha direção, com uma toalha preta enrolada em sua cintura.

— Está tudo bem? — Perguntou.

— Está. Só estava falando com meu pai.

— Já que tocou nele... acho que ele já pode ter visto as notícias de fofocas?

— Não sei. Preciso dormir. Tenho que ir para o hospital logo cedo. — Disse e passei por ele indo em direção do quarto.

Victor veio atrás de mim e fechando as portas duplas de madeira do quarto. Tirei o roupão e ele a toalha que cobria sua parte íntima. Nus, deitamos na cama com meus cabelos ainda molhados. Virei-me de costas para ele e fechei meus olhos me obrigando a dormir. Victor abraçou-me por trás e distribuiu beijos por meu ombro e pescoço, antes de se afastar e ajeitar-se do seu lado na cama. Depois de alguns minutos, ele se aproximou novamente e senti seus dedos fazerem carinho nos meus cabelos.

— Você não pode fugir de mim, Maya. Não vou deixar. — Sussurrou em meu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Medo. É essa a palavra que define o frio que sinto embolar em meu estomago agora. Esse lado do Victor, eu ainda não conhecia e ele me assusta bastante. Queria sair correndo, mas sei que ele não me deixara em paz e por mais que me doa admitir e aceitar, ainda preciso dele. Adormeci por fim e acordei pela manhã com a luz do sol forte batendo em meu rosto. Abri meus olhos e olhei para o outro lado da cama o encontrando vazio. Levantei-me e vesti o roupão de banho da noite anterior. Abri as portas do quarto para a sala da suíte e um homem estava lá de pé próximo a porta de saída. Ele sorriu simpaticamente e veio até mim.

— Bom dia, Srta. Valentine. Meu nome é Brandon. Sou seu novo segurança.

— Segurança? Mas o que acontecendo aqui?
— Perguntei confusa.

— Sr. White pediu para lhe avisar, que suas roupas estão no closet. O café da manhã já está servido na varanda. — Disse apontando com a mão para a varanda da sala. — Assim que estiver pronta, vou levá-la ao hospital.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay. Obrigada. — Agradei e caminhei em direção as portas de vidro.

Sentei-me lá e me servi de uma xícara de café. Depois de um tempo ali, peguei-me pensando em ideias de como sair das garras do Victor. Já sei que não será fácil, ele tem acesso a tudo na minha vida. Em pensar que fui eu quem o dei essa liberdade. Fui tirada dos meus pensamentos quando meu celular vibrou sobre a mesa.

Bom dia, querida. Já são nove horas. Sua mãe te espera.

-Papai.

09:04 a.m.

Bom dia, pai. Desculpe. Chega em meia hora.

-Maya.

09:04 a. m.

Se não for um momento ruim, filha. Lembre-se que não transferiu o dinheiro.

-Papai.

09:06 a.m.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai lembrou-me mais uma vez, que é preciso que eu seja forte, por ele e por minha mãe. Definitivamente eu não estava bem e não tinha o que fazer, ou outra escolha a tomar. Antes, acreditava que tudo estava certo e que no fim acabaria bem, mas já não tenho mais essa certeza. Eu preciso ir à luta mais um dia. Levantei-me e voltei para o quarto e ao entrar no closet, me surpreendi com as dezenas de roupas novas penduradas e nas gavetas.

— Estou pronta. — Disse a Brandon ao entrar na sala.

Ele abriu a porta e nós saímos tomando o elevador para o térreo, onde um carro nos aguardava a frente do hotel. Entramos e logo ele colocou o carro em movimento.

— Brandon. — O chamei curvando-me para frente, chegando mais perto do seu banco.

— Sim, senhorita. Deseja passar em algum lugar antes de irmos ao hospital? — Perguntou educadamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, direto para lá. Mas eu quero te pedir outra coisa.

— O que desejar.

— Será que você pode ficar do lado de fora do hospital? — Perguntei e ele olhou-me pelo retrovisor. — Eu sei que suas ordens são de ficar comigo o tempo todo, mas é que o meu pai... quer dizer... não só ele, mas todos da minha família, não sabem sobre o Victor. Eles podem achar meio estranho ver você na minha cola. Entende?

— Desculpe, senhorita, mas não posso me afastar por mais do que três metros. São ordens do Sr. White.

— Claro. — Disse tentando controlar minha irritação e peguei meu celular dentro da bolsa, para mandar uma mensagem ao Victor.

Se não quer explicar ao meu pai, porque tenho um cão de guarda, é melhor pedir a ele que fique longe.

-Maya.

09:36 a.m.

PERIGOSAS NACIONAIS

Passado um minuto depois da mensagem, um celular tocou e Brandon atendeu a ligação pelo Bluetooth em sua orelha.

— Senhor. — Disse ao atender a chamada. — Sim, Senhor. Claro. Como queira, Sr. White. — Disse ele antes de encerra a chamada. — Vou lhe guardar nas proximidades e manter uma distância que não seja questionável, senhorita. — Disse Brandon.

— Obrigada.

Logo o carro parou a frente do hospital e antes mesmo que Brandon sai-se do banco do motorista, abri a porta e saltei para fora. Entrei na recepção e encontrei tia Jenna de saída.

— Oi, Maya. — Disse vindo em minha direção.

— Oi, tia Jenna. — A cumprimentei lhe abraçando.

— Sua mãe está te esperando. Teddy está com ela.

— Okay. Já vou subir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos almoçar juntas amanhã? — Perguntou ela sorridente.

— Vamos. Eu te ligo. — Beijei seu rosto e sai em direção ao elevador.

As portas se fecharam e meu celular vibrou em minhas mãos. Era uma mensagem da Penny.

Aparece! Só existe a Grace, agora?

-Penny

09: 43 a.m.

Ciumes não combinam com você! Acabei de chegar no hospital. Ligo mais tarde.

-Maya.

09:44 a.m.

Queria contar tudo o que está acontecendo a ela, mas agora não é a hora. As portas se abriram no quarto andar e assim que sai, pela escada de incêndio, apontou Brandon. Ele olhou-me nada satisfeito e se posicionou ali mesmo, próximo à saída de emergência com as mãos cruzadas à frente

PERIGOSAS ACHERON

do peito. Daquele ponto, ele terá a visão do andar ao redor do quarto da minha mãe e poderá ficar de olho em mim, sem ser minha sombra. O ignorando por completo, caminhei até o quarto e bati duas vezes na porta antes de abri-la.

— Filha! — Disse minha mãe com um enorme sorriso no rosto ao me ver entrar.

— Mãe! — Caminhei apressada até ela e lhe abracei forte lhe beijando o rosto inúmeras vezes.

— Você está linda. — Disse acariciando meu rosto com sua mão. — Gostei do seu batom. — Elogiou sorrindo com seus olhos iluminados.

— Está na minha bolsa, quer passar?

— Quero!

Abri minha bolsa e peguei o batom para ela, lhe entregando junto com um pequeno espelho de bolsa. Ela passou o batom vermelho e meu pai a elogiou, antes de beijar de leve seus lábios na minha frente. Eu fiz uma careta de nojo, arrancando uma risada dela e uma revirada de olhos do meu pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Opa! Acho que atrapalho. — Disse Clarisse, sua melhor amiga, ao entrar.

— Você nunca atrapalha. — Disse minha mãe a ela.

— Uau! Que batom maravilhoso. — Elogiou ela. — É algo de mãe e filha? — Perguntou sorridente, ao perceber que eu uso a mesma cor nos lábios.

— É sim. — Respondeu minha mãe, abraçando-me apertado.

— Vim te fazer uma visita de dez minutos antes do trabalho. — Disse Clarisse.

Levantei-me da cama e dei o lugar a Clarisse que se sentou logo em seguida.

— Maya. — Chamou meu pai sussurrado atrás de mim. — Podemos conversar ali fora? — Assenti com minha cabeça e saímos do quarto.

Olhei para escada de incêndio e Brandon ainda continuava lá no mesmo lugar. Parecia que nem mesmo havia movido seus pés.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se for sobre o dinheiro, transferi no caminho para cá. Já deve estar na sua conta. — Disse a ele.

— Não é sobre isso. — Disse com uma cara séria e preocupada ao mesmo tempo. — Filha... sabe que eu e sua mãe sempre a apoiamos e nunca a proibimos de nada, porque você sempre teve o discernimento do que é certo e errado. — Senti meu coração pesar no meu peito e bater em uma frequência acelerada.

Ah, papai.... Você se envergonharia de sua única filha, se soubesse o que sua garotinha tem feito no último mês.

— O que quer dizer, pai? — Perguntei afim de descobrir onde essa conversa nos levaria.

— Ontem você mentiu para mim e isso me preocupou bastante. Nunca fez isso antes. — Senti o sangue em meu rosto gelar e minha bochechas formigar. — Sei que não dormiu na casa da Grace, porque eu havia falado com ela minutos antes de você me ligar. Querida... onde estava? Ou melhor... com quem estava?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, pai. — Pedi fechando os olhos e abaixando minha cabeça envergonhada. Tomei folego e o encarei novamente. — Eu dormi em um hotel com um cara que conheci certa vez que estive aqui no ano passado. — Menti descaradamente. — Eu sei que errei em mentir, mas... não queria contar a verdade. — Nada me dói mais, do que eu não poder buscar conforto no colo do meu pai para tudo o que está acontecendo.

— E.... esse cara... ele... ele tem nome? — Perguntou gaguejando nervoso.

— Tem. É Carlos. — Tentei ser convicta.

— Claro. Okay. Só... só não faça mais isso. Me preocupo com você, não interessa se já é maior de idade.

— Eu sei. Admito que errei. — Ele sorriu e abraçou-me forte, permitindo-me sentir por alguns segundos todo o seu amor.

— Fico aliviado de ser apenas cochichos maldosos o que ouvi da Carla. — Disse ainda abraçado a mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que ouviu da Carla, pai? — Perguntei o soltando do meu abraço.

— Conversa descabida. — Disse apoiando suas mãos em seu quadril. — Que tipo de conversa descabida?

— Que você estaria em uma revistinha de fofoca, ao lado de um milionário de sessenta anos. — Disse e riu. — Viu... conversa descabida. — Disse sorrindo.

— É. Você está certo. — Sorri para ele e voltei para dentro do quarto encontrando Clarisse e minha mãe em uma conversa de alto astral, onde riam alto.

Aquela vadia da Carla me paga por isso. Se já não bastasse tudo o que está acontecendo, agora me aparece mais essa. Passei a manhã com minha mãe e a tarde tivemos a companhia da minha avó que nos levou um maravilhoso bolo. À noite, meu pai insistiu em ficar com ela. Despedi-me de todos e sai em direção ao elevador. Brandon veio logo atrás

PERIGOSAS ACHERON

de mim como um cachorrinho adestrado. Dentro do elevador reparei que ele mandava uma mensagem a alguém. Provavelmente ao Mestre controlador doente. Todas as vezes do dia que passei por Brandon, ele estava exatamente no mesmo lugar. Entrei no carro e logo já estávamos entre as luzes dos faróis e da iluminação da rua. Distraída no celular, nem mesmo percebi que não estávamos seguindo o caminho para minha casa.

— Não vou voltar para o Hotel. Vou para minha casa. — Disse um tanto impacientemente a Brandon.

— Estou apenas obedecendo ordens, senhorita.

Peguei meu celular e liguei para o Victor, mas ele não atendeu. Insisti por mais algumas vezes, mas fui ignorada novamente. Quando percebi, o carro já estava estacionando à frente do hotel. O porteiro abriu a porta e eu descii contra minha vontade, depois de ser encarada de forma nada agradável pelo retrovisor por Brandon. Tenho certeza de que se eu não tivesse saído sozinha, ele teria me arrancado dali de dentro a força. Entrei na

suíte e encontrei Victor sentado à mesa da pequena copa no canto, conversando com alguém pelo laptop. Parei no meio da sala e joguei minha bolsa sobre o sofá de forma estúpida, chamando a atenção do Victor. Ele encarou-me por cima da tela do seu computador e sorriu como se a noite de ontem nunca tivesse acontecido, o que me deixou com ainda mais raiva. Logo ele encerrou a vídeo conferencia e veio até mim.

— Como foi seu dia? — Perguntou antes selar meus lábios com um beijo.

— Qual é a sua? Pretende me manter aqui? Eu tenho uma casa, Victor. — Disse irritada.

— Em primeiro lugar, fale direito comigo. Segundo, você não está trancada aqui. Pode sair quando quiser. Terceiro, me trate bem e com respeito. — Falou alto e severo. Victor respirou fundo e passou a mão pelos cabelos. — Soube que o tratamento de hoje da sua mãe, foi melhor do que o de ontem. — Disse e curvou seus lábios em um sorriso sínico. Ele andou em direção a um carrinho cromado do serviço de quarto, parado ao lado do

PERIGOSAS NACIONAIS

piano e pegou uma garrafa de dentro do balde cheio de gelo. — Champanhe? — Ofereceu servindo duas taças.

— Eu quero ir para minha casa. — Disse pegando minha bolsa sobre o sofá e caminhando em direção a porta.

— Se passar por essa porta, ninguém vai te segurar. — Disse quando coloquei minha mão sobre a maçaneta dourada. — Mas se sair... não poderei mais te ajudar.

Por um momento pensei em abrir aquela porta e sair sem olhar para trás, mas ao invés disso, olhei para o lado e encarei meu reflexo no espelho redondo sobre uma pequena mesa quadrada no canto ao lado da porta. Nele, mirei o resto do batom vermelho em minha boca, lembrando-me da mulher que morre aos poucos no hospital não tão distante daqui.

— O que eu peço para o jantar, Maya? — Perguntou convicto de que eu não iria embora. — Vou sugerir pato ao molho de laranja. Soube que o chefe deste hotel faz um excelente.

PERIGOSAS ACHERON

Encarei a porta e fechei meus olhos sentindo uma lágrima quente escorrer por meu rosto. Respirei fundo e decidi em segundos que iria jogar esse jogo doentio até onde minha sanidade mental permitir, pela minha mãe. Soltei a maçaneta e sequei a lágrima respirando fundo outra vez, antes de virar-me para ele.

— Uma ótima pedida. Enquanto isso vou tomar um banho. — Disse indo em direção ao quarto.

CAPÍTULO 19

Entrei para o banheiro e tranquei a porta. Tomei um banho longo e quente. Quando saí da água, meus dedos estavam enrugados e meus olhos inchados pelo choro. Saí do banheiro, Victor estava sentado em um poltrona próximo as portas abertas da varanda.

— Vista-se à vontade, querida. — Disse apontando para uma camisola vermelha que estava sobre a cama.

Caminhei até a ela e tirei o roupão do banho ficando nua a sua frente. Victor sorriu com o canto da boca e lançou-me um olhar de pura luxuria. Peguei camisola sobre cama e a vesti. Era uma peça sensual, curta e cheia de detalhes em renda. Voltei para o banheiro e penteei meus cabelos. Victor se aproximou por trás e abraçou-me pela cintura.

— Adoro seu cheiro de frescor quando saí do banho. — Disse cheirando meu pescoço. — Venha. Vamos tomar uma taça comigo.

Ele pegou minha mão e levou-me para fora do banheiro. Voltamos para a sala e ele serviu uma taça do champanhe entregando-me. Victor mandou que eu me sentasse no sofá e sentou-se ao meu lado passando seu braço por de trás de mim, o apoiando no encosto do sofá. Com a ponta dos dedos, ele começou a acariciar de leve meu ombro.

— Você é linda, Maya. — Disse aproximando seu rosto do meu. — Me excito só de olhar para você. — Disse antes de beijar meu pescoço de leve.

Virei meu champanhe em um só gole. Ele sorriu e fez o mesmo com resto que estava em sua taça, antes de pegar a que estava em minha mão e as colocar sobre a mesa de centro a nossa frente. Eu sei o que vem a seguir e terei que fazer. Ele começou com beijos leves pelo meu rosto e depois seguiu até minha boca beijando meus lábios lentamente. Ele puxou-me para o seu colo, passando minhas pernas em volta do seu quadril e deixou nosso beijo mais intenso, enquanto suas mãos passeavam por todo meu corpo sobre a seda. Seus lábios foram descendo por meu pescoço,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passando por minha clavícula, enquanto seus dedos desciam as alças da camisola expondo meus seios a ele. Logo sua boca os chuparam com fome, tesão e vontade.

Foi inevitável não me excitar com suas caricias. Não consegui controlar-me, não importava o quanto eu estivesse lutando contra isso internamente e mentalmente. Sua mão esquerda entrou por debaixo da seda vermelha e me tocou minha intimidade com cuidado. Ele começou a fazer movimentos circulares em meu clitóris e quando percebi, já estava soltando pequenos grunhidos dentro da boca. Mordi meu lábio inferior com força, ao sentir o calor que me aqueceu internamente. Não demorou muito para que eu começasse a ter pequenos espasmos musculares, que me levaram ao orgasmo. Senti-me uma verdadeira inútil, por estar gozando nos dedos do homem que me agrediu a menos de vinte e quatro horas atrás.

— Não se segure. Goze com vontade em minha mão, Maya! — Disse contra a pele dos meus seios.

PERIGOSAS ACHERON

Por que ele não pode ser o algo bom da minha vida em meio ao caos? Ou o algo que me fizesse feliz e completa? Quando voltei a realidade depois de gozar, abri meus olhos e encarei o homem à minha frente. Ele colocou e tirou seus dedos de dentro de mim e os levou a sua boca chupando-os, como se provasse do mais puro mel. Victor mandou que eu me colocasse de quatro sobre o sofá para ele, enquanto desabotoava sua calça a puxando para baixo, junto com sua cueca. Em um piscar de olhos, fração de segundos, ele penetrou minha boceta, preenchendo-me por inteira com uma estocada bruta. Gemi alto, agarrando com força o estofado do sofá, cravando minhas unhas no tecido, quase o rasgando. Algo formigava dentro de mim de maneira intensa e por mais que, lá no fundo, eu queira lhe dizer não e me matar por estar gostando deste momento, não consigo me conter a suas investidas rápidas. Ele distribuiu tapas em minha bunda com sua mão pesada, causando-me ardor na pele. Me odeio tanto por gostar do sexo com o homem que me aprisiona por dinheiro. Não tenho o por que ignorar ou me enganar. Acho que realmente estou me transformando em uma

PERIGOSAS ACHERON

verdadeira prostituta!

Acordei na manhã seguinte, com meu celular tocando ao meu lado sobre o criado mudo. Tentei abri meus olhos, mas minha visão estava embaçada e o quarto escuro. Estiquei minha mão e peguei meu celular que já havia se silenciado. Sentei-me na cama e cocei meus olhos, forçando minha visão a enxergar a tela clara. Havia uma chamada perdida da Penny. Olhei para o lado e encontrei Victor ainda dormindo completamente nu, a vontade e descoberto. Levantei-me devagar da cama para não o acordar e fui até o closet para vestir qualquer coisa. Vesti um roupão de seda preto, foi a primeira peça que vi ao entrar, e dei um nó nas fitas que o fecha, antes de sair para fora do quarto. Meus olhos levaram um choque ao entrar em contato com a luz forte do dia que brilhava lá fora. Fechei meus olhos rapidamente virando meu rosto para o lado e dei um tempo de segundos para me acostumar a luz natural que invadia a sala pelas paredes de vidro e sentei-me no sofá retornando à ligação da Penny.

— Até que enfim você apareceu. — Disse Penny, ao atender à ligação repreendendo-me. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Achei que ET's haviam te abduzido!

— Quase isso. Victor está me mantendo trancada na cobertura do LasGold. — Respondi para ela que ficou em silêncio por alguns segundos.

— Tipo... um sequestro?

— É. Acho que sim.

— O que vocês jantaram ontem?

— Pato ao molho de laranja. — Respondi sem entender sua pergunta.

— Vocês transaram?

— Sim.

— Foi bom?

— Foi... eu acho. — Na verdade não me recordava muito bem.

— Você foi ao hospital ontem. Ele manteve o Bow de refém para garantir sua volta para a cobertura?

— Não! Claro que não. Que perguntas são essas?

PERIGOSAS ACHERON

— Então não é um sequestro, querida. Ele só está te mantendo trancada aí, para vocês foderem.
— Disse humorada, arrancando-me um riso. Até na pior situação Penny me fazia rir. — Vai trepar, Maya. Já sei que você está viva. Tchau.

— Tchau.

Desliguei o celular e o joguei para lado sobre o sofá. Levantei-me e caminhei até o telefone fixo e liguei para a cozinha pedindo nosso café da manhã, estava morta de fome e com uma leve dor de cabeça. Olhei para a mesa de centro e nela havia uma garrafa vazia de champanhe. Sobre o piano outra. Saí para a varando em busca de ar fresco e quando olhei para o lado, vi a camisola que vestia ontem à noite, rasgada sobre mesa redonda de vidro. Ao lado da camisola, mais garrafa de champanhe quase vazia.

— Agora a dor de cabeça começa a ter explicação. — Murmurei esfregando as pontas dos dedos em minhas têmporas.

Encarei a vista ensolarada da cidade e fechei meus olhos com força tentando buscar memórias da
PERIGOSAS ACHERON

noite anterior, mas não obtive nada além de alguns flashes de nós dois transando pela suíte e eu acho que estava gostando. Fui até porta da saída e a abri encontrando outros dois seguranças parados ali no pequeno hall.

— Você. — Apontei para o cara loiro de olhos castanhos, que devia ter quase uns dois metros de altura. — Quando o café da manhã chegar coloque-o aqui dentro. Mande o Brandon buscar remédio para minha dor de cabeça. — Ele apenas assentiu com sua cabeça. Já que estamos no inferno, vamos tirar proveito disso.

Fechei a porta e volta para o quarto. Ao entrar, encontrei Victor ainda dormindo de bruços com os braços por debaixo do travesseiro. Passei por ele e fui para o banheiro, é hora de um bom banho para acordar de vez. Tirei o roupão e enrolei meus cabelos em um coque alto. Virei-me para o espelho levei um susto ao ver minha imagem. Eu estava toda marcada por mordidas e chupões por todo o corpo, principalmente entre minhas pernas. Minha bunda também estava toda marcada pelos cinco dedos do Victor e em alguns lugares haviam

PERIGOSAS ACHERON

pequenas marcas roxas.

— Como não me lembro de nada disso? —
Murmurei indignada por ver meu corpo daquele jeito. Meu pescoço estava tomado por chupões.

— Coloque gelo. — Olhei para porta e vi Victor parado ali com as mãos apoiadas no portal, nu e totalmente duro. — Eu te disse para não abirmos a segunda garrafa, mas você insistiu. — Disse e passou por mim indo em direção ao box. Encarei novamente minha imagem no espelho e em entorno dos meus mamilos estavam pretos. — Vai entrar ou terei que te buscar? — Perguntou já debaixo do chuveiro.

Entrei para dentro do box e Victor puxou-me para ele, prensando-me entre na parede fria.

— Por que não me lembro da noite passada? — Perguntei e ele sorriu.

— Porque bebeu demais. Mas não fique triste, querida. Podemos repetir tudo essa noite... — Disse afastando uma mecha molhada do meu cabelo que estava caída sobre meu rosto. — ...e sem álcool.

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que eu pudesse dizer algo, Victor tomou minha boca em um beijo faminto, puxando meus cabelos da nuca para trás. Sua outra mão livre, agarrou minha bunda e então senti como estava dolorida. Tentei ser resistente ao beijo, mas tomei por mim que as coisas seriam mais fáceis de aguentar, se eu cedesse a ele. Victor ergueu-me para cima e eu passei minhas pernas por seu quadril. Ele beijou meu pescoço e depois sugou meus seios, arrancando-me um gemido baixo de desconforto, eles também estão doloridos. Ele beijou minha boca novamente e me penetrou lentamente. Gemi de tesão abafado em nosso beijo. Suas estocadas ficaram mais rápidas deixando-me mais desesperada a cada segundo e mais perto de um orgasmo. Ele diminuiu o ritmo e quebrou nosso beijo encarando-me nos olhos. Eu gemi de frustração, mas ele continuou a entrar e sair lentamente, me torturando.

— Victor. — Gemi seu nome.

— Implora! — Sussurrou em meu ouvido, antes de morder o lóbulo da minha orelha.

PERIGOSAS ACHERON

Permaneci em silêncio, tentando controlar minha euforia, não iria implorar. Victor me estocou por algumas vezes seguidas de maneira bruta, fazendo-me gemer quase em um grito e então parou subitamente e saiu de dentro de mim. Eu podia sentir o orgasmo a segundos de distância. Encarou-me novamente e apertou suas mãos que agarravam meu quadril.

— Implore! — Mandou, mas eu neguei com meu silêncio.

Ele colocou-me de volta no chão, saiu do box e pegou uma toalha a enrolando em sua cintura.

— Filho da mãe. — Sussurrei com raiva, quando ele saiu do banheiro.

Terminei meu banho sem pressa e sai vestida no roupão de banho, passando direto para o closet. Encontrei Victor vestindo uma calça de moletom cinza. Tirei o roupão e o ignorei enquanto vestia um vestido fresco e solto ao corpo, perfeito para o dia quente lá fora. Se ele acredita mesmo que ficarei presa aqui o dia todo, está enganado. Sentei-me à frente do Victor para tomar o café da manhã

na copa, sem trocar nenhuma palavra. Ele bebia café preto em uma xícara de porcelana branca, enquanto lia algo atentamente em seu Ipad. Se tem algo que sempre odiei, é ser ignorada, isso me deixa com raiva.

Terminei meu café em silêncio, levantei-me e sai da mesa o deixando lá, ele nem mesmo olhou para mim. Voltei para o quarto e fui até o banheiro escovar meus dentes para sair. Ao me olhar no espelho, me recordei das marcas que estavam espalhadas por todo meu corpo, não poderei ir visitar minha mãe de vestido. Meus braços tinham chupões e marcas de mordidas, assim como meus ombros e meu pescoço. Coloquei uma calça jeans e uma blusa de tecido leve, com mangas compridas e tentei cobrir as marcas no pescoço com maquiagem. Voltei para o closet e sentei-me no banquinho para calçar botas de cano curto e salto baixo. Victor entrou e parou diante de mim, encarando-me de braços cruzados à frente do peito.

— Onde vai? — Perguntou rude.

— Sair.

— Para onde você pensa que vai? — Perguntou com arrogância.

— Ao hospital. Eu posso, Sr. Dominador? — Perguntei com sarcasmo, ficando de pé a sua frente e colocando as mãos na cintura.

— Você sabe que jamais a impediria de ir até lá, Maya. — Disse alto e com raiva. — Que tipo homem pensa que eu sou?

— Um que me manter presa na sua gaiola de ouro. — Disse alto e tentei passar por ele, mas Victor agarrou meu braço e puxou-me de volta jogando-me de costas contra a parede.

— Você não está presa aqui, Maya! — Berrou com seu rosto próximo ao meu. — Aquela porta está aberta para sair quando quiser! — Gritou apontando para o quarto. — Se ainda está aqui, é por sua própria vontade, não está amarrada. Pare de se comportar como se estivesse sendo obrigada, porque não está. Não sei porque ainda insiste nesse jogo duro comigo, se morre de tesão quando está sob mim. Você goza como uma louca na minha boca, nos meus dedos e quase desmaia de prazer

PERIGOSAS ACHERON

gozando no meu pau. Não se faça de coitadinha que está sofrendo! Aceita logo a submissa que existe dentro de você e seja feliz. — Senti meus olhos ficarem marejados, mas segurei firme meu choro. Não lhe daria esse prazer de me fazer chorar. — Por que você não pode ceder? — Perguntou calmo, afrouxando sua mão que apertava forte meu braço. Ele encarou-me em silêncio por alguns minutos, esperando por resposta. — Você pode ir onde quiser, Maya. Estou exausto do seu show! — Victor se afastou e saiu do closet entrando para o banheiro.

Sai do quarto às pressas, peguei minha bolsa e meu celular que estavam sobre o aparador atrás do sofá. Noberto abriu a porta e entrou na suíte com um sorriso simpático no rosto.

— Bom dia, Srta. Valentine. Sou eu quem estarei de serviço para senhorita hoje.

— Me leve ao hospital. — Ele assentiu com sua cabeça e abriu a porta, fazendo um gesto com sua mão para que eu saísse primeiro.

Durante o caminho para o hospital, perguntei-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me por inúmeras vezes se realmente havia uma submissa dentro de mim. Remoí cada canto na minha mente e não achei nada que me confirmasse isso. Nunca gostei de acatar as ordens do Victor e de nenhum outro homem. Para mim ele é só mais um machista filho da mãe, porém, sempre gostei do que fazemos na cama.

— Chegamos, senhorita. — Disse Noberto despertando-me dos meus pensamentos.

Noberto desceu e abriu a porta do carro para mim e estendeu-me sua mão para me ajudar a sair. Dei alguns passos até a entrada do hospital e olhei para trás ao perceber que Noberto não me acompanhava.

— Você não vem? — Perguntei o vendo caminhar em direção a porta do motorista.

— Não, senhorita. O Sr. White pediu que eu volte imediatamente. Mas quando quiser ir embora, é só me mandar uma mensagem de texto. — Apenas assenti com minha cabeça em resposta.

Victor está me deixando sozinha, sem ninguém

PERIGOSAS ACHERON

na minha cola? Ótimo! Entrei para dentro do hospital e tomei o elevador indo de encontro a minha mãe. Ao entrar no quarto, encontrei tia Jenna sentada na poltrona ao lado da cama.

— Bom dia. — Disse ao entrar.

— Bom dia, querida. — Disse minha mãe toda feliz ao me ver.

— Bom dia, Maya. — Disse tia Jenna levantando-se. — Já que chegou, vou até a lanchonete. Quer alguma coisa?

— Não, tia. Obrigada. — Ela assentiu com sua cabeça e saiu nos deixando a sós. — Então... como você está hoje? — Perguntei a minha mãe.

— Estou bem. — Ela respondeu sorrindo. — Mas você não parece estar. — Disse alisando meu rosto. — O que houve, meu amor? — Perguntou demonstrando preocupação na voz.

— Não se preocupe, mãe. Está tudo bem. — Disse sorrindo e tentando ser convincente.

— Tem algo a ver com quem lhe deu isto? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Perguntou passando as pontas dos dedos delicadamente pela pulseira em meu punho.

— Eu acho que sim. — Disse de cabeça baixa, observando-a em meu pulso.

— Então me conta. Eu quero ouvir. Estão apaixonados?

— Longe disso. — Disse olhando para ela.

— Converse comigo, Maya. Sempre conversávamos sobre tudo. — Disse franzindo o cenho.

— É que... eu conheci um cara em uma festa, a um tempinho atrás e....

Eu não sei... não sei o que dizer e nem por onde começar. — Disse e respirei fundo.

— Ele não é casado, é? — Perguntou meio apreensiva.

— Não! Ele é divorciado e tem um filho de dezesseis anos.

— Você foi a causa do divórcio?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem uma quedinha pelo garoto? — Perguntou fazendo uma careta engraçada que me fez rir.

— O que? Não!

— Então qual é o problema, amor?

— É que ele quer me controlar e me dar ordens o tempo todo, não sei se sirvo para isso.

— Maya, minha querida. — Disse pegando minha mão entre as suas. — Você desde pequena foi cabeça dura. Nunca gostou de acatar nada de ninguém. — Disse rindo. — Mas em um relacionamento as coisas são diferentes, você tem que aceitar e ceder, ainda mais quando se trata de um homem mais velho que você. Filha... nós temos limites. Mostre a ele os seus, assim talvez fique mais fácil para vocês dois, porque ele saberá até onde pode ir. Tenho certeza que irá dar certo.

— É. Vou pensar.

— Não seja indecisa. — Disse em tom de repreenda. — Posso saber quem ele é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez outra hora.

— Como ele é? — Perguntou curiosa mordendo seu lábio inferior.

— Ele tem sessenta anos.

— O que? — Perguntou com espanto.

— É, mas... nossa! Ele é muito bonito, nem aparenta ter a idade que tem e cá entre nós duas, ele é um Deus na cama.

— Ah, meu Deus! — Disse rindo empolgada.
— Me conta mais.

— Ele é.... super protetor, eu diria. Gosta de estar por perto o tempo todo. Me dá lindos presentes. — Enquanto eu falava, ela apenas sorria com seus olhos brilhando.

— Ele cuida de você?

— É. Ele cuida de mim. Do jeito dele, é claro, mas... — Fiz uma pausa de segundos, percebendo que eu havia respondido sua pergunta espontaneamente e não é uma mentira cuspidada da boca para fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas... — Disse minha mãe para que eu continuasse a falar.

— Eu sou uma idiota. — Assumi em voz alta e sentindo-me uma pessoa ruim.

— Idiota? Não, filha. Você não é. — Disse acariciando meu rosto.

— Não, eu sou sim, mãe. Às vezes ele é um babaca que me irrita boa parte do tempo, mas no fim ele está ali. Ele permanece comigo, mesmo eu o tratando com pedras na mão.

— Eu mimei você demais. Sempre lhe educando para ser uma mulher forte e independente, mas me esqueci de lhe ensinar que somos mulheres e as vezes precisamos de um pilar para nos sustentar. Amor... não seja teimosa e seja menos orgulhosa. Ceder não é sinal de fraqueza.

A porta se abriu e tia Jenna entrou com minha avó no quarto. Minha mãe olhou para mim apertando minha mão e deu-me uma piscada de olho. Passei o dia todo no hospital pensando no

PERIGOSAS ACHERON

Victor com meu celular na mão. Senti-me angustiada por não receber nem mesmo uma mensagem dele. Sai da cobertura o deixando para trás e brigados. A noite chegou e Clarisse é quem ficará com a minha mãe. Decidi para o térreo e peguei um táxi com destino ao hotel. Eu devo desculpas ao Victor.

CAPÍTULO 20

Chegando lá, paguei a corrida e descii indo em direção ao elevador privado. Quando as portas se abriram no corredor do último andar, não havia segurança na porta, estava tudo vazio, silencioso e quieto. Eu não tinha o cartão para abrir a porta, então resolvi bater, mas ninguém a abriu. O sinal do elevador que anunciava a chegada de alguém no andar, soou e as portas se abriram. Olhei esperançosa de ser o Victor, mas era apenas a camareira.

— Em que posso ajudar? — Perguntou ela ao se aproximar de mim.

— Sabe onde hospede deste quarto está? — Perguntei a ela.

— Ele entregou a suíte está manhã. — Disse passando por mim e inserindo o cartão magnético na porta.

A camareira a abriu e eu quase a empurrei, entrando primeiro que ela. Na sala, não havia suas

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas sobre a mesa de centro ou na mesa da copa. O quarto e o closet, estavam completamente vazios e banheiro também, não havia absolutamente nada sobre a bancada ou dentro das gavetas.

— Como assim, ele foi embora? — Perguntei-me alto, sentindo um aperto em meu peito.

— A senhora não pode entrar aqui. — Disse a camareira na porta do banheiro.

Sai do quarto e desci para pegar um táxi, mas nenhum parou para mim. Caminhei por duas quadras até um ponto de táxi, onde consegui tomar um que me levou para casa. Ao abrir a porta da sala, deparei-me com uma enorme mala próxima a escada.

— Maya? — Escutei meu pai me chamar da cozinha.

— Sou eu. — Coloquei minhas coisas sobre o sofá e fui até lá.

— Chegou uma mala para você hoje mais cedo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay, obrigada.

— Vem jantar. Eu me arrisquei em preparar uma macarronada.

— Eu não estou com fome, pai. Se não se importa, eu vou subir.

— Claro. Está tudo bem? — Perguntou preocupado.

— Está.

Peguei minhas coisas sobre o sofá e subi as escadas acompanhada por Bow. Entrei para o meu quarto trancando a porta e sentei-me na cama pegando meu celular dentro da bolsa. Primeiro liguei para Victor, mas ele não me atendeu. Depois liguei para Noberto, que me atendeu na segunda tentativa.

— Senhorita Valentine. — Disse ao atender a ligação.

— Onde ele está?

— Tivemos que vir para Nova Iorque, por motivos de problemas pessoais. Eu irei avisá-lo que

PERIGOSAS ACHERON

ligou.

— Obrigada, Noberto. — Disse antes de encerrar a chamada.

Durante aquela noite, rolei de um lado para o outro na cama. Estava sentindo-me a pior pessoa do mundo por distratar alguém que só tentou me ajudar e cuidar de mim, por mais estranho que seja seu jeito de fazer isso. Será que eu o perdi? Será mesmo que ele foi embora sem se despedir?

— É hora de mudar, Maya. Aceitar que nada nunca será como foi um dia. — Sussurrei para mim mesma, na escuridão do meu quarto.

Sete dias se passaram e Victor não deu nenhum sinal. Ele não atendia minhas ligações e nem respondia as minhas mensagens. Quando ligava para Noberto, ele dizia a mesma frase; *"Ele irá te ligar."* Eu não tinha uma noite de sono dessente, desde a última vez que acordei ao seu lado. Meu pai convidou-me para jantarmos fora, só nós dois e eu aceitei. Enquanto ele subia para tomar seu banho, levei Bow para dar uma volta na rua.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maya. — Escutei Higor me chamar.

— Oi, Higor. — O cumprimentei ao virar-me para trás e vê-lo.

Nesses últimos sete dias que fiquei em casa, não vi Higor em momento algum, ele também havia sumido, até agora.

— Como você está? — Perguntou aproximando-se de mim.

— Estou bem.

— Eu conheço você e sei que não está.

— Meus problemas não são da sua conta.

— Nossa... desculpe. — Disse erguendo as mãos para cima em sinal de rendição.

— Desculpe. Não quis ser tão grosseira.

— Quer sair para tomar alguma coisa? — Por segundos, sua ideia me pareceu atraente, mas depois lembrei-me que eu queria Victor de volta e se eu aceitar seu convite, sei bem onde iremos parar.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho melhor não. Eu vou indo. Tchau. —
Despedi-me dele e segui de volta para casa. —
Vem Bow.

Enquanto estávamos no restaurante esperando por nossos pedidos, meu pai contava sobre o carro que estavam restaurando na oficina. Por algumas vezes, tive a impressão de estar sendo observada por um homem que estava sentado à nossa frente. Senti-me incomodada. Na manhã seguinte, acordei a tempo de tomar café da manhã com meu pai, antes dele sair para trabalhar.

— Querida. O banco já liberou a parte do empréstimo para esta semana? — Perguntou meu pai enquanto comíamos sentados à mesa.

— Sim. — Por sorte, ainda tinha parte do dinheiro que Victor havia me dado.

Enquanto fazia a transferência, perguntei-me como seria a próxima semana, eu não teria mais dinheiro. Depois do café, meu pai saiu para a oficina e eu sai para correr. Resolvi correr em uma trilha que tem perto de casa, que atravessava o bosque e passando pelas margens do lago Green

Pine. Coloquei os fones de ouvido no volume no último e corri o mais rápido que consegui, queria me cansar ao máximo, assim conseguiria chegar em casa e dormir, coisa que não tenho conseguido nas últimas noites. Depois de correr cinco quilômetros, voltei para casa com objetivo cumprido e subi para o meu quarto. Ao abrir a porta, entrei assustando-me ao encontrar Carla lá dentro, revirando minhas gavetas da cômoda.

— O que faz aqui? — Perguntei em um grito, fazendo-a se assustar. — Por que está mexendo nas minhas coisas? Ou melhor... como entrou?

— Eu sou da patrulha do bairro. Tenho a chave de todas as casas da rua.

— Responda minhas perguntas.

— Eu pensei ter visto um homem aqui dentro e vim ver se estavam roubando a casa.

— Nossa... quanta coragem para uma mulher de um metro e meio, que pesa menos de cinquenta quilos.

— Não zombe de mim. — Disse irritada.

— Vou perguntar só mais uma vez. O que veio fazer aqui? Por que mexia nas minhas gavetas?

— Acho melhor você ficar mansinha comigo, porque eu tenho testemunhas de que você tem ficado no LasGold com aquele velho milionário do Texas. O que está fazendo, Maya? Se prostituindo?

— Disse com arrogância, fazendo meu sangue ferver. — É isso que dá fazer faculdade solta por aí, longe de casa. Não sabia que a falta de uma figura materna dentro de casa, faria de você uma vadia. — Meu sangue transbordou e eu parti para cima dela.

Acertei-lhe um forte tapa em seu rosto, a jogando no chão. Parti para cima dela e agarrei seus cabelos desferindo um soco em seu rosto. Ela gritou pedindo por socorro e tentando livrar-se de mim. Acertei mais um soco em seu rosto, mirando sua boca e só sai de cima dela quando vi sangue escorrer por seu lábio.

— Você nunca mais trate minha mãe como se ela já estivesse morta, porque ela não está! — Gritei. — A respeite e sabia que a vadia aqui é você! Saia da minha casa! — Berrei e ela levantou-

se com dificuldades, pegando a chave caída no chão. — Me dê isso aqui. — Disse tomando as chaves da sua mão. — Se eu pegar você pelo menos na porta da minha casa e faço pior. Se você olhar para o meu pai... eu te mato! — A ameacei com meu rosto bem próximo ao seu.

Ela engoliu seco e passou por mim saindo do quarto. Logo mais escutei a porta da sala se fechar em um baque. Depois do estresse com Carla, decidi que um banho de banheira me ajudaria a relaxar. Quinze minutos de molho na água quente e eu já me sentia melhor. Deitei-me em minha cama e finalmente consegui dormir. Quando acordei, já era final de tarde. É fim de semana e Grace havia me convidado para ir a um Pub que estava inaugurando do outro lado da cidade, com mais duas de suas amigas da faculdade que estavam a visitando.

Eu me arrumei pronta para uma noite de diversão, é hora de tocar o barco. Errei com Victor e ele está em seu total direito de ir embora, e não querer mais me ver ou falar comigo. Grace me buscou em casa às oito horas e fomos para o Pub. O ambiente é bastante aconchegante e tem música ao

PERIGOSAS ACHERON

vivo com uma banda de Rock que começava a tocar os clássicos dos anos setenta e oitenta. Pegamos uma mesa próxima ao bar e nos sentamos pedindo logo uma rodada de tequila.

Depois de algumas doses, cervejas e muitas risada com as garotas que são boas companhias, resolvemos dançar. Já estávamos com nossos corpos um pouco suados e os cabelos levemente emaranhados, mas ainda sim estávamos nos divertindo em meio do aglomerado intenso de gente à frente do palco. Senti que estava sendo observada, então comecei a olhar em volta à procura de quem era e logo achei um par de olhos castanhos que me observava atentamente sentado no bar. Virei-me para a frente novamente o ignorando, mas não demorou muito para que seus braços fortes me agarrassem por trás, juntando-me ao seu corpo.

— Vamos sair daqui? — Perguntou com sua voz grave em meu ouvido.

— Vamos. — Concordei pegando em sua mão.

Ele me levou para fora do Pub e arrastou-me
PERIGOSAS ACHERON

até o estacionamento, onde me prensou contra uma caminhonete, tomando minha boca em um beijo faminto e gostoso. Suas mãos passearam por todo meu corpo, apertando minha cintura, meus seios e minha bunda. Ele é um cara grande e bonito, deve ter cerca de um metro e oitenta, dono de um corpo gostoso, cabelos pretos sedosos, que combinam com seus olhos castanhos claros que se destacam em sua pele branca. O clima foi esquentando e eu já estava cheia de tesão querendo mais. Ele beijou meu pescoço e mordeu meu lóbulo da orelha, conseguindo arrancar de mim um gemido desesperado. Ele enfiou sua mão dentro do bolso da calça jeans e tirou uma chave de dentro dele, destrancando a caminhonete.

— Entra. — Disse abrindo a porta do passageiro de trás.

Entrei sem questionar e ele veio logo depois de mim fechando a porta. Continuamos a nos beijar e ele foi apressadamente arrancando meu vestido por cima da cabeça, enquanto eu desabotoava sua calça. Ele tirou meu sutiã e caiu de boca em meus seios, os sugando com precisão e vontade. Enfiei minha

PERIGOSAS ACHERON

mão dentro da sua cueca e peguei sua enorme ereção grossa e comecei a masturba-lo, o fazendo gemer abafado com sua boca contra minha pele. Continuamos assim por um minuto ou talvez mais, até que de repente escutei um estalo. Quando olhei para baixo, ele havia rasgado minha calcinha em pedaços.

— Espero que não seja sua preferida. — Brincou ele pegando um preservativo no bolsa da sua calça.

Ele o desenrolou em seu pau e segurou firme meu quadril com suas duas mãos. Deslizei facilmente por seu comprimento agarrando seus ombros. Comecei a cavalgar nele devagar e aos poucos fui aumentando meu ritmo, o deixando louco gemendo alto. Tenho certeza que qualquer um que tenha passado por ali, nos ouviu.

— Você é maravilhosa! — Disse ofegante, fechando seus os olhos.

Eu gemi quase em um grito de tesão, ficando ainda mais louca em cima dele, quando me acertou dois tapas estalados em minha bunda. Ele puxou

meus cabelos com força, fazendo-me deitar minha cabeça para trás e beliscou meus mamilos com sua outra mão. Não demorou mais nem meio minuto para que eu gozasse me desmanchando sobre ele.

— Isso! — Gemeu ele. — Não para. — Disse ofegante. Acelerei novamente os movimentos e logo senti seu pau contrair-se violentamente dentro de mim, enquanto ele gozava urrando como um animal. — Você é uma delícia. — Disse tentando recuperar seu folego e puxando-me para ele, tomando minha boca em um beijo lento e gostoso. — Eu sou.... — Começou a dizer com a voz meio rouca ao separar nossos lábios.

— Sem nomes, por favor. — O interrompi ainda ofegante, encostando minha testa na sua.

— Okay. — Concordou sorrindo. — Fica de quatro, delícia. — Pediu com um tom autoritário de VOZ.

Transamos mais uma vez e quando acabamos, eu me vesti deixando os trapos da calcinha para trás em seu carro. Ele acompanhou-me até a entrada do Pub e nós nos despedimos com um beijo voraz,

PERIGOSAS NACIONAIS

agarrando minha nuca e minha cintura. Ele separou nosso beijo e olhou-me com um sorriso malicioso.

— Até mais, Oklahoma. — Disse soltando-me, antes de se afastar em direção ao estacionamento.

— E como eu devo lhe chamar? — Perguntei alto, para que ele me escutasse.

— Chicago. — Disse andando de costas.

Sorri para ele e acenei com a minha mão. Ele virou-se e seguiu sumindo entre os carros. Voltei para dentro do Pub e encontrei Grace com uma das amigas dançando onde as deixei. Quando me aproximei delas, vi que outra se engalfinhava com um rapaz moreno, não muito longe. Cheguei em casa já passavam das quatro da manhã. Entrei silenciosamente e tirei minhas sandálias para não fazer barulho, subindo a escada pé por pé, para não acordar meu pai. Parei na porta do seu quarto e a abri devagar. Ele dormia profundamente com a respiração serena e de barriga para cima. A Tv estava ligada em um volume bem baixo, quase muda. Eu a desliguei e sai fechando a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Fui para o meu quarto e depois de um banho, cai na cama bêbada, saciada e cansada. Na manhã seguinte, acordei com Bow em cima de mim, latindo alto em meu ouvido. Sentei-me na cama e peguei meu celular, assustando-me com as horas que já eram. Passavam das duas da tarde, eu havia perdido toda a manhã. Com uma leve dor de cabeça, levantei a procura de um remédio na cozinha. Depois de toma-lo, sentei-me a mesa e comi um prato de biscoitos com gostas de chocolate, acompanhado de um copo de leite. Bow estava agitado dentro de casa, ele não parava de latir e arranhar a porta da sala.

— Para, Bow. Seu latido ecoa na minha cabeça. — Pedi alto, mas ele continuou. — O que quer lá fora uma hora dessas? — Perguntei irritada.

Fui até ele e acariciei seus pelos antes de abrir a porta. Ele mal esperou que eu a abrisse e passou espremido por uma fresta saindo para fora. Quando sai na varanda, havia um lindo arranjo de flores vermelhas sobre a pequena mesa redonda de vidro ao lado do sofá. Bow sentou-se ao meu lado e finalmente se calou. No arranjo, havia um cartão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu o peguei com minhas mãos suando frio, só de pensar na possibilidade de serem do Victor, já fico nervosa. No verso do envelope preto, meu nome estava escrito em letras desenhadas com tinta dourada. Eu o abri e puxei de lá de dentro, o cartão escrito a mão, que na verdade é um convite.

PERIGOSAS ACHERON

Cara Senhorita Valentine.

A convidamos para um baile formal de máscaras, que ocorrerá nos próximos dias, na cidade de Seattle.

O local e data, permaneceram em sigilo, podendo serem revelados somente por seu Dominante.

Aguardamos sua presença.

Sentei-me no sofá da varanda com o convite nas mãos e encarando as flores a minha frente. Por que isso agora? Achei que ele tivesse ido. Peguei as flores e voltei para dentro de casa e as coloquei sobre a mesa. Subi para o meu quarto e peguei meu celular que estava jogado sobre a cama e me sentei nela, buscando seu número na agenda.

— Sentiu minha falta, querida? — Perguntou Victor ao atender a chamada no primeiro toque.

— Por que isso agora? — O respondi com uma pergunta.

— Porque sim. Eu mandarei um jatinho para lhe buscar amanhã de manhã, às oito. Esteja pronta, meu anjo. — Disse antes de desligar o celular, sem esperar eu dizer nada.

O dia passou e a pergunta de um milhão de dólares martelava na minha mente sem parar. Eu devia ou não ir? Afinal, ele me ignorou por uma semana. Estava aliviando a raiva que sentia de mim ou estava apenas me castigando? No final da tarde, fui até o hospital com meu pai e enquanto ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

procurava pelo médico da minha mãe, resolvi conversar com a única pessoa que acreditei poder me ajudaria nesse momento.

— Está querendo me dizer algo, querida? — Perguntou minha mãe tirando os olhos da revista que folheava e olhando para mim. — Está de pé na minha frente, a uns dez minutos. — Disse sorrindo e batendo levemente com a palma da mão sobre o colchão chamando-me para me sentar ao seu lado.

— Lembra do cara que te falei? — Perguntei sentando-me.

— Sim. O que houve?

— Tivemos... um desentendimento e.... ele foi embora. Ficamos por sete dias sem se falar. Bom... sem ele falar comigo, porque eu o procurei todos os dias, mas ele não me atendeu.

— E...

— E hoje de manhã ele me mandou flores com um convite para um baile em Seattle. Ele quer que eu vá para lá amanhã de manhã.

PERIGOSAS ACHERON

— Então vá. Você quer ir, não quer?

— Eu não sei. Achei que as coisas entre nós haviam acabado. Foram sete dias, mãe. Sete dias e noites que procurei por ele e fui completamente ignorada.

— Você disse que foi uma idiota com ele. Às vezes quando somos idiotas com as pessoas, as magoamos. Talvez... ele só precisou de um tempo. Esse tempo pode ter sido bom para você também. Não aprendeu nada com ele? — Na verdade não sei ao certo se aprendi ou se sim, o que posso ter aprendido. — Vai, querida. Diga ao seu pai que vai se encontrar com amigos da faculdade, porque se disser a verdade, ele te acorrenta no pé da mesa. — Disse humorada fazendo-me rir.

Eu sabia que ela estava brincando, mas no fundo não duvidava disso. Levou um tempo para meu pai aceitar meu namoro com Mark, eles não podiam ficar sozinhos no mesmo ambiente que meu pai queria o matar, sem falar das indiretas indiscretas. Imagino se dissesse a ele sobre Victor, talvez teria um infarto. Quando cheguei em casa, já

era noite. Meu pai ficou com minha mãe e voltei dirigindo seu carro. Estacionei na frente da garagem e quando olhei para o outro lado da rua, pelo retrovisor, vi que havia um Mercedes prata antiga e de pintura desgastada, estacionada no outro lado no meio fio.

A rua estava escura, mas a iluminação do poste estava próxima ao carro, permitindo que eu enxergasse melhor. Tinha uma pessoa lá dentro e o vidro do motorista estava aberto até a metade. Ele tinha algo preto nas mãos, que me parecia ser uma câmera fotográfica apontada para minha casa ou para mim. Ele a abaixou da frente do seu rosto e pude ver claramente que era o mesmo homem que me observava de maneira estranha no restaurante outra noite. Saí do carro rapidamente e caminhei a passos largos em sua direção, mas antes que eu pudesse chegar até ele, o homem ligou seu carro às pressas e saiu acelerando pela rua queimando os pneus no asfalto. Parei na calçada antes de atravessar a rua deserta, o observando virar a esquina e desaparecer.

— Mas que merda é essa? — Perguntei em voz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alta para mim mesma.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

Aquilo já estava começando a me assustar. Não acredito ser obra do Victor, ele sempre foi muito discreto com suas espreitas. Nunca nem mesmo consegui perceber algo. Entrei para dentro de casa e tranquei todas as portas e janelas. Subi para meu quarto e arrumei uma pequena mala para a viagem de amanhã. Depois de tudo pronto, tranquei a porta do meu quarto e deitei em minha cama na esperança de que o sono viesse logo. O dia amanheceu e meu despertador no celular tocou as sete, acordando-me em um susto com a música estridente e alta. Tomei um banho e me arrumei pronta para a viagem.

— Se é a coisa certa a se fazer eu não sei. Só sei que quero ir. — Disse para mim mesma, enquanto escovava meus cabelos na frente do espelho do banheiro.

Desci para a cozinha e a cafeteira havia acabado de passar o café. Servia-me de uma caneca quando a porta da sala se abriu e meu pai entrou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a cara tão amarrotada quanto a roupa.

— Bom dia. — Disse lhe estendendo a caneca que havia arrumado para mim.

— Eu pego outra. — Disse aproximando-se de mim.

— Tudo bem. Pode pegar essa. Parece estar precisando mais do que eu. — Ele sorriu e pegou a caneca da minha mão antes de me dar um beijo na testa.

— Obrigada, filha. Para que é a mala na sala?
— Perguntou sentando-se a mesa.

— Eu vou passar uns dias em Seattle com alguns amigos da faculdade. Achei que a mamãe tivesse lhe dito. — Menti me servindo de café.

— Não disse. Quando volta?

— Estarei de volta para o feriado.

— Tudo bem. Se cuide. — Disse levantando-se da mesa e vindo até mim.

— Pode deixar, pai. — Nos abraçamos e nos

PERIGOSAS ACHERON

despedimos.

— Vou subir para um banho, antes do trabalho.

— Disse indo em direção a escada.

Logo que ele sumiu pela escada, bateram à porta e era o Brandon. Ele pegou minha mala na sala e fomos até o carro. Carla estava do outro lado da rua, recolhendo o jornal em sua porta. Ela me encarou de forma soberba, arqueando sua sobrancelha e se virou entrou para dentro. Brandon abriu a porta e eu entrei em seguida, ele a fechou e guardou a mala na traseira do carro antes de assumir a direção, rumo ao aeroporto. Quase quatro horas de voo depois e finalmente eu estava desembarcando em Seattle. Foram as horas mais longas de voo. Brandon se sentou em uma poltrona do outro lado do avião e mesmo sem olhar para ele, podia sentir que me encarava o tempo todo. Já estava começando a me sentir incomodada. Será que faz parte do seu trabalho, ficar me encarando? As portas se abriram e eu desci na frente, Brandon veio logo atrás com minha mala. Noberto formou um sorrisinho nos lábios quando me viu aproximar.

— Como foi de viagem, senhorita? —
Perguntou ele, abrindo a porta do carro para mim.

Olhei para Brandon por cima do meu ombro, ele se aproximava de nós com a mala na mão.

— Não gosto dele. — Disse estreitando meus olhos para Noberto. Ele riu baixo e fechou a porta do carro logo que entrei. — Onde ele está? — Perguntei quando ele pôs o carro em movimento.

— Em uma reunião de negócios. Vou te levar para o hotel, deve esperar por ele lá. Deseja fazer alguma parada no caminho?

— Não. — Disse me aconchegando no banco.

As portas do elevador se abriram e saímos direto dentro da enorme cobertura no hotel. Nunca tinha visto algo daquele jeito, nem mesmo nas telas do cinema. É enorme e lindo, parecia até mesmo um apartamento. Havia uma enorme varanda, que mais se parecia com uma área de festas, tinha até mesmo uma piscina e hidromassagem.

— Fique à vontade, senhorita. Vou guardar sua mala no quarto. É o último no fim do corredor. —

Disso Noberto.

— Obrigada.

Caminhei até a piscina passando pelas enormes portas de vidro azul escuro. Observei tudo com olhos atentos, a cada detalhe da decoração ali fora. A minha frente, a vista da cidade agitada. Ao fundo, bem distante, se esforçasse mais sua audição era possível ouvir o som das buzinas dos carros e da sirene de uma ambulância, que não devia está muito longe dali. A vista era tomada por enormes prédios, a maioria deles espelhados. No meio de todos eles, o Space Needle ganhava vida se destacando com os raios de sol que refletiam de sua pintura branca. Eu estava simplesmente maravilhada com tudo aquilo. Definitivamente, era uma vista de tirar o fôlego.

— Com licença. — Disse Noberto ao entrar na varanda. — Preciso ir, mas Brandon ficará. Se precisar de algo, peça a ele. — Olhei para dentro e vi Brando parado na porta, como uma estátua. — Não saia sozinha! — O pedido de Noberto, soou mais como uma ordem. Assenti com a cabeça em

resposta.

Ele saiu e eu fiquei ali por algum tempo e depois entrei indo até o quarto, que não deixou nada a desejar no luxo e no conforto. Tomei um banho demorado e depois do almoço que me foi servido na cobertura, deitei-me na cama, vestida apenas com um roupão de seda branco e acabei dormindo. Acordei com leves toques em meus tornozelos, que foram subindo por minhas pernas. Aos poucos identifiquei que eram beijos que me acordavam de um sono profundo. Sem conseguir abrir meus olhos, virei-me de barriga para cima, despreguiçando. Um par de mãos correram para dentro do roupão. As mãos são pesadas e ásperas, não são as mãos do Victor. Ao notar isso, me sentei rápido na cama e me forcei meus olhos a abrirem e a enxergar o quem eram.

— O que está fazendo? — Perguntei apavorada, levantando-me da cama, mas Brandon me puxou pelas pernas, fazendo-me cair sobre o colchão.

— Vai dizer que não gosta? — Perguntou ele

com arrogância, se debruçando sobre mim e me imobilizando.

— Para! — Gritei. — Me solta! — Berrei.

— Quanto tenho que pagar para comer essa boceta? — Perguntou tocando minha intimidade com sua mão direta.

— Me larga! — Gritei em desespero, seus dedos forçavam uma penetração em minha intimidade. — Socorro! — Berrei com todo ar dos meus pulmões. Ele me acertou um tapa em meu rosto com sua mão que me tocava.

— Pode berrar. Ninguém vai te ouvir, sua puta! — Com sua mão livre, ele desafivelou o cinto de sua calça.

— Por favor, não! — Gritei em prantos, sentindo lágrimas escorrerem por minhas têmporas.

De repente, Brandon foi arrancado de cima de mim e jogado no chão. Sentei-me na cama e vi Victor em cima dele, desferindo socos em seu rosto. Brandon revidou acertando seus lábios. Victor juntou suas duas mãos em seu pescoço e

começou a sufoca-lo.

— Victor, não faz isso. Para! — Pedi levantando-me da cama. Brandon tentava se livrar, apesar de ter metade da idade do Victor e mais peso que ele, não conseguia. Victor havia o mobilizado com suas pernas. — Já chega! — Pedi alto, mas ele me ignorou. Brandon começou a ficar inconsciente e eu percebei que Victor não iria parar. Caminhei até ele e tentei puxa-lo de cima, mas foi em vão. — Já chega! Pare. Pare, Victor! — Berrei e logo Noberto entrou no quarto com mais dois homens, que se juntaram e tiraram Victor de cima ele.

Brandon estava imóvel e de olhos fechados no chão. Abaixei-me ao seu lado e chequei seus sinais vitais, ele havia apenas desmaiado. Olhei para Victor e ele ainda estava sendo segurado pelos dois homens. Ele tinha seu olhar vidrado em mim, seu rosto estava vermelho de raiva.

— Me soltem! — Mandou Victor em um grito e os homens o obedeceram. — Tirem esse traste daqui! — Mandou antes de sair do quarto.

— Você está bem, Maya? — Perguntou

PERIGOSAS ACHERON

Noberto ao se aproximar de mim.

— Uhum. — Resmunguei assentindo com minha cabeça.

Sai do quarto e parei de ante uma porta aberta no corredor. Era uma sala não muito grande, uma mistura de bibliotecas com escritório. Nas paredes, haviam algumas estantes cheias de livros. Ao canto um jogo de sofá e poltronas brancas. Próxima a janela, uma grande mesa de escritório e depois dela, estava Victor sentado à mesa com os cotovelos apoiadas sobre a mesma e seu rosto afundados em suas mãos. Entrei na sala e aproximei-me dele lentamente. Toquei seu ombro e com movimentos rápidos, Victor virou sua cadeira para mim e me puxou para seu colo, deixando minhas pernas um para cada lado do seu quadril. Ele acariciou meu rosto suavemente e naquele momento notei que sentia sua falta, mais do que queria aceitar.

— Você está bem? — Perguntou baixo.

— Estou. — Respondi passando meus braços por seu pescoço.

— Eu queria ter matado ele. — Disse com ira.

— Eu sei, mas... não vale apenas sujar suas mãos com ele. — Victor puxou-me mais para ele, colocando nossas testas.

— Senti sua falta. — Sussurrou acariciando meus cabelos na nuca.

Colei nossos lábios delicadamente em um beijo caloroso e lento. Ele envolveu minha cintura com seu braço, trazendo meu corpo para mais junto do seu. Ele deixou minha boca e desceu seus lábios por meu pescoço, até chegar em meu ombro dando uma leve mordida. Suas mãos desataram o nó que fechava meu roupão e agarraram meus seios os apertando de leve, enquanto dava beijos molhados em meu pescoço. Victor puxou mais meu quadril para ele, pressionando minha intimidade contra sua ereção, fazendo-me soltar um gemido baixo.

— De joelhos! — Ordenou sussurrado em meu ouvido. Sem questionar, desci de seu colo e me ajoelhei a sua frente. — Se está aqui, é porque resolveu aceitar sua posição como minha submissa. — Disse ele se curvando para frente e me olhando

PERIGOSAS NACIONAIS

nos olhos. — Está na hora de começarmos de verdade. Acabou a brincadeira. Regra número um. Eu mando... — Disse apontando para si mesmo e depois apontando para mim. — ...você obedece! Sem.... questionar. — Disse pausadamente. Seu olhar era intenso e suas pupilas estavam dilatadas. — Entendeu? — Perguntou rude.

— Entendi.

— Agora venha satisfazer seu Dono. — Disse chamando-me com os dedos.

Aproximei-me mais e permaneci de joelhos. Victor desabotoou sua calça e a desceu um pouco junto com sua cueca. Seu pau estava ereto e lubrificado por sua pré-ejaculação, que escorria a glândula. Ele pegou seu pênis em sua mão e começou uma leve e lenta masturbação, enquanto me observava a sua frente com um olhar sacana e um sorrisinho no canto dos lábios.

— Venha, minha querida. Pegue. O coloque em sua boquinha. Faça seu Senhor gozar.

Eu me aproximei e estendi minha mão para

PERIGOSAS ACHERON

pega-lo, mas Victor acertou um tapa estalado na mesma, impedindo-me de toca-lo. Ele o segurou pela base, o inclinando em minha direção e eu o tomei em minha boca. Victor gemeu ao sentir seu membro em contato com minha língua quente e úmida. Comecei devagar e fui o engolindo aos poucos. Ele gemia com suas mãos entranhadas em meus cabelos e eu gemia com seu pau descendo cada vez mais fundo em minha garganta. Ele começou a comandar o ritmo em que eu o chupava, fazendo-me engolir seu comprimento cada vez mais rápido. Engasguei algumas vezes, mas logo me acostumei com ele descendo fundo. Não demorou para que eu o sentisse se contrair em minha boca. Seus espasmos chegaram junto aos gemidos urrados.

Victor tirou seu membro da minha boca e começou a se punhetar, puxando meus cabelos e fazendo com que minha cabeça se inclinasse para trás. Ele se levantou, ficando de pé a minha frente e liberou seu gozo derramando em minha boca, deixando cair um pouco em meu rosto. Sua feição era de pura luxuria, seus olhos verdes estavam

PERIGOSAS NACIONAIS

escuros e seus gemidos demonstravam sua dominância. Nada nunca me excitou tanto, quanto esse momento. Talvez deixar o controle a ele, não seja tão ruim. Victor estendeu sua mão e ajudou-me a ficar de pé novamente. Ele me puxou para perto dele e envolveu-me em um abraço forte, aconchegando minha cabeça em seu peito. Fechei meus olhos e respirando fundo, sentindo seu perfume impregnar em minhas narinas. Envolvi sua cintura com meus braços e me entreguei ao seu calor. Eu realmente senti sua falta.

— Jamais acontecerá de novo. — Disse baixo. Ergui minha cabeça e olhei para ele, sem entender do que ele falava. — Eu prometi a você. Eu prometi a mim mesmo que cuidaria de você. Eu falhei. Perdoe-me.

— O que aconteceu a pouco, foi horrível e eu tive medo. Muito medo. É algo que não vou esquecer, mas também não é algo que me deixará marcas ou traumas. Você apareceu e me salvou do pior.

— Eu confiei você aos cuidados dele. Falhei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com você, Maya.

— Não falhou, Victor. — Disse pegando seu rosto entre minhas mãos. — Quando eu vi você, eu senti paz e a calma pairou em mim novamente. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

— Não vai acontecer de novo.

— Eu sei que não.

— Vem. Vou lhe colocar no banho, enquanto peço nosso jantar.

Victor pegou-me pela mão e me levou até o enorme banheiro branco, do teto ao chão com detalhes em bronze. Ele encheu a banheira com água quente e jogou sais de rosas na água. Enquanto eu entrava, ele pegou toalhas limpas e as colocou sobre a bancada da pia e deixou o banheiro fechando a porta, dando-me privacidade. Durante esses sete dias longe dele, eu sentia algo me incomodar, mas não queria assumir que era saudades. Afinal, me parecia errado sentir falta de alguém que me acertou um tapa no rosto, ou que me paga para transar, mas eu senti. Senti saudades

PERIGOSAS ACHERON

do seu perfume, do seu olhar sacana, do sexo, dos seus tapas em minha bunda e até mesmo das nossas discussões.

Eu sempre fui muito orgulhosa, indecisa e metida a durona. Às vezes me sentia exausta e tinha vontade de jogar tudo para o alto, mas não podia perder o controle e nem me entregar. Tinha que cuidar de mim mesma, ainda mais estando longe de casa. Depois do banho vesti uma calça jeans e uma blusa de mangas compridas, o clima estava começando a esfriar. Fui para a sala e encontrei Victor sentado no sofá, tomando Whiskey enquanto observava o fogo na lareira. Caminhei até ele e sentei-me ao seu lado. Victor estendeu seu braço esquerdo, o oferecendo para eu me aconchegar nele e assim eu fiz. Depois do jantar nos sentamos na varanda enrolados em um cobertor e bebemos vinho, admirando espetacular a vista noturna da cidade.

— Onde será o baile? — Perguntei a ele.

— Você não precisa saber. Só tem que estar perfeita para esta noite. — Disse antes de tomar

mais um gole do seu vinho.

— Vamos para cama? Está ficando mais frio aqui.

— Vamos. — Disse levantando-se.

Fomos para o quarto e ele se trocou colocando uma calça de seda preta para dormir. Depois de vestir uma camisola, deitei-me do outro lado da cama e me ajeitei confortavelmente debaixo dos cobertores. Victor deitou-se ao meu lado e me puxou para ele. Fiquei ali em seus braços por alguns minutos, mas o que queria mesmo era outra coisa. O abracei deitando minha cabeça em seu peito e apoiando minha perna sobre as suas. Inevitavelmente senti com minha coxa, seu pau duro dentro da calça do seu pijama. Percebi que não é apenas eu que não quero dormir agora, mas sei que ele não tomaria a iniciativa por mais que estivesse com vontade. Respirei fundo engolindo seco meu orgulho de ter que implorar por isso a ele. Olhei para o seu rosto e vi que seus olhos estavam fechados, mas eu sabia que ele não estava dormindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Victor, eu... — Comecei a dizer, mas ele interrompeu-me com um beijo cheio de desejo.

Ele subiu em cima de mim, posicionando-se entre minhas pernas e agarrou meus punhos os colocou a cima da minha cabeça. Suas mãos desceram alisando suavemente meu corpo, até chegarem na barra da camisola, puxando-a para cima e a retirando por minha cabeça. Ele afastou-se firmando seu corpo em seus joelhos e passeou com seu olhar lentamente por meu corpo, parando em minha intimidade que já escorria de excitação.

— Está bem com isso? — Perguntou olhando-me nos olhos. Senti um pouco de preocupação em sua voz. — Talvez seja melhor não fazermos nada hoje. — Disse deitando-se sobre mim.

— Mas eu quero. — Disse olhando em seus olhos.

— Melhor não.

— Por favor. — Disse segurando seu rosto entre minhas mãos. — Eu quero! — Disse com convicção.

PERIGOSAS ACHERON

— Não posso. Eu não consigo. Você passou por uma violência hoje, Maya. Descanse. — Disse e deu-me um beijo na testa, antes de se deitar novamente ao meu lado.

— Estou pedindo! — Disse alto sentando-me na cama. — Não é isso que sempre quer? Que eu implore a você. — O questionei sentando-me sobre meus calcanhares, virada para ele.

— Essa não é a questão, Maya! — Disse alto sentando-se também. — Seja menos dura consigo mesma. Tudo bem se dar um tempo para o que houve hoje. — Disse e levantou-se da cama. — Não tem que manter seus muros erguidos o tempo todo! — Ele caminhou em direção a porta e quando pôs sua mão sobre a maçaneta, virou-se para mim e encarou-me por alguns segundos. — Regra número dois. Permita-se que seja zelada. Permita-se que seja guiada e cuidada. — Ele abriu a porta e saiu a fechando logo atrás de si, deixando-me sozinha no quarto.

Deitei-me na cama novamente e fiquei por mais de uma hora esperando ele voltar, mas não

PERIGOSAS NACIONAIS

voltou. Acabei dormindo sozinha e acordando na manhã seguinte em um susto e sentando-me na cama em um pulo, ao sentir ser tocada nas pernas.

— Calma. — Disse Victor sentando-se nos pés da cama. — Você está bem?

— Estou. — Disse ainda sentindo meu coração acelerado no peito.

— Vamos tomar café. Temos muito o que fazer hoje. — Disse levantando-se da cama.

— Eu já vou.

Ele assentiu com sua cabeça e saiu do quarto. Levantei-me enrolada no lençol e fui direto para o banheiro. Depois de um banho, fui até o closet me vesti, não sei o que iremos fazer hoje, mas me arrumei preparada para sair. Quando cheguei na sala, as portas que levavam a varanda estavam abertas. Caminhei até lá e um vento leve e fresco tocou meu rosto ao atravessar a porta. No canto, próximo ao para peito, encontrei Victor sentado à mesa tomando seu café em uma xícara azul, enquanto lia algo em seu ipad.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso perguntar o que tanto lê, todas as manhãs? — Perguntei sentando-me a mesa.

— São notícias das últimas oito horas da bolsa de valores. — Respondeu ele sem tirar os olhos da tela.

— Notícias do que aconteceu no mundo financeiro enquanto você dormia? — Perguntei sorrindo.

— Exatamente. — Respondeu olhando para mim com um sorriso no rosto.

— Então... O que vamos fazer hoje? — Perguntei enquanto servia minha caneca de chá.

— Vamos visitar uma companhia que comprei a algumas semanas.

— Vai ao seu local de trabalho e quer... quer que eu vá com você?

— Qual é o problema? — Perguntou ríspido.

— Nenhum.

— Ótimo! — Disse voltando seus olhos a tela, a sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois do café, enquanto Victor trocava a roupa casual por um terno e gravata. Tirei uma selfie na varanda pegando a linda vista e a enviei para minha mãe e Penny.

— Estou pronto. — Disse Victor aparecendo na porta.

Ele está de tirar o folego como sempre, usando um terno cinza acetinado de três peças, camisa branca e uma gravata vermelha. Caminhei até ele e peguei minha bolsa no sofá seguindo até o elevador.

— Onde está Noberto? — Perguntei quando saímos no hall de entrada.

— Nos esperando lá fora. — Disse ele antes de segurar minha mão, entrelaçando nossos dedos.

Involuntariamente sorri ao ver nossas mãos dadas. Estávamos atravessando o gigantesco saguão movimentado, quando olhei para o lado e não consegui crer no que estava vendo. Travei meus pés no chão e virei-me de frente para o Victor que parou e olhou-me confuso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual é o problema? — Perguntou baixo.

— Aquele homem, ali atrás de mim. O que está sentado no sofá de canto, com um casaco azul e fingindo que lê uma revista, enquanto aponta o celular para cá.

— Mas o que tem...

— Ele trabalha para você? — Perguntei o interrompendo.

— Não. Nunca o vi.

— Ele me segue a dias, desde Oklahoma.

— O que? — Perguntou meio espantado.

Ele olhou em direção ao homem e serrou os olhos. Olhei novamente por cima do ombro e o vi saindo a passos apressados, sem nem olhar para o lado. Victor sacou rápido o celular do seu bolso da calça e tirou uma foto do homem a tempo, antes dele sair pela porta.

— Vem. Vamos sair pela garagem. — Disse pegando delicadamente meu braço e puxando-me de volta para o elevador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22

Quando as portas se abriram para a garagem, já havia um de seus carros nos esperando e alguns seguranças a volta. Entramos e um homem que ainda não conhecia, assumiu a direção do carro. Durante todo o caminho até sua empresa, ele não tirou o celular das mãos e nem os olhos da tela. Quando chegamos à frente do enorme prédio, o motorista abriu a porta e estendeu-me sua mão para me ajudar a descer. O prédio é lindo, de uma arquitetura bem moderna e vidros espelhados. Era tão alto, que o seu topo se perde em meio as nuvens. Entramos e assim que passamos pela porta, Victor já foi abordado por uma mulher que o esperava no hall com pastas na mão. Ela vestia um vestido preto e justo, até os joelhos e com um decote meio exagerado para um dia de trabalho.

— Sr. White. Seja bem-vindo a Cash Dynasty.
— Disse estendendo sua mão para ele, que aceitou seu cumprimento. — Eu sou Celeste. Serei sua nova subalterna.

PERIGOSAS NACIONAIS

Odiei a forma como ela ofereceu-se a ele com seus seios à mostra e apresentando-se com seu primeiro nome. Odiei mais ainda como a palavra 'Subalterna' saiu de sua boca.

— Obrigado, Senhorita... — Disse Victor esperando que ela pronunciasse seu sobrenome.

— Garry. — Disse diminuindo seu sorriso do rosto. — Celeste Garry, Senhor. — Ela olhou para mim e deu-me um sorriso receptivo, estendendo sua mão em minha direção. — Você deve ser a secretária, eu presumo.

— Não. — Disse apertando sua mão. — Definitivamente eu não sou a secretária. — Seu sorriso receptivo se desfez e transformou-se em um falso.

— Por aqui, por favor. — Disse ela apontando para os elevadores, com a mão.

A seguimos e subimos direto para o último andar. As portas se abriram e a Celeste saiu à nossa frente, atravessando o corredor como se estivesse em um desfile da FW, rebolando exageradamente.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para Victor e ele olhava para sua bunda com uma sobrancelha arqueada. Senti vontade de cutuca-lo para o repreender, mas me controlei. Fazer isso seria ridículo. Ela nos guiou até uma sala com uma porta de madeira que ia do teto ao chão.

— Este é seu escritório, Sr. White. Ninguém irar usufruir, somente o Senhor quando estiver aqui. — Ela abriu a porta e entramos. Victor deu uma boa olhada em tudo ao redor, é lindo e perfeito. Tudo aqui, cada item, é tão... ele. — Exatamente como pediu, Senhor. Esses são os contratos das contas que solicitou. — Disse lhe estendendo as pastas que tinha nas mãos. — Minha mesa fica de frente para sua sala. Meu ramal é o número um, em seu telefone à mesa. Me chame se precisar de qualquer coisa. — Ela aumentou seu sorriso para ele e se aproximou mais, em um passo à frente. — Qualquer coisa... Sr. White. — Disse baixo, quase sussurrado. — Será um prazer, servi-lo.

— Obrigado, senhorita Garry. — Disse antes de afastar-se em um passo para trás e virar lhe dando as costas.

Ela saiu da sala, fechando a porta atrás de si. Victor sentou na cadeira atrás de sua mesa e abriu a primeira pasta folheando página por página, com um olhar atento sobre elas. Eu tirei meu casaco e sentei-me no sofá. Meu celular soou o alerta de mensagem no pequeno bolso externo da bolsa ao meu lado, era a Penny perguntando-me o que eu fazia em Seattle, com um emoji de olhos arregalados. Sorri com aquilo e lhe respondi a verdade do que fazia aqui.

— Nossa... — Disse Victor chamando minha atenção para ele. — Quem é o ser humano capaz de ganhar um sorriso desse? — Perguntou escorandose em sua cadeira e olhando para mim.

— Ninguém. — Respondi e ele arqueou sua sobrancelha, fechando seu semblante em uma feição dura.

— Não é esse tipo de resposta que espero da minha submissa! — Disse irritado. — Regra número três. Se eu perguntar é porque quero saber, então me dê a resposta.

— É só a Penny. — Disse com a voz baixa,
PERIGOSAS ACHERON

abaixando minha cabeça.

— Doeu? — Perguntou levantando-se de sua mesa e vindo em minha direção. — Perguntei... se doeu. — Disse pausadamente e mostrando irritação em sua voz.

— Eu não sei. — Respondi com sinceridade.

— Não sabe? — Perguntou sentando-se na mesa de centro a minha frente.

— É. Dar satisfações nunca foi a minha.

— Mas agora é, querida. Trate de se acostumar e conformar.

— Acho que já estou. — Confessei.

— Isso é bom. — Disse sorrindo. Abaixei minha cabeça e senti uma confusão sentimental tomar conta de mim. — Você está bem?

— Estou. — Respondi olhando-o novamente.

— Quer conversar sobre o seu pavor de hoje de manhã?

— Não. — Respondi negando com minha

cabeça.

— Okay. Quer almoçar algo em especial hoje?

— Você decide.

— Uau. Estamos evoluindo. — Disse humorado.

Ele inclinou-se para frente e eu aproximei-me dele, tocando seus lábios com os meus. Ele segurou minha nuca com sua mão esquerda e aprofundou nosso beijo, causando-me um arrepiar ao ser tocada. O beijo foi lento e doce. Neste momento, percebi que eu estou começando a gostar de Victor White. Sem interromper nosso beijo, escorreguei pelo sofá e fiquei de joelhos a sua frente, entre suas pernas deixando nossos corpos mais juntos e envolvendo seu pescoço com meus braços.

— Se submetendo dessa forma, você me deixa de pai duro. — Sussurrou em meus lábios e só então percebi o que eu havia feito.

Ele colocou nossos lábios em mais um beijo e envolveu minha cintura com seu braço direito. Estava gostoso e eu começava a sentir uma certa

intensidade no momento e meu coração acelerar vagarosamente em meu peito. É uma sensação estranha para mim, mas é boa. A porta foi aberta de uma só vez, nos fazendo assustar e nos interrompendo.

— Desculpe, Sr. White. — Disse Celeste com cinismo nas palavras, parada na porta.

— Não te ensinaram a bater antes de entrar? — Perguntou irritado, levantando-se da mesa. — Saia! — Mandou a fazendo o olhar com olhos arregalados e sair imediatamente fechando a porta atrás de si. — Desculpe. — Pediu estendendo-me sua mão e me ajudando a levantar do chão. — Fique à vontade, querida. Tenho que revisar umas contas antes de podermos sair para almoçar.

— Tudo bem. — Disse e lhe dei um sorriso, que ele correspondeu com beijo rápido, antes de se dirigir de volta a sua mesa.

Depois de algumas horas sentada no sofá, conversando com Penny e minha mãe por mensagens, saímos para almoçar. Victor me levou até o Sky City, um luxuoso restaurante dentro do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Space Needle, que eu nem mesmo sabia que existia.

— Boa tarde. Sejam bem-vindos ao Sky City.
— Disse um rapaz ao nos recepcionar. — Qual seu nome, senhor, para que eu possa verificar sua reserva? — Perguntou pegando um ipad nas mãos.

— Scoot! — Chamou uma mulher.

— Sim, Sra. Reynolds. — Disse ele virando-se para ela.

— Desculpe, Victor. Scoot é novato aqui. — Explicou ela com um sorriso sem graça no rosto. — Como vai, querido?

— Olá, Jillian. — Cumprimentou ele antes de trocar beijos no rosto com a mulher. — Vou bem e você?

— Muito bem, obrigada. — Disse e depois virou seu rosto para mim, esperando apresentações.

— Está é Maya Valentine. Maya, está é uma velha amiga, Jillian.

— Velha não, Victor. Por favor. Antiga é mais

PERIGOSAS ACHERON

apropriado. — Disse humorada, arrancando um riso do Victor. — Sua secretária? — Perguntou a ele, apertando minha mão.

— Não. — Respondeu Victor, puxando-me pela cintura para mais próxima do seu corpo.

— Ah... eu entendi. Desculpe, menina. — Disse com um sorriso forçado. — Então o divórcio é sério? — Perguntou deixando Victor sem graça a minha frente. É a primeira vez que o vejo daquele jeito.

— Já fazem seis anos, Jillian. É. É sério. — Respondeu ele olhando-me com um olhar que me pedia desculpas pelo o inconveniente. — Teria uma mesa para nós? — Perguntou cortando o assunto.

— Mais é claro! Venham. — Disse seguindo a nossa frente em direção as mesas.

— Desculpe por isso. — Sussurrou Victor em meu ouvido, enquanto caminhávamos juntos até a mesa.

— Está aqui. — Disse ela parando ao lado de uma mesa, que fica junto ao vidro com uma vista

PERIGOSAS NACIONAIS

de tirar o fôlego.

— Obrigado. Esta é perfeita. — Victor agradeceu e puxou a cadeira para mim.

— Se precisar de mim é só chamar. Vou mandar um garçom aqui. — Disse antes de sair e nos dar privacidade.

— Achei... bem agradável a sutileza da sua amiga. — Disse a ele, olhando para vista.

— A ignore, por favor. — Pediu segurando minha mão. — Ela e a Eliza são muito amigas, por isso se comportou assim.

— Sua carta de vinhos, Senhor. Já querem fazer o pedido do Menu?

— Por favor. Diga ao chefe Javier, que Victor White está aqui e deseja o especial da casa.

— Sim, Senhor. — Disse o garçom antes de retirar-se.

— Javier Murvon? — Perguntei a Victor.

— Sim. — Respondeu sem tirar os olhos da carta de vinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, meu Deus! — Disse impressionada. — A minha mãe o ama!

— Bom... então, acho que teremos que a trazer aqui, algum dia. — Disse encarando-me com um belo sorriso em seus lábios.

— É. — Concordei. Com certeza quando ela estiver curada a trarei aqui, nem que eu tenha que esperar por meses a reserva.

— Como ela está? — Victor perguntou abaixando a carta sobre a mesa e dando-me sua atenção.

— Bem, na medida do possível.

— O tratamento está funcionando?

— Está. Ela precisa que a imunidade dela esteja boa para resistir a cirurgia de retirada do tumor.

— Irá ficar tudo bem, querida. — Disse pegando minha mão e alisando seu dorso com seu polegar.

Encarei nossas mãos juntas e estranhei a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maneira em que esse pequeno ato me trouxe conforto.

— Conteí a ela sobre nós. — Disse e depois voltei meu olhar a ele, que me observa sem nenhuma expressão no rosto. — Não tudo, mas... em partes.

— Como seria em partes?

— Não disse nada do que fazemos entre quatro paredes e nem sobre o dinheiro.

— Por que contou?

— Precisava conversar sobre eu e você com alguém e....

— Nós! — Disse ríspido, interrompendo-me. — Eu e você, Maya... somos nós!

Nós? Nós, é muita coisa. Nós, é quando um responde pelo outro no relacionamento, como... nós não vamos a festa hoje. Nós estamos cansados. Nós estamos felizes, e eu não sabia se já éramos nós. Assustei-me com isso.

— Victor! — Disse um homem chamando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa atenção. — Quando sua mensagem chegou a cozinha, tive que deixar algumas panelas queimarem e vir até aqui. — Disse rindo.

— Javier! — Cumprimentou Victor, levantando-se de sua cadeira e dando um rápido abraço no cozinheiro mais famoso dos Estados Unidos da América.

— Quem é esta beleza? — Perguntou Javier virando-se para mim e estendendo sua mão.

— Está é Maya.

— Olá, Maya. — Disse ele beijando o dorso minha mão.

— É um enorme prazer conhece-lo, Sr. Murvon.

— O prazer é todo meu. Acho que a tempos não via uma mulher de tamanha beleza.

— Já chega galanteador. — Disse Victor tirando minha mão da sua.

— Se sentiu ameaçado, amigo? — Perguntou Javier humorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você cozinha bem, não posso arriscar. — Disse Victor fazendo o amigo gargalhar alto.

— Tudo bem. Vou voltar ao meu trabalho, nem todos de nós é um milionário. Com licença, minha querida. — Despediu-se sorrindo.

— Toda. — Respondi a ele.

— Garanto que terão um almoço dos céus. — Disse Javier.

— Eu não duvido. Confiamos em você. — Disse Victor apertando sua mão.

Javier retirou-se voltando para a cozinha e Victor sentou-se novamente em sua cadeira a minha frente. O garçom voltou e ele pediu uma garrafa de vinho tinto suave, nos servindo de duas taças. Depois de um saborosíssimo almoço, Victor levou-me para um passeio pela cidade, visitando os pontos turísticos.

— Uau! É tudo muito lindo aqui. — Disse admirando tudo à minha volta no Chihuly Garden and Glass. — Se eu morasse aqui, nunca me cansaria deste lugar.

PERIGOSAS ACHERON

— É mesmo lindo. — Concordou ele ao meu lado.

— Era parte dos meus planos me mudar para Seattle, depois de me formar.

— Era? E por que não é mais? — Perguntou pegando minha mão e entrelaçando nossos dedos.

— Depois de tudo que está acontecendo em Oklahoma, não sei se quero ficar longe da minha família.

— Você os ama muito. — Disse e eu assenti com minha cabeça, mesmo sabendo que não foi uma pergunta. — Se percebe, você sujeitou-se a tudo por eles. — Abaixei minha cabeça e lembrei-me da forma que tudo começou entre eu e o Victor. — Não, por favor. — Pediu ao notar minha feição. — Desculpe. — Disse parando e virando-me para ele. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Não foi? — Perguntei com dúvidas de se realmente não teria sido uma observação intencional.

— Maya... — Chamou minha atenção

passando seus braços a volta da minha cintura. — Eu a quis desde o primeiro segundo que a vi, já lhe disse isso. Nunca foi minha intenção ou meu propósito ter você por perto como minha prostituta de luxo. Eu a quis como minha submissa desde o primeiro segundo. Você é minha joia bruta e mais cara, que eu tenho para lapidar. Você não é uma garota de programa para mim. É a mulher com quem quero estar o tempo todo. Ser submissa, não é só se submeter a ordens ou chicotes. É se permitir ser amada e cuidada de maneiras intensas.

Acaricieei seu rosto de leve com minhas mãos e beijei seus lábios. Foi um beijo calmo e demorado. Mesmo de olhos fechados, sabia que havia muita gente a nossa volta, nos encarando com horror. Eu posso sentir, mas este momento está bom demais para me importar com isso. Final da tarde chegou e nós voltamos para a suíte no hotel. Mal entramos e problemas de trabalho já surgiram para o Victor. Ele se trancou no pequeno escritório com Noberto e outros três homens que nos aguardavam no hall de entrada do hotel quando chegamos. Tomei um banho relaxante para aliviar o cansaço de um dia

todo andando pelas ruas de Seattle e resolvi descer para andar pelas lojas no térreo do hotel, acompanhada por um de seus seguranças, é claro. Passei por uma loja e algo chamou minha atenção na vitrine. O preço não era muito convidativo, mas eu ainda tinha um dinheiro guardado na minha conta bancária, do meu antigo emprego no Roger's. Não era muita coisa, mas dava para comprar a lingerie mais perfeita que eu já tinha visto.

— Como posso ajuda-la? — Perguntou a vendedora assim que entrei na loja.

— Gostei daquela lingerie no manequim da vitrine. — Ela acompanhou com seu olhar para onde eu apontava e sorriu para mim.

— Tamanho quarenta? — Perguntou ela, analisando meu corpo de forma sutil.

— Sim. — Ela assentiu com sua cabeça e retirou-se voltando logo com a lingerie do meu tamanho. — Gostaria de experimentar?

— Não, obrigada. Sei que vai me servir. — Respondi sentindo o toque da renda em minhas

mãos. Era a coisa mais suave que já senti entre elas.

— São de renda francesa. Pertencem a nova coleção. — Disse ela perceber quão encantada estava. — Qual será forma de pagamento, por favor?

— Débito. — Disse lhe entregando meu cartão e minha carteira de motorista.

— Pode me dizer em que quarto está, senhorita? É para um cadastro de mera formalidade. — Disse simpaticamente.

— Na cobertura. Suíte Master. — A vendedora tirou seus olhos rapidamente da tela do computador à sua frente e encarou-me com uma feição de assustada.

— Peço desculpas, senhorita. — Posso dizer que senti um pouco de pavor em sua voz. — Eu não sabia que estava na companhia do Sr. White. — Disse devolvendo o meu cartão e minha carteira de motorista.

— Eu que peço desculpas, porque... não estou entendendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós fomos avisados sobre sua presença neste hotel. Desculpe, devia ter perguntado seu nome no início do atendimento. As compras são liberadas para senhorita e as contas mandadas para o Sr. White.

— Okay. Entendi. Mas acontece... — Disse empurrando para elas o cartão e o documento novamente. — ... que sou eu quem vai pagar isto aqui. — Disse erguendo a lingerie.

— Eu não posso aceitar. — Disse os empurrando novamente.

— Mas eu insisto. — Disse fechando meu semblante para ela e pondo minha mão sobre a sua, para empurrar novamente a ela.

— Por favor, Srta. Valentine. — Disse com nervosismo na voz. — Se eu aceitar, posso ter problemas. — Ela tinha uma carinha assustada, então resolvi ceder.

— Tudo bem. — Disse pegando meu cartão e minha carteira de motorista sobre o balcão e os guardando em minha bolsa. Conversaria sobre isso

PERIGOSAS ACHERON

com Victor mais tarde.

Ela embalou a lingerie e me acompanhou até a saída da loja, agradecendo pela preferência. Andei mais um pouco e resolvi parar em um dos restaurantes e já fazer o pedido do nosso jantar para entregar na suíte. Quando voltei para a cobertura, a reunião de trabalho já havia acabado e os homens ido embora. Fui para o quarto e deixei a sacola sobre a cama, assuntando-me quando um par de mãos me agarraram pela cintura, puxando-me para trás.

— É apenas eu. — Disse Victor em meu ouvido.

— Não faça isso. Você me assustou. — Disse com minha mão sobre o peito, sentindo meu coração acelerado.

— Foi as compras? Perguntou olhando para a
sacola sobre a cama.

— Como se não soubesse onde eu estava. —
Ele sabe de cada passo meu.

— Não seja mal-educada. — Disse com a voz

baixa, beijando meu pescoço. — Ou irei castiga-la. — Sussurrou antes de morder o lóbulo da minha orelha.

— E como seria? — Perguntei fechando meus olhos sob seu toque e deitando minha cabeça para trás em seu peito.

— Não vou contar. Vou te mostrar. — Disse acertando um tapa em minha bunda. — O que tem aí? — Perguntou curioso referindo-se a sacola.

— Por que não se senta aqui e me espera vestir? — Perguntei erguendo minha cabeça para olha-lo.

— Vou te esperar na sala. — Disse soltando-me e deixou o quarto.

A primeira coisa que pensei quando vi a lingerie, foi no quanto eu poderia excitar o Victor com ela. Peguei a sacola e fui para o closet me trocar. Tirei toda minha roupa e a vesti as peças com calma, ajeitando tudo no lugar. Primeiro vesti o lindo sutiã e depois a calcinha, ambos de cor preta e com delicados detalhes em renda e fitas de

PERIGOSAS NACIONAIS

seda vermelha. Depois foi a vez das finas meias pretas e por último, a cinta liga de seda preta. Calcei sapatos de salto alto preto e coloquei os lindos brincos de diamantes que Victor me deu em nosso primeiro jantar. Vesti meu roupão de seda e sai do quarto indo em direção à sala, atravessando o longo corredor.

Ao chegar na sala, encontrei Victor parado entre as portas de vidro abertas, que levam a varanda, de costas para mim e segurando algo em sua mão direita, enquanto a esquerda estava guardada dentro do bolso da frente da sua calça. Aproximei-me dele e chamando sua atenção com o barulho dos saltos no chão. Ele virou-se para mim com um sorriso galanteador no canto dos lábios. Eu desatei o nó que fechava o roupão e o tirei logo do meu corpo, deixando-o cair no chão ao meu lado. Victor ficou sério e virou o restante do drink que tinha em seu copo, em um só gole, antes de se aproximar em passos lentos e firmes, acabando com a pouca distância que havia entre nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23

Victor parou de ante de mim e desceu seu olhar vagarosamente por meu corpo, começando por meus olhos até chegar em meus pés. Ele colocou o copo sobre a mesa de centro ao lado e com as mãos livre, acariciou minha pele com a ponta de seus dedos delicadamente. Seu toque provocou-me um arrepio que percorrer meu corpo inteiro.

— Você está linda. — Disse com a voz baixa, porém, imponente. — Isso tudo foi para mim? — Perguntou passando a ponta de seus dedos sobre meus lábios, enquanto sua outra mão segurava-me firme por minha cintura.

— Sim. — Respondi encarando a luxuria em seus lindos olhos.

Sua boca aproximou da minha e ele roçou seus lábios nos meus, agarrando minha nuca com uma de suas mãos, enquanto a outra apertava minha bunda. Passei minhas mãos alisando sua barriga por

cima da camisa, as subindo por seu peitoral até chegar em seus ombros. A ponta do seu nariz, passava delicadamente por meu rosto, respirando fundo o cheiro da minha pele. Minha boca chegava a salivar por um beijo seu. Victor abaixou sua cabeça em meu pescoço, deixando beijos enquanto suas mãos acariciavam-me vagarosamente. Senti que uma umidade começava a se formar entre minhas pernas, enquanto a excitação chegava tomando de conta, deixando até o ar dos meus pulmões mais pesados.

Victor tomou minha boca para si em um beijo quente e cheio de desejo. Seus braços me envolveram abraçando-me apertado. Nossos corpos exalavam uma massa de ar quente e densa, que ficava maior a cada segundo. Uma brisa fresca entrava pelas portas da varanda que estavam abertas, mas nem ela é capaz de abaixar nosso fogo. Desatei sua gravata e depois comecei a desabotoar sua camisa, um botão por vez. Ele mesmo a tirou, sem interromper nosso beijo. Deixei sua boca e beijei seu pescoço, descendo até seu peito. Passei minha língua em seu mamilo e o mordi de leve,

arrancando um gemido seu, que me deixou com mais tesão. Algo dentro de mim já se comprimia ansiando por seu pau.

— De joelhos! E permaneça em silêncio. — Mandou e eu fiz. — Agora tira o restante da minha roupa!

Comecei por seus sapatos, tirando um e depois outro. Logo depois veio suas meias e em seguida desabotoei sua calça, a puxando para baixo junto a sua cueca box cinza, o deixando livre das peças. Seu membro já estava duro e as veias grossas pulsavam forte. Tive vontade de toca-lo e colocá-lo na boca no momento em que o libertei de dentro da roupa, mas sei que devo esperar por sua ordem ou autorização. Essa espera me deixa completamente excitada. Nunca imaginei que sentiria prazer com tal coisa.

— Você o quer na sua boca? — Perguntou provocante. A excitação era tanta, que não consegui voz para responde-lo, apenas assenti com minha cabeça. — Então abra sua boquinha linda, mas não me toque! — Disse ríspido e outra vez, apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

assenti como resposta e o obedeci.

Abri minha boca e apoiei minhas mãos sobre meus joelhos. Ele passou sua glândula em meus lábios, os umedecendo com sua pré-ejaculação que escorria. Passei minha língua de leve em sua cabecinha rosada e inchada, controlando minha enorme vontade de agarrá-lo pelo quadril e abocanhá-lo por inteiro em minha boca, o forçando descer por minha garganta. Como eu amo chupar esse homem. Ele foi colocando pouco a pouco seu membro duro em minha boca, enquanto eu ia o sugando com vontade, deliciando-me do seu gosto e seu cheiro. Victor começou a foder minha boca vagarosamente, colocando sua mão em minha nuca e lentamente foi pegando uma certa velocidade, entrando cada vez mais fundo em minha garganta, fazendo-me engasgar algumas vezes. A cada engasgada, ele apertava sua mão que estava em minha nuca e eu gemia contido em seu pau. Comecei a chupá-lo com mais pressão e logo ele gozou em minha boca, enchendo a sala com seu rugido feroz. Engoli cada gota do seu sêmen morno e esquivo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você me chupa tão bem. — Disse ofegante, acariciando meu rosto. — Espere aqui. Já volto. — Disse saindo em direção ao corredor.

Ele logo voltou com uma bolsa de couro preta nas mãos e a colocou sobre a mesa de centro, antes de abri-la e tirar de lá de dentro uma coleira de aço com duas coisinhas dependuradas nela por uma corrente fina, que se pareciam com grampos de mamilos.

— Isto... — Disse mostrando a coleira para mim. — É uma coleira de aço e as peças penduradas nela são grampos de mamilos. — Como pensei. — Querida... preciso que saiba que tudo o que fizemos até agora, foi brincadeira de criança, tentando introduzi-la nesse estilo de vida da forma mais sutil possível, lhe mostrando as coisas aos poucos para não a assustar, mas acho que você já tem o mínimo de noção de como esse mundo funciona. — Ele aproximou-se mais e abaixou-se a minha frente. — Estar aqui neste exato momento comigo, por puro consentimento? — Assenti com a minha cabeça em resposta. — Ótimo. Agora escolha uma palavra de segurança.

PERIGOSAS ACHERON

Essa palavra será nosso botão de off. Quando chegar ao seu limite e sentir que não aguenta mais, é só a dizer que eu irei interromper imediatamente o que quer estejamos fazendo. Então, pense bem antes pronuncia-la.

Ele abriu o pequeno cadeado que fechava a coleira, separou as duas partes e a fechou em volta do meu pescoço, colocando o cadeado de volta. Apenas de ouvir o "clic", eu já soube que aquilo só sairá de mim quando Victor quiser. Ele puxou meus seios para cima do sutiã e prendou os grampos em meus mamilos, um por vez. Senti dor com aquilo, mas como da outra vez, logo veio uma leve dormência e a dor se tornou fraca, quase imperceptível. Ele pegou a outra peça que havia tirado da bolsa e a mostrou para mim segurando entre seu dedo indicador e seu polegar da mão esquerda.

— Este pequeno aparelhinho aqui, é um Sucker. Em uma linguagem mais clara, é pequeno sugador de pressão para o seu clitóris. Garanto que o tamanho da peça não corresponde ao tamanho do prazer que ele dará a você. — Disse com um

PERIGOSAS ACHERON

sorrisinho sacana no canto da boca.

Victor agachou-se a minha frente novamente e mandou que eu me levantasse dos calcanhares, sustentando meu corpo apenas sobre meus joelhos. Ele puxou minha calcinha para o lado e encarou-me mordendo seu lábio inferior, ao notar o quanto eu estava molhada. Tive vontade gozar quando ele passou seu dedo com leveza, fazendo círculos em meu clitóris. Senti minhas pernas estremecerem. Victor encaixou a pequena peça em meu clitóris e pegou a ponta branca, a desenroscando para baixo. A cada torcida, uma pressão sugava mais e mais o meu clitóris para dentro do estreito tubinho de plástico transparente. Foi uma sensação surreal, prazerosa e sem igual. Gemi alto sem conseguir controlar-me, fechando meus olhos e me curvando para a frente, apoiando minhas mãos em seus ombros.

— Não goza! — Ordenou alto e ríspido.

Apertei meus olhos e minhas mãos em seus largos ombros, prendendo minha respiração e tentando não gozar, mas era difícil, quase

impossível.

— Não consigo. — Sussurrei sem fôlego, mesmo sabendo que não estava autorizada a falar.

Victor deu uma mexida no Sucker e eu gemi em um grito jogando minha cabeça para trás, esquecendo-me dos grampos em meus mamilos e os fazendo repuxarem causando-me uma dor. Ele tem razão. O tamanho da peça não corresponde ao tamanho do prazer que ela me proporciona.

— Consegue sim, querida.

Olhei para ele e me surpreendi ao ver que tinha um sorriso aberto no rosto. Claramente estava se divertindo com meu "sofrimento". Ele tirou minhas mãos de seus ombros e levantou-se caminhando até a bolsa e pegou um chicote com tranças de corda na ponta. Olhei curiosa imaginando o que ele iria fazer.

— Já sabe qual é a sua palavra de segurança?

Na verdade, não pensei nisso nos últimos minutos. Olhei para o lado e avistei sobre a mesa de centro, um pote de vidro redondo com balas de

caramelo dentro.

— Caramelo. — Disso baixo e ele abriu outro sorriso no rosto.

— Tão doce e salgado, quanto nossa relação. Fique de quatro! — Mandou e eu fiquei de quatro para ele, apoiando as mãos espalmadas no chão. — Vou te foder agora. — Disse e eu ergui minha cabeça para olha-lo. — Só vai gozar, quando eu deixar. Se gozar sem minha permissão, irá receber o castigo que merece com este chicote. — Disse levantando a mão que o segurava. — Fui claro? — Perguntou alto e eu apenas assenti com minha cabeça.

Ele veio para de trás de mim e ajoelhou-se, puxando a parte de trás da minha calcinha toda para o lado. Gemi surpresa ao sentir sua língua quente e úmida em meu ânus, antes de afastar-se. Seu pau entrou lentamente em minha boceta, deslizando facilmente para dentro com minha excitação que escorria por minhas coxas. Enquanto penetrava-me, ele fazia movimentos circulares com seu dedo pressionando meu cuzinho, isso é muito excitante e

gostoso. Victor começou a movimentar-se entrando e saindo cada vez mais rápido com seu pau, arrancando de mim gemidos contidos. Logo sua mão livre agarrou meus cabelos os puxando para trás com força, tomando mais embalo nas estocadas firmes. Um tremor tomou conta no meu corpo e eu sabia que era o orgasmo avisando sua chegada.

Arranhei o chão com minhas unhas, juntando todas as minhas forças internas para não gozar e decepçiona-lo, mas foi em vão. O choque ríspido e bruto do seu corpo contra o meu, suas estocadas violentas, os puxões de cabelos, seus dois dedos que penetraram meu ânus vagarosamente e até mesmo o leve beliscar dos grampos em meus mamilos, foram demais para mim. Gozei em uma explosão de gemidos, gritos e arrepios eletrizantes por todo meu corpo. Nunca gozei assim na minha vida, foi tão intenso que chegou a doer o pé da minha barriga. Enquanto gozava, Victor não parou com o que fazia. Ainda sentia meu corpo estremecer arrepiando-se todo, quando senti algo queimar em minhas costas.

Apoiei o peso do meu tronco nos meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antebraços apoiados no chão e senti o chicote estalar em minhas costas pela segunda vez, queimando minha pele igual a fogo. Por mais estranho e bizarro que possa parecer aos olhos de algumas pessoas, aquilo foi a porta para a chegada de mais um orgasmo. Victor acertou por mais duas vezes o chicote em minhas costas, enquanto ainda me fodia e tirou seu pau da minha intimidade melada, entrando sem cerimônias ou carinho em meu ânus, fazendo-me gritar de dor, susto e tesão. Ele estocou de forma bruta minha bunda, puxando novamente meus cabelos para trás e acertou-me tapas pesados e doloroso em minha nádega direta, enquanto continuava com suas estocadas. Gritei de dor e prazer ao mesmo tempo, sentindo uma sensação confusa, não posso lhe dizer qual delas me provocava mais prazer.

Demorou longos minutos até que Victor permitiu-se gozar dentro de mim, gemendo em um urro como o de um animal selvagem e apertando com força minha bunda com suas duas mãos. Eu pude sentir o quanto ele estava resistindo ao seu orgasmo, através das contrações musculares em seu

PERIGOSAS ACHERON

pênis e seus gemidos agoniados. Victor saiu de dentro de mim e sentou-se no chão puxando-me para o seu colo, apoiando minhas costas em seu abdômen e deitando minha cabeça em seu ombro. Ele tirou o pequeno sugador do meu clitóris e desprendeu os grampos dos meus mamilos, fazendo-me gemer de alívio. Ele acariciou meu corpo de forma delicada e carinhosa, dando-me um beijo demorado em meu rosto. Ergui minha cabeça para olhá-lo e o encontrei com um sorriso encantador nos lábios.

— Vou te levar para o quarto, precisa descansar. Se saiu muito bem hoje, querida.

— Mas eu gozei. — Disse lembrando-o que havia desobedecido uma de suas ordens.

— Eu sei e já a castiguei por isso. Logo aprenderá a se controlar. Não se preocupe. — Disse e selou meus lábios com carinho.

Victor pegou-me em seu colo e me carregou até o quarto, pondo-me sentada na cama. Senti um pouco de desconforto ao sentar e demonstrei isso em uma careta que o fez rir baixo de mim. Ele foi para

o banheiro e voltou logo em seguida pegando-me outra vez em seu colo, e me levando para dentro do banheiro onde me colocou dentro da água quente com sais de banho. Gemi de dor ao sentir a água tocar minhas costas, causando um ardor em minha pele. Victor entrou e se sentou atrás de mim, pegando a esponja de banho e o sabonete líquido.

— Aí. — Resmunguei quando ele passou a esponja de leve em minhas costas.

— Vou passar pomada em suas costas e amanhã estará bem melhor, eu prometo. — Disse esfregando meus ombros e seios.

Depois do banho, ele me secou apalpando a toalha em todo meu corpo e como prometido, passou a fria pomada espalhando-a com cuidado sobre minha pele. Escovei meus dentes e penteei meus cabelos, evitando de olhar minhas costas no espelho a minha frente e voltei para o quarto encontrando Victor deitado na cama, completamente nu. Passei por ele fui direto para o closet a procura de algo para vestir que não pegasse nenhuma costura em minhas marcas feridas pelo

chicote.

— Não vista nada. — Disse Victor na porta do closet, chamando minha atenção para ele. — Quero sentir sua pele na minha, está noite. — Coloquei a camiseta de algodão e a calcinha que havia pego, de volta na prateleira de madeira e caminhei até ele.

— Está bem. — Disse ao passar por ele, indo em direção a cama.

Deitei-me e ele logo fez o mesmo ao meu lado. Puxei os cobertores para cima de nós, enquanto Victor ajeitava-se na cama e desligava a luz do quarto. Deitei de bruços, já que de barriga para cima é impossível. Victor virou-se para mim e tirou meus cabelos do rosto, deixando um beijo em meus lábios. Abri meus olhos e o encontrei encarando-me com um olhar diferente de qualquer outro que já recebi dele, mas não sabia dizer o que ele significava.

— Eu gostei da surpresa que me fez hoje. — Disse acariciando meu rosto com as pontas do dedo. — Você tem um gosto impecável. Pode me agradar assim quando e quantas vezes quiser.

PERIGOSAS ACHERON

— Que bom que gostou da lingerie. Porque é você quem vai pagar, já que não me deixaram fazer isso.

— Não meço esforços com você, querida. Sabe que pode ter o que quiser. — Sorri em agradecimento.

Ele estendeu seu braço e puxou minha mão para que eu deitasse mais junto a ele. Assim eu fiz, aconchegando-me no seu corpo fresco com um cheiro gostoso de banho. Não demorou muito e meus olhos pesaram, fazendo-me adormecer em seus braços. Acordei na manhã seguinte e estava só na cama. Em cima do seu travesseiro, havia uma rosa vermelha e um bilhete.

Bom dia, meu anjo. Tive que sair cedo para o trabalho.

Desculpe, por não poder lhe acordar de maneira prazerosa.

Seu café será servido quando desejar.

Noberto estará à sua disposição hoje.

-

Victor.

Depois de ler seu bilhete, enrolei por mais alguns minutos na cama, antes de levantar e ir me vestir. Pronta para o dia, sai do quarto e encontrei Noberto na varanda, ele conversava com uma mulher que servia a mesa do café da manhã.

— Bom dia, senhorita. Ia lhe chamar, já passam das dez horas. — Disse Noberto com um sorriso no rosto.

— Bom dia, Noberto. — Disse indo até ele. — Já tomou café da manhã? — Perguntei sentando-me na cadeira.

— Já sim. Há umas quatro horas.

— Sente-se. — Disse servindo-me de uma xícara de café.

— Estou bem, obrigado. — Dispensou com gentileza.

— Por favor, eu insisto. Você aceita café ou

PERIGOSAS ACHERON

chá? — Perguntei encarando sua feição relutante ao meu pedido.

Noberto encarou-me de volta, mas logo percebeu que eu não desistiria da sua companhia e sentou-se na cadeira à minha frente.

— Chá, por favor. — Pediu.

Eu o servi uma xícara de chá e peguei algumas torradas, colocando-as meu prato para ele, colocando a sua frente.

— Victor saiu muito cedo? — Perguntei passando geleia de frutas vermelhas em uma torrada.

— Sim. Ele saiu as sete. — Respondeu e deu um gole em seu chá quente.

— Ao menos ele tomou café da manhã? — Perguntei preocupada, nunca o vi sair tão cedo assim.

— Não. Ele iria encontrar com alguém para um café da manhã.

— Que bom. — Disse e dei um gole em meu

PERIGOSAS NACIONAIS

café. — Fico menos preocupada, em saber que não ficará sem se alimentar.

— Se preocupa com ele? — Perguntou curioso.

— Ah... sim. Claro. — Respondi sentindo um nervoso em assumir isso.

— Permita que eu a pergunte... — Disse chamando minha atenção a ele. — Está apaixonada pelo Sr. White? — Perguntou com sorriso mínimo nos lábios.

Não sabia o que responder a ele, pelo motivo de simplesmente não saber a resposta. Eu gosto do Victor, isso é fato, mas não sei se estou apaixonada.

— Por que... está me perguntando isso? — Perguntei.

— Desculpe, senhorita. Não devia ter lhe perguntado nada. Não é da minha conta. — Disse abaixando sua cabeça.

— Bom dia. — Disse Victor ao entrar na varanda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia. — Respondi lhe dando um sorriso.

— Com licença. — Pediu Noberto retirando-se e nos deixando a sós.

— Achei que teria um dia cheio hoje. — Disse enquanto ele se aproximava da mesa.

— Sim, mas eu tive um tempinho de alguns minutos e vim até aqui cuidar de você.

— Cuidar de mim? Acho que consigo fazer isso sozinha por algumas horas. — Disse o fazendo rir baixo.

— Vim cuidar das suas costas. — Disse estendendo-me sua mão. — Vem. — Coloquei minha mão sobre a sua e fomos para o quarto. — Tire a blusa. — Mandou indo até o banheiro e voltando com a pomada na mão. — Sente-se. — Mandou apontando para a cama.

O obedeci e ele se sentou atrás de mim. Victor começou a espalhar a pomada delicadamente sobre minha pele, que já nem doíam tanto. Seu toque suave, me faz relaxar. Quando terminou, senti um

PERIGOSAS ACHERON

beijo em meu pescoço e sua mão limpa agarrou meu seio esquerdo. Fechei meus olhos e deitei minha cabeça para trás em seu ombro. Ele beijou meu rosto, enquanto ainda massageava meu seio, dando leves beliscões em meu mamilo. Abri meus olhos e virei meu olhar para ele. Victor sem dúvida, é um dos homens mais lindos que já conheci.

Admirei seus lindos olhos verdes, que hoje estão mais claros quase em um tom de cinza, e lhe dei um sorriso. Será que me apaixonei por você, Sr. White? Senti meu coração dar uma leve acelerada no peito. Toquei seus lábios com os meus em um beijo e ele correspondeu de forma lenta e carinhosa. Victor encerrou nosso beijo longo de minutos, que já nos deixava sem fôlego, selando meus lábios e passou a ponta de seu nariz sutilmente no meu. Abri meus olhos e vi que ele ainda estava com os seus fechados e com seu rosto junto ao meu.

— Eu tenho que ir. Não me espere para o jantar. — Disse antes de selar meus lábios outra vez com mais um beijo demorado. Ele levantou-se e foi ao banheiro levando consigo a pomada. Levantei-me em seguida e vesti minha blusa

PERIGOSAS ACHERON

novamente. — Até mais tarde, querida. — Despediu-se passando por mim e indo em direção a porta do quarto. — Ou melhor... — Disse parando na porta e virando-se para mim. — Tenho um jantar de negócios e quero que me acompanhe. Vista-se adequadamente, vou pedir Noberto que a leve. A quero lá às oito. Sem atrasos.

— Sem atrasos. — Confirmei piscando para ele, que sorriu antes de sair e fechar a porta atrás de si.

CAPÍTULO 24

Passei o dia na piscina e fiz vídeo chamada com minha mãe e a Penny, e mais tarde troquei mensagens com meu pai e o Dick. Nossa... como eu já estou com saudades do meu amigo. Grace simplesmente desapareceu. Não atendia minhas ligações e nem respondia minhas mensagens, há dias não nos falávamos desde o último sábado que saímos juntas e isso deixou-me preocupada. Liguei para Clarice, sua mãe, que disse que ela estava tento dias cheios no trabalho, mas ainda assim achei tudo aquilo muito estranho. Ela nunca me ignorou antes.

— São quatro horas, senhorita. — Disse Noberto parando a minha frente, na espreguiçadeira.

— Eu sei, já vou me arrumar. Não vamos nos atrasar, eu prometo. — Disse e ele saiu voltando para dentro da suíte.

Levantei-me e fui diretamente para o closet,

pensar no que vestir. Nele só havia jeans, camisetas e vestidos leves. Definitivamente, nada para um jantar de negócios. Chamei Noberto e fomos as lojas no térreo do hotel em busca de algo perfeito para vestir está noite. Não andamos muito e logo encontrei o vestido ideal. Justo ao corpo e de comprimento até os joelhos, de cor marfim e tem um decote discreto nos seios, mas que chama a atenção graças a um detalhe bordado em dourado em seu contorno. Peguei o vestido e como no dia anterior, a vendedora que me atendeu arregalou os olhos e ficou visivelmente tensa ao me ouvir pronunciar em qual quarto estava hospedada. As pessoas parecem temer ao Victor. Eu não as culpo, tive medo dele também.

Voltei para o quarto e tomei um bom banho no chuveiro. Depois de secar meus cabelos e fazer uma leve maquiagem, vesti o vestido tendo um com um pouco de dificuldade para fechar o zíper nas costas e calcei um par de sandálias pretas com finas tiras até os tornozelos. Ia colocar um par de brincos dourados, mas ao abrir a gaveta onde havia colocado meus acessórios e lembrei-me que eu

havia trazido os brincos de diamantes que Victor me deu no nosso primeiro jantar juntos. Os coloquei em minhas orelhas e passei minhas coisas da bolsa grande para uma pequena de mão preta, que comprei junto com o vestido.

— Como estou? — Perguntei a Noberto ao entrar na sala.

— Está belíssima, senhorita.

— Obrigada. — Disse passando minha mão pelo vestido, alisando o tecido.

— Temos que ir. Já passam das sete e meia, senhorita.

— Então vamos. — Entrei no elevador que nos esperava de portas abertas e Noberto veio logo depois de mim pressionando o botão do estacionamento. — Noberto... posso lhe pedir algo?

— Claro, senhorita.

— Chame-me de Maya. Por favor. — Pedi educadamente lhe dando um sorriso.

— Como quiser, senh... — Ele interrompeu a

palavra ao meio, ao me ver fazer uma careta feia para ele enrugando minha testa. — ...Maya. — Disse sorrindo.

Chegamos ao restaurante e o manobrista abriu a porta do carro para mim, ajudando-me a descer. Ao entrar, dei o nome do Victor a recepcionista, que me levou até uma mesa redonda em uma parte reservada do restaurante. Ao me ver aproximar, Victor levantou-se de sua cadeira e veio a passos largos até a mim.

— Você está linda. — Sussurrou em meu ouvido, antes de beijar meu pescoço, causando-me um pequeno arrepio. — Venha. — Disse pegando minha mão e levando-me até a mesa que continha oito pessoas. — Senhores... — Disse Victor chamando a atenção de todos para ele. — Está é Maya. — Ele me apresentou cada um dos homens sentados à mesa e depois puxou a cadeira ao seu lado para que eu me sentasse.

— Espero que não esteja muito atrasada. — Disse uma voz feminina atrás de mim. Virei meu rosto, olhando por cima do ombro e não acreditei

no que vi. — Olá, Vic. — Disse Eliza com um enorme sorriso no rosto.

— Eliza. — Disse ele a cumprimentando.

Sentei-me e Victor se sentou ao meu lado em seguida. O homem sentado à minha direita, levantou-se e puxou a cadeira para Eliza se sentar. Nossa... como eu odeio a forma em que ela chama Victor de "Vic". Durante o jantar, todos só falavam de negócios e pelo que entendi, havia tanta necessidade de Eliza estar ali, quanto Victor. O motivo? Eles ainda são casados e por direito, ela tem metade de boa parte dos seus negócios. Havia um homem mais novo sentado à minha frente. Sua cabeleira ruiva denuncia que ele não é americano. Escocês ou irlandês, talvez. Ele encarou-me indiscretamente o tempo todo, eu já começava a me sentir desconfortável ali. Em um momento de distração, a conversa passou de dinheiro, á jogos de futebol. Eu estava totalmente perdida em todos os assuntos. Definitivamente, esse não é meu lugar.

— Então, Maya... — Disse o homem ruivo de sobrenome Straaus. — Como você e Victor se

PERIGOSAS NACIONAIS

conheceram? — Perguntou curioso com um sorriso no rosto.

— É! Eu também gostaria muito de saber. — Disse Eliza nos encarando com um sorriso sínico e largo no rosto. Eu sei bem o que ela está tentando fazer.

— Nos conhecemos através de uma amiga em comum. Na verdade...

Minha melhor amiga. — Respondi olhando para o Victor, que sorriu.

— É mesmo? Onde? — Perguntou Eliza estreitando os olhos para mim.

— Em um evento de caridade. — Respondeu Victor rapidamente. — Maya é estudante de medicina na Universidade de Houston, no Texas. Faz eventos de caridade para complementar as horas curriculares, os quais eu patrocino.

— É uma ótima universidade. Minha sobrinha se formou lá. — Disse um dos senhores a mesa.

— É sim. — Respondi a ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem que ser uma ótima universidade, pela fortuna que custa. — Disse outro homem a mesa, fazendo todos rirem contidos.

— Mas isso não deve ser problema para a Maya. Ela tem ao Victor. — Disse Eliza rindo alto com debochada.

— Victor não é meu crédito pessoal, Eliza. — Disse séria, olhando para ela. — Estou em Houston, porque tenho uma bolsa integral de estudos.

— Uau! Estrelinha de ouro para ela. — Disse Eliza com sarcasmo.

— Já chega, Eliza! — Disse Victor alto, fazendo o silêncio pairar na mesa.

— De onde você é, Maya? — Perguntou outro senhor à mesa, tentando mudar o assunto.

— Oklahoma. De uma cidade chamada Tulsa.

— Conheço Tulsa. Uma cidade de grandes negócios e de belas mulheres. — Disse o Sr. Straaus piscando para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se continuar a dar em cima da minha mulher, na minha frente, serei obrigado a tirá-lo desta mesa. — Disse Victor humorado, mas no fundo todos sabiam que ele estava falando sério.

Terminamos o jantar e pedimos a sobremesa. Enquanto não era nos servido, pedi licença a todos e fui até o banheiro. Ao sair da cabine sanitária, Eliza aguardava por mim de frente a porta, escorada a bancada da pia. Passei por ela e fui até o próximo lavatório ao lado.

— Sabe... — Começou a dizer, parando atrás de mim e observando-me pelo reflexo do espelho. — Para uma garota inteligente como você diz ser, me admiro por ainda estar com ele.

— Não sei do que está falando. — Disse secando minhas mãos e a encarando pelo espelho.

— Sabe sim. Victor, é um animal selvagem, que só eu posso domar.

— Não a nada de errado com ele. — Disse virando-me para ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Há tudo de errado com ele, minha cara. Victor e eu, vivemos juntos por longos quatorze anos. Fui submissa dele, por quatro anos antes da primeira esposa dele morrer. Depois disso, ele me assumiu publicamente e me tornou sua esposa. Fomos felizes e tivemos o Caleb. Eu o conheço melhor do que qualquer outro ser humano nessa terra e se tem algo que precisa saber, é que você é só mais um brinquedinho para ele. Como criança, ele vai brincar com você até enjoar e quando isso acontecer, vai descartá-la no fundo do baú e esquece-la por lá.

— Cale a boca! — Disse alto e com raiva, sentindo vontade de lhe acertar um soco no rosto.

— Nós ainda nos amamos. Você quer uma prova disso? Foi eu quem pediu a ele o divórcio e não sou eu quem se recusa a assinar aqueles papeis!

— Isso é mentira!

— Victor me traiu com uma garotinha imunda, que nem você. Ela se apaixonou por ele e veio até mim contar sobre o caso deles, mas Victor sempre

teve um lado escuro e sombrio, que só eu conheço e posso controlar. Quando disse a ele o que houve e que estava indo embora, ele a procurou e em um momento de surto a agrediu, mandando a garota para um hospital. Ele ainda me quer. Sempre quis. Se afaste dele, Maya... enquanto ainda pode.

— Como você pode inventar coisas assim? Você é uma mulher sem escrúpulos...

— Nova Iorque. — Disse alto interrompendo-me. — Ele perdeu parte do controle com você e te machucou, por isso desapareceu por sete dias inteiros, indo para lá atrás de mim. Sabe do que ele teve medo? De perder seu alto controle para uma prostitutazinha barata, como da última vez. — Senti meus olhos marejarem e minha visão ficar turva. — Foi para mim, que ele implorou por ajuda. Para mim! — Disse batendo seu dedo indicador contra seu peito. — Você não é importante na vida dele. Eu sou. Sou eu que mesmo ele odiando, não quer longe. Você não conhece Victor White. O que vê dele, é só uma versão dos livros de romances clichês.

Ela se retirou do banheiro e eu fiquei lá, parada onde estava. Victor foi embora no dia seguinte em que me deu o tapa, no rosto. Noberto disse todos os dias em que eu o procurei, que ele me ligaria, mas nunca ligou. Ele dizia que Victor estava resolvendo problemas pessoais, os quais ele nunca me contou. Por mais que eu quisesse não acreditar na história absurda da Eliza, ela fazia sentido. Uma batida na porta, tirou-me dos meus pensamentos.

— Está tudo bem? — Ouvi a voz do Victor soar do outro lado da porta do banheiro.

— Sim. — Disse secando minhas lágrimas delicadamente com o papel toalha, para não estragar minha maquiagem.

Abri a porta e sai encontrando Victor mais à frente no corredor conversando com um homem. Parei próxima a ele e Victor despediu-se do homem com um aperto de mão antes de vir até mim.

— O que houve? — Perguntou acariciando minha bochecha com seu polegar.

— Não houve nada. — Disse e ele abraçou-me

pela cintura, beijando meus lábios. — Está com gosto de Whiskey na boca. — Sussurrei em seus lábios, com meus olhos ainda fechados. — Eu gosto.

— Sua sobremesa já foi servida. — Disse alisando meus cabelos.

— Será que... podemos ir embora.

— Claro. Vamos nos despedir.

Voltamos a mesa e nos despedimos de todos. Eliza estava com feição sorridente como se a conversa no banheiro a minutos atrás, não tivesse existido. Fomos para casa e durante todo o caminho, fiquei sentada ao lado do Victor com minha cabeça deitada em seu peito, em completo silêncio. Quando chegamos, fomos direto para o quarto. Victor entrou para o banheiro e eu sentei-me na cama tirando minhas sandálias e os brincos. Entrei no banheiro e o encontrei nu, prestes a entrar no chuveiro. Parei de ante do espelho e peguei os lenços adstringentes facial na gaveta, para remover minha maquiagem. Victor parou atrás de mim e abriu o zíper que fechava meu vestido nas costas,

depois o tirou puxando para baixo.

— Venha tomar banho comigo. — Pediu beijando meu ombro.

Tirei minha lingerie e entrei com ele no box. Começamos a tomar banho e ele permitiu que eu esfregasse cada parte do seu corpo. Senti seu pau ficar duro em minhas mãos, quando o toquei para lava-lo. Acariciei suas bolas e senti elas se contraírem em minhas mãos. Victor fechou os olhos e eu comecei a masturba-lo lentamente, o arrancando um gemido contido dentro da sua boca. Ele abriu seus olhos e me olhou com desejo.

— Me beija. — Pedi ficando na ponta dos pés e indo em direção a sua boca.

Nos beijamos com lentidão e muita excitação. Ele ergueu-me em seu colo e eu passei minhas pernas em volta da sua cintura. Victor colocou minhas costas contra a parede fria e eu sabia que como da última vez que essa cena aconteceu, terei que implorar para que ele me foda. Nosso beijo ficou cada vez mais intenso e mais gosto. Ele pressionou sua ereção em meu clitóris, fazendo-me

PERIGOSAS NACIONAIS

gemer de desconforto em seus lábios.

— Está dolorida? — Perguntou olhando-me.

— Não. — Menti buscando sua boca outra vez.

— Não minta para mim! — Disse ríspido.

— Um pouco. — Ainda era mentira. Minha bunda dói quando eu me sento e meu clitóris está dolorido e sensível.

— Quer que eu te foda, amor? Mesmo sentindo dor?

— Por favor. — Pedi com um pouco de desespero, deixando nossos rostos colados. — Foda-me!

Victor penetrou-me lentamente, enquanto nos encarávamos olho no olho. Gemi alto fechando meus olhos, mas ele mandou abri-los novamente e olhar para ele. Ele começou a penetrar entrando e saindo lentamente, me deixando louca de tesão, mas o que eu quero mesmo, é que ele entre duro e com força.

— Mais rápido, por favor. — Pedi em agonia.

PERIGOSAS ACHERON

— Não! — Respondeu. — Quero te sentir devagar.

Tomei sua boca em um beijo, agarrando seus cabelos com minhas mãos. Continuamos assim por longos minutos, enchendo o banheiro com nossos gemidos manhosos de tesão. Mordi seu ombro e arranhei suas costas, sentindo o calor familiar chegar em mim e tomar posse do meu corpo.

— Goza no meu pau. — Pediu em meu ouvido.

— Não quero gozar agora. Está gostoso assim. — Disse manhosa em meio a um gemido de puro êxtase.

O roçar da sua virilha em meu clitóris dolorido, tornou-se uma dor gostosa que ajudou a controlar-me.

— Goza, amor. Eu te fodo na cama. — Encarei seus olhos e eles estavam em um tom cinza.

Sua carne contraiu-se dentro de mim, desejando se satisfazer também. Entreguei-me ao orgasmo, nos encarando e mordendo meu lábio

inferior. Fui ao céu quando o senti a gozar dentro de mim, estocando-me vagorosamente.

— Seja minha. — Pediu com a voz baixa e com seu rosto afundado em meu pescoço

— Eu já sou sua. — Respondi sem demora, sentindo os últimos resquícios do orgasmo em meu corpo.

Terminamos nosso banho e voltamos para o quarto. Deitei-me na cama e Victor saiu do closet com uma fita preta de seda. Ele subiu na cama e ajoelhou-se sobre minha barriga, deixando uma perna para cada lado da minha cintura, completamente nu e com o seu pau duro.

— Mãos para cima! — Mandou e eu fiz.

Ele envolveu meus punhos com a fita e os amarrou na cabeceira da cama. Primeiro ele sugou meus seios fazendo-me delirar e depois desceu com beijos por meu corpo até minha boceta, que já estava molhada por ele. Victor agarrou minhas coxas e abriu bem minhas pernas, dando todo o espaço que ele deseja e precisa. Começou com

beijos em meu clitóris e depois passando sua língua entre os lábios. Gemi e arqueei minhas costas ao sentir sua língua quente em minha entrada. Ele chupou-me demorado e com delicadeza, só parou depois que gozei em sua boca. Victor ajeitou-se entre minhas pernas e penetrou-me em um estocada bruta, fazendo-me gritar de tesão. Enquanto me fodia vagorosamente, ele sugava meus seios, beijava meu pescoço e minha boca. Foi uma foda longa e gostosa, senti-lo assim em mim, não tem explicações. Eu gemi alto entregando-me a ele, enquanto ele, gemia com sua boca abafada em meu corpo.

— Goza daquele seu jeitinho, apertando meu pau. — Pediu com sua boca colada à minha.

— Sim, Senhor. — Disse ofegante, permitindo meu corpo chamar por um orgasmo.

Quando ele chegou e tomou-me por completo, fiquei mais louca ainda sob ele, serrando meus punhos e gemendo em seu pescoço. Victor segurou meu rosto em sua mão e me olhou nos olhos, antes de me beijar e morder meu lábio inferior. Quando

PERIGOSAS NACIONAIS

meu orgasmo passou, ele pegou minhas pernas e firmou-se em seus joelhos, apoiando meus tornozelos em seus ombros, deixando um de cada lado e me fodendo com força total. Outro orgasmo veio e nós gozamos juntos. Victor ainda me penetrava com força, enquanto gemia com os olhos fechados durante seu orgasmo. Ele deitou-se sobre mim novamente e beijou-me com lentidão, até que nossos corpos se acalmassem.

— Agora dorme com a minha porra dentro de você. Precisa estar descansada para amanhã. — Disse deitando ao meu lado e puxando-me para ele.

— O que tem amanhã? — Perguntei aconchegando-me em seus braços.

— O baile de máscaras. — Disse virando seu olhar para mim. — Depois dele, vamos voltar para Oklahoma. Tenho uma surpresa para você.

— O que é? — Perguntei curiosa sem ter a mínima ideia do que poderia ser.

— Se chama surpresa, porque você só vai descobrir na hora. — Disse humorado me fazendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rir.

— Tudo bem. — Selei seus lábios com um beijo e fechei meus olhos pronta para dormir.

— Por que não respondeu à pergunta do Noberto? — Perguntou quebrando nosso silêncio.

— O que? — Perguntei olhando para ele.

— Ele te fez uma pergunta, mas você pareceu não saber a resposta. Por que?

— Eu não sei. Só... não tenho certeza ainda.

— Eu tenho. — Disse encarando teto.

— Certeza de que eu estou apaixonada por você?

— Não. — Disse virando-se para mim. — Certeza de que eu... — Ele fez uma pausa de segundos e olhou-me fundo nos olhos com sua imensidão verde. — ...estou apaixonado por você.

Arregalei meus olhos e prendi minha respiração. Não conseguia compreender bem as palavras que tinha acabado de ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

— O que fez durante os sete dias em que ficou em Nova Iorque? — Foi apenas o que eu consegui pensar e o que saiu da minha boca involuntariamente.

— Digo algo sentimental e você quer saber sobre os sete dias em Nova Iorque? — Perguntou com um sorriso nos lábios.

— Estava com a Eliza? — Perguntei sentindo algo se apoderar de mim por dentro.

Eu quero saber a verdade e tem que ser neste momento. Sei que depois não terei coragem para essa conversa. Victor desfez o sorriso e fechou seu semblante, ficando sério e em silêncio. Seu comportamento foi minha resposta. Acho que as coisas que ouvi de Eliza não foram invenções, no fim. Levantei-me da cama em um pulo e atravessei o quarto nua, indo em direção ao banheiro.

— O que faziam juntos? — Perguntei parando na porta do banheiro e virando-me para ele.

— Mais que droga de perguntas são essas, Maya? Se fosse algo da sua conta, eu teria lhe dito,

PERIGOSAS NACIONAIS

não acha? — Perguntou alto, quase em um grito.

Ele diz que está apaixonado por mim, depois assume que me deixou por sete dias para ficar com a ex-mulher que ele diz odiar e agora uma resposta que não mereço saber? Meus olhos se encheram de lágrimas, mas não iria chorar na sua frente. Entrei para dentro do banheiro, batendo a porta com força e a trancando. Mal me afastei dela e Victor a esmurrou mandando que eu a destrancasse.

— Não. Deixe-me, por favor. — Disse em resposta.

— Abra agora, Maya! — Mandou em um grito. — Se não abrir, vou arrombar esta porta! — Berrou irado.

— Não faria isso! — Disse lá de dentro, já me arrependo de ter lhe feito a maldita pergunta. Por que eu tenho que abrir essa minha boca grande, estava tudo tão bem.

— Um... — Começou a contar. — Se afaste da porta, Maya. Dois... — Continuou a contar cada vez mais alto. — Três.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

No três, um forte baque contra a porta do outro lado, fez com que eu me assustasse e recuasse para trás. Outro baque veio em seguida e partiu a porta ao meio dando passagem ao Victor para dentro do banheiro. Ele segurava um cinto de couro preto em sua mão e caminhou com passos firmes até mim. Seu rosto estava vermelho de raiva e sua respiração ofegante, fazendo seu peito arfar alto. Sua mão esquerda apertava o cinto com tanta força, que chegava a estar pálida. Ele parou de ante de mim e encarou-me com ódio. Seu corpo naquele instante, parecia estar duas vezes maior do que o normal. Talvez fosse pelos seus músculos rígidos pela ira.

— Nunca mais em sua vida, bata uma porta entre nós! — Gritou com seu rosto próximo ao meu. — Eu fui claro? — Perguntou baixo entre os dentes. — Perguntei se fui claro, Maya? — Gritou outra vez.

— Sim, Senhor. — Disse com raiva e o encarando de volta, cobrindo meus seios com meus

PERIGOSAS ACHERON

braços.

— Diga! — Mandou ele e eu permaneci em silêncio, confusa.

— Dizer o que? — Atrevi-me a perguntar.

— Diga, Maya! — Gritou agarrando meus cabelos da nuca.

— Aí. — Resmunguei sussurrado. — Mas o que ouvir? — Perguntei baixo, mas tentando manter-me firme.

— Diga que está apaixonada por mim! Diga, agora! — Ele soltou meus cabelos e abraçou-me pela cintura com seus braços, juntando nossos corpos. — Sei que não estou imaginando coisas, ou as interpretando errado.

— Já disse que não sei. — Disse alto, tentando livrar-me dos seus braços que me cercam.

— Sinto cheiro de ciumes a quilômetros de distância, minha querida. Se aquele show não foi por ciumes, então desconheço o que seja. Diga, Maya. Assuma! Ou lhe darei uma boa surra, para

aprender a engolir esse seu maldito orgulho! — Disse alto e eu permaneci em silêncio.

Não duvidei que ele faria isso, mas paguei para ver até onde ele iria. Com agilidade, Victor pegou-me em seu colo e me jogou em seu ombro, levando-me de volta para o quarto. Ele me jogou sobre a cama, virando-me de bruços e subiu sobre o colchão prendendo minhas pernas entre as suas, deixando-me presa sob ele. Senti uma forte lapada estalar em minha bunda, causando-me dor e ardência.

— Não vou parar até você dizer, Maya! — Disse e desferiu mais duas lapadas em minha bunda, fazendo-me gritar de dor e minha pele queimar como brasa.

— Por que você não me diz, o que estava fazendo em Nova Iorque? — Perguntei em um grito, sentindo mais uma lapada atingir minha pele.

Victor parou e eu escutei a fivela do cinto bater contra o chão. Ele me virou de barriga para cima, prendeu meu quadril entre suas pernas e meus punhos ao lado da minha cabeça.

— Diz, amor. — Pediu baixo, antes de selar meus lábios com um beijo leve.

— Estou apaixonada por você, Victor. Mas algo me diz que isso não é uma boa ideia. — Disse sentindo lágrimas escorrerem em minhas têmporas.

— Não diz isso.

— Você foi embora sem dizer nada. Estava com ela, enquanto eu o procurei por você todos os dias. Eliza disse que você me deixou, porque estava perdendo seu controle por minha causa. — Ele fechou seu semblante, enrugando sua testa.

— Isso não é verdade. Jamais deixaria você para estar com a Eliza. — Disse soltando meus punhos. — Perdi o controle com você, admito, mas já lhe pedi desculpas. Não devia ter lhe dado aquele tapa. — Disse acariciando meu rosto.

— Então conversa comigo, Victor. Está na hora de sermos mais claros um com o outro. Sua variação de humor, me mata. Em um momento, tudo são flores e em outro, estamos em guerra. — Victor sentou-se na cama e me puxou para sentar

em seu colo. — Eu estou aqui. Estou aqui para ser sua e eu quero isso. — Disse com convicção. — Estou tentando ceder, mas se não me ajudar, não vou conseguir.

— Fui para Nova Iorque às pressas, porque Caleb foi preso. Uso e tráfico de drogas. Quando a Eliza me ligou, eu já estava com raiva pelas coisas entre nós não estarem dando certo, e essa notícia me deixou ainda mais furioso. Tive que partir o mais rápido possível, antes que isso fosse parar imprensa. Imagina os problemas que uma manchete dessa, podem me causar?

— Posso ter uma ideia. — Respondi baixo.

— Não imagina a dor de cabeça e os problemas que tive que lidar para resolver tudo e a última coisa que eu precisava, era de ter você envolvida em tudo isso. Você já tem seus problemas, não precisa dos meus. Eu e ela tivemos contato durante os sete dias em que estive por lá, mas não da forma em que está pensando, querida. Apenas fomos os pais do Caleb. — Disse acariciando meu rosto com seus polegares. —

Desculpe. Não devia ter sido um ignorante com você.

— Temos que nos comunicar mais. — Disse retribuindo suas caricias.

— Eu sei. — Disse colando nossas testas. — O que mais ela te disse?

— Coisas que não acredito. — Por alguns minutos acreditei, confesso, mas agora não acredito mais. Eu posso ver a verdade nos olhos do Victor. Ela mentiu sobre Nova Iorque, quem dirá o resto de toda aquela história maluca que me contou. — Por que não quis falar comigo enquanto estava longe? Podia ao menos ter se despedido.

— Você precisava de um tratamento de choque, além de um tempo para pensar melhor no que realmente queria. — Olhei para ele pensando que no fim, esse tempo foi bom para nós. — Mas não pense que lhe abandonei. Mantive meus olhos o tempo todo em você. — Abaixei minha cabeça e perguntei-me se ele sabe sobre o que houve no último sábado com o cara desconhecido. — Acho que precisamos de banho e lençóis limpos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu troco os lençóis, enquanto você enche a banheira. — Disse antes de levantar-me do seu colo.

Depois de um banho relaxante, acabei dormindo em seus braços. Na manhã seguinte quando acordei, Victor já havia saído para o trabalho. Passei o dia entediada na suíte, sai apenas para almoçar no restaurante italiano no térreo do hotel. Tudo o que eu conseguia pensar era no quanto eu gostaria de estar em casa naquele instante. Victor havia me ligado na parte da manhã e dito que eu podia ficar tranquila no aguardo de pessoas que viriam me ajudar a me aprontar para o tão esperado baile desta noite. Eram quase três da tarde e eu estava admirando a vista incansável de Seattle, quando Noberto apareceu dizendo que três pessoas aguardavam por mim no enorme closet do quarto. Quando cheguei até lá, encontrei dois homens e uma mulher.

— Olá, querida. — Disse um homem com o cabelo rosa e brincos longos de cruz. — Você deve ser a Maya.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi. Sim, sou eu mesma.

— Eu sou Kennedy e este aqui... — Disse pousando sua mão sobre o ombro do homem que estava de costas para nós. — ...é Jorge Baron.

Ao ouvir o nome, senti um nervoso e meu coração acelerar. Não posso acreditar que o tão famoso estilista francês das celebridades, estava aqui e bem na minha frente.

— Aí... meu... Deus. — Sussurrei pausadamente e completamente apalermada ao ver aquele homem se virar e sorrir para mim vindo em minha direção.

— Muito prazer, Srta. Valentine. — Disse Jorge com seu sotaque francês, estendo-me sua mão.

— Acredite, o prazer é todo meu. — Disse impressionada apertando sua mão.

— E está aqui é Paola. — Disse Kennedy, apresentando a moça loira de vestido preto e um coque alto no cabelo.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi. — Disse a ela.

— Paola fará sua maquiagem e as unhas. — Disse Jorge. — Kennedy é o melhor de Los Angeles, ele vai arrumar seu cabelo. E por fim... eu! — Disse levantando as mãos para cima e requebrando seu quadril para um lado. — Serei responsável por vesti-la, como uma diva do tapete vermelho.

— Obrigada. — Disse empolgada.

— Vamos lá. — Disse Jorge batendo palmas. — Mãos à obra.

Depois de um banho, vesti um roupão e sentei-me em uma cadeira confortável. Primeiro Paola começou a fazer procedimentos de tratamento facial, depois passou para minhas unhas, enquanto minha pele descansava em uma máscara de argila e menta. Kennedy, começou a fazer testes de penteados, a procura de um que combinasse perfeitamente com o vestido que Jorge havia escolhido para mim. Depois de pronta, finalmente chegou a hora de me vestir. Jorge dependurou o vestido envolvido por um plástico branco, à frente

do espelho e deixou os sapatos ao lado no chão. Todos saíram e foram para a antessala do quarto, aguardar por mim. Olhei as horas no celular e já passavam das sete da noite.

Deslizei o zíper lentamente até o fim e abri o plástico, deparando-me com o vestido mais lindo que já havia visto na vida. Toquei o tecido delicado e suave com as pontas dos meus dedos, admirando cada centímetro dele. Mal via a hora de colocá-lo em meu corpo. Tirei o roupão de banho e peguei o vestido, o tirando do cabide. O vesti pelos pés e depois ajustei-o em meu corpo. Virei-me para o grande espelho na parede e senti-me quase nua, mas estranhamente confortável com ele. O vestido era super sexy e fazia eu me sentir sensual e bonita.

— Acho que nunca me senti assim antes. — Sussurrei para mim mesma, namorando meu reflexo no espelho.

Uma batida leve na porta, despertou-me do transe de alto admiração.

— Par Dieu. — Disse Jorge ao passar pela porta. — Você está magnifique!

— Obrigada, Jorge. Isso tudo é graças a vocês.

— Ah, mon cher. Nós só colocamos a cereja em cima do bolo. — Disse ele ficando atrás de mim e apoiado delicadamente suas mãos em meus ombros.

— Mas obrigada, mesmo assim. — Disse colocando minha mão esquerda sobre a sua.

— Tem razão do Victor estar tão bobo por você. — Disse sorridente.

— Por que diz isso? — Perguntei o encarando pelo nosso reflexo.

— Conheço Victor há anos. Quando ele me ligou a uma semana atrás, detectei em sua voz que havia paixão no ar. — Disse passando sua mão com suavidade pelo ar, como se espalhasse algo por ele.

— Como sabe disso?

— Só o vi assim, uma única vez na vida e seu nome era Madalene. Minha irmã. — Era? O que houve com ela? Quem será está mulher? — Mas isso hoje não vem ao caso. Ele agora ama você, ma

demoiselle. Divirtam-se está noite. — Disse piscando para mim.

— Iremos. — Disse virando-me para ele. — Foi um enorme prazer conhece-lo, Jorge. Sinto-me lisonjeada.

— O prazer foi todo meu, Maya. — Disse segurando minhas mãos. — Sempre que precisar, é só chamar. Estarei sempre à disposição. — Jorge deu um suave beijo em meu rosto e distanciou-se indo em direção a porta. — Au revoir.

— Au revoir. — Despedi lhe dando um sorriso agradecido.

Olhei mais uma vez o espelho, sentindo-me uma Cinderela apesar de não estar vestindo um vestido esvoaçante e cheio de anáguas, mas este é perfeito para nossa noite. Dourado e longo, ele acentua perfeitamente todas as minhas curvas do corpo até o quadril. Suas alças finas, pousam com delicadeza sobre meus ombros e seu decote generoso, marca bem meus seios volumosos. O decote nas costas, é um verdadeiro arrebatador de atenção, ele a deixava completamente exposta.

Uma fenda nada discreta, sobe dos meus pés até o alto da minha coxa.

— Hoje Victor quer mesmo chamar a atenção por onde passarmos. — Disse baixo, enquanto calçava as sandálias douradas.

Saí do closet e fui para a sala. Sobre a mesa redonda de vidro, próxima ao elevador, havia uma caixa média de couro preto com um bilhete sobre ela. “ Use-me! ”, é o que dizia. Coloquei o bilhete de lado sobre a mesa e abri a caixa. Dentro dela, havia uma gargantilha luxuosa cheia de pedras e pérolas por todo ele. Levei alguns segundos para perceber que era parecido com a coleira que usei outro dia, então, finalmente entendi o que aquela joia milionária é. A peguei em minhas mãos e pensei em nunca ter tocado em algo tão valioso como aquilo que segurava. Ela é deslumbrante e extravagante ao mesmo tempo. Atrás, havia um fecho. Eu o abri e pensei em como prende-la sozinha.

— Precisa de ajuda? — Sua voz invadiu ecoando pela sala escura e silenciosa, causando-me

um arrepio em todo meu corpo.

— Quero sim. — Disse virando-me para olhá-lo.

Victor vestia um smoking preto, que repousava perfeitamente em seu corpo esguio. Seu cheiro inundou minhas narinas, dando-me vontade de abraçá-lo e beijá-lo, enquanto arranco toda essa sua roupa engomadinha e cara, mas tenho que me controlar.

— Está linda, minha querida. — Disse ao se aproximar.

— Você está maravilhoso. — Disse baixo, quase em um sussurro. Victor sorriu ao meu elogio e pegou a coleira das minhas mãos, colocando o copo com Whiskey sobre a mesa, logo atrás de mim. — Vire-se! — Mandou e eu o fiz sem demora.

Meu cabelo estava preso todo para trás, em ondas volumosas e perfeitas, eu o peguei e puxei para frente o erguendo alto, deixando meu pescoço livre para ele. Victor laçou a coleira em meu

pescoço e prendeu o fecho antes de beijar minha nuca. Deixei escapar um gemido baixinho involuntariamente.

— Você está toda arrepiada. — Disse acariciando meu braço direito com seus dedos.

Ele pegou meus cabelos das minhas mãos e os arrumou de volta para trás. Virei-me para ele e o olhei bem em seus olhos. Neles, haviam tanto calor e excitação, que já começavam a ficar em um tom quase cinza. Toquei a lapela do seu smoking e senti a seda delicada que a cobria. Abaixei meu olhar para sua boca e soltei minha respiração lentamente pensando se ele irá permitir que eu o beije esta noite, da forma que tanto estou desejando.

— Quer me beijar? — Perguntou com a voz grave, enquanto acompanhei com meu olhar os movimentos suaves dos seus lábios ao pronunciar cada palavra.

— Sim. — Respondi sussurrado.

Victor levantou minha cabeça, pegando meu queixo entre seus dedos, para que eu o olhasse em

seus olhos. Ele aproximou sua boca da minha e eu senti seu hálito com cheiro de álcool, antes dos seus lábios roçarem vagarosamente os meus. Fechei meus olhos e senti seu braço fazer a volta a minha cintura, enquanto sua outra mão mantinha minha cabeça erguida. Entreguei-me a aquele momento cheia de ansiedade, esperando por seu beijo que sempre me enche de calor. Victor alisou seu polegar em meu queixo e com seus lábios tão próximos aos meus, senti eles formarem um sorriso.

— Terá que fazer por merecer. — Sussurrou em meus lábios. — Abri meus olhos e o encarei com tristeza, eu queria mesmo aquele beijo, queria sentir sua língua úmida e quente entrelaçar com a minha, eu estava com saudades dele. — Vamos. O caminho é longo e não quero me atrasar.

— Tudo bem. — Respondi cabisbaixa.

Sáímos do elevador direto para garagem, onde uma limusine já nos aguardava. Noberto sorriu discreto ao me ver, mas mesmo assim Victor percebeu. Ele fechou seu semblante para Noberto,

que desfez seu sorriso mínimo no mesmo instante. Ao entrar no carro, vi uma caixa branca retangular sobre o banco a frente. Victor entrou logo depois de mim e Noberto fechou a porta, assumindo seu lugar no banco do motorista em seguida. Victor pegou a caixa e a abriu. Dentro, havia um forro vermelho e sobre ele, duas belas máscaras.

— Deixe-me colocar em você. — Pediu pegando uma máscara dourada nas mãos, com uma flor dourada a cima do olho direto e penas pretas.

Ele a prendeu em meu rosto, amarrando a fita por cima dos meus cabelos. A sua máscara é diferente, ao contrário da minha que cobre somente a área dos olhos, a dele cobre boa parte do seu rosto até o seu nariz. Ela parece ser feita de titânio, com detalhes trabalhado a mão. A elegância de sua máscara, combina perfeitamente com sua personalidade forte e imponente. Depois de quase quarenta minutos, chegamos a uma mansão enorme, a maior que já vi na vida. Um homem de terno preto e mascara branca, como a do fantasma na ópera, abriu a porta da limusine para nós. Victor desceu primeiro e estendeu-me sua mão para me

PERIGOSAS ACHERON

ajudar a sair do carro.

Passamos por algumas dezenas de pessoas que chegavam e se cumprimentavam na escadaria até a porta de entrada. Ao entrarmos, fiquei surpresa com o tamanho e a elegância do lugar. Todos estavam de máscaras e roupas Black Tie. Os homens que serviam bebidas aos convidados, estavam igualmente vestidos e mascarados como o que nos recepcionou em nossa chegada. As mulheres que serviam os aperitivos finos, vestiam vestidos vermelhos justos e longos, com máscaras brancas que cobriam todo seu rosto, deixando apenas seus olhos e suas narinas de fora. Victor pegou duas taças de champanhe e entregou-me uma, batendo a sua levemente contra a minha, antes de dar um grande gole.

— Ao o que estamos brindando? — Perguntei antes de levar minha taça até a boca.

— Há nós. — Disse virando-se para mim. Sorri contente em ouvir sua resposta e dei o primeiro gole no maravilhoso champanhe rose. — Venha. — Chamou oferecendo-me seu braço. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou lhe apresentar o lugar.

— E me explicar como tudo funciona?

— Claro. — Respondeu com um sorriso malicioso nos lábios.

Victor caminhou levando-me consigo em direção a uma porta gigante de madeira, que estava fechada e guardada por dois homens vestidos de lacaios, usando máscaras cromadas que cobria parte dos seus rostos. As portas de madeira se abriram e nós entramos em outra sala, tão grande quanto o hall por onde passamos a pouco. Havia sofás e várias mesas altas espalhadas por todo o lugar com banquetas ao seu redor. Entre a multidão de convidados, consegui contar cinco pequenos palcos redondos com um poste de poli dance no centro. Sobre eles, havia mulheres e homens dançando sensualmente no ritmo da batida da música lenta. Eles estavam nus, com seus corpos cobertos por glitter dos cabelos até os pés. Olhei para a esquerda e vi um homem sentado em um dos sofás com uma mulher ajoelhada entre suas pernas, chupando-o enquanto ele segurava em uma das mãos uma taça e

PERIGOSAS ACHERON

na outra um charuto.

— Fique calma, querida. — Sussurrou Victor em meu ouvido. — Não pretendo expô-la assim.

Olhei para ele aliviada e então continuamos a andar até o elevador do outro lado do grande salão. Subimos dois andares e quando as portas se abriram, tudo era ainda mais surpreendente. Gemidos de dor e prazer ecoavam pelo largo corredor escuro, juntamente com os estalos dos chicotes. O som alto da música que tocava no ambiente, não foi o suficiente para abafar esses barulhos. Atravessamos o corredor a passos lentos e eu me arrisquei a olhar para o lado, bisbilhotando dentro de algumas dos quartos sem portas.

No primeiro, vi um homem com uma minúscula cueca de couro, amordaçado e deitado de barriga para baixo, em um aparato de madeira que se parecia com um daqueles cavalos de ginástica olímpica, com as mãos amarradas para trás. Uma mulher o castigava com um longo chicote de corda. Ela usava apenas uma calcinha com cinta liga e salto alto. No segundo quarto,

havia uma mulher presa na Cruz de St. Andrew, vendada e seu dominador batia em seu clitóris com uma palmatória que parecia ser de couro. No terceiro, um homem e uma mulher transavam sobre uma mesa de madeira, enquanto o dominador de smoking e máscara, chicoteava as costas e a bunda do homem que fodia com força a mulher sob ele, gemendo em urros.

— Tudo o que está acontecendo aqui, é o que chamamos de masoquismo e sadomasoquismo. Algumas dessas pessoas, chegam a pagar para sentir dor e já outras, pagam causa-las. — Explicou Victor, falando baixo em meu ouvido.

— Vamos... fazer nossa cena como essas pessoas? — Perguntei sentindo-me envergonhada por aquelas pessoas que estavam dentro daqueles quartos, mesmo sabendo que elas não ligavam para os outros que as viam.

— Apenas se quiser. — Respondeu ele parando ao pé de uma escada.

— Não sei se estou preparada para isso. — Disse baixo, olhando para seus olhos que reluziam

pelos pequenos buracos da sua máscara.

— Tudo bem. Não vou abriga-la a nada. Faremos apenas o que você se sentir preparada ou à vontade. Afinal, tudo aqui é tanto para o seu prazer, quanto para o meu. — Respondeu acariciando meu rosto. — Venha. Vamos subir.

CAPÍTULO 26

Subimos os dois lances da escada e chegamos a um andar luxuoso onde uma mulher nos recepcionou e deu ao Victor a chave de um quarto. Caminhamos até a porta com os números talhados na madeira e ele a abriu, fazendo um sinal com a mão para que eu entrasse primeiro. Ele entrou logo depois fechando e trancando a porta, nos dando toda a privacidade que temos costume. O quarto parecia um arsenal sadomasoquista. As paredes são pintadas de preto e estavam cobertas por chicotes, palmatórias, cintos e muito mais. A iluminação do quarto é fraca e no teto, algumas poucas luzes vermelhas. No meio do quarto, há uma mesa de madeira, como aquela que o casal transava em cima. A cama era extremamente alta e larga, com um dossel cromado que pegava seus quatro cantos. Os lençóis vermelhos de seda chamam a atenção, a tornando convidativa. Há também muitos aparatos espalhados pelo vasto cômodo. Victor caminhou até o bar no canto do quarto e abriu uma garrafa de Whiskey, servindo-se de uma dose dupla. Ele

PERIGOSAS ACHERON

bebeu tudo em dois goles e voltou até mim parando a minha frente e tirando sua máscara.

— Tire o vestido! Fique apenas com os saltos!
— Ordenou.

Tirei o vestido e depois minha calcinha, deixando as peças sobre uma poltrona ao lado. Victor acompanhou com um olhar intenso, cada movimento meus enquanto me despia. Ele acariciou meu corpo com suas mãos lentamente, fazendo-me suspirar e fechar os olhos ao sentir seu toque. Não a nada que eu quisesse mais naquele momento do que suas carícias.

— Vire-se! — Mandou e eu fiz. — Mãos para trás!

De costas para ele, coloquei minhas mãos para trás e o escutei andar pelo quarto antes de se aproximar novamente. Senti algo macio e largo laçar meus punhos, um e de cada vez. Ele aproximou-se mais, me permitindo sentir seu tórax largo vestido pelo smoking, roçar minha pele nua. Victor beijou meu ombro e levou suas mãos direto para meus seios, os apertando de leve e depois

conduziu-me até a mesa retangular de madeira, posicionando-me em sua cabeceira. Ele afastou-se até a parede a minha esquerda e voltou segurando nas mãos cordas e algo que eu desconhecia. Ele jogou o objeto com uma pequena bola vermelha cheia de furinhos por toda ela a minha frente sobre a mesa e abaixou-se atrás de mim, começando a amarrar meus tornozelos aos pés da mesa, deixando minhas pernas totalmente abertas. Victor levantou-se e pegou o que tinha posto sobre a mesa e o segurou em suas mãos a minha frente.

— Isto aqui se chama Gag Ball. Uma mordaca.
— Disse ao apresentar o estranho objeto a mim. —
Abra a boca! — Abri minha boca e ele parou atrás de mim novamente. — Abra mais! — Fiz o que foi mandado e ele a colou a pequena bola dentro da minha boca, afivelando as tiras de couro atrás da minha cabeça. — Debruce sobre a mesa! — Mandou e eu obedeci, deitando meu tronco e minha cabeça sobre a planície de madeira.

Ele afastou-se novamente e de repente, despreparada, senti algo frio e escorregadio entrar em meu ânus. Assustei-me dando um pequeno pulo

PERIGOSAS ACHERON

tentando me levantar, mas Victor me impediu segurando firme sua mão em minhas costas e me empurrando para baixo, mantendo-me deitada sobre a mesa. Ele mandou que eu relaxasse e ficasse quieta. Não demorou muito e eu senti finas tiras abraçarem a pele da minha coxa, causando queimor e fazendo-me gemer abafado pela mordada.

— Isso foi por tentar se levantar sem minha permissão. — Disse alto e rude. Ele passou dois dos seus dedos por minha intimidade e grunhiu baixo ao notar o quanto molhada estou. Victor introduziu seus dedos em mim, indo fundo. — Nossa! Você já está tão preparada para mim. — Disse começando a movimentar seus dedos lentamente. — Mal a toquei e você já está toda molhadinha. Tudo isso é desejo por mim, querida? — Perguntou com provocação na voz.

Eu assenti com minha cabeça em resposta. Se pudesse falar, teria implorado por ele dentro de mim agora. Ele tirou seus dedos de dentro da minha boceta e se afastou fazendo-me gemer de descontentamento. Victor acertou o chicote entre

PERIGOSAS ACHERON

minhas pernas, pegando as tiras em meu clitóris. Aquilo foi um pouco dolorido, mas deixou-me com ainda mais tesão. Se eu pudesse me tocar naquele instante, teria feito. Gemi alto, apertando minhas unhas na palma das minhas mãos.

— Quer ser fodida? — Perguntou alto. Assenti com a cabeça e então veio outra chicotada forte em meu clitóris. Tentei fechar minhas pernas em busca de alívio, mas foi impossível. — Gostou disso, não é, sua safada? — Perguntou acertando mais duas chicotadas seguidas, arrancando um grito contido pela mordaca.

Eu já estava à beira de um orgasmo, quando senti ele penetrar-me duro e forte com seu pau, apertando suas mãos em meu quadril. Gemi serrando meus punhos e senti o arrepio familiar chegar em mim e aquela tensão gostosa tomar meu corpo para si. Os gemidos contidos do Victor deixam-me ainda mais com tesão. Suas mãos me apertam e acertam tapas estalados em meu quadril marcando minha pele. Meu corpo estremeceu e enfim gozei, sentindo seu quadril se chocar forte e bruto contra minha bunda, batendo suas bolas em

PERIGOSAS ACHERON

meu clitóris.

Ele puxou o plug do meu ânus, o jogando no chão e tirou seu pau da minha boceta molhada que ainda se contraía em um orgasmo, penetrando-me na bunda. Ele deu estocadas fundas e rápidas até que gozou dentro de mim. Victor desamarrou as cordas dos pés da mesa e tirou a mordaca, dando alívio ao meu maxilar. Ele pegou-me em seu colo, sabendo que eu estava com pernas bambas e carregou-me até a cama alta, deitando meu corpo sobre o colchão macio. Victor amarrou as cordas dos meus tornozelos no dossel, deixando minhas pernas abertas e desprende o gancho que unia as algemas de couro atadas em meus punhos, as prendendo novamente para frente em minha barriga.

— Levante as mãos! — Mandou antes de afastar-se e sumir por uma porta ao canto, que presumi ser o banheiro.

Victor voltou minutos depois, despido e molhado da cabeça aos pés e caminhou até o bar, onde se serviu de mais um copo generoso de

Whiskey antes de voltar para cama. Ele subiu no colchão e apoiando seu corpo sobre seus joelhos, que estão um de cada lado da minha cintura.

— Abra a boca! — Ordenou ele.

Eu o obedeci e ele curvou-se sobre mim, despejando um pouquinho do Whiskey amargo em minha boca. Senti minha garganta queimar levemente, enquanto a bebida descia por ela. Victor sorriu com minha careta. O gosto da bebida é bem diferente do que eu estou acostumada a beber. Ele foi descendo meu corpo com beijos, chupões e mordidas, até chegar em minha intimidade, onde derramou um pouco do drink, fazendo-me gemer alto e arquear as costas ao sentir uma ardência, mas que logo se aliviou quando ele começou a me chupar. Não demorou muito para que eu gozasse em sua boca e quando isso aconteceu, ele mordeu meu clitóris inchado de tesão, causando uma dor gostosa.

Ele subiu meu corpo novamente até meus seios e os sugou com vontade, enquanto massageava meu inchaço entre as pernas, que lateja pedindo por ele.

Eu gemi mordendo meu lábio inferior e rebolando em seus dedos, desejando tê-lo outra vez dentro de mim. Victor se afastou e levantou-se da cama andando pelo quarto, antes de voltar até mim com algumas coisas em suas mãos. Primeiro ele pegou dois grampos de mamilos e os prendeu em meus seios. Depois, ele colocou uma espécie de anel em seu pênis ereto, que continha uma esfera na parte de cima.

— O que é isso? — Arrisquei-me a perguntar.

— Espere e verá. — Disse curvando-se sobre mim e se ajeitando entre minhas pernas. — Boca fechada! — Mandou rude e sério, antes de selar meus lábios com um beijo. — Ou irei amordaçar você de novo. — Apenas assenti com minha cabeça em resposta.

Victor penetrou-me com um estocada bruta e então, começou a movimentar-se devagar, cada vez mais indo fundo. A cada segundo que se passou, ele penetrou-me mais rápido. A esfera na parte de cima do anel em seu pau, vibrava batendo com força em meu clitóris a cada penetrada bruta enlouquecendo-

me. Eu gemi fechando meus olhos e afundando minha cabeça para trás no travesseiro, já podia sentir o orgasmo chegando. A pressão dos grampos em meus mamilos era fantástica, me senti impressionada como uma dor que logo virou dormência poderia ser tão prazerosa. O quarto encheu-se com nossos gemidos e o barulho dos nossos corpos chocando-se um no outro.

Senti algo passar por minha barriga, desde o meu umbigo até entre meus seios, espetando minha pele. Abri meus olhos e vi que Victor estava um pouco afastado, segurando o peso do seu corpo em seu braço esquerdo, enquanto passa um objeto leve e prateado, parecido com uma espora em um cabo cromado, sobre minha pele espetando-me. Aquilo era estranhamente gostoso. Olhei para ele e vi que seus olhos estavam quase de cor prata. Como queria naquele momento agarrar seu corpo e beijar sua boca loucamente. Victor sorriu e pareceu ler meus pensamentos. Ele jogou o objeto para o lado e se debruçou sobre mim, fodendo-me com mais força.

— Fala! — Mandou ríspido com a voz rouca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de tesão. — Fala que é minha! — Mandou alto em um rugido. Senti seu pênis ficar mais rígido dentro de mim.

— Eu sou sua. — Disse quase em um sussurro, sentindo meus pulmões queimarem como fogo, pela falta de ar.

Ele aumentou o ritmo em que me penetrava, com uma força que nunca o vi usar antes. Meu corpo chacoalhava para cima e para baixo, fazendo meus seios balançar. Queria poder passar minhas pernas por sua cintura, mas estão amarradas. Victor tomou minha boca em um beijo quente deixando-me à beira de um orgasmo, que invadiu meu corpo quando ele tirou os grampos dos meus mamilos, dando-me aquele alívio. Quanto tesão corria dentro de mim, um prazer enlouquecedor. Entrei em um transe com o orgasmo que me atingiu em cheio, sentindo algo escorrer de dentro de mim, melando sua virilha e a minha. Estava tão inebriada por aquele momento, que não consegui disseminar bem os sussurros do Victor em meu ouvido, ou será que os ignorei? Não sei dizer.

PERIGOSAS ACHERON

Senti os músculos do seu corpo que estava abraçado ao meu, ficarem rígidos e seu pau pulsar forte dentro de mim. Nesse instante soube que ele estava próximo ao seu orgasmo. Ignorei suas ordens de deixar minhas mãos para cima, mesmo sabendo que seria castigada, e o abracei passando as mãos algemadas por seu pescoço e tomando sua boca em mais um beijo gostoso. Eu sei que não devia toca-lo. Também sei que é meu dominador quem manda, mas eu precisava dessa junção e aproximação dos nossos corpos. Não era mais só desejo de sentir seu cheiro e beijar sua boca ou tocar sua pele. É necessidade.

Victor tirou seu pênis de dentro de mim, apoiou-se em seus joelhos e sem precisar se masturbar, ele gozou em minha barriga e em meus seios, chegando a espirrar resquícios do seu gozo em meu queixo e pescoço. Enquanto me lambuzava, ele assistia tudo gemendo em urros como um animal selvagem que é quando está sobre mim e sorrindo satisfeito em me marcar. Ele parou por alguns segundos depois de gozar e respirou fundo algumas vezes recuperando seu fôlego de

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos fechados. Ele os abriu e olhou para o meu corpo, como se contemplasse o que havia acabado de fazer. Victor passou seu dedo indicador por seu gozo em minha barriga e o levou até minha boca para que eu o chupasse. Assim eu fiz o deixando limpo outra vez.

— Está cansada? — Perguntou debruçando-se sobre mim.

— Estou. — Respondi baixo.

— Descanse! — Ordenou e levantou-se desprendeu o gancho que ligava as algemas de couro em meus punhos e desamarrou as cordas em meus tornozelos, deixando um beijo carinhoso em cada um. — Estão um pouco marcados, mas em casa eu cuido disso.

— Em casa? — Perguntei sem saber de onde ele estava se referindo.

— Sim. Vamos voar para Houston essa madrugada e amanhã à noite para Tulsa.

— Okay.

PERIGOSAS ACHERON

Ele subiu sobre mim novamente e beijou-me lento. Eu o abracei envolvendo seu quadril com minhas pernas e seu pescoço com meus braços. Ele quebrou nosso beijo e encarou meu rosto, acariciando minha bochecha.

— Você é linda, Maya. Perfeita para mim. Sinto muito, mas nunca vou deixar você ir. — Suas palavras soaram tão verdadeiras que me provocaram emoção.

— Não quero que me deixe. — Disse sorrindo, sentindo meus olhos ficarem marejados.

Descansei por alguns minutos em silêncio e deitada em seus braços, ainda suja por seu gozo. Victor levantou-se da cama e me ajudou a descer, pegando minhas roupas sobre a poltrona e as entregando para mim. Ele mandou que eu as vestisse, mesmo estando com meu corpo melado. Disse que me queria marcada por ele. Enquanto ele se vestia, eu fiz o mesmo. Caminhei até uma parede de espelho e tentei ajeitar meus cabelos bagunçados, como estavam antes, mas essa foi uma tentativa falha. Optei por deixá-los soltos e

PERIGOSAS NACIONAIS

desembaracei os nós com os dedos. Victor pegou a máscara que havia tirado do meu rosto para que eu pudesse descansar mais confortavelmente e parou atrás de mim para colocá-la de volta. Ele a prendeu em meu rosto e depois abraçou-me pela cintura, encarando nosso reflexo no espelho.

— O que foi? — Perguntei depois de alguns segundos que ele nos encarava sério.

— Só estou pensando. — Respondeu baixo.

— Eu posso perguntar em que?

— Não. — Respondeu de forma humorada, abrindo um sorriso.

— Então, tudo bem. — Disse e desvencilhei-me dos seus braços.

— Hoje não fiz nem metade do que desejo fazer com você. — Disse pegando sua máscara sobre o aparador, perto da porta.

— Não temos que ir agora, se não quiser. — Disse o abraçando de frente, enquanto ele amarrava a própria máscara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos sim. — Disse segurando meu rosto entre suas mãos. — E depois... teremos muito tempo para experimentarmos de tudo.

— Okay. — Concordei feliz em ouvi-lo dizer isso.

Victor beijou minha testa e então, saímos do quarto pegando um elevador que nos levou direto para o térreo, por onde entramos. Atravessamos a multidão e logo que saímos, uma voz masculina chamou por Victor.

— Joseph. — Disse Victor ao cumprimentar.

— Reconheci sua pose de longe. — Disse o homem com sarcasmo. — Mas você já vai? Ainda é cedo e nem mesmo nos apresentou a linda acompanhante que desfruta desta excitante noite com você. — Senti os músculos do braço do Victor que eu segurava, enrijeceram em segundos.

— Maya não é uma acompanhante! — Disse rude e alto, atraindo a atenção de algumas pessoas à nossa volta.

— Ah... desculpe. Eu não sabia. — Disse

PERIGOSAS ACHERON

sorrindo falso para mim. Algo nesse homem me irrita. — Então... Maya — Pronunciou meu nome de forma estranha, dando ênfase a ele. — Eu sou Joseph Gordon. — Apresentou-se a mim, estendendo sua mão em minha direção.

— Prazer. — Disse de forma ríspida, ignorando sua mão estendida. — Será que já podemos ir, querido? — Perguntei olhando para Victor.

— Claro, meu amor. — Respondeu sorrindo. Voltei meu olhar para o homem à nossa frente e ele nos encarava sério. — Até mais, Joseph. — Despediu Victor antes de passarmos por ele. — Odeio esse homem. Desculpe por isso.

— Tudo bem. — Disse lhe dando um sorriso.

Entramos na limusine e fomos direto para o aeroporto. Quando chegamos lá, já passava das uma da manhã. Embarcamos e nossas malas já haviam sido despachadas. Depois que o jatinho levantou voo, fomos para o quarto nos fundos, no final do corredor. Victor pegou toalhas limpas para mim e disse para ficar à vontade, tomar um banho e

descansar. Ele me deu um beijo rápido e saiu do quarto dizendo que precisava fazer uma ligação. Tomei um bom banho, vesti um roupão macio e felpudo, e deitei-me na cama, deixando o cansaço tomar conta de mim. Acordei com beijos em meu rosto e pescoço. Ao abri meus olhos, encontrei Victor deitado ao meu lado. Ele cheirava a espuma de banho e tinha os cabelos molhados e bem penteados como sempre.

— Vamos pousar em quinze minutos. — Disse baixo acariciando meus cabelos. — Levante-se. Peguei roupas para você na mala.

— Obrigada.

Levantei-me da cama e tirei roupão de banho. Observei que ele já estava vestido, usando um terno preto com uma camisa azul claro. Troquei-me a sua frente, enquanto ele me observava ainda deitado com os braços atrás da cabeça. Vestida, saímos do quarto a tempo de ouvir o piloto anunciar o pouso. Nos sentamos nas poltronas, afivelamos os cintos e em minutos já estávamos em terra firme. Um carro já nos aguardava e nos levou direto para sua

mansão. Quando chegamos, Victor e eu subimos para seu quarto e logo nos deitamos apagando em um sono profundo. Acordei pela manhã e o outro lado da cama estava vazio. Arrumei-me e descí a procura do Victor e encontrei Rose na cozinha. Ela desejou-me um bom dia com um sorriso simpático no rosto e me serviu o café da manhã ali mesmo.

— Onde o Victor está? — Perguntei servindo-me uma xícara de café.

— No escritório. — Disse ficando séria.

— Ele está ocupado? — Perguntei e ela lançou-me um olhar tenso.

— Sim. Muito ocupado. — Respondeu de cabeça baixa, colocando as frutas sobre a mesa.

— Devo esperá-lo para o café? — Perguntei a ela.

— Ele não comeu nada ainda, então... acho que sim. — Disse apressada, saindo da cozinha.

Terminei minha xícara de café e o esperei por alguns minutos, mas ele não apareceu. Levantei-me

e fui em direção a um longo corredor a procura de seu escritório. Ao aproximar-me mais da última porta entre aberta, pude ouvir a voz do Victor que me parecia nada contente e depois de uma mulher. Aproximei-me mais e parei há dois passos de distância, sem saber se eu devia ficar, sair ou entrar.

— Ela só quer o seu dinheiro, Victor! — Disse a voz feminina enraivada. — O conforto que você pode dar ela. Acha que essa garota é diferente da Hanna, mas está enganado! — Disse alto e então reconheci a voz que tentava envenena-lo com suas palavras.

— Já chega, Eliza! — Gritou Victor, batendo algo sobre uma madeira. — Deixou nosso filho sozinho em Nova Iorque, mediante os últimos acontecimentos, para vir até aqui encher minha paciência?

— Você me trata como lixo, Victor. Tem feito viagens e comprado joias para aquela vadia com o nosso dinheiro! — Disse cheia de ódio.

— Não existe nada nosso, minha cara. Existe o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu e com ele, eu faço o que eu bem quiser! — Gritou.

— Quando foi que deixou de me amar? — Perguntou ela chorosa.

— Eu nunca a amei. Mas deixei de gostar de você, quando descobri a vadia que você é. Agora, saia da minha casa! — Ordenou ele.

Ouvi Eliza começar a chorar e Victor a praguejar nervoso. Por impulso e vontade de acabar com aquele joguinho dramático dela, bati na porta.

— Estamos ocupados! — Gritou ela nervosa.

— Desculpe. — Disse em voz alta para que ele soubesse que era eu quem batia a porta.

Escutei passos apressados virem em direção a porta e puxa-la de uma vez, abrindo-a toda. Olhei para dentro do escritório e vi Eliza encarar-me com olhos vermelhos e inchados.

— Está tudo bem? — Victor perguntou sério.

— Está. — Respondi voltando meu olhar para ele e cruzando meus braços a frente. — Eu esperei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você para o café, mas não apareceu. Só queria saber se está tudo bem? — Eliza bufou alto e deu uma risadinha irônica, atraindo meu olhar para ela de novo. — Desculpe atrapalhar. — Disse ao Victor, observando sua feição de poucos amigos e seu maxilar contraído.

Arrependi-me de ter batido a porta, devia ter voltado para a cozinha. Virei-me saindo pelo corredor e a escutei dizer algo, mas não consegui entender o que ela disse. A porta se fechou em um estrondo e meu braço foi puxado para trás. Virei-me assustada pensando que seria ela, mas encontrei Victor encarando-me sério. Ele prensou-me contra parede com seu corpo e segurou meu rosto entre suas mãos.

— Eu amo você! — Pronunciou ele sussurrado.

Fingi não compreender na noite passada, quando ele sussurrou estas palavras em meu ouvido durante meu orgasmo, enquanto eu estava inebriada. Mas hoje, foi dito em alto e bom som, e não posso ignorar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que? — Perguntei baixo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27

Victor tomou minha boca para si em um beijo cheio de desejo, puxando meu corpo para junto do seu. O beijo era intenso e excitante. Não era como os outros que já havíamos dado, esse é diferente. Como ele pode me amar, se nosso envolvimento é tão recente? Será que eu o amo também? Victor soltou-me e quando olhamos para o lado, Eliza nos encarava da porta do escritório, derramando ódio pelos seus olhos. Abaixei minha cabeça e Victor me abraçou.

— Saía desta casa. É a última vez que peço. — Ameaçou Victor calmamente. Eliza passou por nós batendo seus saltos no chão e Victor apertou-me ainda mais forte em seus braços. — Vamos conversar. — Disse soltando-me e pegando minha mão.

— Sobre o que? — Perguntei curiosa.

— Sobre o que vai acontecer entre nós, daqui para frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Victor levou-me para dentro do seu escritório e fechou a porta, dando duas voltas na chave. Ele sentou-se no sofá e me puxou para sentar ao seu lado. O silêncio dominou o cômodo por um minuto enquanto ele respirava fundo, mas de forma confortável. Victor segurou minha mão direita entre as suas, alisando o dorso com seus dois polegares e ficou de cabeça baixa, como se estivesse buscando as palavras certas para me dizer. Apertei sua mão para chamar sua atenção para mim, mas ele permaneceu como estava, ficando com sua respiração pesada e tensa.

— Eu a quero somente para mim, Maya. — Disse ainda de cabeça baixa.

— Mas isso você já tem. — Disse acariciando seu rosto com minha outra mão, atraindo seu olhar para o meu.

— Não. Você não entendeu. Vou ditar como as coisas vão ser de agora em diante.

— Okay. — Concordei com a voz baixa, que saiu quase sussurrada.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero que continue a estudar, sei que é seu maior sonho e vontade. Não vou tirar isso de você.
— Formei um sorriso nos lábios por ele ter consciência disso. — Mas direi ao mundo que é minha. — Perdi meu sorriso, senti meu corpo tencionar. — Vou assumir você como minha namorada, para todos saberem. — Nesse instante, imaginei o tamanho que será a fúria da Eliza. — Quando suas aulas retornarem, irá se mudar para um dos meus apartamentos no centro. Assim, vou poder te ver todos os dias e ficarmos mais à vontade. — Permaneci quieta e em silêncio, apenas tentando digerir tudo o que ele estava me dizendo. — Algum problema? — Perguntou arqueando sua sobrancelha e fechando sua feição em um semblante sério, enrugando a testa.

— Não. — Respondi sussurrado.

Questionando-me se este momento está mesmo sendo real. Uma parte de mim, gostava de tudo isso, mas a outra nem tanto. Por um lado, feliz em não me sentir mais como uma prostituta e por ter alguém em minha vida que zela por mim. Por outro, eu sentindo que irei perder minha liberdade

PERIGOSAS ACHERON

que tanto prezo. Victor é marcação serrada.

— Ótimo. — Disse dando-me um belo sorriso aberto.

Victor se recostou no sofá e alisou sua mão direita em seus cabelos, respirando fundo de olhos fechados. Ele relaxou sua respiração e eu pude sentir que ele havia tirado um peso de dentro de si. Levantei e sentei-me em seu colo, pegando seu rosto entre minhas mãos e acariciando suas bochechas com os meus polegares. Victor abriu seus olhos e nunca os vi tão brilhantes e claros. Não estava mais em um tom verde acinzentado, estava quase em um tom azul, lembrava-me até o mar claro e cristalino do Caribe. Aproximei meu rosto do seu e coleí nossos lábios em um beijo suave. Ele correspondeu com lentidão e carinho.

Em seus braços, pude sentir que estava bem e em casa. Como posso me apaixonar por alguém, que acreditei odiar por um momento? Depois de tomarmos o café da manhã, Victor deitou-se comigo no sofá à beira da piscina, sob a sombra dos coqueiros. Ficamos ali abraçados e em silêncio. Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

cariciou meus cabelos, enquanto eu alisava seu peito por cima da sua camiseta preta. Ele estava vestido tão informal, mas ainda assim, esbanjava tanta sensualidade quanto se estivesse em um dos seus ternos caros de três peças.

— Quando vamos contar aos seus pais? — Perguntou quebrando nosso silêncio.

— Eu não sei. Podemos... só esperar mais um pouco? — Perguntei sentando-me ao seu lado. — Acho que meu pai não vai aceitar muito bem, eu vou tentar prepara-lo para a notícia.

— Não há maneiras de você prepara-lo para uma notícia dessa.

— Eu sei, mas... por favor? — Pedi e ele concordou assentindo com sua cabeça.

Quando a noite chegou, embarcamos para Tulsa. Durante toda a viagem, Victor ficou trancado no minúsculo escritório, no fim da aeronave. Sentada sozinha durante todo o voo, eu me perguntava se era uma boa ideia namorar alguém que eu mal conhecia. Na verdade... sobre o Victor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu não sei nada, além é claro, do seu endereço no Texas e a existência de uma ex-esposa e de um filho em sua vida. Não entendo o porquê de seis anos depois de estarem separados, eles ainda não assinaram o divórcio. Quando enfim aterrissamos, um carro esperava por nós.

— Vamos para o hotel? — Perguntei a ele, que digitava algo em seu celular atentamente.

— Vou deixa-la em casa, tenho que resolver assuntos de trabalho. — Respondeu sem nem mesmo direcionar seu olhar para mim.

— Tudo bem.

O carro estacionou minutos depois à frente da minha casa. A rua estava deserta e as luzes das casas todas apagadas, um sinal que mostrava que já é bem tarde. Noberto desceu do carro e dirigiu-se até o porta malas para pegar minha bagagem. Victor falava ao telefone e só se deu conta de que havíamos chegado, quando eu mesma abri a porta um pouco irritada pela sua falta de atenção em mim nas últimas horas e fiz mesão de sair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espera! — Mandou encerrando sua ligação.
— Ia mesmo descer sem se despedir de mim? —
Perguntou sério.

— Ia. — Respondi a verdade. — Parecia tão ocupado, nem mesmo percebeu que chegamos.

— Infelizmente alguém tem que trabalhar, querida. — Falou com sarcasmo, deixando-me ainda mais irritada.

— Boa noite. — Disse ríspida, selando seus lábios com um beijo rápido.

— Maya! — Chamou minha atenção de forma rude, ao lhe dar as costas para sair do carro. — Se despeça direito! — Exigiu puxando meu braço para si.

Virei-me para ele e me aproximei tomando seus lábios em um beijo longo e quente, subindo em seu colo na intenção de lhe deixar de pau duro e depois ir embora. Esfreguei-me sutilmente em sua calça e logo senti uma ereção começar a se formar dentro do seu jeans, pressionando minha intimidade contra a sua, que gritava internamente por ele.

PERIGOSAS ACHERON

Victor soltou um gemido baixo e contido em nosso beijo, fazendo-me arrepiar. Suas mãos se apertaram em meu quadril e sua boca abandonou a minha, descendo seus beijos úmidos por meu pescoço, até chegar em meus seios. Ele mordeu meu mamilo e o chupou por cima do tecido da fina blusa. Senti seu pau latejar entre minhas pernas, implorando para sair de dentro da calça.

— Boa noite, querido. — Sussurrei em seu ouvido.

Victor parou por um instante onde estava e depois ergueu sua cabeça, encarando-me incrédulo. Sorri para ele e selei seus lábios com um beijo rápido, antes de sair do seu colo e saltar para fora do carro. Peguei minha mala da mão do Noberto e despedi-me dele. Entrei em casa sem olhar para trás e fui recepcionada por Bow, que me esperava feliz abanando seu rabo peludo. Olhei para o porta chaves preso na parede e vi que a chave do carro do meu pai estava pendurada ali. Isso significa que ele está em casa.

Levantei a mala do chão e subi a escada nas

pontas dos pés, para evitar de fazer barulho e acabar acordando meu pai. Quando cheguei no meu quarto, passei direto para o banheiro e tomei um banho rápido no chuveiro. Depois de desfazer as malas e de um lanchinho na cozinha, voltei para o quarto e peguei meu celular para ver que horas eram. Assustei-me ao notar que já era tão tarde, passavam das duas da manhã. Havia uma mensagem do Victor e quando abri, não sabia se ficava horrorizada ou excitada. Jamais esperaria algo dele assim.

Olha o que me fez fazer.

-Victor

01:54 a.m.

A mensagem era seguida de uma foto do seu pau duro, em sua mão esquerda e todo melado de gozo até o pé da sua barriga e virilha. Confesso que senti água na boca e quis muito poder ir até onde ele estava, para lambar cada gota derramada.

Não devia estar trabalhando?

PERIGOSAS NACIONAIS

-Maya.
02:13 a. m.

Tentei, mas não deu. Você me deixou em uma situação difícil.

-Victor.
02:14 a.m.

Pareço a porra de um adolescente, me masturbando pensando em você.

-Victor
02:14 a.m.

Boa noite.

-Maya.
02:14 a.m.

Despedi-me logo, afim de evitar que eu também ficasse excitada e tivesse o mesmo destino que ele.

Bom dia, querida. Não se esqueça das nossas regrinhas.

-Victor.

PERIGOSAS ACHERON

02:15 a.m.

— Como se você deixasse. — Sussurrei para mim mesma, antes de guardar o celular sobre o criado mudo e apagar a luz do abajur.

Acordei na manhã seguinte, sentindo uma pequena irritação tomar conta de mim logo pelo primeiro minuto da manhã de sexta. Peguei o meu celular ao lado, sobre a o criado mudo e vi que o relógio marcava oito horas. Enquanto me arrumava, Victor mandou uma mensagem avisando que chegaria em vinte minutos para me buscar. Pronta, descii para a cozinha, encontrando meu pai servindo-se de uma caneca de café.

— Bom dia, pai. — Desejei indo até ele e lhe dando um beijo no rosto.

— Bom dia, querida. — Desejou animado. — Que horas você chegou? — Perguntou entregando-me a caneca que havia acabado de servir.

— Obrigada. — Agradei a pegando de sua mão. — Tarde. Já era madrugada, na verdade.

— Como foi a viagem? — Perguntou sentando-

PERIGOSAS NACIONAIS

se a mesa comigo.

— Foi ótima. — O respondi sorrindo envergonhada, ao me lembrar da noite do baile de máscaras.

— Que bom. Estamos indo para última semana de tratamento da sua mãe. — Disse sorrindo feliz.

— É. — Sorri de volta com alegria. Tudo o que mais desejo, é minha mãe de volta em casa.

Meu celular vibrou sobre a mesa e o nome do Victor acendeu na tela. Pensei em ignorar ligação, mas achei por bem atender.

— Oi. — Disse ao atender sua chamada.

— Estou aqui fora, esperando por você.

— Já estou indo.

— Não vai me convidar para entrar? — Perguntou sarcástico, já sabendo a resposta.

Olhei para meu pai e ele olhava-me de volta por cima da caneca que estava em sua boca, com uma expressão que eu não soube decifrar.

PERIGOSAS ACHERON

— Hoje não. — Disse e encerrei a chamada.

Levantei-me e coloquei a caneca na pia. Caminhei até o balcão e peguei minha bolsa sobre ele, antes de me despedir do meu pai e do Bow. Sai de casa e ao pisar na varanda, Noberto abriu a porta traseira do carro, desejando-me um bom dia ao me aproximar dele.

— Maya. — Escutei ser chamada.

A voz que chamou por mim, causou-me um calafrio. Olhei para dentro do carro, já com o coração disparado no peito. Victor olhou para trás e através do vidro traseiro, ele pode ver quem me chamava. Ele olhou para mim de volta e encarou-me com uma feição insatisfeita.

— Higor. — Disse com o fio de voz que consegui, virando-me para ele.

— Oi. Está de saída? — Perguntou olhando para o carro.

— Estou. Até mais. — Disse despedindo-me e tentando entrar rápido no carro, mas ele segurou

meu antebraço, me impedindo.

— Será que podemos sair para conversar está noite? — Pediu ele.

— Higor...

— Solta ela! — A voz Victor ecoou atrás do Higor, interrompendo-me.

Eu nem havia notado o momento em que ele saiu de dentro do carro. Higor olhou para trás e depois para mim. Seu rosto mostrou toda sua surpresa em ver o homem atrás dele.

— Está saindo com esse milionário? — Perguntou Higor um pouco incrédulo. — É com ele que tem sumido, Maya?

— Vou mandar só mais uma vez. Solte-a, agora! — Mandou Victor em um tom de voz ameaçador.

Higor soltou meu antebraço e deu-me uma última olhada antes de se virar para o Victor e o encarar de forma grosseira, como se o chamasse para briga. Os dois são da mesma altura, só que

Higor é ainda mais forte que o Victor. Não que eu achasse que isso seria vantagem para ele, não pensei isso, afinal, Victor é faixa preta há anos. Os dois se peitaram por alguns segundos e eu olhei com medo para Noberto, pedindo em silêncio para que intervisse o que poderia acontecer em milésimos de segundos à frente.

— Sr. White. — Chamou Noberto, atraindo o olhar dos dois. — Estamos atrasados, Senhor.

— Entra no carro, Maya! — Mandou Victor e eu fiz sem questionar.

— Ela não vai ser sua por muito tempo. — Ouvi Higor dizer como um aviso claro ao Victor.

Noberto fechou a porta do carro e logo Victor entrou pelo outro lado. Fechei meus olhos e abaixei minha cabeça, esperando para ouvir Victor falar, mas ele permaneceu em completo silêncio. Noberto assumiu a direção e logo que o carro se afastou do meio fio. Olhei para trás instintivamente e vi Higor ainda parado na calçada de braços cruzados, e meu pai sair de casa aproximando-se dele. Naquele instante, olhei para frente outra vez e fiz minha

prece a Deus, para que Higor não dissesse nada a ele. Já será difícil quando eu contar, imagina se meu pai souber por outra pessoa.

— Se eu ver você conversando com ele outra vez... — Disse Victor quebrando o silêncio desconfortante. — ...eu o mato! — Ameaçou com a voz baixa, mas de forma dura, que não me fez duvidar.

Olhei para o Victor e ele encarava-me com os olhos vermelhos de raiva. As veias em suas têmporas, saltavam em sua pele. Eu sabia o esforço que ele estava fazendo para controlar sua ira e senti-me culpada por isso. Uma vontade de chorar embolou em minha garganta e eu simplesmente não entendi o porquê, mas controlei-me ao máximo. Noberto percorreu as ruas, fazendo o trajeto direto para o hospital. Durante todo o caminho, Victor manteve-se em silêncio, encarando a cidade que passava pela janela do seu lado, com o corpo tenso e o punho direto serrado repousado sobre sua coxa. O carro estacionou à frente do hospital e Noberto desceu dando a volta para abrir a porta. Olhei para Victor e ele ainda encarava a rua.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você não entra comigo? — O convidei tocando sutilmente sua mão de punho fechado.

Victor olhou-me surpreso e relaxou seu punho, segurando a minha mão. Acho que ele não esperava por esse convite.

— Você tem certeza? — Perguntou com a voz baixa.

— Tenho sim. — O respondi sorrindo com convicção. — Eu adoraria que minha mãe o conhecesse primeiro.

Victor sorriu e aproximou-se tomando minha boca em um beijo lento. Eu o correspondi com saudades e carência. Noberto abriu a porta e nós descemos entrando no hospital. Subimos de elevador até o quarto andar e quando as portas se abriram, eu respirei fundo pegando em sua mão e entrelaçando nossos dedos. Caminhamos em direção a porta do quarto e ao chegar, bati de leve duas vezes e a abri sem esperar minha mãe dizer se eu podia ou não entrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filha! — Disse minha mãe toda sorridente ao me ver passar pela porta.

— Oi, mãe. — Entrei e logo a vi substituir o sorriso por uma feição de surpresa misturada com espanto. Olhei para o Victor de pé ao meu lado e ele estava com uma expressão nervosa no rosto. — Mãe... — Comecei a dizer sorridente. — Quero que conheça o Victor. Victor, essa é minha mãe, Meredith. — Olhei para ele e o vi engolir seco.

— Mu... muito prazer... Victor. — Disse minha mãe gaguejando de nervoso.

— O prazer é meu. — Disse ele ainda com seus olhos nela.

Senti uma pontada no peito e outra vontade de chorar. O clima ficou pesado e desconfortável. Talvez fosse melhor não ter o trazido até aqui hoje.

— Eu tenho que ir. — Disse Victor virando-se para mim.

— Eu te acompanho até o elevador.

Sáímos para fora do quarto e fechei a porta

PERIGOSAS ACHERON

atrás de nós, antes de acompanhá-lo pelo corredor. Ele apertou o botão chamando o elevador e se aproximou dando um beijo em minha testa.

— Preciso ir para Dallas hoje, tratar de negócios importantes. — Disse acariciando meu rosto.

— Mas hoje é quatro de julho. Você tem mesmo que trabalhar?

— Eu não tenho feriados, querida.

— Quando você volta?

— Amanhã à noite. — As portas do elevador se abriram e nos afastamos para o lado, dando passagem as pessoas que saíam de dentro dele.

— Okay. Vou sentir saudades. — Disse o abraçando e sentindo vontade de chorar outra vez. Escondi meu rosto em seu peito e apertei meus olhos tentando me controlar.

— Eu também vou. — Disse beijando o topo da minha cabeça.

Olhei para ele e alcancei seus lábios, ficando

na ponta dos pés. Victor retribuiu de forma rápida e logo soltou-me com um sorriso fraco no rosto, antes de entrar no elevador. As portas cromadas se fecharam e meu coração se apertou em meu peito. Um sentimento de magoa tomou conta de mim, mesmo eu não tendo motivos para isso. Voltei para o quarto e encontrei minha mãe com a cabeça baixa e com o rosto escondido entre suas mãos.

— Está tudo bem, mãe? — Perguntei preocupada, aproximando-me da cama.

— Estou bem. — Disse tentando disfarçar, dando-me um sorriso falso que resolvi aceitar.

Sentei-me na poltrona próxima a janela e peguei meu celular dentro da bolsa. Precisava conversar com alguém agora e queria a Grace. O dia no Hospital passou de maneira estranha. Minha mãe e eu, não nos falamos muito, parecíamos duas estranhas fechadas em um quarto frio. Por vários momentos, tive vontade de perguntar o que houve ou se ela conhecia o Victor, achei a reação deles um tanto estranha e suspeita. Ele quer tanto conhecer meus pais, por que fugiu tão de pressa?

PERIGOSAS NACIONAIS

No final da tarde, o clima deu uma amenizada quando minha avó chegou para passar a noite com a minha mãe. Tentei falar com a Grace o dia todo, mas ela simplesmente ignorou minhas ligações e mensagens.

— Onde estão minhas garotas? — Brincou meu pai ao entrar no quarto.

— Bem aqui. — Respondeu minha mãe sorrindo.

— Feliz quatro de julho. — Desejou ele, a nós.

— Feliz quatro de julho, pai. — Desejei lhe dando um abraço.

Eles começaram a conversar e trocar beijos. Minha avó saiu e eu fui logo atrás dela, dando um pouco de privacidade aos dois.

— Está tudo bem, Maya? — Perguntou minha avó, enquanto caminhávamos vagorosamente pelo corredor até o refeitório.

— Está. — Disse tentando ser convincente.

— Senti um clima meio tenso entre você e sua mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É só tensão da última semana do tratamento que se aproxima.

— Como foi a viagem?

— Foi incrível. Seattle é linda.

— Espere até conhecer Nova Iorque. Sua mãe voltou encantada de lá.

— Quando minha mãe foi para Nova Iorque?

— Quando ela tinha dezenove anos e fugiu de casa com a Clarice. — Disse rindo.

— O que? Como assim fugiram? — Perguntei incrédula.

— Sua mãe passou por uma fase de rebeldia. Nem sempre minha filha foi uma mulher tranquila.

— Uau! Estou surpresa. — Não consigo imaginar minha mãe aos dezenove anos de idade, fugindo de casa com sua melhor amiga.

Nos sentamos no refeitório e pedimos uns sanduíches naturais e sucos. Nossos lanches chegaram e começamos a comer em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde a hora em que me despedi do Victor, não nos falamos mais e meu peito só se apertava. Peguei o celular sobre a mesa e olhei pela décima vez, nos últimos quinze minutos, a procura de um sinal seu, mas não havia nada.

— Qual é o nome dele? — Perguntou minha avó, tirando-me dos meus pensamentos magoados.

— O que? — Perguntei sentindo minha mente meio perdida.

— Você não solta o celular. Estão apaixonados?

— Sim. — Respondi sem demora.

— De onde ele é?

— Do Texas.

— Foi com ele que viajou? — Sua pergunta me fez sorrir.

— Foi sim. — Respondi já sentindo saudades dos dias que havia passado lá e com ele.

— Quando vamos conhece-lo?

— Em breve, eu espero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maya. — Chamou meu pai. — Estou indo para casa, você vem?

— Pode me deixar na casa da Grace? Estou preocupada. Tento falar com ela a dias, mas ela não me atende.

— Claro que sim, filha. Vamos.

Despedi-me da minha avó e segui com meu pai para o estacionamento. Entramos no carro e seguimos pelo transito lento até o prédio onde Grace mora. Não sei se fiz algo de errado para ela me ignorar, mas se fiz, preciso saber o que é e pedir desculpas.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 28

Quando paramos à frente do prédio, saltei logo do carro indo até portaria. Uma mulher saia com seu cãozinho para passear, então aproveitei a porta aberta e entrei.

— Oi, Farry. — Cumprimentei o porteiro que estava atrás do pequeno balcão de madeira do hall de entrada.

— Oi, Maya. A quanto tempo não a vejo por aqui.

— Isso é verdade. — Disse sorrindo. — Acho que desde a nossa formatura no ginásio não o vejo.

— Sim. — Respondeu sorridente.

— Sabe se a Grace está em casa? Eu liguei, mas ela não me atendeu. Só estou preocupada.

— Ela subiu a quase uma hora.

— Certo. Vou subir para vê-la.

— Vai lá. Acho que não preciso te anunciar.

— Disse rindo.

— Uma vida inteira de amizade, tem seus privilégios. — Disse sentindo-me humorada, pela primeira vez no dia.

— Feliz quatro de julho. — Desejei enquanto afastava-me indo até o elevador.

— Para você também. — Retribuiu.

Entrei no elevador e subi até o sexto andar. As portas se abriram e eu caminhei até o seu apartamento tocando a campainha, mas ela não atendeu. Toquei outra vez e então escutei barulhos vindo de dentro do apartamento, esperei mais um minuto e finalmente a porta foi aberta.

— Maya. — Disse Grace surpresa ao me ver, amarrando as fitas que fecham o roupão de seda.

— Oi. Você desapareceu a semana toda. O que houve? Está doente?

— Maya... — Disse olhando para trás e fechando um pouco mais a porta. — Agora não é uma boa hora. — Disse olhando novamente para

PERIGOSAS NACIONAIS

mim e com um sorriso sem graça no rosto.

— Ah... Meu Deus... — Foi então que me toquei de que ela devia estar com alguém em seu apartamento. — Desculpe. — Pedi baixo e envergonhada.

— Tudo bem. Eu te ligo amanhã, prometo. — Disse ela despedindo-se.

— Algum problema, Grace? — Escutei uma voz familiar, vir de lá de dentro.

— O que o Higor faz aí dentro? — Perguntei sem acreditar no que estava acontecendo.

Grace abaixou sua cabeça e encarou seus pés descalços. Empurrei a porta e vi Higor apenas de cueca e cabelos desgrehados, parado de pé no meio da sala.

— Não acredito nisso. — Disse entrando para dentro do apartamento.

— Maya. Vamos com calma. Você mesma disse que vocês não têm mais nada. — Disse Grace vindo até nós.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está usando ela. — Disse ao Higor, sentindo a fúria me possuir. — Está usando ela, achando que vai me atingir ou provocar ciumes, mas não vai! — Disse alto e completamente irritada com ele.

Não posso acreditar no que ele está tentando fazer. Ele quer usar minha melhor amiga de infância, para me provocar.

— Não sei do que está falando. — Disse ele deixando-me ainda mais irritada.

— Vai a merda! — Gritei para ele. — Hoje de manhã, você queria conversar. Semana passada queria sair comigo. Corta essa, Higor. O que está tentando fazer?

— Pare com isso, Maya! — Pediu Grace. — Você não é o centro do mundo, sabia? — Olhei para ela e vi que estava pálida e nervosa.

— Grace. Me ouça. O Higor só está usando você para me provocar ciumes...

— Acho melhor você ir embora! — Disse Grace alto, apontando para a porta e

interrompendo-me.

— É, Maya. Volta para o seu milionário. — Disse Higor.

— Você vai magoa-la, eu sei. E quando fizer isso eu mato você! Entendeu? Eu te mato! — Gritei antes de dar as costas a ele e ir em direção a porta.

— Há propósito... — Começou a dizer ele, detendo meus passos e fazendo-me olhar para trás. — Era exatamente sobre isso... — Disse abraçando Grace, a puxando para seu peito. — ...que eu queria falar com você hoje de manhã.

— Quando precisar de mim, Grace. Sabe onde me encontrar. — Disse olhando para ela, que tinha seu rosto escondido em seu peitoral.

Saí de lá e fechei a porta, a batendo com força e indo em direção ao elevador. Quando as portas se fecharam, eu caí em um choro compulsivo que me fez soluçar. Não estava sentindo-me traída, nem por ele e muito menos por ela. Coisas assim acontecem. O problema, é que eu amo a Grace. Ela, é a irmã que eu escolhi. Eu sei que ele irá ferir seus

sentimentos, posso sentir. Também sei que ele está a usando para me atingir. Tenho certeza! Ao sair do prédio, caminhei até a calçada e avistei um carro preto estacionado próximo ao meio fio mais à frente. A porta do motorista se abriu e Noberto saiu dando a volta e indo até a porta traseira. Parei onde estava, a poucos passos do carro e desejei com toda minha força, que quando a porta daquele carro fosse aberta, Victor saísse de lá de dentro. Mas quando ele abriu, o banco estava vazio e aquilo decepcionou-me. Voltei a andar de encontro ao Noberto e entrei aconchegando-me no banco. Ele fechou a porta e pôs o carro em movimento.

— Você me seguiu até aqui? — Perguntei olhando a cidade noturna passar por minha janela.

— Sim. Quando a vi sair com seu pai, preferi não intervir. Apenas os segui discretamente. — Disse olhando-me pelo retrovisor. Lhe dei um sorriso simpático e voltei meu olhar para a janela.

— Está com ela? — Escutei a voz do Victor vir do som do carro.

— Sim, Senhor. — Respondeu Noberto,
PERIGOSAS ACHERON

depois de apertar um botão no volante.

— A leve para casa. — Mandou ele.

— Como queira, Senhor. — Disse Noberto antes de encerrar a chamada via Bluetooth.

Comecei a chorar de novo, tentando fazer isso o mais silenciosamente possível. Quando chegamos à frente da minha casa, abri a porta e saltei logo sem nem esperar Noberto fazer seu trabalho. Ignorei por completo a festa do feriado que acontecia na rua e entrei para dentro de casa, subindo direto para meu quarto, ignorando também meu pai que estava na sala assistindo TV. Quando cheguei no meu quarto, tranquei a porta e joguei-me na cama, abafando meu choro na fronha. Peguei meu celular na bolsa e ainda não havia nenhum sinal do Victor. Fui até a agenda e busquei seu contado, clicando no botão “Chamar”.

— Oi, minha querida. — Atendeu baixo.

— Eu atrapalho? — Perguntei ao ouvir som de conversa ao fundo da ligação.

— Você nunca atrapalha, mas confesso que

PERIGOSAS NACIONAIS

estou ocupado. Estou fechando um negócio muito importante esta noite.

— Eu preciso de você. — Disse começando a chorar novamente.

— Está chorando? — Perguntou demonstrando preocupação na voz.

— Não. — Menti tentando me conter.

— Devia ter lhe trazido comigo. O que houve? — Perguntou parecendo um pouco irritado.

— Não houve nada.

— Maya... Não minta para mim! — Disse alto e rude. — O que houve na casa da Grace? — Perguntou impaciente.

— Por que está gritando comigo? Qual é o seu problema? — Perguntei alto, esquecendo-me de que não estou sozinha em casa.

— Fale baixo, querida. Se não volto para aí agora mesmo, só para lhe ensinar a me respeitar! — Ameaçou rude.

— Eu não estou desrespeitando você, Victor!

PERIGOSAS ACHERON

Não devia ter te ligado. Queria apenas conversar e não brigar! — Disse alto e encerrando a ligação sem nos despedirmos.

Batidas soaram na porta do meu quarto e eu já sabia que era meu pai, mas não estava afim de conversa e nem que ele me visse chorando.

— Filha... está tudo bem? — Perguntou preocupado.

— Está. Eu vou dormir, pai. Boa noite. — Disse alto para que ele pudesse ouvir.

— Boa noite, Maya.

Meu celular vibrou em minhas mãos e era o Victor quem estava me ligando. Desliguei meu celular, não estava a fim dele e nem de conversa com mais ninguém naquele momento. O que queria mesmo, era socar um saco de pancadas e de gritar o mais alto que eu pudesse. Estou sentindo-me extremamente irritada e magoada com todos. Meu dia havia sido uma grande merda e algo me dizia que o outro por vir, seria pior. Deitada em minha cama, olhei para as estrelas no teto e tentei buscar

calma. Não estava entendendo meu mau humor. Se fosse em outro dia, teria brigado com Victor, exigido explicações do que houve no hospital para minha mãe e socado o Higor, mas hoje não. Tudo me faz derreter.

— Que droga está havendo comigo? — Perguntei-me em sussurros, buscando a resposta dentro de mim, quando ela veio através de uma enorme vontade de comer chocolate. — TPM. — Disse lembrando-me de que havia tomado a última pílula do anticoncepcional a dois dias.

Sentei-me na cama e liguei meu celular, recebendo alertas de mensagens de voz. Ignorei todas, já sabendo que elas são do Victor. Sentindo-me uma completa idiota por trata-lo daquela forma. Liguei para ele, que atendeu no primeiro toque.

— É bom você começar a pensar em um bom discurso, para eu não lhe dar uma boa surra, Maya! — Disse completamente irritado ao atender a ligação.

— Perdão. Eu não estou bem hoje, acho que é minha TPM. — Ele ficou mudo por um longo

segundos do outro lado da linha.

— A sua TPM, acabou de me fazer fechar um negócio, perdendo um milhão e meio de dólares. Um dinheiro que se eu tivesse tido um pouco mais tempo para negociar, não teria pago a mais na compra de um maldito hangar! — Gritou quase sem fôlego.

— Desculpe. — Disse sentindo-me ainda mais péssima e envergonhada.

— Estou voltando. Chego em duas horas. — Disse tentando falar com uma calma inexistente.

— Está bem. Quer que eu o espere? — Perguntei pensando na possibilidade de nos ver.

— Já tem um carro indo busca-la. — Victor encerrou a ligação e logo sai da cama indo direto para o banheiro.

Não demorou muito e Noberto estacionou o carro à frente de casa, esperando por mim. Peguei uma bolsa que havia preparado com algumas peças de roupas e descí pisando nas pontas dos pés para não acordar meu pai.

— Não sei o que fez... — Começou Noberto a dizer, quando pôs o carro em movimento. — ..., mas o deixou bem irritado. — Olhei para ele através do retrovisor e vi que ele tinha um sorriso contido no rosto. — Nunca vi o Sr. White deixar um jantar de negócios com os Marajás, tão rápido. Nem mesmo por sua ex-esposa.

— Eu não sou a Eliza. — Disse um pouco irritada por sentir que ele tentou comparar-me a ela.

— Disso eu sei, Maya. Mas não estava me referindo a ela. — Olhei confusa para ele, que logo desviou seu olhar do meu, através do reflexo do pequeno espelho dentro do carro.

Dirigimos um pouco para fora da cidade, até uma vila nobre em torno do lago Green Pine. Passamos em frente as grandes mansões, até que chegamos no final da rua. Noberto parou o carro na entrada de grandes portões pretos, que se abriram rapidamente, permitindo nossa entrada.

— Quem mora aqui? — Perguntei curiosa.

— As iniciais V W em dourado no portão, não

lhe dizem nada? — Perguntou sorrindo e olhando-me pelo retrovisor. Só então entendi onde estávamos.

— Então essa é a surpresa. — Sussurrei para mim mesma observando o lindo lugar em que estávamos entrando.

Noberto parou o carro e eu desci sem esperar por ele abrir a porta para mim. A casa não é tão grande quanto a sua em Houston, mas ainda assim, é uma mansão gigantesca.

— Maya... Não faça isso. Espere que eu abra a porta para você, ou então ficarei desempregado. — Disse humorado aproximando-se de mim.

— Duvido muito que isso aconteça. — Disse sorrindo para ele, enquanto caminhávamos em direção a porta de entrada. — Há quanto tempo trabalha para ele, Noberto?

— Desde sempre. Mas oficialmente? — Perguntou e eu assenti com minha cabeça em resposta. — Há vinte e sete anos. A primeira vez que dirigi para Victor eu era um moleque de

dezessete anos.

— Ele confia muito em você, já pude perceber.

— Ele me conhece desde que nasci. — Disse abrindo a porta para entrarmos. — Meus pais serviram aos seus e depois a ele.

— E você deu continuidade ao trabalho.

— Sim.

— Já tem para quem deixar sua linhagem? — Disse sorrindo e o fazendo rir.

— Não. Minha filha não sabe dirigir e espero mais para o futuro dela.

Só quando paramos de conversar, que enfim prestei a atenção no lugar. A casa já está mobilhada, tudo de extremo bom gosto e em tons claros. Almofadas, Xales e quadros davam cor ao lugar. Nada aqui tem a ver com Victor. Sua casa no Texas tem um toque imperial em tudo e muito dourado com mogno escuro, a começar por seu quarto. Diria que esse lugar tem mais minha cara. A

PERIGOSAS NACIONAIS

casa cheirava a uma fragrância maravilhosa de rosas. Atravessei a enorme sala de estar, passando entre os sofás e poltronas, até chegar à sala de jantar com uma comprida mesa de vidro, com várias cadeiras ao seu redor. As luzes no jardim do fundo se ascenderam e pelas janelas que vão do teto ao chão, pude ver o deck de madeira clara.

— O deck leva ao lago, mas está muito escuro lá fora. — Disse Noberto.

— Acho que vou ver lá em cima. — Disse voltando para a sala de estar.

— Fique à vontade. A suíte principal fica no final do corredor. Estarei aqui em baixo se precisar.

— Tudo bem. Obrigada, Noberto.

Subi a escada e atravessei o longo corredor passando à frente de quatro portas até a chegar à última no fim do corredor. Quando entrei no quarto, passei de encantada a apaixonada pelo lugar. Coloquei a bolsa de academia que havia arrumado com algumas roupas sobre a cama e sentei-me ao lado, olhando para as portas francesas

PERIGOSAS ACHERON

de vidro e imaginando quão bela deve ser a vista deste quarto ao amanhecer. Só faziam uma hora e que quinze minutos que eu havia falado pela última vez com o Victor. Tirei minhas botas de cano curto e deitei-me na cama. Finalmente sentia-me mais calma.

Fechei meus olhos respirando fundo e acabei adormecendo enquanto esperava por ele. Acordei com beijos em meu pescoço e caricias nos meus cabelos. Abri meus olhos lentamente e meu campo de visão foram os olhos verdes do Victor, deitado ao meu lado. Sorri feliz em vê-lo e estendi minha mão para tocar seu rosto. Ele sorriu e aproximou seu rosto do meu, beijando meus lábios e invadindo minha boca com sua língua. Seu beijo tinha gosto de chocolate e isso deixou-me excitada. Ele separou nosso beijo, mordendo meu lábio inferior e apertando minha bunda com sua mão direita.

— Sua boca está com gosto de chocolate.

Victor levou sua mão para de trás das suas costas e pegou uma caixa vermelha quadrada e a entregou para mim. Sorri ao ver o nome

Knipschildt Chocolatier, escrito no papel branco que envolvia a tampa. Sentei-me na cama e abri a caixa que continha vinte e quatro chocolates. No canto direito acima, um espaço estava vazio denunciava que faltava um.

— Obrigada. — Agradei sorrindo e selando seus lábios com um beijo suave.

— Mas não pense que irá escapar da surra, meu anjo. — Disse antes de devolver meu beijo.

— Depois que eu comer esses chocolates, pode fazer o que quiser comigo. — Disse escolhendo um dos maravilhosos bombons artesanais.

— Eu amo quando você se entrega assim. — Disse beijando meu pescoço e deixando leves mordidas em minha pele. Comi mais dois chocolates e fechei a caixa, a aguardando ao lado sobre o criado mudo.

— Desculpe por hoje. — Pedi com a cabeça baixa.

— Vem cá. — Disse recostando-se na cabeceira da cama e puxando-me para os seus

braços. — Vai levar tempo para aprendermos mais um do outro.

— É. — Concordei aconchegando-me em seus braços.

— Vamos tomar um banho? — Perguntou antes de beijar o topo da minha cabeça.

— Vamos sim.

Fomos para o banheiro e o ajudei tirar sua roupa, começado por seus sapatos. Despidos, fomos para o chuveiro e beijos quentes começaram a nos excitar. Victor pegou-me em seu colo e eu passei minhas pernas por seu quadril. Ele me provocou pressionando sua ereção em meu clitóris, arrancando-me um gemido.

— Me foda. — Pedi sussurrado em seus lábios.

Victor entrou em mim com uma estocada bruta, enquanto me beijava com euforia. Agarrei seus cabelos da nuca com minha mão esquerda e arranhei suas costas com a direita. O tesão tomou conta de mim e eu logo gozei gritando por seu nome. Quando meus espasmos do orgasmo

passaram, Victor saiu de dentro de mim e colocou-me de volta no chão.

— Vira e abra as pernas! — Mandou e eu fiz imediatamente. Ele mordeu meu ombro e enrolou sua mão nos meus cabelos molhados, puxando minha cabeça para trás. — Empina essa bunda linda, que vou comê-la, querida.

Mordi meus lábios de tesão, só de ouvi-lo falar assim. Victor flexionou um pouco seus joelhos e escorregou seu pau para dentro da minha bunda, pouco há pouco. Arranhei as pastilhas de vidro na parede, provocando um barulho estridente com minhas unhas, ao sentir suas bolas pesadas encostarem em mim. Victor encostou minha cabeça na parede e começou a me estocar fundo, entrando e saindo cada vez mais rápido. O banheiro se encheu de fumaça da água quente que saia do chuveiro caindo em minhas costas e dos nossos gemidos. Ele levou sua outra mão até meu clitóris e o esfregou com força deixando-me ainda mais excitada. Senti o arrepio chegar e meus olhos fecharem involuntariamente.

— Isso, meu amor. — Disse em um gemido, aumentando a velocidade com que me masturbava. — Goza com meu pau no seu cuzinho. — Ele deu um forte tapa em meu clitóris, que me fez gritar entregando-me a mais um orgasmo.

Victor gozou dentro de mim, ainda metendo forte. Senti sua porra escorrer entre minhas nádegas. Ele saiu lentamente e me abraçou por trás, apoiando-me contra seu corpo. Tomamos banho e depois voltamos para o quarto. Vesti um pijama de calça de moletom e uma camiseta do time de futebol da universidade, preparando-me para a visita íntima mensal que com certeza vira pela manhã. Deitei abraçada a ele, sentindo seu cheiro pôs banho e fechei meus olhos tentando dormir, mas não consegui. Só vinha em minha mente o momento estranho no hospital está manhã.

— Achei que quisesse conhecer minha família. — Disse quebrando o silêncio. Victor respirou fundo e apertou-me mais contra ele.

— Eu quero, meu amor. — Não consegui acreditar em suas palavras, elas não me passaram

verdade.

— Então o que foi aquilo hoje de manhã no hospital? — Perguntei e senti seu corpo tencionar.

— Só fiquei nervoso. — Disse baixo, antes de forçar pigarreado.

— Está mentindo. — Sentei-me na cama e ascendi as luzes do quarto. — Por que está mentindo, Victor? — Perguntei já sentindo o nervoso percorrer meu copo, misturado com medo da resposta que poderia vir a seguir.

— Já disse, Maya. — Disse de olhos fechados e ainda deitado.

— Exigi tanta lealdade de mim, mas quando é a sua vez, você foge! — Disse alto levantando-me da cama. Victor abriu os olhos, encarou o teto e depois sentou-se, direcionando seu olhar rude para mim.

— Por que não vai perguntar para ela? — Perguntou grosseiro, levantando-se da cama e pegando o roupão de banho que estava sobre a poltrona ao lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que quer dizer com isso? Nunca vi minha mãe tão estranha comigo, como ficou hoje depois que te viu. — Disse o vendo vestir o roupão e calçar seus chinelos. Victor parou e olhou-me novamente.

— Não posso. — Disse antes de caminhar em direção a porta.

— Não pode o que, Victor? — Perguntei aos prantos do choro que começava. — Por favor, não sai sem falar comigo! — Pedi o vendo abrir a porta com minha visão turva pelas lágrimas. Victor parou e virou-se para mim. — Por que eu sinto que isso vai me magoar?

— Não chore, amor. — Pediu caminhando até mim. — Por favor. — Pediu abraçando-me.

— Fala comigo. Seja o que for, prefiro ouvir de você. — Disse em meio os soluços, com meu rosto afundado em seu roupão.

— Eu não tenho esse direito de contar nada. São elas quem tem que lhe dizer. — Levantei meu rosto e olhei para ele, ainda mais assustada.

PERIGOSAS ACHERON

— Elas? — O vi fechar os olhos e contrair seu maxilar, claramente mostrando ter se arrependido do que havia dito. — Minha mãe e mais quem, Victor? — Ele me soltou e afastou-se esfregando seu dedo polegar em sua testa.

— Eu não me lembro o nome dela. Ver a sua mãe hoje, foi como ver um fantasma. — Ele virou-se para mim e olhou-me com pesar, apoiando suas mãos em seu quadril. — Quando a vi, tive dúvidas, mas a reação dela me mostrou que eu estava certo. Ela não mudou nada. Apenas envelheceu assim como eu.

— Há quantos anos atrás?

— Maya...

— Eu perguntei, quando se conheceram? — Perguntei em um grito, atraindo um olhar furioso do Victor.

— Há uns vinte cinco anos.

— O que houve? — Ele encarou-me com a respiração pesada, negando-se a dizer. — Victor... vocês... vocês tiveram alguma coisa? — Perguntei

com um fio de voz. — Vocês transaram? — Senti um nó se formar em minha garganta e as lágrimas voltarem a escorrer por meu rosto.

— Não. Se quer saber mais, pergunte a ela. — Disse antes de sair do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Que não seja nada que me magoe. — Disse chorando e abraçando meu próprio corpo. — Porque eu te amo. — Sussurrei para mim mesma.

CAPÍTULO 29

Passei toda a madrugada em claro, sentada na cama observando a porta. Por diversas vezes, vi o vulto do Victor passar à frente dela, pela fresta no chão. Acho que ele estava tão angustiado com nossa distância, quanto eu. Finalmente quando o dia amanheceu, levantei-me e tomei um bom banho, me vestindo para sair. Estou decidida a só voltar para casa, quando eu tiver explicações verdadeiras para minhas perguntas. Abri a porta do quarto e sai pelo o corredor estava vazio, até chegar na escada. A casa está em absoluto silêncio, não há sinal do Victor. Quando cheguei ao andar de baixo, havia uma moça limpando o chão de madeira. Ela disse que Victor esperava por mim no jardim dos fundos para o café da manhã.

— Bom dia, Maya. — Disse Noberto ao entrar na casa.

— Oi. Preciso que me leve ao hospital.

— Primeiro tome seu café da manhã. O Sr.

White, a espera.

— Então que continue esperando. — Disse ríspida, o fazendo olhar-me com os olhos arregalados. — Pode me levar ou não ao hospital?

— Claro. — Concordou abrindo a porta para que eu saísse.

Caminhei apressada até o carro, abri a porta traseira sem esperar por Noberto e entrei. Ele torceu o nariz ao me ver fazer isso e depois assumiu a direção. Fizemos o percurso em silêncio até o hospital.

— Pode ir. Eu me viro. — Disse a ele quando estacionou o carro próximo ao meio fio, à frente do hospital.

— Sabe que o Sr. White não a quer perambulando por aí sozinha. — Disse ele virando seu corpo para trás. — Vou lhe esperar aqui.

— Okay. — Concordei revirando os olhos e saltando do carro.

Ao entrar no hospital, senti um frio na barriga

enquanto esperava pelo o elevador. Quando as portas se abriram, eu entrei e comecei logo a ensaiar mentalmente as perguntas para fazer a minha mãe, afinal ela estava hospitalizada e de saúde frágil, tenho que saber como lhe abordar. Quando finalmente cheguei ao quarto andar, caminhei apressada pelo corredor até seu quarto, que parecia ter ficado uns cem metros mais distante. Dei uma leve batida na porta e a abriu devagar, espiando pela fresta se minha mãe já havia acordado.

— Oi, filha. — Disse baixo, ao ver meu rosto apontar para dentro do cômodo.

— Oi, mãe. — Disse entrando.

— Shhh. — Ela fez para mim com o dedo indicador sobre os lábios e depois apontou para minha avó que dormia desajeitada no pequeno sofá cama. — O que faz aqui tão cedo, querida? — Perguntou baixo enquanto aproximava-me da sua cama.

— Mãe... — Disse segurando sua mão magra. — Será que... podemos conversar? — Ela diminui

seu sorriso que tinha no rosto e abaixou seu olhar para nossas mãos.

— Eu não sei. Não me sinto muito bem hoje.
— Disse ainda de cabeça baixa.

— Mãe, olha para mim. Você nem mesmo sabe sobre o que eu quero conversar. — Disse e ela negou-se permanecendo como estava. — Por favor, olha para mim. — Com relutância, ela levantou sua cabeça e seus olhos já brilhavam marejados de lágrimas. — Por que está assim? — Perguntei com medo da resposta.

— Porque... — Interrompeu suas palavras, colocando sua mão sobre a boca e engolindo seu choro que estava por vir. — Eu não consigo. — Disse sussurrado, abaixando sua cabeça outra vez.

— O que houve a vinte cinco anos atrás? — Perguntei e ela olhou-me assustada, com lágrimas que começavam a escorrer por seu rosto meio anêmico.

— Não quero falar sobre isso. — Disse puxando sua mão da minha.

— Você não tem que querer, mãe. Tem que me dizer e ponto. Eu preciso saber. — Disse alto, fazendo minha avó despertar no sofá.

— Maya, por favor...

— Diga agora! — Exigi a interrompendo. — Diga o que houve e como você conheceu o Victor.

— Mas o que está havendo? — Perguntou minha avó sentando-se no sofá. — Isso aqui é um hospital, fale mais baixo, querida. — Pediu gentilmente.

— Fala! — Exigi novamente da minha mãe, ignorando por completo o pedido da minha avó. — Fala, mãe! — Disse mais alto, quase em um grito. — Me conta o que aconteceu com você e quem é outra mulher? — Minha mãe só chorava e negava com a cabeça. — Se não me dizer... vou atrás até descobrir sozinha. — Ameacei apontando para porta.

— Não faz isso, por favor. — Implorou minha mãe, juntando as palmas das mãos à frente do peito.

— O que estou perdendo? — Perguntou minha

avó preocupada, aproximando-se de mim. — Maya? O que houve?

— Só quero saber o que houve a vinte e cinco anos atrás com minha mãe. — Respondi rude, encarando minha mãe que chorava e pedia-me em sussurros para parar.

— A vinte e cinco anos? — Perguntou minha avó confusa. — Está falando de quando sua mãe fugiu para Nova Iorque com Clarisse?

— Então é ela? Sua última chance, mãe.

— Não posso. Já disse. — Insistiu em negar.

— Tudo bem.

Saí do quarto sem me despedir de ambas e descí para o térreo encontrando Noberto no mesmo lugar. Quando viu que eu me aproximava, ele logo abriu a porta traseira do carro para que eu entrasse.

— Para onde vamos? — Perguntou ao assumir o volante.

Passei o endereço a ele da casa da Clarice e logo tomamos o caminho. Cheguei a tempo de

pega-la em casa, antes de sair para o trabalho.

— Maya. Oi. — Disse um tanto surpresa ao me ver aproximar dela, que se preparava para entrar em seu carro, estacionado à frente da garagem. — Aconteceu alguma coisa? — Perguntou preocupada.

— Minha mãe está bem. — Disse para tranquiliza-la. — Mas quero falar com você a respeito de outra coisa. — Sua feição preocupada deu lugar a uma que demonstrava que ela já esperava por isso.

— Vem. Vamos entrar. — Caminhamos até a porta e entramos. — Sua mãe me ligou ontem pela manhã. — Disse fechando a porta. — Você aceita um chá ou café? — Perguntou caminhando em direção a cozinha.

— Não. Estou bem.

— Não parece bem. Está com os olhos fundos. — Disse servindo uma xícara de chá e apondo sobre o balcão a minha frente. — Por favor... sente-se e beba o chá. Vai te fazer bem. — Pediu

educadamente.

— Obrigada. — Agradei e sentei-me no banco alto da ilha da cozinha, puxando a xícara de chá para mim.

— Quando ela me contou, eu não acreditei. Achei que seria impossível. Afinal, faz tantos anos e aconteceu tão longe de casa.

— Mas o que aconteceu a vinte e cinco anos?

— Quando sua mãe soube que iria ser pedida em casamento pelo seu pai, ela surtou. Disse que precisava pensar na resposta, antes da proposta. Ela achava que ainda não estava pronta, não havia realizado nenhum dos seus desejos da sua famosa lista. — Disse sorrindo. — Eu ia para Nova Iorque naquele verão, encontrar-me com um artista de uma trupe que havia conhecido no verão anterior e então, a convidei para ir comigo. Assim ela teria a chance de finalmente realizar um de seus desejos e um tempo longe de casa para pensar. Juntamos todas nossas economias e fomos para lá, fugidas de nossos pais. No primeiro dia, aproveitamos a cidade juntas. — Disse perdendo o sorriso no rosto.

— No segundo, fomos nos encontrar com o francês da trupe e ele nos convidou para assistir sua peça. Depois do espetáculo, haveria uma festa em uma casa noturna e ele disse que nos colocaria lá dentro.

— Sua feição foi ficando cada vez mais séria e pesada. — Nós fomos. Éramos as mais novas naquele lugar. As ninfetas, em meio um bando de abutres. — Clarice abaixou sua cabeça, encarando a caneca de porcelana em suas mãos.

— O que aconteceu nessa festa? — Perguntei sentindo meu peito se apertar.

— Abusaram sexualmente de mim e da sua mãe. — Disse levantando seu olhar cheio de lágrimas.

— O que? — Perguntei incrédula com a voz fraca.

— As pessoas com quem estávamos, nos ofereceram bebidas alcoólicas. No início estava tudo divertido e maravilhoso, mas quando menos percebemos, já estávamos cercadas por homens que festejavam uma despedida de solteiro. Eles nos pagaram bebidas e logo nos perdemos das pessoas

com quem estávamos. Depois de alguns minutos, vi Meredith cair sentada no chão. Eu fui até ela e abaixei-me do seu lado, a perguntando se estava tudo bem, mas ela fala enrolado e não conseguia se levantar. Logo quem estava sentada no chão e sentindo-se mal, era eu. — Eu chorava em silêncio, apenas a ouvindo. — Dois rapazes que estavam à nossa volta, nos pegaram em seus colos e disseram que cuidariam de nós. Na companhia de um terceiro homem, eles nos levaram para uma sala privada no fundo da boate. Mal conseguíamos levantar um braço. Eles haviam nos drogados e quando percebemos... — Seu choro se tornou alto, a interrompendo.

— Ah, meu Deus. — Disse levantando-me e indo até ela.

Meu coração doí. Eu podia imaginar o quão terrível esse momento havia sido para elas. Naquele instante, só me lembrei do meu desespero no dia em que Brandon tentou me tocar. Ficamos abraçadas por alguns minutos, até que nosso choro se acalmou. Nos sentamos a mesa e eu lhe dei um copo d'água, precisava saber do final desta história.

PERIGOSAS ACHERON

Precisava saber se estava dormindo com o inimigo. Ou pior... o amando.

— Entende que eu preciso saber de tudo, não é, Clarice? — Ela assentindo com sua cabeça, buscando folego para continuar.

— Eu tentei me livrar daquele homem em cima de mim, mas não conseguia, não tinha forças. Quando olhei para o lado, Meredith parecia estar desmaiada, enquanto... um monstro abusava dela e o outro se tocava observando toda a cena a sua frente. — Disse ela voltando a chorar. Segurei firme sua mão para lhe dar forças para continuar.

— Qual deles era o Victor? — Perguntei baixo, com meu coração doendo. Precisava saber.

— Victor White? Nenhum deles. Ele era o noivo da despedida. Foi ele quem apareceu longos minutos depois e tirou os babacas de cima de nós. — Nesse exato instante, senti a pressão em meu peito se aliviar. — O que abusou de mim, era seu melhor amigo. Eles falavam isso, o tempo todo, se chamavam de irmãos. Eles se apresentaram para nós, somente pelos seus primeiros nomes. Quando

PERIGOSAS ACHERON

Victor entrou na sala, ficou chocado com o que viu. Rapidamente com a ajuda de outro amigo, eles acabaram com o que acontecia e uma discussão começou. Ouvi Victor gritar e socar o rosto do homem que abusou de mim. Ele o chamava de Johnnes e seu primeiro nome era Evan.

— Evan Johnnes? — Perguntei embasbacada. — Mas como... — Perdi a fala negando com minha cabeça. — Isso não é possível, eu o conheço. Ele deve ter uns trinta anos, não mais que isso.

— O homem que me estuprou, está morto. Quem você conhece, é o filho dele. — Explicou ela. Tal pai, tal filho. Continuei a ouvi-la, recordando-me do que houve na noite da festa na empresa do Victor, no banheiro. — Quando a briga acabou, todos foram embora, ficando somente o Victor e o outro amigo que nos ajudou. Eles nos carregaram até um carro e Victor nos levou para um hotel, onde esperou até que nós acordássemos para explicar o que havia acontecido. Deixou claro que se quiséssemos ir até a polícia, ele nos levaria. Mas Meredith estava com medo do que nossos pais poderiam fazer conosco quando voltássemos para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa. Ela só sabia se tremer e chorar. Tudo o que ela queria naquele momento, era voltar para Oklahoma e esquecer o que houve naquela noite. Victor deu dinheiro a nós, para que voltássemos para casa e se despediu indo para o seu casamento.

— Meu Deus...

— Chegamos em casa três dias depois e decidimos que nunca contaríamos para ninguém sobre o que aconteceu lá. Pedimos desculpas aos nossos pais por termos fugido e contamos histórias de aventuras que nunca aconteceram. Sua mãe disse sim ao seu pai e eles se casaram meses depois.

— Eu sinto muito, pelo o que vocês passaram. Não devia ter tentado forçar minha mãe a dizer nada.

— Tudo bem, querida. — Disse segurando minha mão. — Você está apaixonada por ele e precisava da verdade para viver em paz. No fundo... — Disse sorrindo para mim. — ... foi bom contar isso para alguém, finalmente. — Disse e suspirou aliviada.

PERIGOSAS ACHERON

— Nunca pensou em ir à polícia, depois que voltaram?

— Quando me formei em direito, decidi que iria atrás dele e pedir justiça. Mas quando procurei pelo nome Evan Johnnes, descobri que o homem havia sido acusado de lavagem de dinheiro e se suicidado três meses depois da condenação em sua cela, deixando um filho de apenas oito anos para trás. Através da minha busca por ele, encontrei Victor e descobri seu sobrenome. Ele era o vigésimo quinto milionário em uma lista de cem na Forbes. Não o culpo pelo o que aconteceu a nós. Se não fosse por ele, talvez teríamos morrido, eu não sei. Ele nos deu a chance de irmos até a polícia, mas escolhemos nos calar.

— Não tentou contato com ele?

— Não. Quando descobri que meu agressor estava morto e sua mãe não quis saber do homem que a machucou, seguimos em frente outra vez e esquecemos o assunto.

— Preciso pedir desculpas a minha mãe.

— Isso é doloroso para ela. Quando ela me ligou e disse que você e Victor estavam juntos, a primeira coisa que fiz foi buscar informações se ele ainda mantinha contato com o agressor da Meredith.

— E o que descobriu? — Perguntei angustiada.

— As famílias desfizeram negócios há anos e não mantem mais contato algum.

— Isso é bom, não é?

— É sim, querida.

— Clarice... eu sei que foi difícil começar a me contar tudo isso, mas eu lhe agradeço. Agradeço muito. — Disse segurando suas duas mãos sobre a mesa.

— Tudo bem, Maya. Agora se me perdoa, tenho que ir trabalhar. — Disse sorrindo sem graça.

— Claro. Tudo bem. Eu que peço desculpas.

Clarice me acompanhou até a calçada e nós nos despedimos com um longo abraço. Entrei no carro e sentei-me respirando fundo, sentindo um

alívio tomar meu corpo, ao mesmo tempo que uma angústia tomou meu coração pela forma em que tratei minha mãe.

— Para onde vamos, Maya? — Perguntou Noberto.

— Vamos voltar para o hospital. — Noberto assentiu com sua cabeça e nós voltamos para o Hospital.

Quando cheguei no quarto e abria a porta devagar e vi que minha mãe estava sentada em uma poltrona, próxima a janela. Minha avó olhou para mim e aproximou-se, apoiando sua mão em meu ombro. Ela sorriu e eu entendi o que seu sorriso pedia a mim. Ele pedia para que eu fosse com calma. Assenti com minha cabeça para ela, que deixou o quarto em silêncio, fechando a porta atrás de si. Aproximei da minha mãe e ajoelhei-me a sua frente, deitando minha cabeça em seu colo e deixando minhas lágrimas caírem abundantemente e livres. Ela acariciou meus cabelos de forma delicada e também chorou.

— Perdão, mãe. Nunca quis machuca-la.

— Não chore, minha criança. — Pediu sussurrado, acariciando meu rosto.

Assim permaneci, até que o meu choro cessasse e que meu coração se aliviasse. Passei o dia todo com minha mãe, sem me importar com mais nada ou ninguém. Só queria dar a ela, o conforto e carinho que ela precisava e merecia. Já era tarde da noite quando meu pai chegou no hospital, trazendo com ele uma caixa de Donuts. Comemos os três juntos, sentados na cama em que minha mãe repousava. Estava sendo um momento feliz, em que conversávamos animadamente. Era um momento em família que não tínhamos a meses.

— Eu queria tanto poder ir para casa no feriado do fundador. Passar apenas um dia com vocês dois, na nossa casa, antes da cirurgia. Isso seria um sonho. — Disse minha mãe suspirando de vontade.

— Acho que posso falar com o médico. — Disse pegando meu terceiro Donuts na caixa. — Você está mais forte e depois... — Olhei para meu pai, que parecia não gostar da ideia. — ...é só um

dia.

— Não sei, não, filha. — Disse meu pai coçando a cabeça.

— Por favor. — Pediu minha mãe com jeitinho, fazendo biquinho para ele.

— É, pai. Por favor. — Pedi sentando-me ao lado dela e fazendo biquinho também.

— Meu Deus. — Disse ele bufando e revirando os olhos. — Se o médico deixar... — Cedeu relutante.

— Ótimo! — Disse feliz abraçando minha mãe. — Vou falar com o médico. — Disse levantando-me da cama e saindo do quarto. — Oi. Com licença. — Disse chamando uma enfermeira que estava sentada atrás do balcão branco.

— Pois não? Em que posso ajudar? — Perguntou simpaticamente dando-me sua atenção.

— Sabe me dizer se eu ainda posso encontrar o Dr. Larry Collins, aqui no hospital?

— O plantão dele acabou a vinte minutos. —

Disse ela olhando para seu relógio de pulso. — Mas as vezes ele vai até a lanchonete antes de ir para casa. Pode ser que ainda o encontre lá.

— Okay. Obrigada. — Agradei e sai em direção a lanchonete. Por sorte, o encontrei pagando sua conta no caixa. — Dr. Collins? — O chamei ao me aproximar.

— Boa noite, Srta. Valentine. — Cumprimentou sorrindo.

— Será que posso falar com você? — Perguntei e ele olhou as horas em seu celular. — É rápido, eu prometo.

— Tudo bem. Se importa se fizermos isso em direção ao estacionamento? — Perguntou passando por mim e caminhando em direção a porta de saída da lanchonete.

— Não. — Disse o acompanhando. — A melhora no ânimo da minha mãe, é notável depois do novo tratamento.

— Isso é porque o tratamento que estamos usando é menos invasivo. Ela precisa estar forte

para a cirurgia que oferece alto risco.

— Eu sei, sou estudante de medicina. Mas o que quero perguntar, é se ela pode ir para casa na terça-feira.

— No feriado do fundador? — Assenti com minha cabeça em resposta. — Não vejo problema. — Disse parando quando chegamos ao estacionamento.

— Obrigada. — Agradei contente.

— Darei alta para ela na terça pela manhã, mas ela tem que repousar em casa e estar de volta na quarta às oito.

— Tudo bem.

— Nada de esforço físico e nem emocional. A alimentação regrada continua, queremos mantê-la forte, lembrem-se disso.

— Vamos nos lembrar. — Garanti a ele, sentindo-me animada de poder dar um dia em casa para minha mãe. — Obrigada, Dr. Collins. — Agradei apertando sua mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, ela merece. Está a tempo demais nesse hospital.

— É, infelizmente. Tenha uma boa noite, Doutor. — Disse sorrindo simpaticamente e agradecida, antes de andar de volta para o hospital.

— É Maya, não é isso? — Perguntou, fazendo-me para e olhar para trás.

— Isso mesmo.

— Estou indo ao um bar aqui perto, encontrar uns amigos. Gostaria de ir? Você passou o dia todo aqui no hospital. — O encarei surpresa pelo o seu convite totalmente inesperado e sem palavras.

— Ela não pode. — A voz do Victor ecoou no estacionamento deserto e escuro. — Já temos compromisso. — Disse ao médico, antes de selar minha boca com um beijo rápido. — Mas agradecemos o convite. — Disse lhe dando um sorriso forçado, passando sua mão por minha cintura e juntando nossos corpos.

— Okay. — Disse o Dr. Collins, nos encarando com uma expressão de espanto no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenham uma boa noite. — Desejou antes de afastar-se e entrar em seu carro.

— O que fazia aqui com ele? — Perguntou rude, apertando sua mão em minha cintura, machucando minha pele.

— Aí. — Resmunguei tentando tirar sua mão que me apertava com força. — Está me machucando, Victor. — Disse baixo, para as pessoas que passavam ao lado, não nos escutar.

— Responde a porra da minha pergunta! — Disse alto, atraindo olhares para nós.

— Só estava perguntando, se podíamos levar minha mãe para casa na terça. — Sua mão soltou minha cintura e ele a levou até meu rosto, o acariciando.

— Odeio quando chegam perto demais de você. — Disse abaixando sua cabeça e encostando sua testa na minha.

— Não há porque, ter ciúmes.

— Existe sim, Maya. Você linda e

PERIGOSAS ACHERON

definitivamente... não é como as outras mulheres, por aí. — Ele afastou seu rosto e me encarou olho no olho, passando seu polegar levemente por meus lábios. Esse contato visual, amolece meu corpo inteiro. Só sinto vontade de me entregar a ele. — Me beija! — Mandou sussurrado.

Passei meus braços por seu pescoço e apoiei-me nas pontas dos pés, colando nossos lábios. Beije sua boca com vontade e saudade, havíamos ficado o dia todo longe e sem nenhum contado. Entranhei minhas mãos em seus cabelos, sentindo o arrocho dos seus braços em volta da minha cintura. Com ele e sob os seus cuidados, é exatamente onde eu quero estar. Quebramos nosso beijo por um pouco de falta de ar. Victor desceu mais suas mãos até a base da minha coluna e puxou-me mais contra ele, permitindo que eu sentisse sua ereção dentro da sua calça jeans. Mordi meu lábio inferior de excitação e depois fiquei decepcionada ao recordar que não o teria dentro de mim pelos próximos cinco dias. Reaproximamos nossos lábios e quando os tocamos, fui tirada com força de seus braços e arrastada para trás. Olhei assustada para que

PERIGOSAS NACIONAIS

agarrava meu braço com tamanha força e brutalidade, e fiquei completamente assustada ao ver quem é.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 30

— O que está fazendo? — Perguntei para o Higor, puxando meu braço da sua mão.

Não houve tempo dele me dar sua resposta, Victor o acertou com um soco em seu rosto, que o fez cambalear para trás. Uma briga começou e quando menos percebi, já estavam rolando pelo chão no estacionamento. Afastei-me em alguns passos para trás, pedindo desesperadamente para que parecem com a briga. Ouvi um grito fino e assustado de uma mulher, e quando olhei para o lado, vi uma enfermeira entrando correndo de volta no hospital, gritando por ajuda e anunciando a briga. Voltei meus olhos para os dois que ainda se espancavam no chão e vi Victor sobre o Higor. Ele o acertou um soco em seu nariz, fazendo o sangue espirrar em sua camisa branca.

— Victor... por favor... — Pedi aos prantos. — Para! — Gritei, mas de nada adiantou.

A enfermeira voltou acompanhada de um médico e dois seguranças, que mais pareciam, que mais pareciam dois armários de tão grandes e robustos. Eles separaram a briga, afastando um para cada lado. O médico que se identificou como chefe do hospital, advertiu os dois e mandou que os seguranças os levassem para a emergência tratar de seus machucados nas mãos e nos rostos. Os acompanhei até lá e permaneci em silêncio, absorvendo tudo o que havia acabado de acontecer. O médico chamou mais uma enfermeira e pediu que eles se sentassem cada um em uma cama.

— Não sei o que aconteceu aqui, mas acabou.
— Disse o diretor do hospital. — Aqui é meu território. Se querem brigar, façam isso a dois quartos daqui. Assim serão levados para dar trabalho em outro hospital. — Disse nada feliz e saiu de lá, sem olhar para trás.

Os dois estavam sentados um ao lado do outro. Victor estava com o lábio cortado e um olho roxo. Higor estava com um corte feio no rosto, abaixo do seu olho esquerdo, além do nariz e a boca que sangravam. Victor encarava-me com um olhar de

PERIGOSAS ACHERON

fúria, que me fez sentir um pouco de medo.

— Qual é o seu problema, Higor? — Perguntei furiosa, depois que as enfermeiras se afastaram. Pude ouvir o maxilar do Victor estalar, ao me ver dirigir a palavra ao Higor. — O que você quer? Ontem você estava transando com a minha melhor amiga e demonstrando que estava bem e que havia seguido em frente. Mas aí de repente você aparece e resolve bater no meu namorado. — Vi seus olhos arregalarem para mim.

— O que quer com esse velho, Maya? — Perguntou Higor cheio de raiva. Victor serrou seus punhos, sabia que ele estava se controlando ao máximo para não começar outra briga. — É dinheiro que você quer? Porque as nossas fudas são as melhores. — Disse com deboche, encarando-me com um sorriso no canto dos lábios.

Minha ira ferveu a mil graus. Queria muito, eu poder soca-lo naquele momento. Nunca pensei que um dia sentiria ódio do Higor. Nossas fudas eram boas sim, mas eram só fudas. Jamais teria com ele, toda a ligação e sintonia inexplicável que existe

entre eu e o Victor.

— Não se garanta tanto. Você pode ser o suficiente para Grace ou para outras garotas, mas não é para mim. — Disse o encarando com os braços cruzados, à frente do peito. — Victor me dá sensações e prazeres, que você não pode me dar ou que dinheiro nenhum pode comprar. Aceite que não há nada entre nós e nunca vai mais haver o que já existiu um dia. — Victor levantou-se da cama e parou ao meu lado. — Siga em frente, Higor. Nós transamos e foi só isso. — Disse descruzando meus braços e virando-me para o lindo homem de olhos verdes acinzentados ao meu lado.

Victor pegou minha mão entrelaçando nossos dedos e a levou até seus lábios, deixando um beijo leve no dorso. Saímos da emergência sem olhar para trás e entramos no elevador para voltar ao quarto andar. Quando as portas se abriram para sairmos, demos de cara com meu pai esperando pelo mesmo. Ele olhou para Victor que estava ao meu lado, perto demais, e depois para mim com uma expressão confusa. Apertei a mão do Victor que estava agarrada a minha e engoli seco já

PERIGOSAS ACHERON

prevendo mais uma cena dramática para essa noite. Meu pai desceu seu olhar para nossas mãos unidas e seu semblante ficou sério, fechando em seguida em uma carranca.

— Pai...

— Que porra é essa, Maya? — Interrompeu-me em um grito. — Você desaparece e te encontro com esse homem. Quem é esse? — Perguntou nervoso, ficando com o rosto vermelho e apontando para o Victor.

— Sou Victor White. — Victor se apresentou saindo do elevador e estendendo sua mão para ele, que foi correspondido com um soco em seu nariz, fazendo-o cambalear para trás batendo contra as portas fechada do elevador.

— Pai! Meus Deus! — Abaixei-me ao lado do Victor que estava sentado no chão com sua mão em seu nariz, que sangrava. — Por que fez isso? — Perguntei olhando para o meu pai.

— Por que você estava de mãos dadas com esse homem, Maya? — Perguntou em um berro.

Uma enfermeira se aproximou com gases e começou a estancar o sangue nasal do Victor.

— Porque ele é meu namorado! — Disse em alto e bom som. Meu pai encarou-me incrédulo e tentou se aproximar armando mais um soco na sua mão direita, mas eu levantei-me em um pulo e entrei na frente do Victor. — Não! Para! — Gritei.

— Juro por Deus que sou capaz de te dar uma surra, Maya! — Gritou meu pai em meio a aglomeração de pessoas que se formava a nossa volta.

— Essa função já é minha. — Murmurou Victor ao se levantar.

Meu pai o encarou com ódio e partiu para cima dele outra vez, mas foi impedido quando um homem o segurou, puxando-o para trás.

— Victor! — Chamei sua atenção, o advertindo.

— Mas o que é isso? — Perguntou tia Jenna, ao se aproximar. — Teddy! — O repreendeu ao notar que ele fazia parte da confusão. — Ah, meu

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus! — Disse apavorada arregalando os olhos e cobrindo a boca com as mãos quando viu Victor com a camisa cheia de sangue e a enfermeira tentando ajuda-lo. — Maya... O que aconteceu?

— A Maya, está namorando com esse velho!
— Berrou meu pai, tentando livrar-se dos braços do homem que o segurava firme.

— Maya... me explique, por favor. — Pediu tia Jenna.

— Meu pai resolveu socar o Victor, quando nos viu de mãos dadas. — Disse furiosa encarando meu pai.

— Isso não era preciso, Teddy! — Repreendeu tia Jenna.

— Não é possível! — Disse o diretor do hospital aproximando-se do tumulto. — Outra briga? — Perguntou ele ao Victor, que o ignorou virando o rosto para o outro lado. — O que está havendo nesse hospital, hoje? Uma guerra?

— Peça desculpas, pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse homem aqui, esta abusando da minha filha. — Gritou meu pai para as pessoas a nossa volta, apontado para o Victor.

— O que? Pare agora mesmo com isso, pai! — Disse alto. — Vamos embora. — Disse ao Victor, entrando no elevador que havia acabado de chegar no andar.

— Você não vai a lugar algum com a minha filha, seu tarado! — Gritou meu pai, antes das portas do elevador se fecharem.

— Mas o que está havendo essa noite? — Perguntei fechando meus olhos e pressionando minhas têmporas com meus dedos.

— Estou sendo seu herói. Apanhei duas vezes por você. — Disse Victor sério, mas com um tom de humor em sua voz.

Sem querer deixei escapar uma risada e virei-me para ele, acariciando seu rosto.

— Desculpe por isso. — Disse selando de leve seu lábio cortado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu pai é um homem muito gentil. Adorei conhecê-lo. — Disse com ironia.

— Eu sabia que ele surtaria, mas não a esse ponto. Eu vou cuidar de você, amor. — Disse selando outra vez seu lábio.

As portas se abriram e nós saímos caminhando pelo corredor, indo em direção ao estacionamento.

— Estava mesmo dentro de um hospital ou em uma jaula com tigres? — Perguntou Noberto quando nos aproximamos do carro.

— Agora, Noberto. — Disse Victor irritado.

— Nunca vi alguém sair mais machucado de um hospital, do que quando entrou. — Continuou Noberto a provoca-lo. Victor o encarou sério antes de entrar no carro. — Para onde vamos? Outro hospital? — Perguntou ao assumir o volante.

Olhei para Victor e ele estava péssimo. Ir para outro hospital não seria uma má ideia, mas prefiro cuidar dele sozinha.

— Não. Vamos para casa, eu cuido dele. —

PERIGOSAS ACHERON

Disse pegando sua mão.

Noberto pôs o carro em movimento e saímos pelas ruas noturna da cidade em direção a casa. Logo chegamos e durante todo caminho, ficamos em silêncio e abraçados. Quando entramos, subimos direto para o quarto e enquanto Victor se despia, enchi a banheira com água quente e coloquei sais de limão. Quando voltei para o quarto, encontrei Victor completamente nu e de pau duro.

— Uau! — Sussurrei salivando.

— Se quiser, é só pedir, querida. — Disse de forma provocativa, aproximando-se de mim a passos lentos.

— O que eu quero, é que você vá tomar banho.
— Disse pegando seu rosto entre minhas mãos.

— Você vem comigo? — Convidou-me puxando meu corpo para mais perto do seu e beijando meu pescoço. — Vamos para o chuveiro.
— Sussurrou em meu ouvido.

— Não. Já enchi a banheira para você.

Victor sorriu e selou meus lábios com um beijo rápido e entrou para o banheiro. Saí do quarto enquanto ele tomava seu banho e descí até o andar de baixo, a procura da cozinha. Ao chegar lá, encontrei uma moça de mais ou menos uns vinte anos, usando apenas uma camisola fina de algodão, mostrando parte de sua bunda. Parei atrás dela e fiquei observando aquela cena de braços cruzados. Forcei um pigarreado para chamar sua atenção e ela virou-se em um pulo assustada. Quando notou que era eu quem estava atrás dela, puxou a barra de sua camisola para baixo, na tentativa de cobrir-se mais.

— Desculpe, senhorita. Precisa de algo? — Perguntou desconcertada, com as bochechas rosadas.

— Na verdade eu preciso, sim. Preciso que vista uma roupa e que use peças íntimas, somente quando estiver no seu quarto. — Disse enfurecida.

— Achei que todos já estivessem deitados. Desculpe. Não vai se repetir.

— Okay. — Disse lhe dando as costas e saindo

da cozinha.

— Maya. — Chamou Noberto ao me encontrar no hall. — Precisa de algo? Já passam das dez, os empregados já foram dispensados.

— É, eu sei. Acabei de encontrar uma garota nua na cozinha. — Noberto olhou-me com os olhos arregalados. — Peça uma pizza para o jantar. Você sabe de qual sabor o Victor gosta? — Noberto riu e negou com a cabeça.

— Acho que aquele homem ali em cima, só conhece pratos de trezentos dólares, desde que nasceu.

— Bom... então hoje ele vai conhecer um prato que vem em oito fatias dentro de uma caixa de papelão e que custa quinze dólares. — Disse o fazendo rir.

— Tudo bem. Irei providenciar.

— Obrigada. — Agradei antes de subir a escada de volta para o quarto.

— Onde foi? — Perguntou Victor, quando

PERIGOSAS NACIONAIS

entrei no quarto.

— Na cozinha e você nem vai acreditar no que encontrei lá.

— Comida? — Perguntou com sarcasmo.

— É. Pode ser, se você chama uma garota nua de comida. — Disse estreitando meus olhos para ele, colocando minhas mãos na cintura.

— Só se for você, querida. — Disse tirando a toalha que estava amarrada em sua cintura. — O que quer comer?

— Já pedi Noberto para providenciar isso.

— Pediu em qual restaurante? — Perguntou vestindo uma calça de pijama de seda. Eu ri da sua pergunta, atraindo seu olhar.

— Em um Italiano. — Respondi entrando para o banheiro e fechando a porta.

Tomei um bom banho, lavando meus cabelos e vesti um short curto de academia com uma camiseta preta do Spurs. Noberto bateu na porta do quarto, avisando que nosso jantar já estava servido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Victor e eu descemos e quando chegamos à sala de jantar, ele encarou a caixa de pizza sobre a mesa com a sobancelha arqueada.

— Vamos lá. Você vai sobreviver a isso. — Disse pegando sua mão e o puxando para a mesa.

Nos sentamos a mesa e eu abri a caixa sentindo o cheiro maravilhoso da pizza de Marguerita. Victor encarou as fatias a sua frente e recostou-se na cadeira.

— Acho que última vez que comi uma pizza, eu estava na faculdade em Columbia.

— Agora vai comer comigo. — Disse servindo as fatias em nos nossos pratos.

Victor comeu sem pudor, saboreando cada mordida. Satisfeitos, nós nos sentamos no sofá de bamboo na varanda dos fundos, sentindo a brisa fresca do lago. Recostei-me em seu peito, recebendo seu carinho em meus cabelos. Envolvi sua cintura com meus braços e senti-me segura como nunca antes na vida. Adormeci recebendo suas carícias em meus cabelos e sentindo seu cheiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maravilhoso. Acordei na manhã seguinte, passando minha mão espalmada pelo lençol a procura do dele, mas estava sozinha na cama. Levantei-me e de maneira lenta e preguiçosa, e arrumei-me para tomar café da manhã. Desci com meu celular na mão lendo as milhões de mensagens do meu pai, da minha mãe e da tia Jenna, todos preocupados comigo.

— Bom dia, Maya. — Disse Noberto quando entrei na sala de jantar.

— Bom dia. Onde ele está? — Perguntei sentando-me a mesa farta.

— Saiu para correr as cinco da manhã.

— Mas já são oito horas. Ele foi para Texas correndo? — Minha pergunta, arrancou uma risada curta dele.

— Com licença. — Pediu a empregada, com quem encontrei-me na noite passada, colocando uma cesta de pães sobre a mesa.

— Bom dia. — Disse Victor ao entrar na sala de jantar.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei por cima do ombro para ele e lhe dei um sorriso que foi correspondido. Victor estava com a camiseta jogada sobre o ombro direito, óculos escuro apoiado na cabeça e com seu físico impecável para um homem de sessenta anos, amostra. Olhei para a emprega que ainda estava parada no mesmo lugar e ela o encarava com o rosto completamente corado. Senti uma raiva me sucumbir, quando ela o acompanhou com olhar até ele se sentar a ponta da mesa. Seus lábios formaram um pequeno sorriso, que me deixou muito irritada.

— Quer algo especial para o café da manhã, Sr. White? — Simplesmente odiei vê-la pronunciado seu nome.

— Não, obrigado. — Respondeu Victor, servindo-se de uma xícara de café. Ela ainda continuou ali parada, o observando.

Olhei para Noberto, mostrando a ele toda minha insatisfação com o que estava acontecendo.

— Já pode se retirar, Petra. — Disse Noberto, chamando sua atenção para ele. — Se precisarem de algo, aviso na cozinha. — Ela assentiu com sua

cabeça e saiu voltando para cozinha.

Estava com raiva e com vontade de lhe acertar umas boas bofetadas no rosto, mas estava tentando me controlar. Victor encarou e eu o ignorei, enquanto colocava leite no meu café. O escutei respirar fundo e lentamente, sei o quanto ele odeia que eu o ignore.

— A dispense e lhe dê uma carta de referência.
— Disse Victor a Noberto, que saiu em direção a cozinha, sem dizer nem uma palavra. Levantei minha cabeça e olhei para ele, sem acreditar se estava mesmo fazendo aquilo. — Não quero mais problemas entre a gente. — Disse sorrindo para mim.

— Que bom. Porque não tenho muita paciência com gente folgada.

— Vai com calma, meu amor. — Pediu inclinando-se até mim e beijando meu rosto. — Já falou com seu pai?

— Ainda não. Ele quer sair para almoçar comigo hoje.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, eu tenho que ir para Houston.

— Vai ficar a semana toda lá?

— Não. Eu volto na terça à tarde.

— Okay.

— Quer conversar sobre o que fez ontem o dia todo? — Perguntou ele, apoiando seus cotovelos sobre a mesa e dando-me sua atenção.

— Eu... fui até o hospital e.... tentei falar com a minha mãe, mas não tive sucesso.

— E depois?

— Fui até a casa da amiga dela, a Clarice. Nós conversamos e ela me contou tudo o que houve em Nova Iorque.

— Isso é bom. Não me sinto no direito de te dizer nada, mas gosto que saiba da verdade.

— É. Também gosto de saber a verdade. — Victor segurou minha mão sobre a mesa e a levou até seus lábios.

— Saiba que sempre farei o que eu puder para

PERIGOSAS ACHERON

lhe proteger.

— Eu sei. — Disse sorrindo.

— Vem cá. — Chamou-me afastando sua cadeira da mesa. Levantei e sentei-me em seu colo, passando meus braços por seu pescoço e unindo nossos lábios. Até suado, seu cheiro é bom. — Vamos para Houston comigo, depois da cirurgia da sua mãe? Preciso estar lá e não a quero longe de mim. — Pediu baixo, olhando-me nos olhos.

— Eu vou. — Respondi sorrindo e beijando seus lábios outra vez.

— Eu amo você, Maya. — Sussurrou em meus lábios, com nossas testas coladas e nossos olhos fechados.

Senti vontade de lhe dizer o mesmo, mas ainda não é o momento certo. Terminamos nosso café da manhã e voltamos para o quarto. Esperei por Victor que se arrumava para o trabalho dentro closet, deitada de bruços na cama com os joelhos flexionados e balançando meus pés para trás. Quando ele saiu do closet, sorri ao vê-lo vestido

PERIGOSAS NACIONAIS

com um terno azul escuro de três peças, camisa branca e gravata cinza de cetim, com finos riscos perolados.

— Uau! Você está lindo. — O elogiei sentando-me na cama. Ele caminhou até mim e estendeu sua mão para que eu ficasse de pé.

— Gostou? — Perguntou abraçando-me pela cintura e me puxando para mais junto do seu corpo.

— Como não gostar? — Perguntei alisando sua gravata impecável com as pontas dos dedos.

— Quando eu voltar, vou amarra-la com essa gravata. — Disse baixo com pura provação na voz.

— Acho que ainda não vou poder. — Disse um pouco constrangida, em ter que o negar isto.

— Para mim não é problema. Resolveremos isso debaixo do chuveiro. — Sorri satisfeita em saber que ele não tem nojo da minha menstruação.

— Vou esperar ansiosamente pela sua volta. — Disse apoiando-me nas pontas dos pés e aproximando nossos lábios. — Vou sentir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saudades. — Sussurrei antes de beija-lo.

— De mim ou do meu pau? — Perguntou com um sorriso safado, quando separamos nosso beijo.

— De você, é claro! — Disse com convicção. — Sem você comigo, eu não tenho o seu pau, querido.

Ele gargalhou jogando sua cabeça para trás e depois beijou-me novamente, acertando dois tapas estalados em minha bunda, que fizeram minha pele queimar. Victor deixou-me em casa e acompanhou-me até a porta. Nos abraçamos e demos nossos beijos de despedida. Ele entrou novamente em seu carro e eu fiquei parada na varanda, o vendo afastar-se do meio fio e sumir ao virar a esquina. Destranquei a porta e entrei, sendo bem recepcionada por Bow, que pulou em mim latindo de felicidade. Arrumei comida em sua tigela e peguei as correspondências sobre a mesa, conferindo se não havia nada endereçado para mim. Meu celular vibrou no bolso de trás da minha calça, era uma mensagem do Victor.

PERIGOSAS ACHERON

Transferi o dinheiro direto para a conta do hospital. Noberto ficará na cidade, a sua disposição. Qualquer coisa que precisar, é só pedir a ele. Beijos, querida.

-Victor.

10:12 a.m.

Sorri ao ler a mensagem, seus cuidados me deixam ainda mais apaixonada. Uma batida na porta tirou-me da minha bolha vermelha do amor. Enquanto caminhava até a porta, rezei para que não fosse o Higor.

— Bom dia, Maya. — Disse Carla, com um sorriso falso no rosto.

— Já está com saudades dos meus tapas? — Perguntei com um sorriso, igualmente falso.

— Então é verdade? Sobre você e o milionário da Forbes?

— Por que quer saber? Até onde sei, minha vida não te interessa! — Disse rude, batendo a porta em sua cara.

Caminhei até a cozinha e então bateram na porta outra vez. Bufando de irritação e já me

preparando para colocar a Carla para correr, voltei até a porta e a abri, encontrando com Grace parada do outro lado.

— Grace. Oi. — Disse surpresa em vê lá.

CAPÍTULO 31

— Posso entrar? — Pediu com o semblante triste.

— Claro. — Abri mais a porta e dei passagem a ela. — O que houve? Você não parece bem. — Disse fechando a porta e indo com ela em direção a sala de estar.

— Eu... eu vim aqui, porque... quero que você saiba que eu e Higor... estamos apaixonados. — Ela disse nervosa, gaguejando um pouco.

— Grace...

— Não! Deixa eu falar. — Pediu alto, interrompendo-me. — Eu fui até o apartamento do Higor ontem e quando ele abriu a porta, estava todo machucado e com pontos de sutura no rosto. Eu perguntei a ele o que houve e ele me disse que o seu namorado bateu nele, porque você o procurou para tirar satisfações ao nosso respeito.

— Isso não é verdade! — Disse incrédula.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está dizendo que ele está mentindo para mim? — Perguntou com certa arrogância.

— Estou! Grace... houve uma briga, mas não foi assim que as coisas aconteceram. Você precisa me ouvir e acreditar em mim. Ele está usando você para me atingir, ele sabe que se te magoar, está me magoando também.

— Pare, Maya! — Gritou. — Você acha que todo mundo a quer, que todos os homens lhe desejam. Sempre foi assim, desde o colegial. Nós estávamos bem, até você aparecer na minha porta. Estava dando tudo certo. — Disse com lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Grace... O que houve, foi que ele surgiu do nada no estacionamento do hospital e me puxou pelo braço. Victor estava lá comigo e então uma briga se iniciou. Tenho pessoas que podem confirmar isso.

— Saia de campo, Maya. Desista. — Disse caminhando até a porta e dando-me as costas.

— O que está havendo com você? — Perguntei

PERIGOSAS ACHERON

alto. — Você não ouviu o que acabei de lhe contar? Meu Deus, Grace. Você nem mesmo se parece com a minha melhor amiga de infância.

— Não somos mais melhores amigas! — Berrou virando-se para mim. — Esse título deixou de existir, desde que você se mudou para Houston. Seguimos caminhos diferentes, Maya. Não percebe isso? Me deixe em paz. Nos deixe em paz!

— Nossa... parece até que ele enfeitiçou você. — Disse magoada pelo seu comportamento e suas palavras.

— Pare com isso, Maya. Só... viva sua vida com seu senhor riquinho... — Disse com sarcasmo. — ...e deixe eu viver a minha.

— Okay. — Disse sentindo meus olhos queimarem pelas lágrimas que segurava.

Grace saiu batendo a porta com força e eu sentei-me na poltrona, entregando-me as lágrimas de um choro silencioso. Apoiei meus pés na beirada do assento e encostei minha testa em meus joelhos, abraçando minhas pernas. A porta da sala se abriu e

PERIGOSAS NACIONAIS

eu levantei minha cabeça, encontrando meu pai parado, encarando-me com uma feição preocupada.

— O que houve, filha? — Perguntou fechando a porta. — Foi aquele desgraçado? — Perguntou alto, caminhando até mim.

— Pare, por favor, pai! — Pedi sem o mínimo de paciência para seus exageros.

— Maya, minha filha. Aquele senhor, tem idade para ser seu avô!

— Ah, meu Deus! — Exclamei irritada, levantando-me da poltrona. — Pare com exageros, pai! Será que você não pode ficar de boa e aceitar? — Perguntei alto, sentindo-me completamente irritada. — Eu o amo! Não sei se é difícil para você ouvir isso, mas é a verdade. Ele não vai sair da minha vida, só porque você não nos aceita. — Desabafei com lágrimas escorrendo abundantemente pelo meu rosto.

— Ele está se aproveitando de você, filha. — Bufe revirando os olhos. — É o que homens com o dinheiro e com a idade dele, fazem. Abusam de

PERIGOSAS ACHERON

garotas inocentes!

— Eu não sou inocente, pai! Aceite que eu cresci, que já me tornei uma mulher. Eu te amo e você sabe disso. Faço qualquer coisa por você e pela mamãe, qualquer coisa mesmo! Mas eu também o amo demais. Não vou deixa-lo.

Saí da sala e subi a escada em direção ao meu quarto. Tranquei a porta e deitei-me na cama, desejando estar nos braços do Victor. Ele é tudo o que eu quero neste instante. Estou completamente viciada nele. Chorei até dormir e acordei com leves batidas na porta. Levantei-me ajeitando meus cabelos e caminhei até ela.

— Quem é? — Perguntei com a voz rouca de sono.

— Sou eu, formiguinha. — Abri a porta e já pulei nos braços da minha avó, a abraçando apertado. — Como você está, querida?

— Mal. — Disse sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Eu trouxe um bolo, está lá embaixo. Por

PERIGOSAS NACIONAIS

que a gente não desce e fazemos um lanchinho juntas?

— O meu pai está em casa?

— Não. Mas foi ele quem me ligou e pediu para que visse até aqui ver como você está.

— Que horas são?

— Hora de você comer. Vem.

Descemos para a cozinha e ela serviu-me um pedaço de bolo e uma xícara de chá quente.

— Quem está no hospital?

— A Clarice. O que houve entre você e seu pai? Jenna me contou sobre uma briga no hospital.

— Meu pai surtou e socou o Victor quando nos viu de mãos dadas.

— Meu Deus. Quem é este homem?

— Eu o conheci a pouco mais de um mês em Houston. Mas ele... chegou na minha vida e mudou minhas paredes de lugar, me mostrando novas possibilidades de viver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Reconheço pelo brilho nos seus olhos, que o ama. — Sorri como uma criança boba e assenti com minha cabeça.

— Sim. Estou o amando, cada segundo mais.

— Bom... Teddy que aprenda a aceitar. Diferenças existem. Seja elas de idade ou de qualquer outra. O que temos que fazer é respeitar. — Disse ela sorrindo com ânimo para mim.

— É. — Concordei feliz em saber que ao menos ela nos apoia.

— Amanhã sua mãe estará em casa e é feriado do fundador. Então... o que vamos fazer?

— Temos duas opções. A primeira é ficarmos exilados aqui dentro e fazer um jantar, ou... participar da festa da rua.

— Não acho que a festa seja uma boa ideia para sua mãe.

— Mas se não participarmos, vamos parecer ante sociais. Sabe que a mamãe não é assim.

— Você tem razão. Talvez faça bem a ela ver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os vizinhos e amigos na festa de amanhã. É só deixarmos ela sentada e impedi-la de tentar qualquer esforço.

— Resolvido, então. — Disse antes de tomar um gole do chá que segurava nas mãos.

— Ele vem? — Perguntou ela referindo-se ao Victor.

— Claro que sim. — Disse já cheia de saudades dele.

— Ótimo. Vá se trocar. Vamos ao hospital. — Disse levantando-se da cadeira.

— Estou indo. — Disse antes de virar o último gole do chá.

Levantei-me e sai em direção ao meu quarto, levando comigo meu celular.

Preciso do seu colo.

-Maya.

04:37 p.m.

Mandeí ao Victor, enquanto subia a escada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Está carente, querida?

- Victor.

04:38 p.m.

Sim, estou.

-Maya.

04:38 p.m.

Então do que você precisa, é de uma boa surra e ser fodida com força!

-Victor.

04:39 p.m.

Já estou esperando por você.

-Maya

04:40 p.m.

Vou levar um presentinho gostoso para você, amor.

-Victor

04:40 p.m.

PERIGOSAS ACHERON

Mordi meu lábio inferior, sentindo uma pequena excitação percorrer meu corpo. Fomos para o hospital e resolvi passar a noite por lá, para evitar meu pai em casa. A noite passou se rastejando. Troquei mensagens com a Penny contando a ela todos os acontecimentos dos últimos dias e ela ficou tão chocada com o que aconteceu no comportamento da Grace, quanto eu. Vi a cidade amanhecer, sentada em uma poltrona de ante da janela do quarto do hospital, observando a vista. Depois que minha tia Jenna chegou, eu fui para casa e passei o dia fugindo meu pai, estou farta de drama e brigas. Quando ele quiser realmente conversar, nós iremos. Na manhã seguinte, acordei feliz e fui para o hospital buscar minha mãe para casa.

— Bom dia. — Disse o Dr. Collins ao entrar no quarto.

— Bom dia. — Respondi a ele, levantando-me do sofá.

— Aqui está a alta temporária. — Disse estendendo-me um papel. — Lembre-se do repouso

e de que ela tem que estar de volta amanhã às oito da manhã.

— Claro. — Concordei pegando o papel da sua mão.

Quando deu oito horas da manhã, meu pai entrou no quarto feliz e assobiando uma música dos Beatles. Sua alegria sem dúvidas, é por estar levando minha mãe para casa depois de meses. Minha avó chegou minutos depois dele e ajudou-me a recolher as coisas dela, enquanto meu pai a ajudava se trocar. Ele a pôs sentada em uma cadeira de rodas e a levou até o carro. No caminho para casa, minha mãe não parou de rir e conversar. Às vezes, sentia o olhar do meu pai em mim pelo retrovisor. Quando ele estacionou o carro na garagem de casa, tia Jenna saiu para fora, correndo ao nosso encontro. Ajudamos minha mãe a entrar e sentar-se no sofá da sala.

— Maya, querida. — Chamou minha mãe. — Pode pegar um copo d'água para mim, por favor.

— Claro. — Concordei cobrindo suas pernas com uma fina manta. Caminhei até a cozinha e ao

PERIGOSAS ACHERON

chegar lá, encontrei um lindo arranjo de rosas brancas sobre a mesa. — Uau! Que lindas, de quem são? — Perguntei a tia Jenna que fazia chá no fogão.

— São para sua mãe, acabaram de chegar. Um homem de terno as deixou aqui.

— Um homem de terno? Quem? — Perguntei curiosa.

— Ele disse que tem um cartão. — Aproximei-me da mesa e peguei o cartão rosa, que estava entranhado em meio as rosas.

**Estimo sua melhora.
Bem-vinda de volta ao lar.**

- V. White

Sorri ao ler o cartão. Fiquei muito feliz pelo gesto do Victor. Resolvi mandar uma mensagem para agradece-lo.

Obrigada pelas flores. Foi um lindo gesto.

-Maya.

09:42 a.m.

Não tem de que, querida.

-Victor.

09:43 a.m.

Vai ter uma festa na minha rua está noite. Vejo você?

-Maya.

09:43 a.m.

Combinado!

-Victor.

09:44 a.m.

Guardei meu celular no bolso de trás do short jeans e fui ajudar tia Jenna a servir o chá, e logo depois, minha avó a preparar o almoço. Na parte da tarde, meu pai sentou-se com minha mãe na varanda, enquanto eu, Clarice e tia Jenna, ajudávamos os vizinhos a ornamentar a rua.

Quando o relógio marcou cinco horas, senti uma ansiedade tomar meu peito. Já estava com saudades do Victor e com medo de não saber como as coisas correriam está noite. Minha mãe observou todo nosso trabalho, a tarde toda da varada, enquanto minha avó cozinhava os pratos que levaríamos a festa. Carla, só nos me observava de longe com seu jeito debochado. A peguei por algumas vezes, encarando meus pais sentados no sofá à frente de casa. Sua feição não demonstrava nem um pouco empatia ou alegria por ver minha mãe. Da rua inteira, ela foi a única vizinha que não veio dar as boas-vindas a ela.

Quando a noite chegou, tudo estava pronto. A rua estava simplesmente linda, a decoração na cor da nossa consagrada bandeira da cidade de Tulsa, ganhou vida e brilho com toda a iluminação especial que montamos. As pessoas estavam prontas para festejar mais um aniversário do fundador, elas usavam chapeuzinhos e tiaras cheias de brilhos e plumas na cabeça, além de roupas da época. As crianças corriam e brincavam passando em meio aos adultos, que gritavam pedindo para

que elas parassem de correr. Um pedido em vão, é claro. Minha mãe sentou-se em uma mesa rodeada por amigos da vizinhança, que conversavam com ela alegremente. Estava servindo hot dog nas mesas, quando olhei as horas no meu relógio de pulso e vi que já passavam das sete da noite e ainda nenhum sinal do Victor.

— Oi, Maya. — Cumprimentou uma voz feminina atrás de mim.

— Oi, Spencer. — Disse ao virar-me e vê-la. — Quando foi que chegou? Não a vi mais cedo.

— Acabei de chegar. O voo deu uma atrasada. — Explicou se aproximando e ajudando-me a servir. — Sabe como é Los Angeles. — Disse rindo.

— Saber, eu não sei, mas imagino. — A respondi rindo. — Como está a faculdade?

— Muito bem. E Houston?

— Está indo bem. Estou cada vez mais apaixonada pela medicina.

— Isso é bom. Fico feliz por você. — Disse
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrindo simpaticamente. — Viu a minha mãe, por aí? — Perguntou olhando para os lados. — Ainda não a achei em lugar nenhum.

— Não. A última vez que vi a Carla, foi mais cedo. Ela não estava com uma cara muito boa. — Spencer bufou e revirou os olhos.

— Desde que meu pai exigiu o divórcio, porque vai se casar outra vez, ela simplesmente pirou.

— Eu lamento.

— Não lamente. Meu pai tem sorte de não ter que voltar para casa, uma vez no ano. — Disse de um jeito humorado, que me fez rir.

Saímos andando pela festa, que começava a ficar mais cheia a cada minuto, colocando um pouco da conversa em dia. Paramos para falar com minha avó que dava bronca em dois garotos que brigavam por uma bandeirinha, quando braços firmes me puxaram pela cintura, fazendo-me assustar e virar rápido para trás em um pulo. Senti um enorme alívio, ao ver um par de olhos verdes.

PERIGOSAS ACHERON

— Assustada? — Perguntou Victor sorrindo.

— É, você me assustou. — Disse recuperando o folego, com a mão direita espalmada no peito.

— É apenas eu, amor. — Disse rindo e aproximando nossos lábios.

Beijei seus lábios passando meus braços por seu pescoço e ficando na ponta dos pés. Victor abraçou-me firme pela cintura, puxando meu corpo para junto do seu. Nosso beijo era contínuo e eu senti uma corrente elétrica percorrer meu corpo da cabeça aos pés, deixando-me toda arrepiada. Eu queria mais e mais do nosso contato físico. Minha avó forçou um pigarreado atrás de mim, claramente chamando nossa atenção. Victor desgrudou seus lábios dos meus, mesmo com a minha relutância. Eu o abracei apertado, respirando fundo para sentir seu cheiro maravilhoso e depois beijei seu pescoço.

— Vovó... — A chamei virando-me para ela.
— Este é o Victor. Victor, está é minha avó materna, Abbi.

— Prazer em conhece-la. — Disse Victor

estendendo sua mão.

— O prazer meu. Seja bem-vindo. — Disse ela sorridente, ao apertar a sua.

— Está é uma amiga aqui da rua, Spencer. — Disse apontando para Spencer que nos olhava tentando disfarçar sua feição de surpresa. — Este é meu namorado, Victor.

Os dois apertaram suas mãos e ela logo afastou-se ao avistar sua mãe. Minha avó convidou Victor para irmos até a mesa onde meus pais estavam e ele olhou para mim, como quem perguntava se isso seria uma boa ideia. Sorri para ele e peguei sua mão entrelaçando nossos dedos. Caminhamos desviando das pessoas e das crianças que nos atropelavam, até chegar à mesa.

— Querida, quer mais alguma coisa? — Perguntou minha avó, a minha mãe.

— Não, mãe. Obrigada. — Agradeceu voltando sua atenção para nós. Ela ficou séria no momento em que viu o Victor, mas logo relaxou e abriu um sorriso simpático. — Olá. Seja bem-

PERIGOSAS NACIONAIS

vindo. — Disse ao cumprimentá-lo.

— Obrigado. — Agradeceu gentilmente, retribuindo o sorriso.

Todos a mesa, olharam para nós com uma feição de espanto. Alguns tentavam disfarçar, mas outros... nem tanto.

— Este é Victor, meu namorado. — Disse tentando controlar minha raiva, pelo preconceito estampado em suas caras.

— Muito prazer, Victor. Eu sou Asheley. Este é meu marido Carl e nossa vizinha Andrea.

— Prazer em conhecer a todos. — Disse Victor educadamente.

— Hora, hora... se não é o.... namorado, da Maya. — Disse meu pai com deboche, ao se aproximar parando a nossa frente.

— Pai, não começa, por favor. — Pedi tentando ser educada.

— Sr. Valentine. — Cumprimentou Victor, estendo sua mão para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me chame de senhor. Fica estranho, já que é mais velho do que eu. — Disse rindo com sarcasmo.

— Se não parar agora, nós vamos embora! — Disse sentindo a raiva tomar conta de mim.

Victor abaixou sua mão e a passou por de trás das minhas costas, agarrando-me pela cintura. Meu pai acompanhou seus movimentos lentos com os olhos e eu pude ver seu maxilar se contrair e seu punho serrar.

— Querido... por favor. Seja gentil com o namorado da Maya. — Pediu minha mãe, o encarando séria. Ele bufou com raiva e virou-se nos dando as costas. — Victor... — Chamou minha mãe calmamente. — Nos perdoe por isso. A mente do meu marido, é menor que uma noz. — Disse sorrindo.

— Tudo bem, não se preocupe. — Pediu ele lhe retribuindo o sorriso.

— Sentem-se. — Pediu ela, apontando para as cadeiras com a mão.

PERIGOSAS ACHERON

Nos sentamos e logo Victor entrosou em uma boa conversa descontraída sobre esportes. Conheci um lado social dele, que ainda não tinha visto. Isso só me deixou ainda mais apaixonada por ele. Victor aproximou seus lábios do meu ouvido, deixando um beijo delicado atrás da minha orelha.

— Acho que preciso ir ao banheiro. — Sussurrou com sacanagem explícita na voz. Olhei para ele e sorri.

— Com licença. Vou levar o Victor até o banheiro. — Disse levantando-me.

— Pode usar o da minha casa. — Disse Asheley.

Mesmo sabendo que Victor queria outra coisa, aceitei assim mesmo. Sua casa estava mais próxima do que a minha e não correríamos o risco de encontrar meu pai por lá. Peguei em sua mão e atravessamos a rua, entrando para dentro da casa da Asheley. Assim que fechei a porta da entrada, Victor agarrou-me e me prensando contra a parede, beijando meus lábios de maneira desesperada. O arrastei para o lavabo e entramos trancando a porta. Ele levantou-me do chão e me pôs sentada sobre a

bancada de mármore da pia. Victor levantou meu vestido para cima e me puxou para beirada pressionando sua ereção em minha intimidade, por cima da minha calcinha. Abri os primeiros botões da sua camisa preta e gemi contido em nosso beijo, eu estava desejando muito aquilo, mas não podíamos fazer isso no banheiro alheio.

— Victor... aqui não. — Disse com a voz embriagada de tesão, enquanto ela beijava meu pescoço e meu decote.

— Não me negue! — Disse em um tom severo de voz, acertando um tapa estalado em minha coxa nua, fazendo minha pele queimar.

— Depois dos fogos. — Disse afastando-me para trás e pegando seu rosto entre minhas mãos. — Depois dos fogos vamos para sua casa e faremos o que quiser.

— Está ciente do que está me prometendo, Maya? — Perguntou olhando-me sério.

— Estou sim. — Disse sorrindo para ele.

Aproximei nossos lábios e lhe dei um beijo

rápido. Saímos da casa e quando olhei as horas, vi que já marcava onze horas da noite. Todos se reuniram no meio da rua para assistir ao lindo espetáculo de fogos no céu, que vinham da Igreja a alguns quilometro dali. Minha avó e meu pai, apararam minha mãe, cada um de um lado, segurando seus braços para que ela ficasse de pé no meio de todos nós para ver o show no céu. Victor e eu, ficamos parados na calçada, de frente à casa da Asheley. Decidimos tomar um pouco de distância do meu pai, afim de evitar confusão. Ele abraçou-me por trás e eu apoiei minha cabeça em seu peito. Juntos, assistimos a explosão de cores que reluziam no céu negro, enquanto ouvimos os estouros distantes, misturados ao som do hino da nossa cidade, que vinha de uma caixa de som próxima.

— Senti a sua falta. — Disse baixo em meu ouvido.

— Também senti a sua. — Disse erguendo minha cabeça para olha-lo. Sorrimos um para o outro e depois voltei meus olhos para o show no céu.

— Acho que devíamos morar juntos. —

Sussurrou em meu ouvido.

— O que? — Perguntei espantada, sem saber se estava mesmo ouvindo aquilo e virando-me para ele.

Victor tinha uma feição séria e um olhar perdido no rosto. Ele caiu para cima de mim e eu tentei segura-lo, mas não consegui. Ele caiu de joelhos no chão e depois deitado na calçada.

CAPÍTULO 32

Confusa, sem saber o que estava havendo, abaixei-me ao seu lado, chamando por ele que não respondia.

— Victor. Fala comigo. Fala comigo, por favor! — Pedi desesperada, esfregando minha mão em seu peito, sentindo meus olhos ficarem marejados, deixando minha visão turva. — Amor... me responde! — Gritei desesperada, ao vê-lo fechar seus olhos.

Passei minha mão em seu rosto, dando leves tapas para acordá-lo e só então, vi que minha mão estava deixando marcas de sangue em seu rosto. Comecei a gritar por ajuda, ao mesmo tempo que procurava de onde vinha o sangue em seu corpo. Abri sua camisa com força, estourando seus botões, e vi que todo o sangue em minhas mãos, vem de um furo de bala um pouco abaixo do seu ombro.

— Chamem uma ambulância! — Berrei aos prantos do choro, tentando estancar o sangue,

fazendo pressão com minhas mãos.

Um vizinho que saia de sua casa ao lado, nos viu sobre a calçada e correu de encontro a nós gritando por ajuda. Nesse momento as pessoas começaram a se dar conta do que estava acontecendo. A música foi interrompida e uma aglomeração começou a se formar a nossa volta. Uma mulher desconhecida ligou para emergência pedindo socorro.

— Preciso de um pano limpo para estancar o sangramento dele. Rápido! — Pedi ainda tentando parar a hemorragia com minhas mãos.

Tia Jenna entrou dentro da casa da Asheley e voltou correndo com ela, segurando em suas mãos uma toalha limpa. Eu peguei e a pressionei em seu peito.

— O que está havendo? — Perguntou meu pai ao se aproximar, quebrando a barreira de gente.

— Ele foi baleado. — O respondi.

O som da sirene me causou um pequeno alívio. Os paramédicos aproximaram e perguntaram o que

aconteceu. Expliquei a eles e então pediram-me para afastar, lhes dando espaço para fazerem o seu trabalho. Meu pai pegou-me em seus braços e me puxou para longe do Victor, levando-me para dentro da casa da Asheley.

— Não, pai. Por favor! — Supliquei em meio ao choro. — Eu quero ficar perto dele.

— Querida, me ouça. Você sabe como uma futura médica, que é preciso dar espaço a eles para salvarem a vida do Victor.

— Estão removendo ele para o Hospital, precisa que alguém o acompanhe. — Disse tia Jenna ao entrar na sala.

— Eu vou. — Livrei-me dos braços do meu pai, que me seguravam forte e corri em direção a ambulância.

— O que a senhorita é da vítima? — Perguntou um paramédico.

— Sou namorada dele. — O paramédico encarou-me com a sobrancelha arqueada. — Algum problema com isso? — Perguntei em um grito

PERIGOSAS NACIONAIS

arrogante.

— Não. Pode entrar. — Disse liberando minha passagem para dentro da ambulância.

— Maya! — Fui chamada por um grito. Olhei para trás e vi Noberto correr em minha direção. — O que houve? — Perguntou preocupado.

— Victor foi baleado. Vá para o hospital. — Disse apressada, antes de entrar na ambulância e sentar-me ao seu lado, pegando sua mão fria. — Quais são os sinais vitais dele? — Perguntei a paramédica que fazia os primeiros procedimentos de socorro.

— Ele tem sinais vitais, mas está caindo devido à perda de sangue. A bala não atingiu o coração, se não ele já estaria morto. Vamos torcer e rezar para que não tenha pego a aorta. — Disse fazendo um curativo para estancar o sangue.

Eu chorei com desespero e medo de perde-lo. Curvei-me em seu ouvido, acariciando seus cabelos e tentei controlar meu choro, o engolindo seco pela garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me deixe, amor. Por favor, eu te imploro. Aguenta firme e seja forte. Eu te amo! — Sussurrei em seu ouvido, apertando firme sua mão.

Quando a ambulância chegou ao hospital, uma equipe de médicos nos aguardava na entrada de emergência nos fundos. Tiraram Victor de lá de dentro e o levaram direto para uma sala privada, impedindo minha entrada. Noberto chegou seguido do meu pai e minha avó.

— Filha. — Meu pai chamou correndo em minha direção.

— Levaram ele para aquela sala, mas não me deixaram entrar. — Disse em meio aos soluços do choro. Meu pai abraçou-me forte e afagou meus cabelos.

— Maya. Sei que é um momento complicado, mas precisa me dizer o que viu. — Disse Noberto ao meu lado.

— Eu não vi nada. — Disse soltando o abraço do meu pai. — Nós estávamos na calçada, em um segundo ele estava falando comigo e no outro,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava caído no chão. Eu demorei um tempo para entender o que estava acontecendo.

— Tem certeza? Não viu nada e nem ninguém suspeito?

— Ela já disse que não! — Respondeu meu pai de maneira rude.

— Tentaram matar Victor White. Qualquer mínimo detalhe, é importante para uma investigação. — Disse Noberto ao meu pai, com um tom severo de voz.

— Não vi nada, eu juro. Nem mesmo ouvi o barulho do tiro.

— Tudo bem. Já temos seguranças no hospital. Fique por perto do Victor e não saia daqui sem a companhia de um segurança.

— Está dizendo que minha filha está em perigo? — Perguntou meu pai em um grito.

— Sim, Sr. Valentine. Ela está! — Confirmou em um tom alto de voz.

— Não vou sair do lado dele. — Garanti ao

PERIGOSAS ACHERON

Noberto.

— Se ver qualquer coisa estranha, avise ao Ian.
— Disse apontando para um segurança que estava parado no canto da parede. Assenti com minha cabeça e Noberto deixou a emergência, saindo do hospital.

— Não acredito que aquele homem lhe pôs em perigo! — Esbravejou meu pai. — Eu sabia que ele não seria bom para você.

— Deixe que eu decida, quem é bom ou não para mim! — Gritei irada com ele. — E nesse exato momento, eu decido que você não é! — Ele olhou-me com os olhos arregalados e tentou se aproximar. — Vai embora! Não preciso de você me atormentando. — Disse ainda chorando.

— Vai, Teddy. — Disse minha avó. — Eu cuido dela. Vá cuidar da minha filha. — Pediu gentilmente, com a mão em seu ombro.

Meu pai assentiu com sua cabeça e saiu desaparecendo pela porta. Minha avó veio até mim e me abraçou pelo ombro, puxando-me para

sentarmos nas cadeiras mais a diante.

— Fique calma, Maya. Irá ficar tudo bem. — Disse sentando-se ao meu lado e segurando minhas mãos.

— Não quero perde-lo, vovó. — Disse olhando para ela. — Eu o amo.

— Disse fungando e limpando minhas lágrimas com o dorso da minha mão.

— Eu sei querida. Ninguém dá um beijo daqueles em meio uma multidão, se não ama. — Disse sorrindo.

— Quem está com Victor White? — Perguntou um médico saindo da sala.

— Sou eu. — Disse levantando-me.

— Sou Doutor Drake. — Disse apertando a mão da minha avó e depois a minha. — Victor aparentemente, não teve a aorta perfurada, mas teve outros vasos comprometidos pela bala, que o fizeram perder muito sangue. Ela não atingiu nenhum órgão e também não está alojada. Ele está estável e passa bem até o momento. Vamos leva-lo

para a sala de cirurgia, somente para nos certificarmos de que realmente está tudo certo e fechar os ferimentos. Depois que ele acordar da anestesia, será levado para fazer alguns exames.

— Então ele está fora de perigo?

— Aparentemente sim. Mas vamos fazer os exames antes de darmos absoluta certeza do quadro dele. — Respirei fundo e aliviada, assentindo com minha cabeça para ele. — Sabe se ele bateu com a cabeça?

— Não. Eu consegui evitar isso. — O respondi.

— Ótimo. Logo mandarei uma enfermeira com mais informações. — Disse antes de retirar-se, voltando para a sala.

Saíram com Victor por outra porta e eu não pude o vê-lo. Uma enfermeira nos tirou da emergência e nos levou até a sala de espera, no andar da cirurgia. Ela indicou-me um banheiro, onde eu podia tentar limpar o sangue que estava em minhas mãos, antebraço direito e um pouco em

meu vestido, em cima do seio direito. Minha avó me levou até lá e ajudou-me a me limpar. Quando saímos do banheiro, encontramos tia Jenna com uma bolsa nas mãos.

— Disseram que vocês estavam aqui. — Disse ela ao aproximar de nós. — Trouxe umas roupas. Sei que vai precisar. — Disse estendendo-me a bolsa.

— Vem. — Chamou minha avó pegando a bolsa da mão da tia Jenna. — Vou lhe ajudar a tirar esse vestido sujo sangue.

Voltamos para o banheiro e ela ajudou-me a trocar de roupa. Vesti uma calça e uma camiseta, calcei as mesmas botas de cano baixo e voltamos para a sala de espera, nos sentando e ficando no aguardo por mais notícias do Victor. Passaram-se longas horas, é uma cirurgia simples, mas tenho consciência de que tem seus riscos e isso é angustiante.

— Com licença. — Disse um enfermeiro ao se aproximar de nós. — O Sr. White está saindo da cirurgia, ocorreu tudo bem. Ele vai para uma sala

onde vai ficar em observação e receber um pouco mais de sangue. Depois dos exames, vamos libera-lo para o quarto.

— Okay. — Concordei sentindo a paz reinar em mim e a angustia diminuir. — E quando vou poder vê-lo?

— Somente quando ele for para o quarto. Virá alguém a visar.

— Obrigada.

O enfermeiro saiu e eu ainda continuei ali, sentada entre minha avó e tia Jenna. Demoraram horas, até que uma enfermeira viesse nos avisar que eu finalmente podia ir vê-lo. Despedi-me da minha avó e da tia Jenna, as garantindo que eu ficaria bem. Acompanhada pelo segurança, entrei no quarto o encontrando vazio, havia apenas outra enfermeira arrumando sua cama. Ela me informou que ele ainda estava fazendo exames, mas que logo chegará. Fiquei de pé na janela esperando ansiosa pelo Victor. A porta do quarto abriu e dois enfermeiros e o médico, entraram o trazendo desacordado em uma maca.

— Bom.... Os resultados dos exames apontaram que está tudo bem. — Disse o médico aproximando-se. — Victor já acordou da anestesia, mas dormiu de novo. Amanhã de manhã iremos repetir os exames para saber se deram alguma alteração ou não. Se for preciso, ele receberá mais sangue. Por enquanto está tudo bem e sob controle. — Disse com um sorriso calmo no rosto.

— Obrigada, Doutor.

— De nada. — Respondeu escrevendo algo no prontuário do Victor. — Com as doações generosas que temos recebido do Sr. White, para os estudos do câncer no último mês, é o mínimo que podemos fazer. — Disse voltando seu olhar para mim com um sorriso satisfeito no rosto. — Descanse um pouco, ele vai demorar acordar. Ali é um sofá cama. — Disse apontando para o sofá no canto do quarto. — Vou pedir a uma enfermeira para lhe trazer lençóis e um cobertor.

— Tudo bem. Obrigada mais uma vez. — Agradei caminhando em direção ao sofá.

O médico saiu e logo uma enfermeira entrou

PERIGOSAS ACHERON

no quarto, trazendo consigo lençóis, um travesseiro e um cobertor. Arrumei o sofá para que eu pudesse descansar, mas antes, aproximei-me da cama e toquei a mão do Victor, que agora, está bem mais quente do que a última que a peguei. Beijeí seu rosto e acariciei seus cabelos com cuidado para não o acordar. Seu rosto está um pouco pálido e seus lábios, ressecados e levemente trincados. Aproximei os meus dos seus e o beijeí com um toque suave e leve.

— Você vai ficar bem, amor. Eu sei que vai.
— Disse baixo, olhando-o dormir profundo.

Deitei-me no sofá cama e me cobri com o cobertor. Olhei as horas no celular e o dia já estava quase amanhecendo, já passavam das seis da manhã. Aconcheguei minha cabeça no travesseiro macio e entreguei-me ao cansaço que apossou rápido do meu corpo, colocando-me para dormir. Acordei com a luz do sol batendo em meu rosto, através de uma fresta da cortina aberta. Esfreguei meus olhos, tentando me situar onde estou, sentindo um pouco as coisas girarem ao meu redor. Sentei-me devagar e respirei fundo, me recordando

PERIGOSAS ACHERON

da terrível noite passada.

Olhei para a cama e Victor ainda dormia com sua respiração serena. Peguei meu celular e vi que já passavam das oito horas da manhã. Bufei decepcionada por não ter descansado o suficiente, meu corpo clamou por minha cama e por mais umas cinco horas de sono. Levantei-me e caminhei em direção ao banheiro e parei de ante a pia, observando meu reflexo no espelho. Minha imagem é a definição da expressão “Estar aos cacos”. Meus olhos estão fundos e inchados pelo choro, além de olheiras enormes e escuras debaixo deles. Ao voltar para o quarto, encontrei Victor despertando do sono. Aproximei-me dele e acariciei seus cabelos, beijando sua testa. Ele olhou para mim e curvou os lábios em sorriso.

— Bom dia, querido. — Disse sorrindo feliz por vê-lo bem.

— Bom dia, querida. — Respondeu pegando minha outra mão que estava apoiada sobre a sua barriga e a puxando até seus lábios, beijando em meus dedos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está sentindo dor? — Perguntei preocupada.

— Apenas uma tolerável.

— Okay. Vou avisar a enfermeira que você acordou e já volto. — Seleí seus lábios com um beijo leve e saí do quarto, caminhando em direção ao balcão onde havia uma enfermeira sentada atrás dele, lendo uma revista de moda. — Com licença. — Pedi chamando sua atenção para mim. — O paciente do quinhentos e treze acordou.

Ela pegou o prontuário a sua esquerda, com os números do quarto impresso na frente e o abriu fazendo uma rápida leitura.

— Certo. Vou avisar o Dr. Drake. — Disse levantando-se da cadeira.

— Obrigada. — Agradei antes de sair e caminhei pacientemente pelo corredor movimentado, de volta para o quarto. — Voltei. — Disse ao abrir a porta e entrar. — Mas o que... Victor! — O repreendi com espanto, ao vê-lo de pé no quarto. — O que faz de pé? — Perguntei

PERIGOSAS ACHERON

aproximando-me a passos apressados dele. — Devia estar deitado.

— O tiro foi no ombro, querida, e não nas minhas pernas.

— Você perdeu muito sangue. Devia estar deitado e repousando. Daqui a pouco o médico vai entrar aqui e te levar para refazer os exames. — Peguei seu rosto entre minhas mãos e aproximei nossos corpos. — Por favor, amor. Deite na cama. — Ele encarou-me nos olhos por alguns segundos e então, caminhou até a cama e sentando-se colocando as pernas para cima.

— Bom dia. — Disso o médico ao entrar no quarto. — Como passou a noite? — Perguntou ao Victor pegando seu prontuário sobre a pequena mesa nos pés da cama.

— Dormi à noite a toda. — Respondeu Victor.

— Ótimo. Sente dor?

— Não.

— Vou leva-lo para repetir os exames e se

tudo estiver bem, vou liberá-lo amanhã para casa. E você mocinha? — Perguntou virando-se para mim. — Está mais calma?

— Estou. — Respondi chegando mais perto da cama e pegando a mão do Victor.

— Sua filha esteve bastante preocupada com você. — Disse o médico sorrindo para mim e depois olhou para Victor, que fechou seu semblante enrugando a testa.

— Ela não é minha filha. — Disse Victor rude, entrelaçando nossos dedos.

O médico arregalou os olhos com uma expressão de surpresa e nos encarou sem graça. Seu olhar desceu para nossas mãos unidas e só então ele entendeu.

— Desculpem, eu...

— Tudo bem. — Disse o interrompendo. — Vou espera-lo aqui. — Disse ao Victor curvando-me até seus lábios e os selando com um beijo delicado e demorado.

PERIGOSAS NACIONAIS

O levaram e eu aproveitei para ir até a lanchonete do hospital comer alguma coisa. Voltei para o quarto minutos depois e uma enfermeira avisou-me que Victor irá demorar por pelo menos mais uma hora nos exames. Aproveitei o tempo e fui ver minha mãe, que já havia dado entrada no hospital novamente.

— Oi. — Disse ao abrir a porta e entrar.

— Oi, filha. — Cumprimentou minha mãe. — Como Victor está?

— Ele está bem. A bala não ficou alojada e nem atingiu nenhum órgão ou a aorta. O levaram para sala de cirurgia somente para controlar a hemorragia e fechar o ferimento.

— E onde ele está agora?

— Repetindo alguns exames. — Disse sentando-me na beirada da cama.

— Não está sozinha, está? — Perguntei ao notar que não havia mais ninguém no quarto.

— A sua avó está aqui. Ela só foi buscar um

PERIGOSAS ACHERON

café.

— E.... onde está o papai? — Perguntei encarando o copo de café nas minhas mãos.

— Deixou-me aqui pela manhã e depois que fiz a entrada, ele foi trabalhar.

— Ele falou alguma coisa sobre ontem?

— Não, mas é visível que está chateado.

— Não posso fazer nada, quanto a isso. Ou ele nos aceita, ou então não seremos mais próximos. — Minha mãe puxou minha mão esquerda do café e a segurou firme.

— Ele vai aceitar com o tempo. Só tenha mais paciência com ele, está bem?

— Vou tentar. — Disse sem ter muita certeza se conseguirei fazer isso, lhe dando um sorriso fraco.

— Bom dia, querida. — Disse minha avó ao entrar no quarto.

— Bom dia, vovó. — Disse levantando-me da cama e indo até ela, lhe dando um beijo no rosto.

— Como Victor está?

— Bem. Vou voltar para o quarto e esperar por ele. Qualquer coisa, mandem mensagem.

— Pode deixar, filha. — Disse minha mãe.

— Até mais tarde. — Disse antes de sair e fechar a porta atrás de mim.

Voltei para o quarto e encontrei Noberto no corredor.

— Oi. Já descobriu alguma coisa? — Perguntei a ele.

— Sim. Vamos para dentro do quarto. — Disse abrindo a porta e dando-me passagem para entrar primeiro.

— O que descobriu? — Perguntei já sentindo uma angustia comprimir meu peito.

— Acessamos os vídeos de vigilância privada, de uma das casas da rua. — Disse estendo-me um Ipad. — Reconhece o atirador? — Perguntou demonstrando já saber minha resposta.

Olhei para a tela e fiquei incrédula. A
PERIGOSAS ACHERON

filmagem em preto e branco, está um pouco embaçada, mas reconheci a pessoa. Olhei para Noberto e ele pressionou algo na tela que tornou a imagem mais limpa e depois clicou duas vezes sobre o rosto do homem, ampliando a foto. Era mesmo ele. Meu Deus, mas por que?

— Higor. — Pronunciei seu nome em um sussurro. — Não acredito que toda essa confusão chegou a esse ponto. Quando descobriu isso? Já o pegaram?

— Não. Tive acesso a essas imagens somente está manhã e quando fomos até seu apartamento, estava vazio. Não sabemos se ele fugiu ou se só não estava em casa. De qualquer forma, estamos à procura dele, a cidade não é tão grande assim e temos pessoas à paisana na frente do seu prédio.

— Estou sentindo-me completamente culpada.

— Não se sinta, Maya. De graças a Deus, pela bala não ter lhe atingido também, quando saiu do corpo do Victor. — Olhei para Noberto, só então pensando que existiu essa possibilidade, mas que fui livrada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai contar a ele?

— Sim.

— Não acha melhor esperar que ele receba alta.

— Não. Victor impaciente, é pior que o Victor zangado. — Disse arqueando a sobrancelha.

— Okay. Mas se o médico passar por aquela porta e dizer que os exames deram algum tipo de alteração, não quero que diga nada a ele.

— Tudo bem, eu concordo.

A porta se abriu e um enfermeiro entrou com Victor em uma cadeira de rodas, que tinha uma feição nada satisfeita. O enfermeiro tentou ajudá-lo a se levantar da cadeira, mas Victor empurrou sua mão e levantou-se sozinho.

— Eu sei me levantar sozinho, não preciso de um enfermeiro para me ajudar. Está pensando que sou tão velho que não posso fazer isso? — Perguntou Victor alto, sendo grosseira com o homem, que revirou os olhos e saiu do quarto

PERIGOSAS ACHERON

levando a cadeira consigo.

— Por que o tratar assim? Ele só está fazendo o seu trabalho. — Disse o repreendendo.

— Tenho sessenta anos, mas não sou a droga de um inválido! — Disse irritado.

— Amor... — Disse aproximando-me dele, que já estava sentado na cama, com os pés apoiados no chão. — Tenha mais paciência e aceite que no momento você está debilitado.

— Vou te mostrar quem está debilitado. — Disse dando-me um sorriso cheio de malícia.

Victor não deixou que eu o ajudasse no banho, a não ser que eu desse a ele o que tanto queria, mas eu recusei, é claro. Sentei-me no sofá no canto do quarto, enquanto esperava por ele. Sentada ali, observando a vasta vista do quinto andar do hospital, comecei a pensar no convite que Victor havia me feito, antes de todo o desastre acontecer. Eu amo passar cada segundo com ele, mas ainda é muito cedo para irmos morar juntos. Uns dos motivos de não ser a hora certa, é o fato de eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

saber muitas coisas sobre sua vida. Como eu posso morar com alguém, o qual eu ainda não sei muita coisa? Existem perguntas, que eu ainda não tenho as respostas.

— Pensando em que? — Perguntou Victor ao sair do banheiro, tirando-me dos meus pensamentos.

Olhei para ele e sorri ao vê-lo sem camiseta. Como pode um homem com sua idade, ser tão bonito e ter um corpo tão invejável? Que delícia de homem.

— Senta aqui comigo. — O chamei batendo a palma da mão, sutilmente sobre o assento no sofá, à minha esquerda.

Victor caminhou até mim e sentou-se vagarosamente ao meu lado.

— Acho que você precisa descansar, querida.
— Disse segurando minha mão.

— Vou descansar quando formos embora daqui. — Disse sorrindo para ele e entrelaçando nossos dedos.

PERIGOSAS ACHERON

— Para Houston? — Perguntou com um sorriso no rosto.

Abaixei minha cabeça e encarei nossas mãos juntas, pensando em como começar esta conversa.

CAPÍTULO 33

— Sobre Houston, eu...

— Tudo bem se não quiser ir morar comigo agora, Maya. — Disse interrompendo-me. — Só a quero por perto todos os dias, independente se estejamos morando na mesma casa ou não. — Aproximei mais, juntando nossos corpos e nossos rostos.

— Nós nos veremos todos os dias, se possível. — Disse acariciando seu rosto com minha mão direita. — Eu prometo. — Fiz minha promessa, lhe dando um sorriso confiante e juntando nossos lábios em um beijo lento.

— Posso esperar que logo a resposta para mim, será sim? — Perguntou depois de quebrar nosso beijo.

— Algum dia ela será sim, mas... acho que talvez esse dia demore um pouco a chegar.

— Já tenho sessenta anos, Maya. Não me faça

esperar demais. — Disse rude, demonstrando não ter gostado da minha resposta.

— Para quem já espera a seis anos por um divórcio, pode esperar por alguns meses por mim. — Disse irritada pela forma que fui tratada e afastando-me para o lado, criando uma pequena distância entre nós.

— Acho que meu casamento anterior, não lhe diz respeito. — Disse sendo grosseiro.

— Diz sim, a partir do momento em que você me convidou para morarmos juntos. — Disse levantando-me do sofá e ficando de pé a sua frente. Victor encarou-se com fúria nos olhos. — Já faz seis anos, Victor. Por que ainda estão casados? Quem não quer assinar aqueles malditos papeis? É você ou a Eliza? — O questioneei sentindo a raiva percorrer meu corpo. — Você ainda a quer? — Perguntei sentindo um nó se formar em minha garganta e meus olhos arderem, ao marejarem.

— Não diga besteira, Maya! — Disse rude, sentando-se a beirada do sofá.

— Não posso morar com você, porque a verdade é que eu não o conheço. — Assumi em voz alta, o que gritava por dentro de mim. — Não posso morar com uma pessoa, a qual eu não sei nada. — Victor estava com o maxilar contraído e o punho direito serrado. — Quem foi sua primeira esposa? O que houve com ela e seu primeiro casamento? Por que ainda está casado com a Eliza? Ela ainda significa algo para você? Ainda é a sua submissa? — Victor permaneceu com seu olhar duro sobre mim e em um silêncio que me machuca por dentro. — Responda ao menos a última das minhas perguntas. — Pedi deixando uma lágrima escapar. Pensar nisso, dói demais.

— Agora não é o momento para falarmos disso. — Disse baixo, quebrando seu silêncio e deixando-me ainda com mais raiva.

— Por que não? Só está eu e você aqui. Conversa comigo. Nunca vamos dar certo se você continuar assim, fechado para mim e cheio dos seus segredos. Nunca seremos felizes, tenho certeza que a Eliza não vai nos deixar em paz. — Disse alto, pronta para uma discussão que talvez nos leve ao PERIGOSAS ACHERON

fim.

— Maya, querida...

— Não, Victor. — Disse o interrompendo. — Para sermos um casal de verdade, preciso que nós sejamos real. Preciso que você seja inteiramente meu, não posso o ter somente pela metade. Quero saber quem é você.

— Eu sou seu, Maya! — Disse alto, levantando-se rápido e ficando de pé a minha frente.

— Por que eu sinto que, não é? — Ele estendeu sua mão direita e secou minhas lágrimas que escorriam em meu rosto, deslizando seu polegar suavemente sobre minha bochecha.

A porta do quarto abriu em um rompante e Victor direcionou seu olhar para ela, fechando seu semblante em uma feição séria e rígida. Virei-me e olhei para trás, a tempo de ver Eliza entrar no quarto, seguida pelo o Dr. Drake.

— Victor, meu amor. Vim assim que o Dr. Drake me ligou está manhã. — Victor olhou para o

médico com o cenho franzido e sua sobrancelha arqueada, pedindo explicação a ele, apenas com seu olhar.

— Lamento, mas o senhor só receberá alta amanhã à tarde e não pode ficar desacompanhado. Vi nos seus registros que é casado, então liguei para a Sr. White, já que a Senhorita Valentine não pode ser sua acompanhante, pelo motivo de não terem nenhum tipo de parentesco. — Olhei novamente para o Victor e o encarei negando toda a situação com a minha cabeça. — Trouxe o resultado dos seus exames, Sr. White, e a propósito... — Disse enquanto observava algo em seu prontuário. — ...o Senhor devia estar na cama.

— Querido. — Chamou Eliza, pronunciando a palavra com provocação. — Venha se deitar, por favor. — Pediu ajeitando o travesseiro sobre a cama.

Dei as costas ao Victor e caminhei em direção a poltrona perto da porta, onde estava minha bolsa. A peguei sobre o assento e deixei o quarto sem olhar para trás, ouvindo o médico explicar a

"esposa" do Victor, seu estado de saúde. Fechei a porta atrás de mim e quando me afastei de lá, logo a ouvi ser aberta outra vez. Olhei por cima do ombro e vi o médico sair do quarto, deixando os dois sozinhos lá dentro. Isso fez meu coração doer ainda mais. Quando cheguei no final do corredor, encontrei-me de frente com Noberto. Ele sorriu para mim, mas logo o desfez ao notar meus olhos molhados pelo choro e a bolsa em minha mão.

— O que houve, Maya? — Perguntou entregando sua preocupação na voz.

— Ele está com a esposa dele. — Disse engolindo o choro que subia embolado por minha garganta.

— Espere. — Pediu apoiando sua mão em meu ombro esquerdo. — Logo ele irá coloca-la para fora.

— Vou ter que viver sempre com isso? Ela aparece, eu tenho que sair de cena e esperar que ele a coloque para fora? — Noberto deu-me um olhar de consolo e curvou seus lábios em um sorriso mínimo de compaixão. — Eu vou para casa.

— Eu a levo. — Disse pegando a bolsa da minha mão e caminhando ao meu lado.

— Maya! — A voz fina e intolerável da Eliza, ecoou pelo corredor ao chamar por mim.

Parei e virei-me para trás a vendo se aproximar a passos largos, batendo seus saltos finos no chão liso do hospital. Um tapa ardeu em meu rosto, fazendo-me virar a cabeça para o outro lado ao ser atingido por sua mão. Olhei para ela incrédula, sem saber se devia revidar ou evitar um escândalo. Noberto entrou em minha frente e a empurrou sutilmente para trás, a segurando pelo braço.

— Cedo ou tarde, é para mim que ele vai voltar! — Disse ela com a voz carregada de amargura.

Ela empurrou a mão do Noberto que a segurava e saiu nos dando as costas e batendo os pés no chão, quase como uma criança birrenta. Victor surgiu na porta do quarto e olhou-me estendendo sua mão para mim. Encarei sua mão estendida e depois seus olhos. Minha mente mandava eu ir embora para casa e dar um tempo de

tudo isso, mas meu coração batia acelerado, comprimido no peito, pedindo para que eu ficasse. Caminhei lentamente em sua direção e coloquei minha mão sobre a sua. Victor puxou-me para dentro do quarto e fechou a porta, a trancando na chave. Ele levou-me pela mão até o sofá e nós nos sentamos um do lado do outro. Permaneci quieta e em silêncio, direcionando meu olhar para a parede branca a minha frente.

— Maya... olhe para mim. — Pediu ele com a voz baixa, pegando meu queixo entre seus dedos e virando meu rosto em sua direção. — Perdoe-me por tudo o que houve. Eu mandei que ela assine o divórcio. Isso vai acabar, eu prometo. — Disse segurando minha mão, mas eu não o correspon-di. — Quero que saiba, que já sou seu, querida.

— Isso não é o bastante para mim. — Disse séria o encarando em seus olhos.

— Tem que ser, porque posso ser preso a qualquer instante, por obriga-la a assinar aqueles papeis. — Olhei confusa para Victor, não entendi sua frase. — Maya... a vinte e dois anos, minha

empresa foi investigada por um crime federal e a Eliza tem provas disso contra mim. Ela vai entregá-las para polícia, assim que assinar o divórcio.

— O que você fez?

— Na verdade, eu não fiz nada. É aí que voltamos a vinte e cinco anos.

— Quando você se casou pela primeira vez?

— Perguntei baixo, dando a ele minha total atenção.

— Sim. Antes de você, eu amei muito alguém. Seu nome era Madalene.

— A irmã do Jorge.

— É. Nós namoramos por quatro anos antes de nos casarmos, mas infelizmente a felicidade do nosso casamento, acabou três anos depois, no dia em que ela sofreu um grave acidente de carro e ficou ligada a aparelhos que a manterão viva por um tempo. — Pude ver em seus olhos, que ainda havia saudades e resquícios de dor. — Quando isso aconteceu, eu me afastei do trabalho, deixando Evan no comando, já que ele também era herdeiro

PERIGOSAS ACHERON

de quarenta por cento dos negócios. Ele tinha seus próprios investimentos, mas não eram tão grandes comparados aos que herdamos de nossas famílias. O que eu não tinha conhecimento, era que ele usava essas empresas como uma faixa para lavagem de dinheiro. Evan se aproveitou da minha ausência, enquanto eu cuidava da minha mulher, para fazer o mesmo com nossa empresa, a qual me pertencia em sessenta por cento.

— Meu Deus. — Sussurrei tentando ingerindo toda a informação que recebia.

— Ele não sabia na época, mas já estava sendo investigado a meses e quando a casa caiu. Evan foi a julgamento e quando finalmente foi preso, se suicidou em sua cela uma semana depois, acreditando que assim ele estava encontrando a saída mais fácil para se livrar dos problemas. Uma pessoa que eu acreditava ser da minha confiança, foi quem descobriu que ele estava fazendo isso no meio dos nossos negócios a um tempo e me ajudou a acobertar todo crime, afinal, eu também poderia acabar tendo o mesmo destino que o dele nas mãos da justiça, sendo inocente. Não iria para o buraco,

PERIGOSAS ACHERON

por causa de um estuprador de merda. A polícia investigou juntamente ao FBI a nossa empresa, mas não encontraram nada, então fui eliminado das suspeitas. — Disse demonstrando fúria.

— E quanto a sua esposa, a Madalene?

— Eu me neguei a desligar seus aparelhos por três anos. Então um belo dia, me dei conta de que não a teria de volta e que já era hora de ouvir o que os médicos me disseram por longos dois anos. Deixei que seu corpo tivesse descanso.

— Eu sinto muito. — Lamentei segurando sua mão que estava agarrada a minha.

— A Eliza surgiu na minha vida algumas semanas depois, como uma maneira de lidar com meu luto. Ela era linda e jovem, então iniciamos uma relação entre Dom e submissa. Mantivemos essa relação por dois anos, até que ela engravidou. Eliza fez cenas dramáticas e ameaçou um escândalo na mídia, caso não nos casássemos.

— Então vocês se casaram porque ela engravidou do Caleb e se separaram dez anos

depois? — Ele assentiu com sua cabeça.

— Eu tentei ser feliz com ela, afinal, era uma ótima submissa e a mãe do meu único filho. Mas não deu mais para tentar, quando descobri que ela estava me traindo com muitos outros homens, incluindo meu braço direito na empresa, o homem que ajudou a acobertar o crime cometido por Evan.

— E foi ele quem deu a ela informações. — Conclui por mim.

— Sim. Quando pedi o divórcio, ela usou tudo que tinha contra mim para manter o casamento, mas eu não podia mais continuar com aquilo. Não dava mais, nem pelo nosso filho. — Ele olhou para a janela e respirou fundo, acariciando minha mão. — Eu consegui mantê-la fora da minha casa por seis anos, mas não fora da minha vida. Eu sempre estou a bancando e vivendo sob suas ameaça.

— Quem é Hanna? — Victor voltou seu olhar para mim, encarando-me com o cenho franzido e um olhar surpreso. — Eu escutei vocês falando sobre uma Hanna, no escritório aquele dia. Quem é ela? Eliza me disse naquele jantar de negócios, que

PERIGOSAS ACHERON

você agrediu uma garota e a mandou para o hospital. Não que eu acredite que isso seja verdade, porque eu não acredito.

— Eu não a agredi! — Disse um tanto furioso.
— Ela foi minha submissa por alguns meses, a cerca de um ano atrás. Eliza descobriu sobre ela e ficou enfurecida, foi atrás da garota com ameaças. Foi ela quem pagou um homem para agredir a Hanna. A menina foi parar no hospital e depois na delegacia, ameaçando prestar queixa contra mim por agressão física. Ela sabia que quem havia feito aquilo era a Eliza, mas mesmo assim usou contra mim. Para a Hanna fechar a boca e ir embora, dei a ela a quantia em dinheiro que me exigiu e desde então, ela sumiu no mundo e nunca mais a vi. No fim, Hanna não passava de uma vadia interesseira.
— Disse com amargura na voz.

— Eu sinto muito por tudo o que passou com seu primeiro casamento. Você não merece tamanha infelicidade. Também lamento por tudo que Eliza fez e faz com você nas mãos dela, até hoje. Quero que saiba, Victor, que independente da escolha da Eliza, a respeito do que fará com todas as
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

informações que tem contra você, eu estarei ao seu lado. — Aproximei nossos corpos e peguei seu rosto entre minhas mãos. — Seja em um tribunal ou fora dele, pelo simples motivo de que eu amo você. Mas eu não quero essa vida de humilhação. De ser chamada de “a outra” indiretamente por um médico, ou de ter o sentimento de não passar de uma amante barata, quando ela está por perto. Quando Eliza assinar o divórcio... — Fiz uma pequena pausa de segundos e acariciei seu rosto, lhe dando um sorriso carinhoso. — ...sabe onde me encontrar.

Selei seus lábios com um beijo e depois coleí nossas testas, fechando meus olhos e respirando fundo seu cheiro tão gostoso. Dei um beijo em seu rosto e levantei-me caminhando em direção a porta do quarto. Eu a abri e olhei para ele, que me encarava com uma expressão que eu não soube decifrar. Sorri uma última vez e saí, fechando a porta.

— Está tudo bem? — Perguntou Noberto ao se aproximar.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. — O respondi, pegando minha bolsa da sua mão e respirando aliviada. — Eu vou ficar com a minha mãe. Você pode ficar com ele?

— Claro.

— Obrigada. Se acontecer qualquer coisa me ligue.

— Liguei.

Saí pelo corredor e tomei o elevador descendo para o andar de baixo, indo ao encontro da minha mãe. Sentia-me bem mais leve e aliviada em ouvir sua história, saber mais sobre Victor White. Fosse qual for o destino do que Eliza tem nas mãos, eu não o deixaria e tenho plena certeza disto. Os dias foram passando e já faziam quatro dias que eu só obtinha notícias do Victor, através do Noberto. Depois que vim embora do hospital, não liguei para ele e muito menos ele procurou por mim. Isso significa apenas uma coisa, que ainda está casado com a Eliza.

Ele havia recebido alta na quinta-feira e voou direto para Houston, deixando, é claro, um dos seus

seguranças na minha cola. Nesse meio tempo, ainda não havia conversado com meu pai para resolvermos as coisas entre nós e por isso, temos nos evitado ao máximo dentro de casa. Sentei-me no sofá da varanda, à frente de casa, observando as crianças que andavam de bicicleta pela rua no cair da tarde. Do outro lado da rua, Carla me observava enquanto aguava suas roseiras plantadas no canteiro ao redor da grande macieira em seu quintal da frente, com um ar curioso nos olhos.

Higor simplesmente desapareceu no mapa. Para o meu pai, ele contou que precisava fazer uma viagem de emergência para o Texas e para a tia, disse que estava saindo de férias. Já para Grace, eu não sei qual foi sua invenção. Tentei falar com ela, mas como sempre, me ignorou. A tensão já estava começando a nos rondar com a chegada da cirurgia da minha mãe, que aconteceria em pouco mais de quarenta e duas horas. O médico estava com altas expectativas, mas todo procedimento cirúrgico, tem seus riscos e os dela são altos. Só nos resta rezar e torcer para que tudo dê certo. Fui despertada dos meus pensamentos, quando um choro de uma

criança ecoou entre as risadas das outras. Levantei-me às pressas e atravessei a rua correndo para ajudar a menina que havia caído da bicicleta. Seu joelho estava ralado e as pequenas palmas das suas mãos, também.

— Você está bem? Sente dor em outro lugar?

— Perguntei preocupada, a pequena menina loirinha que choramingava em meus braços.

— Não. — Respondeu em meio aos soluços.

— Onde está a sua mãe, lindinha? — Perguntei olhando a minha volta e percebendo que nenhum adulto ali presente se aproximou.

— Em casa. — Respondeu fungando e apontando com o dedinho indicador, a casa do outro lado da rua que fica a alguns metros da minha.

Levantei-me do chão e caminhei com ela em meus braços até lá. Toquei a campainha e uma mulher usando luvas térmicas de cozinha, abriu a porta. Expliquei a ela o que houve e aconselhei a lavar as feridas com água corrente e sabão. Depois que a mãe pegou sua filha dos meus braços,

PERIGOSAS ACHERON

agradeceu-me e se despediu voltando para casa. O céu já estava escurecendo e os pais colocavam seus filhos para dentro. Aproximei-me da bicicleta para devolve-la, mas o filho do vizinho ao lado se ofereceu gentilmente para leva-la até a menina. Agradei a ele e tomei a direção de casa. Antes de atravessar a rua, olhei para a esquina e vi que havia um carro preto estacionado com o vidro passageiro meio aberto. Segui em frente e antes que eu pudesse entrar na varanda, uma luz fraca piscou em minha direção.

Cravei meus pés no chão e olhei novamente para o carro, que fechava os vidros e dava partida no motor. Tentei não me assustar com isso, pensando apenas que poderia ser mais um paparazzo. Entrei para dentro de casa e subi direto para meu quarto, depois de trancar todas as portas e janelas. Tomei um banho relaxante na banheira e deitei-me na cama com o celular na mão, encarando seu visor na esperança de que Victor me ligasse, mas foi agarrada a ele e a essa esperança, que adormeci. Acordei com o toque estridente do telefone no meu ouvido. Atordoada, sentei-me na

PERIGOSAS NACIONAIS

cama e esfreguei meus olhos, antes de pegar o celular. Meu coração disparou quando li o nome do meu pai na tela e as horas no canto superior direito, marcavam três horas da manhã.

— Pai! — Atendi já sentindo um aperto no peito e um nó se formar em minha garganta.

— Querida... acho melhor que você venha para o hospital. — Pediu meu pai com voz embargada pelo choro.

Desliguei o celular, sem conseguir dizer nada a ele. Sai da cama em um pulo e troquei rápido de roupa, enquanto ligava pedindo um taxi com urgência. Não levou dez minutos e o taxi chegou levando-me o mais rápido possível para o hospital. Subi os andares pelo o elevador e quando as portas se abriram, corri em direção ao quarto onde minha mãe estava internada, mas o encontrei vazio. A cama sem lençóis, desesperou-me e eu me abri em prantos de um choro alto.

— Maya. — A voz do meu pai chamou-me atrás de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde ela está? — Perguntei indo até ele. — Para onde a levaram? — Perguntei alto com desespero, agarrando meu pai pelos braços.

— Ela estava bem. Eu juro que ela estava bem. — Disse antes de abraçar-me e começar a chorar no meu ombro.

— Pai, fala direito comigo. O que está acontecendo? — Perguntei impaciente, o empurrando para mais longe de mim.

— Ela sofreu uma parada cardíaca.

— Ah, meu Deus. — Sussurrei passando as mãos por meus cabelos, sentindo a falta de ar comprimir meu peito.

— Eles conseguiram reanima-la, mas a levaram para uma sala longe de mim.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 34

Saí correndo do quarto procurando por algum médico ou enfermeira. Encontrei uma que saia de um quarto e a agarrei pelos braços, exigindo notícias da minha mãe. Ela pediu para que eu me acalmasse, enquanto procurava pelo médico responsável. Eu tentava, mas era em vão, no fundo, sentia que estava perdendo a minha mãe. Meu pai veio de encontro a mim e abraçou-me apertado em seu peito, enquanto repetia que tudo ia ficar bem.

— Com licença. — Pediu um homem aproximando-se de nós.

— Doutor. Onde está minha mulher? — Perguntou meu pai desesperado. O médico respirou fundo e nos escarou com pesar nos olhos.

— Devido ao tratamento mais lento e menos agressivo, o câncer tomou mais força para se espalhar. Os rins dela estão falhando, assim como o fígado e o pulmão direito. Ainda não sabemos o porquê da parada cardíaca, mas pacientes com

câncer tem quebra da imunidade durante o tratamento e ficam mais vulneráveis a outros tipos de doenças.

— Mas vocês vão descobrir, não é? Vão descobrir o que aconteceu com a minha mulher. — Perguntou meu pai.

— Vamos buscar respostas, usando tudo o que tiver ao nosso alcance. Por tanto, achamos melhor coloca-la em coma durante os exames. Talvez seja uma boa ideia voltar a quimioterapia e suspender a cirurgia. Afinal, ela não está mais bem para isso. As chances são de uma em um milhão para ela, se insistirmos com essa ideia.

— Então... ela não vai mais poder fazer a cirurgia? Está me dizendo que as chances da minha mãe de ficar boa novamente, não existem mais? — Perguntei exaltada, tentando controlar as lágrimas. — Quando vocês surgiram nos oferecendo um tratamento alternativo em fase de teste, nos garantiram com absoluta certeza de que ela teria grandes chances de curar, depois que fizesse a cirurgia para remover o câncer em seu pulmão e em

parte do fígado. Disseram que o tratamento não era perigoso e que o câncer não se espalhara tão rápido em quatro semanas. Vocês mentiram para nós! Ontem vocês entraram naquele quarto e nos disseram que ela estava apita para a cirurgia. O que mudou em vinte e quatro horas, para ela quase morrer? — Perguntei em um berro. — O que minha mãe significa para vocês? Apenas mais um experimento? Só mais um ratinho no laboratório?

— Se acalme, querida, por favor. — Pediu meu pai, tentando me abraçar.

— Não! Me solte! — Gritei com ele. — Vocês são todos um bando de abutres. — Disse ao médico com desprezo. — De uma coisa eu tenho certeza. Não serei uma médica como vocês.

Saí correndo do hospital com a ira fervendo dentro de mim. Ao passar quase correndo pela porta da frente, que leva a calçada da rua, fui agarrada pelo meu braço e puxada para trás. Virei-me assustada e logo fui invadida por uma pequena sensação de paz e o choro retornou outra vez. Abracei o Victor, abafando meus soluços em seu

peito e o abraçando forte. Ele correspondeu meu abraço acariciando meus cabelos.

— Calma, amor. — Pediu sussurrado. — Estou aqui. Estou com você. Vai ficar tudo bem, eu prometo. — Eu o soltei do meu abraço e o encarei.

— O que você está fazendo aqui? Como sabia que eu estava aqui?

— Fui informado. Cheguei de Houston a algumas horas e imaginei que estivesse dormindo, por isso não a procurei, mas quando me ligaram contando que você saiu no meio da madrugada, as pressas de casa, precisei vir até aqui. Sabia que estaria precisando de mim. — Eu o abracei outra vez, agradecendo mentalmente por tê-lo aqui agora. — Quer ir embora?

— Quero. — Respondi baixo, quase em um sussurro.

Victor guiou-me até o carro e com minha cabeça deitada em seu ombro direito, seguimos para a sua casa, fora da cidade. Quando chegamos, ele me levou direto para o quarto e sentou-me na

cama. contei a ele tudo o que houve e ele consolou-me da melhor maneira possível. Primeiro ele tomou um banho bem quente comigo na banheira e depois vestiu-me em uma camiseta sua, me levando para a cama. Ele se deitou agarrado a mim, permitindo que eu sentisse o seu cheiro. Fiquei mais calma no calor dos seus braços, que me dão uma sensação boa de proteção. Ele beijou meus lábios de forma lenta e carinhosa, acariciou meus cabelos e meu corpo, até que eu adormecesse em seus braços. acordei com beijos no pescoço e em meu rosto. Abri meus olhos preguiçosamente e enxerguei as portas abertas que levavam a varanda. Uma brisa fresca invadia o quarto, fazendo as cortinas flutuarem pelo ar.

— Bom dia. — sussurrou Victor em meu ouvido.

— Bom dia. — respondi virando-me para ele.

— Como está se sentindo?

— Melhor. Como está o seu ombro? — Perguntei acariciando de leve o local.

— Cicatrizando sem dor. — Respondeu com

um sorriso confiante no rosto.

— Senti saudade. — Disse a ele.

— Também senti, amor. — Respondeu curvou-se e beijando meus lábios de maneira delicada. — Vem, vamos tomar café. Tem roupas para você no closet.

— Obrigada.

Depois de pronta, descemos para o café da manhã que estava servido em uma mesa debaixo das arvores, ao redor do lago. Victor puxou a cadeira para eu me sentar e tomou o lugar à minha frente. Observei um envelope de papel pardo, sobre o meu prato. Ele sorriu pedindo que eu abrisse o envelope e que lesse o conteúdo dentro dele. Algo dentro de mim, gritou que era uma coisa boa. O peguei em minhas mãos e o abri tirando de lá de dentro, alguns papeis presos em um clipe. No cabeçalho da folha, em letras maiúsculas, estava escrito; “Divorcio”. Abaixo, havia o nome do Victor seguido do da Eliza. Virei a primeira página, logo depois a segunda, até chegar a terceira, onde havia a primeira assinatura da Eliza e do Victor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para ele com um sorriso que não cabia em meu rosto. Ele encarou-me da mesma forma e estendeu sua mão direita para mim. Segurei sua mão e a apertei firme.

— Agora sou seu, querida! Sou seu por inteiro.
— Disse convicto e sorridente.

— Eu amo você. — Disse sentindo-me emocionada.

— Eu também amo você, meu anjo. — Disse levando minha mão até seus lábios e beijando meus dedos. — Quer ir ao hospital?

— Sim.

Depois do café, Victor levou-me para o hospital e entrou comigo. Na sala de espera, estava meu pai, minha avó, tia Jenna, Clarice e mais alguns familiares e amigos. Abracei meu pai e minha avó, eles precisam de mim agora, tanto quanto preciso deles. O clima na sala pesou mais ainda, quando o médico trouxe notícias, de que minha mãe estava com as válvulas do coração lesionadas, graças a diabetes alta e o inchaço no

PERIGOSAS ACHERON

coração. Foram essas à causa do seu ataque cardíaco.

— Eu sinto muito, mas ela não tem condições de passar por uma cirurgia cardíaca agora. O corpo dela está cansado e o seu coração fraco.

— Está contando a nós, que a minha filha vai morrer? — Perguntou minha avó chorosa, amparando-se a Clarice.

— Estamos tentando fazer o possível para que ela fique bem. Vamos retirar os sedativos e esperar que ela acorde, porém, vamos mantê-la na UTI. Todo cuidado com ela nesse momento, é pouco.

— Não preciso que vocês tentem, preciso que vocês façam! — Gritou meu pai. — Vocês são culpados por isso! Como não viram esse inchaço no coração, com todos aqueles exames que fazem quase todos os dias? Vocês mataram a minha mulher! — Berrou apontando o dedo no rosto do médico.

— Teddy, por favor. — Pediu Clarice, segurando o braço do meu pai e puxando-o para

trás. — Como sua amiga e advogada da família, peço que se acalme. Um processo por calúnia, é tudo o que menos precisamos agora. — Disse tentando acalma-lo.

— Eu lamento. — Disse o médico antes de retirar-se.

Victor me abraçou e deu-me seu peito para chorar. Eu estou perdendo minha mãe e desta vez, não é só um pressentimento, é real. Fomos todos para casa dos meus pais. Ajudei minha avó a preparar o almoço, enquanto tia Jenna recolhia toda a roupa suja na casa e colocava para lavar. Clarisse conversava ao telefone com outro advogado, tentando buscar ajuda na justiça com o que houve com minha mãe, trancada no escritório. Meu pai se isolou na sala de Tv, assistindo a qualquer coisa que está sendo televisionada, enquanto Victor sentou-se na sala de estar, conversando com alguns dos amigos e primos distantes. Bateram na porta e eu fui até lá para atender.

— O que faz aqui? — Perguntei com arrogância, ao ver Carla parada depois da porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vim mostrar sentimentos a sua família. Soube da sua mãe. Eu lamento. — Disse estendendo-me um ramalhete de rosas brancas, presas em um laço de cetim preto.

Sem pensar duas vezes, acertei um soco em seu rosto, arrancando sangue do seu nariz e a fazendo cambalear para trás, deixando as rosas caírem no chão. Escutei minha avó me gritar com desespero, da porta da sala. Peguei as rosas caídas e as arremessei no meio da rua.

— Nunca mais pise os seus pés nesta casa, está me ouvindo? — Berrei para ela.

— Sua maluca. Vou ligar para a polícia. — Disse Carla, tentando estancar o sangue do seu nariz.

— Maya! — Repreendeu-me Victor, me puxando para dentro de casa.
— Mas o que foi isso? — Perguntou confuso e bravo.

— Eu vou matar essa mulher a qualquer momento! — Disse tentando controlar minha raiva

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e minha vontade de chorar.

— Maya, me diga o que houve? — Perguntou minha avó.

— Essa mulher trata a minha mãe como se ela estivesse morta! Da em cima do meu pai descaradamente, como se minha mãe não existisse na vida dele!

— Querida, você tem que se acalmar. — Pediu Victor, puxando-me para me sentar no sofá.

Minha avó encarou-me incrédula e saiu para fora de casa. Meu pai nos olhou assustado e um tanto perdido com o que está havendo e saiu atrás dela. Da sala, ouvimos os gritos da minha avó a ameaçando, antes de voltar para dentro de casa jurando meu pai de morte, caso ele permita que Carla aproxime de mim ou da nossa casa outra vez. Depois desse estresse, todos se acalmaram e o almoço foi servido. Mais tarde, o hospital ligou avisando-nos que o sedativo foi retirado, mas que minha mãe ainda não havia acordado. Essa notícia só aumentou nossa angustia e sofrimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Já fazem sete dias que minha mãe só dorme, sem exhibir nenhum reflexo. Outro médico agora é responsável pelo caso dela e assim como nós da família e nossos advogados, ele também acha bastante estranho que não tenha sido notado o inchaço no coração da minha mãe ou a diabetes descontrolada. O próprio acredita que, talvez, tenha tido negligência médica por parte do médico anterior e das três enfermeiras responsáveis por acompanhar minha mãe no último mês. Victor precisou voltar a dois dias para Houston, foi necessário por causa do seu trabalho que está boa parte lá. Ele quis muito que eu fosse com ele, mas eu não podia deixar minha mãe e minha família aqui. Todos os dias, tenho quinze minutos com ela na UTI e os aproveito da melhor maneira. Lendo um capítulo do seu romance favorito, Guerra e Paz, de Tolstoi.

Meus dias estão sendo cinzas e pesados, ainda mais depois que o médico nos disse que pode ser que ela nunca mais acorde, ou talvez, ela acorde hoje ou daqui um mês, não dá para saber. Viver com essa mistura de angustia e ansiedade, está nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

matando. Eu não tinha fome, sono ou ânimo. Já havia emagrecido bastante e as marcas escuras embaixo dos meus olhos, se tornaram minhas companheiras de todos os dias. Meu pai, apenas existia. Ele dorme e acorda chorando, e por muitas manhãs quando entrei em seu quarto para arrumar a cama, encontrei uma camisola de seda branca que pertence a minha mãe, sobre o colchão em meio ao cobertor.

Na última semana ele tem ido trabalhado arrastado, por não poder deixar a oficina sem administração, já que Higor ainda não voltou da sua “viagem”. Carla começou a nos evitar e ontem, quando a encontrei no corredor do supermercado, ela saiu apressada. Acho que as ameaças da minha avó a ela, funcionaram. Minha avó tem passado parte do seu tempo na igreja ou no hospital, perambulando pelas salas de espera. A cada vez que meu celular toca, meu corpo estremece de medo e ansiedade ao mesmo tempo. A ligação pode trazer notícias boas, assim como as ruins, ou pode não ser nada de importante. Victor tem sido meu ponto de apoio e meu porto seguro mesmo de longe

PERIGOSAS ACHERON

e isso faz com que eu o ame ainda mais.

Eu o aconselhei a procurar advogados de confiança e contar o que houve em sua empresa a anos atrás. Assim ele fez e foi aconselhado a manter-se na linha com a lei e evitar Eliza, que até o momento se permanece em absoluto silêncio e quieta demais. Os advogados também disseram a Victor, que se caso ele seja denunciado, terá seus bens e ações bloqueados, e talvez confiscados, até o fim das investigações e do julgamento. Isso também não é nada bom para a Eliza, eles garantiram que os bens partilhados no divórcio, que agora pertencem a ela, também serão confiscados, já que foram adquiridos durante o casamento. Essa notícia nos deixou mais tranquilos, talvez ela já saiba disso e exatamente por este motivo, que permanece de boca fechada.

Os advogados nos afirmaram que o crime já prescreveu e não existe nenhuma prática realizada com ações ou órgãos públicos, o crime aconteceu dentro de uma empresa mobiliária privada. O que pode acontecer, é Victor ter que se declarar culpado por ter ocultado as informações à justiça e ser

PERIGOSAS NACIONAIS

julgado por isso. Já era noite e eu estava passeando com Bow pelo calçadão da praça, que fica a uma quadra de casa, quando vi o mesmo carro de outra noite, parar no estacionamento a frente. Fiquei um pouco nervosa e assustada, porque já era noite e eu estava sozinha, não havia ninguém ali. Chamei o Bow e o preendi na guia, tomando a direção de casa, a passos apressados. Andei pelas calçadas mais iluminadas até chegar em casa e sempre olhando para trás com medo, mas o carro não havia me seguido. A dias me sinto sempre observada, em qualquer lugar que a vá.

— Talvez isso seja coisa da minha cabeça. —
Sussurrei para mim mesma, a alguns metros de casa.

Abri a porta e entrei soltando Bow da coleira, indo para cozinha arrumar água fresca para ele. Meu pai ainda não havia voltado do trabalho, apesar de passar das oito da noite. Subi a escada e atravessei o corredor em direção ao meu quarto. Ao abrir a porta e acender a luz, assustei-me dando um pulinho para trás, quando vi o Victor sentado na poltrona, ao lado da janela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não queria lhe assustar. — Disse com um sorriso irônico no rosto.

— Ah, é? Jura? Dentro do meu quarto com a porta fechada e a luz apagada? — O questionei ainda ofegante pelo susto.

— Onde estava, querida? — Perguntou cruzando as pernas e apoiando seu queixo sobre os dedos fechados da mão direita, que estava com o cotovelo apoiado no braço da poltrona.

— Fui levar o Bow para passear. — Disse aproximando-me dele.

— Às oito da noite? Maya, isto é perigoso. Higor, ainda está à solta e ele representa perigo. — Disse sério com o semblante fechado.

— Desculpe. Eu precisava sair e andar um pouco.

— Arrume suas coisas. Não posso ficar longe de você e nem confiar de lhe deixar aqui! — Disse rude, ficando de pés à minha frente. — Vamos! — Disse alto, quase em um grito. — Está esperando o que? Vá!

— Não posso. Não quero deixar a minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maya, meu amor. — Disse pegando meu rosto entre suas mãos. — Não sabemos quando ela vai acordar. Não quero ser indelicado ou pessimista, mas isso pode demorar meses. Volte comigo para Houston. Se algo acontecer aqui, seja bom ou ruim, voltaremos imediatamente. Eu lhe prometo! — Disse com convicção. — Olhe para você, querida. Parece não dormir a dias. Está sumindo na minha frente. Deixe-me cuidar de você, por favor.

— Tudo bem. Vou arrumar minhas coisas e avisar ao meu pai e minha avó, que estou indo.

— Ótimo. Enquanto isso, vou pedir Noberto que busque nosso jantar.

— Não precisa, eu não...

— Se disser que não está com fome, vou lhe dar uma surra! — Disse alto e interrompendo-me. — Olhe só para você, não duvido que esteja desnutrida. Quer ser aproxima da sua família, a ir parar em um hospital? — Perguntou com arrogância.

— Não. — Respondi em um sussurro.

PERIGOSAS ACHERON

— Okay. Vou descer para falar com ele.

Victor saiu do quarto e eu sentei-me na cama. Eu quero ir com ele para Houston, mas minha consciência pesa em deixar minha família aqui, em um momento tão difícil.

— Por que ainda está sentada? — Perguntou Victor, parando na porta do quarto. — As malas já estão pronta? Porque elas não se arrumam sozinha. — Disse com deboche, sentando-se ao meu lado.

Despedi-me de todos e principalmente da minha mãe, antes de voltar para Houston na manhã seguinte. Meu pai pediu gentilmente ao Victor, que cuidasse bem de mim, já que ele não estava em plenas condições de fazer isso. Minha avó nos desejou uma boa viagem e disse que me ligara todos os dias para dar notícias da minha mãe, mesmo que elas sejam as mesmas. Quando chegamos em Houston, Victor havia convidado Penny para passar uma tarde comigo em sua mansão. Ele sabia que eu estava morrendo de saudades dela e que também precisava da sua fiel amizade. Passamos o dia à beira da piscina e fazendo bagunça na cozinha, na tentativa de fazer um bolo de chocolate para afogar

PERIGOSAS ACHERON

minha tristeza. Mais cinco dias se passaram e nada mudou, hoje faz exatos quinze dias que minha mãe está em coma.

Já se passaram dois meses das minhas férias de verão e estou torcendo para que acabem logo. Minha intensão, é voltar a aulas e ter com o que encher minha cabeça. Higor ainda está desaparecido. Eliza continua em silêncio e no momento, está viajando com o filho para fora do país, os únicos sinais que temos dela, são na internet através dos flagrantes dos paparazzi. Victor anunciou publicamente nosso relacionamento, em uma entrevista que deu a um talk show ao vivo, a três dias. É só no que se falam por todo canto, as pessoas estão surpresas com nossa diferença de idade. Ele é a melhor pessoa que pode ser para mim, dando-me toda sua atenção quando está em casa, todo seu carinho e aconchego. O presente gostoso que ele havia me prometido certa vez, a semanas atrás, ele disse que ficará para um dia especial, um em que ele sinta que eu esteja no clima.

— Por que mesmo você tem que ir viajar? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Perguntei o abraçando por trás, enquanto ele arrumava as roupas dentro da sua mala.

— Querida, isso é preciso. Esse é o meu trabalho e minha vida. — Disse enquanto fechava a mala. Ele puxou-me de trás dele e ficou de frente para mim, acariciando meu rosto.

— Não quero que você vá. — Disse sentindo a tristeza tomar meu peito.

— Amor... são apenas três dias. Penny ficará aqui com você, tudo ficará bem. — Garantiu-me, olhando em meus olhos.

— E se alguma coisa acontecer? Você vai estar do outro lado do mundo. Shanghai é longe. Quando eu estiver dormindo, você estará acordado em suas reuniões. Quando vamos nos falarmos?

— Fique calma, meu anjo. — Pediu pacientemente e selou meus lábios com um beijo. — Um jatinho estará à sua disposição. Se algo acontecer em Tulsa, você vai me ligar e seguir para Oklahoma. Prometo estar aqui o mais rápido que eu puder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay. Tudo bem. — Disse o abraçando.

— Me ligue quando quiser. Não importa a hora, eu sempre vou lhe atender.

— Sabe que vou mesmo, não é? — Perguntei sorrindo para ele.

— Eu sei. — Afirmou e beijou minha testa. Ele soltou-me do seu abraço e me encarou com um sorriso safado no rosto. — Quer foder gostoso, para não sentir tanta saudade?

— Vou finalmente ganhar meu presente? — Perguntei mordendo o lábio inferior.

— Você quer? — Perguntou laçando minha cintura com seu braço direito e puxando meus cabelos da nuca com a mão esquerda.

— Sim. — Respondi o encarando nos olhos. — Por favor... — Sussurrei em seus lábios que estavam bem juntos ao meu. — ...me foda, meu senhor.

Victor sorriu e arrastou-me pelos cabelos, até o outro quarto de visitas em frente ao seu. Ele abriu a porta e nós entramos juntos. Os únicos moveis no

PERIGOSAS ACHERON

cômodo, é uma cômoda ao canto perto da janela e uma armação tripé de ferro, montada no meio do quarto. Embaixo dela, dependurado, um balanço de sexo feito de couro preto.

— Uau! — Disse ao admirar, já ficando empolgada.

— Não mandei você falar! — Disse e bateu com força sua mão direita em minha coxa. — Tire a roupa! — Mandou antes de sair do quarto.

CAPÍTULO 35

Despi-me deixando as peças jogadas ao chão, junto a parede e aproximei-me do balanço, tocando seu couro frio com as pontas dos dedos, admirando cada detalhe desde a linha da costura continua, até marcas de textura do couro. Assustei-me com uma forte chicotada em minha bunda nua, causando ardência em minha pele. Virei-me para trás e encontrei um homem lindo de olhos verdes e completamente nu. Tive que me conter para não o tocar.

— Sente-se! — Mandou segurando uma das fitas que suspende o balanço. Sentei-me e ele posicionou-se entre minhas pernas, agarrando meu punho esquerdo. — Vou prender seus punhos.

Victor afivelou meus punhos separadamente em algema de couro, cravejadas por Spike prateados ponte agudos, para o alto e a cima da minha cabeça. Estar assim, é uma mistura de sensações que me recordou a noite na cruz. Sinto-me vulnerável, mas isso é extremamente instigante

e excitante, é bem diferente de estar presa a cama. Ele afastou-se e caminhou até o único móvel no canto escuro do quarto, voltando com uma venda e grampos de mamilos. Óh, grampos. Como eu os adoro.

Mordi meu lábio inferior, já sentindo minha intimidade completamente molhada, entregando minha excitação. Ele chupou rapidamente meus mamilos e em seguida, prendeu os grampos os apertando com mais força do que a última vez que os usei. Gemi excitada com a dor, encarando o belo para de olhos a minha frente. Ele vestiu a venda em meu rosto e mordeu meu lábio inferior com força, deixando minha boca com gosto de sangue. Victor segurou meu queixo com delicadeza, entre seus dedos e ergueu minha cabeça.

— Fale sua palavra de segurança! — Mandou rude. O som da sua voz, me fez arrepiar.

— Caramelo. — Disse baixo, quase em um sussurro. Senti seus lábios tocarem os meus rapidamente.

— Não vou prender suas pernas, mas se tocá-

PERIGOSAS NACIONAIS

las em mim ou as fechar, irei amarra-las suspensas. Fui claro? — Perguntou alto.

— Sim, Senhor. — Respondi ofegante.

Senti o calor que seu corpo emanava, afastar. Logo algo quente se derramou em meus seios, queimando minha pele durante alguns segundos e secando rápido. Senti que o que ele derramou em mim, ficou grudado em minha pele, onde quer que pingue. Tive vontade de gritar, mas sei que não devo, então, permaneci em silêncio. O balanço foi puxado para frente, fazendo-me ficar um pouco esconsa para trás. O líquido quente, pingou em minha boceta, queimando meu clitóris. Instintivamente, eu fechei minhas pernas e Victor soltou o balanço, o fazendo ir para trás e depois volta para frente. Ele o segurou parando bruscamente e pegou meu tornozelo do pé direito, amarrando minha perna aberta para o lado e suspensa, fazendo o mesmo com minha perna esquerda em seguida. Estava com minha respiração ofegante e o coração um pouco acelerado, por pura adrenalina ou excitação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se me desobedecer outra vez, vou lhe dar uma surra! — Disse alto, acertando uma chicotada com muita força em minha barriga e depois em meus seios.

Puxei o ar com força pela boca e mordi meu lábio inferior, para conter um grito que estava em minha garganta. Victor puxou o balanço para frente, outra vez, e derramou o líquido em grande quantidade em meu clitóris. Desta vez, não consegui conter minha vontade de gritar, ela foi mais forte que eu. Em castigo, recebi inúmeras chicotadas seguidas, que arderam em minha pele. Mordi minha própria língua para não gritar. Sem nenhum aviso, ou tempo para me recuperar das ardências causada pelo chicote, Victor agarrou minha cintura de maneira bruta com as mãos e afundou seu pau em mim. Gemi em um grito de prazer, não sabia que ansiava tanto assim por ele dentro de mim. Parado, ele começou a me balançar para frente e para trás. Seu pau saía e penetrava-me outra vez, firme e mais fundo, deixando-me à beira do orgasmo. Não demorou muito para que eu gozasse loucamente e completamente ofegante.

PERIGOSAS ACHERON

A noite foi longa e regada a uns dos sexos mais gostos que tivemos. Exausta, ele me carregou em seu colo de volta para o seu quarto, indo direto para o chuveiro. Victor lavou cada parte do meu corpo, tirando toda a vela derretida em minha pele. Depois do banho, deitamos nus e dormimos agarrados um ao outro. Acordei pela manhã e despedi-me do dele com o coração apertado, antes que partisse para sua viagem de negócios na China. Penny chegou antes do almoço e trouxe com ela, guloseimas e filmes românticos para assistirmos durante toda a tarde. Quando a noite chegou, ela foi embora e eu fiquei só, deitada no quarto dele, agarrada ao seu travesseiro e sentindo seu cheiro. Já era tarde da noite, quando Victor me ligou. Nos falamos por poucos minutos e sempre tinha alguém no fundo da ligação, chamando por ele.

Na manhã seguinte, o dia estava quente e lindo, sem nenhuma nuvem no céu azul. Vesti um biquíni, passei bronzeador por todo o corpo e desci para a piscina. Fiquei toda a manhã por lá tomando sol sozinha, já que Penny ainda não havia dado as

caras. Passava das duas da tarde quando ela finalmente chegou. Saímos para tomar um café no centro da cidade e depois pegamos uma sessão de cinema, de um filme de comédia que queríamos muito ver. Passava das sete da noite quando saímos de lá. Penny insistiu para que fossemos a uma festa que vai rolar amanhã em uma das fraternidades da nossa universidade, mas eu lhe disse não por tantas vezes, que perdi contas. Por mais que eu sentisse falta das festas na faculdade e dos meus antigos amigos, sei que isso é algo que Victor jamais permitiria.

— Já está tarde e eu preciso voltar logo para mansão, antes que Victor me ligue mandando ir embora para casa. — Disse a Penny.

Deixamos Penny na fraternidade e seguimos nosso trajeto. Ao entrar na enorme casa silenciosa, senti uma sensação de vazio dentro de mim, perguntei-me como Victor conseguiu morar aqui sozinho, por longos seis anos. Depois de um banho quente, deitei-me na larga cama fria do Victor, sentindo sua falta. Ainda não havíamos nos falado hoje, apenas trocados duas mensagens pela manhã.

Sentei recostando-me na cabeceira espelhada e peguei meu celular sobre o criado mudo ao lado, discando seu número.

— Oi, querida. — Atendeu baixo, quase sussurrado.

— Oi, amor. Estou atrapalhando?

— Um pouco. Algum problema? — Perguntou a voz mais alta, mas em um tom ríspido.

— Se saudades for um.

— Eu ligo para você amanhã, pela manhã. Okay? — Algo dentro de mim doeu, senti meus olhos ficarem marejados.

— Victor, amor. Desliga o telefone. — Escutei a voz de uma mulher dizer ao fundo da ligação.

Houve um minuto de absoluto silêncio do outro lado da linha. A ligação ficou completamente muda, não se escutava nem ruído ou sua respiração.

— Com que está, Victor? — Perguntei levantando-me da cama e sentindo uma lágrima escorrer por meu rosto.

— Estou uma reunião de negócios, nos
PERIGOSAS ACHERON

falamos amanhã. Boa noite. — Disse antes de encerrar a chamada.

Confusa e sentindo uma dor aguda no peito, deitei-me cobrindo até a cabeça debaixo do cobertor e chorei com sentimento de estar sendo traída, até adormecer. Acordei às dez da manhã, sem a mínima vontade de sair da cama. Tudo o que eu queria era chorar. Batidas leves soaram na porta do quarto e logo em seguida uma das empregadas entrou.

— Está se sentindo bem, senhorita? — Perguntou aproximando-se da cama.

— Estou. — Menti.

— Já são meio dia, já posso servir seu almoço, ou quer que eu o traga aqui?

— Não precisa. Já vou descer, pode ir. — Respondi sem nem mesmo olha-la.

A empregada se retirou e fechou a porta logo atrás de si. Levantei-me indo para o banheiro, entrando direto para o chuveiro e tomei um bom banho, derramando muitas lágrimas. Ao sair do box, limpei o espelho embaçado pela fumaça

quente com a mão e vi meu reflexo, enxergando o quanto meu rosto e principalmente meus olhos estão inchados. Saí do banheiro enrolada na toalha e sentei-me na cama, pegando meu celular na esperança de encontrar alguma chamada perdida ou mensagem do Victor. Uma decepção grande me martelou por dentro ao ver que não havia nada. Permaneci sentada e encarando a tela do celular, esperando que pôr a qualquer instante, seu nome brilharia na tela, mas ao invés disso, o nome da Penny foi o que se iluminou.

— Oi, Penny. — Disse ao atender sua chamada segurando o choro.

— Que voz é essa? Não me diz que brigou com seu namorado, ele estando do outro lado do mundo?

— Ainda não.

— Como assim, ainda não? O que houve? — Tentei conter as lágrimas, mas não deu. — Ah, merda. Estou indo para aí. — Disse antes de encerrar a chamada.

Em menos de meia hora, ela chegou com

sacolas nas mãos.

— O que é isso tudo? — Perguntei ao abrir a porta.

— Eu nunca namorei, então, não sei o que você está passando e muito menos o que aconteceu. Quando você terminou com Mark, nós queimamos todos os presentes que ele te deu e furamos a cara dele com meu canivete em uma foto tamanho A4. — Disse entrando para dentro da casa. — Desta vez não tem termino e então eu estou fazendo o que a melhor amiga faz nos filmes quando a outra está mal. Sorvete com calada de chocolate e biscoitos. — Disse erguendo as sacolas.

— Eu te amo, sabia? — Disse a abraçando.

Fomos para a cozinha e nos sentamos a mesa com duas colheres. Penny abriu a lata de sorvete de baunilha e jogou a calda direto no pote quebrando os biscoitos por cima. Enquanto comíamos todas aquelas calorias, contei a ela o que houve em meio a meu choro.

— Sabe do que você precisa e ele merece? — Perguntou enxugando as lágrimas em meu rosto.

— O que? — Perguntei fungando.

— Que você vá a festa de hoje à noite comigo! Não pode ficar nessa mansão solitária em um domingo à noite, chorando e se lamentando por um velho que tem seu amor, mas que não lhe dá o devido valor. Você vai acabar comendo mais um pote de sorvete e não vai mais entrar naquele seu jeans caro, enquanto ele supostamente está na China e, talvez, traindo você.

— Eu não posso. Isso seria motivo para ele me castigar.

— Ah, meu Deus! Está se ouvindo? Ele não é seu pai, que vai castigar você por fugir no meio da noite para ir a uma festa que só tem gente maior de idade. Vê se acorda, Maya! Ele tem sessenta anos, já se casou duas vezes, é rico e já transou com muito mais mulheres do que qualquer astro da NBA.

— Penny...

— Não! — Disse alto e interrompendo-me. — Não vou deixar esse velho babaca estragar os melhores anos da sua vida, que são a faculdade.
PERIGOSAS ACHERON

Vamos para a fraternidade nos arrumar e ir à está festa, nem que seja escondido. Está me entendendo?

— Estou.

— Ótimo. Agora larga isso aqui... — Pediu tomando a colher da minha mão. — ...se levanta e vamos embora.

Sem pegar nada, além da minha bolsa, Noberto nos levou para a fraternidade, um pouco contra a sua vontade. Victor ainda não havia dado nenhum sinal de vida, o que me deixou ainda mais irritada. Penny emprestou-me uma saia curta de couro preto e uma blusa de tule branco, que mostrava bem meu sutiã de renda preta. Prontas, fomos para festa fugindo pela porta dos fundos e pulando a cerca. Senti-me na minha adolescência outra vez e foi inevitável não me lembrar da Grace. Quando chegamos na festa, meus ouvidos já foram logo invadidos pelo som alto da música eletrônica. Luzes coloridas piscavam ao ritmo da batida rápida, dentro e fora da casa. Casais se esfregavam-se pelos cantos e o time de futebol jogava as garotas dentro da piscina ainda vestidas, enquanto o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

time de tênis de mesa, brincavam de cerveja pong.

— Vou pegar uma bebida para gente. — Disse Penny em meu ouvido.

— Okay. Vou falar com pessoal. — Respondi gritado para que ela me ouvisse.

Ela saiu em direção à mesa que estava cheia de bebida e eu fui de encontro a minhas colegas do curso. A noite foi passando e eu estava feliz em estar ali revendo pessoas que não via a algum tempo. De longe, vi Mark agarrado a uma garota que eu não conhecia. Ele pareceu estar bem com ela e isso deixou-me feliz, por saber que finalmente seguiu em frente.

— Copo vazio na minha festa? Isso é deprimente. — Disse um cara parando ao meu lado, com um sorriso no rosto. — Oi. Eu sou Nick. — Apresentou-se estendendo sua mão.

— Maya. — Apresentei-me apertando sua mão. — A festa é sua?

— É. Esse é meu último ano, mas meu primo é calouro e eu quis dar uma festa para ele conhecer a galera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito gentil da sua parte. — Disse sorrindo.

— Vou pegar uma bebida para você, o que está bebendo? — Perguntou pegando o copo vazio da minha mão.

— Vodka com limão.

— Já volto. — Disse e saiu sumindo na multidão.

— Uau! Quem é o senhor delícia? — Perguntou Penny ao se aproximar.

— Nick. Ele disse que esse é o último ano dele.

— Eu não o conheço e você? — Perguntou arqueando a sobrancelha.

— Também não.

— Que gostoso. Tão gato e eu nunca notei ele nas festas. — Disse Penny balançando a cabeça lentamente em negação.

— Aqui está. — Disse Nick, entregando-me o copo. — Trouxe um para sua amiga também.

PERIGOSAS ACHERON

— Valeu. Eu sou Penny.

— Nick. — Os dois apresentaram-se e apertaram as mãos um do outro.

Nick é um cara alto, de pele bronzeada e cabelos pretos. Dono de um sorriso encantador e uma personalidade cativante. Conversamos por horas, sentados à beira da piscina. Penny logo sumiu com um cara do time de basquete, deixando apenas nós dois. Nick sentou-se mais perto e começou a elogiar cada parte do meu corpo. Senti-me levemente atraída por sua beleza, e quem não se sentiria, mas meu coração bate forte por outro homem. Um leve enjoou tomou meu estomago e um calafrio percorreu meu corpo.

— Você... me dê licença, por favor. — Disse levantando-me da espreguiçadeira em que estava sentada. — Não estou me sentindo muito bem. — Disse ao notar uma tontura.

— Quer ir ao banheiro? — Perguntou levantando-se. — Eu ajudo você, vem.

Nick segurou-me pelo braço e me ajudou a atravessar o mar de gente suada, que derramava

bebida ao dançar descontroladamente dentro da casa. Subi a escada com sua ajuda, sentindo-me cada vez mais tonta e enjoada. Nick abriu a porta do banheiro e ajudou-me a entrar. Escorei na bancada da pia e virei-me para ele, o pedindo que me deixasse sozinha. Antes mesmo que eu terminasse minha frase, ele laçou seus braços em minha cintura e beijou minha boca de forma bruta. Debatí meu corpo tentando livrar-me dele, mas ele é muito mais forte do que eu. Aos poucos senti que estava ficando sem forças, até mesmo para manter-me de pé.

— Me solte. — Pedi tentando livrar-me da sua mão que estava embaixo da saia, mas não consegui. Seus dedos invadiam minha intimidade de maneira grosseira, tocando meu clitóris. — Socorro! — Tentei gritar, mas minha voz saiu fraca.

— Cale boca! — Disse alto, tapando minha boca com sua outra mão.

Tentei lutar contra ele, mas um cansaço forte tomou todo meu corpo de uma vez só, deixando minhas vistas escuras, até que um apagão chegou colocando-me para dormir. Acordei com a luz do

PERIGOSAS ACHERON

sol batendo forte em meu rosto. Um enjoo intenso subiu minha garganta, eu apenas virei para o lado despejando tudo o que tinha em meu estomago. Fraca e sentindo meu corpo todo tremer, sentei-me no chão e uma ressaca gigantesca bateu em mim, causando uma dor aguda em minha cabeça. Olhei para o lado e deitado no chão de um quarto estranho, estava o Nick, completamente nu. Olhei para o meu corpo desesperada e notei que eu também estava nua. Tentei levantar-me rápido, mas a fraqueza me jogou de volta no chão.

— Vai com calma, gata. — Disse ele com a voz rouca de sono. — A noite passada foi intensa. — Disse sentando-se e sorrindo para mim.

— O que aconteceu? — Perguntei tentando cobrir meu corpo com meus braços. — Você abusou de mim? — Perguntei alto e assustada, recordando-me dos últimos segundos antes de apagar no banheiro.

— Eu? Não. — Disse levantando-se. — Nós transamos. Te dei uns tapas nessa sua bunda gostosa lá no banheiro e você pirou implorando para eu te foder. Pediu até que eu te amarrasse na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cama. — Disse apontando para a cabeceira da cama, onde havia um pedaço de pano branco amarrado nela.

— Não pode ser. — Sussurrei, sentindo as lágrimas descerem por meu rosto.

— Foi tudo muito bom e gostoso, mas... você tem que dar o fora. Logo o supervisor chega e ele não gosta de mulheres dormindo aqui. — Disse ele vestindo sua roupa.

Nick pegou minhas roupas e as atirou em minha direção, antes de sair do quarto. Com dificuldades, levantei-me e me vesti. Pelo quarto, havia sinais de sexo a cada metro. Camisinhas usadas e ejaculadas, estavam espalhadas sobre o carpete, além da cama bagunçada. Amaldiçoei-me por ter feito isso com Victor e comigo mesma. Bebi, fiquei completamente fora de mim e transei com um cara que não é meu namorado. Procurei meu celular e o achei debaixo da cama. Havia duas chamadas perdidas do Victor e sete da Penny. Sai do quarto e quando cheguei a escada, escutei gritos e um deles era o dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde ela está? O que vocês fizeram com a gente seus imundos? — Berrou.

— Penny. — A chamei quando cheguei no anda de baixo.

— Graças a Deus. — Ela correu de encontro a mim e abraçou-me chorando. — Você está bem? — Perguntou dando-me uma olhada da cabeça aos pés.

— Não. — Assumi segurando o choro.

— Acho que eles nos drogaram. Não me lembro de nada e acordei em um motel longe daqui. — Disse baixo, quase sussurrado.

— Agora vocês têm que ir. — Disse o cara com quem Penny sumiu na noite anterior, puxando nós duas pelo braço e nos arrastando até a saída. — Vazem daqui! — Disse nos empurrando porta a fora.

— Eu vou procurar a polícia, está me ouvindo? — Gritou Penny aos prantos. — Vocês abusaram de nós. Eu sei!

— Você nem é louca, loirinha. — Disse Nick

PERIGOSAS ACHERON

parado na porta. — Acha que não sabemos do seu trabalho? — Perguntou sorrindo com deboche para ela. — Quem irá presa aqui, é você. — Eles entraram e fecharam a porta em nossas caras.

Penny me abraçou chorando e pedindo-me perdão por ter me trazido para a festa. Ela estava com os braços e o pescoço cheio de chupões roxos. Voltamos para a casa da nossa fraternidade e ao chegar lá, Noberto esperava por mim escorado ao carro estacionado próximo ao meio fio, com uma feição nada boa.

— Entre no carro, Srta. Valentine. — Pediu abrindo a porta do carro.

Olhei para Penny, sem saber o que fazer. Não sei se vou ou se fico com minha amiga.

— Tudo bem. Vou ficar bem. Vai. — Disse ela soltando meu braço e entrando na casa.

Em silêncio, entrei no carro e Noberto fechou a porta, assumindo o volante. Quando chegamos na mansão, ele me acompanhou até o hall e mandou que eu fosse para o escritório do Victor, onde ele aguardava por mim. Senti o medo encher meu

corpo. Eu não sabia ao certo o que havia acontecido na festa com o Nick. Caminhei em direção a última porta no corredor com meus passos vacilantes. Nick relatou à noite com uma certeza tão grande, que me dava até medo de tudo ser verdade. Não sei o que dizer ao Victor e nem por onde começar a me explicar, nenhum perdão no mundo será o suficiente. Bati na porta e sua voz soou lá dentro, mandando que eu entrasse. Antes mesmo de passar pela porta, meu choro já escorria abundantemente por meu rosto.

— Sente-se. — Mandou de costas para mim, atrás da mesa.

— Victor...

— Eu mandei você sentar! — Berrou virando-se para mim. Assustada com sua reação, permaneci paralisada onde estava. — Seu amor por mim é de arrepiar. — Disse alto, dando a volta na mesa e parando a minha frente. — Você some e eu fico louco atrás de você! — Gritou. Seus olhos estavam vermelhos como brasa e sua respiração pesada. — Onde você estava? — Permaneci em silêncio. — Responda! — Berrou segurando meus braços com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas duas mãos e os apertando. — Fale, sua vadia! — Berrou sacudindo-me. — Assume que estava sendo a puta que você é! Onde eu estava com minha cabeça, quando me envolvi com você? — Berrou mais uma vez, me empurrando para trás.

— Amor, me perdoa... — Victor acertou um forte tapa em meu rosto, fazendo-me cair para trás e sangue escorrer da minha boca.

— Não ouse me chamar de amor e nem me pedir perdão. Eu já lhe dei isso uma vez e não serei tolo novamente. Você foi só mais uma, que se aproveitou de mim e do meu dinheiro! — Victor puxou-me pelos cabelos e me jogou contra a parede. — Eu sinto o perfume dele em você. Sinto o fedor da porra dele em você! — Berrou, com feição repudio.

— Eu não me lembro. — Sussurrei. — Eu juro a você, que não me lembro. — Disse em meio ao choro. — Eu sei que não faria isso com você, mas não lembro do que aconteceu.

— Cale a merda da boca. — Disse entre os dentes. Victor puxou meu punho esquerdo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrancou a pulseira que estava em meu braço com força, deixando arranhões. — Desaparece da minha casa, vadia. Volte para o homem que lhe marcou com a porra dele. Espero que essa noite tenha valido a pena.

Ele abriu a porta e empurrou-me para fora do escritório, jogando-me com força no chão. Victor fechou a porta em um baque e eu me levantei com dificuldade. Saí de dentro da casa e quando passei pelos portões, corri pela calçada até encontrar um taxi a alguns metros à frente. Voltei para o campus e depois de buscar dinheiro com a Penny para o pagar, nós nos entregamos aos braços uma da outra, chorando até soluçar. Depois de um banho, eu adormeci na minha antiga cama e agora atual. As palavras do Victor não saiam da minha mente. Sua expressão de fúria e nojo, ainda me assustavam e me magoavam. Chorei em silêncio, afogando-me em minha dor pela perda do homem que amo, até cair outra vez no sono.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 36

◇ *Victor* ◇

Depois que falei com a Maya por telefone, pude sentir que ela ficou chateada pela forma que a tratei. Tenho certeza que ela ouviu a voz da Margot chamando-me. Uma sensação ruim tomou conta do meu peito e soube imediatamente que era hora de voltar para casa, mesmo sendo antes da hora. Liguei para minha secretária e pedi que preparasse o jatinho para voltar o quanto antes a Houston. Disse que ligaria para ela quando amanhecesse nos Estados Unidos, mas achei melhor não, por dois simples motivos.

Primeiro, eu já estava a caminho de casa e logo mais nos encontraríamos. Segundo, sei que ela me questionaria sobre a voz que me chamar de amor e não quero ter que lhe dar explicações por telefone, muito menos iniciar discussão. Quando o avião pousou em Houston, era pouco mais das duas da manhã de uma segunda-feira. Noberto aguardava

PERIGOSAS NACIONAIS

por mim próximo ao carro, com uma feição preocupante no rosto. Nesse momento, meu coração disparou no peito e eu pensei que algo ruim poderia ter acontecido a Maya, já que Higor ainda está à solta.

— Fala logo. — Disse rude parando a sua frente.

— Senhor, a Maya sumiu.

— Como assim ela sumiu? — Perguntei sentindo meus músculos do corpo enrijecerem e preocupação que sentia crescer.

— Deixei ela e a Penny está tarde na fraternidade, mas as seis horas quando fui busca-la, me disseram que elas haviam saído.

— Para onde ela foi? — Perguntei retoricamente, pegando meu celular do bolso. — Você tentou falar com ela? — Perguntei ligando para o seu celular.

— Sim, Senhor. Liguei, mas ela ignorou minhas ligações.

— Vamos. — Disse entrando dentro do carro.

PERIGOSAS ACHERON

Noberto fechou a porta e assumiu o volante, pondo o carro em movimento. A ligação foi para caixa postal e quando ia tentar novamente, recebi uma mensagem de um numero desconhecido. Eram duas fotos da Maya, em uma festa. A julgar pelas pessoas no fundo de uma das fotos, a piscina e as luzes coloridas, certamente é em algumas destas festas da universidade. As imagens encheram meu peito de ódio. Não consigo acreditar que ela esteja fazendo isso de novo. Na primeira foto, ela está sentada em uma espreguiçadeira à beira da piscina e um cara sentado próximo demais. Eles sorriem e se olham nos olhos, isso deixou-me enfurecido.

Na Segunda, eles estão dentro de um banheiro. Maya está escorada na bancada da pia e o mesmo cara em cima dela a beijando, com a mão dentro de sua saia. Apesar de não ver seu rosto nesta foto, eu sei que é ela, conheço seu corpo e seus cabelos. Minha fúria foi imensa. Apertei o celular entre minha mão, quase o quebrando. Minha vontade, é de marra-la e surra-la até que meus braços fiquem sem força. Acreditei que Maya fosse diferente de todas as mulheres que conheci e que já passaram

por meu pau, mas me enganei. Ela é apenas mais uma vadia interesseira como a Eliza, que conseguiu me manipular. Tentei ligar para ela novamente, afim de saber onde ela está. A buscarei pelos cabelos, arrastando-a para fora a frente de todos, porém, mais uma vez ela não me atendeu.

— Para onde vamos, Senhor? — Perguntou Noberto.

— Vamos para casa. Fale com Rob e mande-o descobrir onde ela está.

Rob trabalha para mim, há anos. Ele quem sempre manteve olhos vivos sobre a Maya, em todas as vezes que estive longe. Desde que voltamos de Tulsa, o dispensei temporariamente pensando que poderia confiar na mulher que me fez amar novamente e que disse me amar.

— Senhor, ele já está à procura dela. — Disse Noberto ao desligar o celular.

— Okay. — Disse recostando minha cabeça para trás no banco e fechando meus olhos.

Sinto meu rosto quente de ira e meu coração

disparado de raiva no peito. Recuso-me a acreditar que me deixei levar e fui enganado outra vez. Eu a amei de verdade e cedi partes de mim que nunca imaginei abrir mão. A tratei com amor e carinho, que nunca dei a Madalene. Comprei brigas e confusões por alguém que me traiu. Estou me odiando neste momento. Ao chegar em casa, eu entrei e fui direto para o meu escritório. Peguei no bar ao canto, uma garrafa de Whiskey e um copo, sentando a minha mesa e me servindo de uma dose caprichada. Não irei tentar falar com ela novamente. Ela não sabe que voltei e mais cedo ou mais tarde, aparecerá aqui depois de uma boa noite com um João ninguém, fingindo nada ter acontecido ou ser inocente.

Rob ligou e informou ter a encontrado em uma das casas na universidade. Mandei que ele esperasse por ela sair da festa mais ele ficou lá até o sol nascer e ela não passou pela porta. Vi o dia amanhecer sentado em minha cadeira. Noberto entrou em minha sala e disse que estava indo esperar por ela em sua fraternidade. Pedi que quando ela chegasse, que ele a mandasse direto

para mim. Ele concordou e saiu da sala sem dizer nada além de “ Sim, Senhor. ”. Quando escutei o barulho do seu salto ecoar no corredor depois da porta, no piso de madeira, soube que era ela quem estava chegando. Levantei-me da cadeira e virei de costas para porta, virando o último gole do Whiskey. Não quero olha-la agora. Sua voz soou tremula e amedrontada atrás de mim, quando chamou por meu nome.

— Eu mandei você sentar! — Berrei enfurecido, virando-me para ela. — Seu amor por mim é de arrepiar. Você some e eu fico louco atrás de você! — Gritei, parando a sua frente. Ela encolheu seus ombros e olhou-me com seus olhos assustados. — Onde você estava? — Perguntei querendo ouvir da sua boca mais ela permaneceu em silêncio, o que me deixou com ainda mais ódio. — Responda! — Berrei agarrando seus braços com força, os apertando para machuca-la. Quero lhe causar dor física, seja como for, para que ela possa sentir na pele a dor que estou sentindo por dentro. — Fale, sua vadia! Assume que estava sendo a puta que você é! Onde eu estava com minha cabeça,

PERIGOSAS NACIONAIS

quando me envolvi com você? — Berrei sentindo meus olhos queimarem de raiva.

— Amor, me perdoa...

Como ela pode me chamar de amor, depois do que fez comigo? Sem pensar, acertei-lhe um forte tapa em seu rosto com toda minha força, jogando seu corpo magro no chão.

— Não ouse me chamar de amor e nem me pedir perdão. Eu já lhe dei isso uma vez e não serei tolo novamente. Você foi só mais uma, que se aproveitou de mim e do meu dinheiro! — Puxei-a pelos cabelos e a joguei contra a parede, vendo sangue escorrer no canto da sua boca. — Eu sinto o perfume dele em você. Sinto o fedor da porra dele em você!

— Eu não me lembro. — Sussurrou. — Eu juro a você, que não me lembro. — Como não se lembra? As fotos que recebi, ela parecia estar bem lucida. — Eu sei que não faria isso com você, mas não lembro do que aconteceu.

— Cale a merda da boca. — Disse sentindo vontade de bate-la novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que eu a machucasse e tenha problemas futuros, a peguei pelo braço com força, depois de toma-la o bracelete, e a joguei no chão para fora do meu escritório, fechando a porta e dando duas voltas na chave. Sentei novamente em minha cadeira e enchi meu copo até a boca. Dei um grande gole derramando um pouco sobre a madeira envernizada da mesa. O Whiskey desceu queimando por minha garganta, enquanto eu encarava seu bracelete em minha mão, pensando no significado dele. Compromisso. Compromisso esse, que ela não teve comigo. Sequei a garrafa de Whiskey e adormeci trancado no escritório.

Acordei na manhã seguinte com a claridade que invadia o cômodo pelas janelas. Sem noção de pôr quantas horas eu dormi, levantei-me sentindo uma pontada na cabeça, seguida de uma enorme dor. Depois de um banho frio, tomei uma caneca de café puro e sem açúcar, antes de seguir para mais um dia de trabalho. Estava em uma reunião quando recebi uma mensagem do Noberto, avisando de que a Maya estava na calçada em frente ao prédio, andando de um lado para o outro. Não vou negar,

PERIGOSAS ACHERON

senti vontades de ir até lá e perguntar o porquê, mas achei melhor ignora-la. Quando saí e a vi, meu coração disparou fazendo-me lembrar da minha primeira paixão na escola. Ela veio em minha direção pedindo para falar comigo, mas meu orgulho gritou para que a tirassem de perto de mim.

— O Senhor tem certeza de que irá ignora-la?

— Perguntou Noberto olhando-me pelo reflexo no retrovisor.

— Sim. — Disse abaixando minha cabeça.

— Se sairmos deste estacionamento, possa ser que não a veja nunca mais. — Noberto está comigo desde sempre e é um amigo. Sei que está falando isso por nossa amizade e também porque gosta da Maya. — Victor? — Chamou despertando-me dos meus pensamentos.

Olhei pela janela do carro e vi um de meus seguranças a segurar pelos ombros. Seus olhos derramam lágrimas e sua aparência derrotada. Isso fere meu coração, mas talvez, seja assim que tenha que ser.

— Vamos! — Mandeí olhando para o outro lado.

Noberto saiu com o carro do estacionamento e eu fechei meus olhos os apertando com força, tentando controlar minha vontade de pedi-lo para parar. Meu celular tocou em minha mão e olhei para tela pensando ser ela, mas era o Caleb. Respirei fundo deixando ir a imagem em minha cabeça, dela chorando na calçada e o atendi. No dia seguinte, estava preparando-me para ir viajar com Caleb por três dias, até clínica de reabilitação onde ele ficará por algumas semanas, quando Noberto entrou em meu quarto.

— Senhor. Com licença.

— Diga, Noberto. — Virei-me e olhei para ele, o vendo com uma feição preocupada no rosto. — O que aconteceu?

— Penny ligou, Senhor. Maya foi presa ontem à tarde, acusada de exercer o trabalho ilegal de prostituição no estado do Texas.

Respirei fundo e encarei sem reação. Não acredito que ela esteja passando por isso. Meu coração se apertou forte em meu peito e pediu-me para ir até ela e proteja-la, enquanto minha mente

gritava que ela não é mais problema meu.

— Pai. — Chamou Caleb ao entrar em meu quarto, segurando uma mala em sua mão. — Eu estou pronto, vamos.

— Leve nossas malas para o carro Noberto. — Disse e caminhei em direção ao banheiro.

— Victor. Ela precisa de você. — Disse Noberto, encarando-me incrédulo.

— Ela tem a Clarice. É uma ótima advogada.

Entrei no banheiro e fechei a porta, sentando-me à beirada da banheira, apoiando meus cotovelos sobre meus joelhos e afundando meu rosto entre minhas mãos. Preciso me preparar para viver um inferno na terra. Tenho plena consciência de que irei sofrer sem ela em meus braços, mas como já disse.... é assim que será.

CAPÍTULO 37

Um novo dia chegou e eu decidi que Victor teria que me ouvir. Penny só chorava trancada no banheiro e com febre alta. A coloquei para dormir e saí a procura dele. É terça e Victor só pode estar em seu escritório no centro da cidade a essa hora. Peguei um taxi e segui até a sede da sua empresa. Ao descer do carro, senti uma mistura de medo e ansiedade, ao ver o carro do Victor estacionado na vaga exclusiva do CEO. Fiquei parada na calçada, esperando que ele saísse de lá dentro, eu sei que se eu tentar entrar, serei barrada. Fiquei andando de um lado para o outro na calçada por quase três horas, até que Victor saiu com Noberto e outros dois seguranças.

— Victor. — O chamei. Ele virou-se para trás e seu olhar cansado em segundos transformou-se em um olhar de puro ódio. — Por favor... me ouça. — Pedi aproximando-me dele.

— Tire essa mulher de perto de mim! — Mandou rude e os seguranças posicionaram-se a

sua frente, formando uma barreira.

— Victor, por favor... eu imploro.

— Vá para o inferno. — Disse antes de me dar as costas e seguir em direção ao seu carro.

Um segurança ficou segurando-me pelos ombros, enquanto Noberto e o outro, o acompanharam. Ele entrou no carro e logo seguiu pela avenida, sumindo ao virar a esquina. O segurança soltou-me e entrou em outro carro. Eu fiquei parada ali, pensando o que eu fiz de errado para merecer tamanhos castigos na vida. Vaguei pela cidade sem destino, até o anoitecer. Voltei para a universidade e encontrei Penny dormindo, ela já não tinha mais febre, mas seus olhos estavam inchados e seu rosto vermelho.

Entrei no banheiro e tirei toda minha roupa, sentando-me no chão, debaixo da água quente do chuveiro cair sobre mim e chorei até enquanto ainda tinha lágrimas. Chorei pela minha mãe, chorei pela maldita noite passada que eu não me lembro, porém, sentia-me imensamente culpada, chorei pelo o que houve com a Penny, chorei por

estar com meu coração quebrado e por ter magoado o Victor, o homem que amo. Depois de quase uma hora, sai do banho e deitei-me na cama esperando pelo sono que nunca vinha. Eu vi a noite ir embora e dar vez ao dia no céu. Não sei o que fazer ou por onde recomeçar. Não sei se devia ir até a delegacia e prestar queixa contra o Nick, ele ameaçou revelar a Penny, disse saber do seu segredo. Desci para o andar de baixo e sentei-me nas cadeiras no jardim dos fundos.

— Você está bem? — Perguntou Penny sentando-se ao meu lado.

— Não. Mas vou ficar. — Disse segurando sua mão. — Nós vamos ficar bem.

— Onde passou o dia ontem?

— Eu fui atrás dele.

— Do Victor?

— É.

— E como foi?

— Ele mandou que os seguranças me tirassem de perto dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele não te merece, Maya. Ele agiu como um troglodita. Sua ação e comportamento, não ficou atrás daqueles que abusaram de nós. Olha só para você? Seu lábio está inchado.

— Maya! — Chamou uma das nossas colegas da fraternidade. — Tem dois policias na porta, perguntando por você. — Olhei para Penny e ela parecia tão assustada quanto eu.

— Já estou indo. — Nos levantamos e seguimos até a sala, onde havia dois oficiais, mulher e um homem.

— Maya Valentine? — Perguntou a oficial.

— Sim, sou eu. — Respondi ao chegar na sala.

— Você está presa por prática ilegal de trabalho. — Disse ela vindo até mim e segurando meus antebraços, os puxando para trás.

— O que houve? — Perguntou Penny assustada.

— Tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo o que disser, pode e será usado contra você no tribunal. — Ela deu voz de prisão enquanto me

PERIGOSAS ACHERON

algemava.

— Mas o que vocês estão fazendo? A Maya não fez nada de errado. Soltem ela! — Pediu Penny exaltada.

— A sua amiga aqui, está sendo acusada de pôr em prática o trabalho ilegal de prostituição no estado.

— O que? — Perguntei assustada, sentindo um bolo se formar em minha garganta.

Fui levada para a delegacia, onde fiquei detida por vinte e quatro horas em uma cela junta a outras duas mulheres. Ninguém me disse nada, apenas me deram o direito de fazer uma ligação e de optar por advogado particular ou do público.

— Maya Valentine. — Chamou um oficial do outro lado da cela. — Sua advogada chegou. — Disse destrancando a porta. — Mãos para trás e vire-se. — Mandou e fiz.

Ele me algemou e arrastou-me por um corredor, até a uma sala pequena no final dele.

— Clarice. — Disse aliviada ao vê-la.

— Maya, querida. — Disse ela vindo até mim.
— Fique calma. — Pediu baixo em meu ouvido, antes de me soltar do seu abraço.

Na pequena sala, além de nós e o oficial que me trouxe, havia dois detetives com seus distintivos pendurados no peito.

— Sente-se. — Mandou um deles.

— Tirem as algemas da minha cliente. Isso é completamente desnecessário. — Mandou Clarisse.

O outro detetive assentiu com sua cabeça e o oficial soltou meus punhos. Nunca imaginei ser algemada mediante essa circunstância. Sentei-me encarando uma pasta amarela sobre a mesa, com meu nome escrito nela, a pincel atômico preto.

— Quais são as acusações contra a minha cliente? — Perguntou Clarice, de pé ao meu lado.

— Senhorita Valentine, eu sou detetive Fitzgerald e esse é meu parceiro, detetive Mikaelson. — Disse o detetive olhando para mim.
— Doutora Montgomery, sua cliente está sendo acusada de trabalho ilegal. Prostituição, para ser

mais exato, o que é crime neste estado. — Disse o detetive abrindo a pasta a minha frente, que contém dezenas de fotos minhas.

— Com base em que você a acusam? — Perguntou Clarice.

— Foi feita uma denúncia, onde provas foram apresentadas. — Disse o detetive Fitzgerald, pegando uma foto entre as muitas, onde eu saia da festa em que Penny me levou na noite em que conheci Victor. — A senhorita tem conhecimento que o local onde estava nesta foto, é uma casa de prostituição de luxo?

— Não. — Respondi encarando a foto.

— Senhorita Valentine. Você fez ou faz programas ilegais, de prostituição neste país? Responda sim ou não, olhando para aquela câmera. — Pediu o detetive Mikaelson, apontando para a câmera sobre o tripé, mais à frente.

— Não responda, Maya. — Mandou Clarisse. — É apenas isso que vocês têm? Fotos? Vocês manterão minha cliente presa por um dia, por que alguém lhe entregou estas imagens?

— Doutora, sua cliente também foi vista em outro desses eventos, ao norte da cidade. — Disse Mikaelson, mostrando outra foto do dia em que me decidi arriscar. — Muita coincidência, não?

— Agora pode nos responder, senhorita? — Perguntou Fitzgerald.

— Nunca me prostitui. Fui convidada para a primeira festa, mas não tinha ideia do que era. Quando eu descobri, eu fui embora.

— Quem a convidou? — Perguntou Mikaelson.

— Não tem que responder, Maya. — Disse Clarice. — Você já falou demais. Vamos pagar a fiança e ela irá voltar comigo para Oklahoma. Isso que fizeram foi ridículo, não tem fundamento algum. Só o que vocês têm, são fotos dela entrando e saindo de propriedades particulares, onde supostamente acontece festas de prostituição. Vocês não me apresentaram nada, além dessas imagens.

Enquanto Clarice falava em tom autoritário, sendo a ótima advogada que ela é, puxei as fotos

PERIGOSAS ACHERON

para mim e comecei a passar uma a uma. São fotos do meu dia-a-dia, como entrando ou saindo do hospital, passeando com Bow a algumas semanas atrás, chegando em casa no carro do meu pai a um mês e até mesmo em Seattle com Victor, passeando pela cidade. Haviam fotos nossas abraçados e nos beijando, e saindo do hotel onde ficamos hospedados.

— Quando vocês tiverem uma declaração de algum homem ou mulher alegando terem praticado tal ato, ou provas concretas, constituídas mediante uma investigação legal, vocês me procurem. Caso contrário, estamos de saída. — Avisou Clarice.

— São vocês? — Perguntei segurando uma foto em minha mão, onde eu estava em um restaurante com meu pai, em Oklahoma. — Vocês quem estão me seguindo? Ou essas também foram fotos dadas pela pessoa que me denunciou? — Perguntei sentindo a raiva me possuir. Os detetives se entre olharam e depois me encaram em silêncio. — Eles estão me seguindo a bastante tempo. Desde Oklahoma, até minha viagem a Seattle com Victor. Olha? — Disse a Clarice lhe entregando as fotos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

claramente tiradas a escondidas.

— Saibam que quando esse circo acabar, vocês serão devidamente processados. Tiraram minha cliente de dentro da sua residência estudantil algemada, lhe causando constrangimento e humilhação pública. Quantas mil pessoas não haviam nesta festa, por que apenas ela está aqui presa a um dia e sendo interrogada? O que é isso? Perseguição? — Os detetives a encaram permanecendo em silêncio. — Espero mesmo que vocês tenham um mandado para isso... — Disse erguendo a foto que pegou da minha mão. — ...porque abrirei um processo por invasão de privacidade! Vamos, Maya. Vamos embora daqui. — Levantei-me e os encarei extremamente irritada. — Senhores, esse interrogatório descabido e fraudulento, termina aqui! — Disse Clarice recolhendo as fotos sobre a mesa, antes de abrir a porta, as levando consigo.

— Meu Deus. Eles podem me seguir assim?

— Vou pedir que me apresentem um mandato, mas acredito que isso é algo que eles não têm.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então agiram ilegalmente? Eu posso perder a bolsa na minha faculdade por isso! — Disse irritada.

— Maya... fique calma. Acho que eles não contavam que você teria uma advogada, a qual eles não pudessem manipular. Tudo isso está me cheirando a suborno. — Nos encostamos em um balcão e Clarice pediu a eles minha fiança.

— Quem me quer presa? — Perguntei escorando-me na parede, pensando em possíveis nomes.

— Eu não sei, mas vamos descobrir. — Disse enquanto assinava um formulário. — Onde está o Victor, por que ele não apareceu?

— Nós terminamos. — Clarice alisou meu braço de maneira carinhosa e deu-me um olhar de lamento.

— Vamos embora. Você tem que pegar suas coisas na fraternidade, acho melhor ficar em casa até que resolvemos isso. Okay?

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

Seguimos de táxi até a universidade. Quando chegamos lá, algumas das meninas que estavam conversando de pé na calçada, olharam-me com nojo da cabeça aos pés. Nós entramos e um grupinho de garotas na sala, falavam com deboche e faziam piadas da minha prisão. Quando notaram minha presença, todas fecharam suas bocas e um silêncio desconfortável reinou o cômodo. Encarei todas que se diziam ser minhas amigas, com desprezo e decepção. Subi a escada com Clarice e encontrei Penny de saída no corredor.

— Graças a Deus! — Disse aliviada e correu em minha direção abraçando-me. — Eu fui por três vezes na delegacia, mas não me deixaram entrar ou falar com você. — Ela soltou-me do seu abraço e eu vi que seu rosto estava cheio de lágrimas. — Eu liguei para o Noberto e pedi ajuda, ele disse que iria falar com o Victor, mas não me ligaram de volta. Fiquei desesperada com você naquele lugar. Peço que me perdoe, mas não sabia a quem mais recorrer e liguei para o seu pai. Me perdoa, Maya. Não sei se foi uma boa ideia.

— Foi uma péssima ideia! — Disse Clarice.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está tudo bem. Eles me deixaram ligar e eu entrei em contato com a Clarice. — Disse sorrindo para acalma-la.

— Não está tudo bem, Maya. Te prenderam por minha culpa. — Disse sussurrado.

— Vamos para o quarto de vocês. — Disse Clarice. — Agora comecem a falar. — Mandou ao entrarmos no quarto. — Por que foi a sua culpa? — Perguntou a Penny.

— A prostituta sou eu. — Disse Penny a Clarice. — Eu a convidei para a uma festa, mas em momento algum eu queria induzi-la a isso, até mesmo porque as coisas não funcionam assim.

— Foi nesta festa que eu conheci o Victor. — Disse a Clarice.

— Eu preciso me sentar, para ouvir o final desta história? — Perguntou Clarice.

— Não me prostitui. Ao menos acho que o que fiz, no final das contas, não foi prostituição. Nós precisávamos de dinheiro por causa dos gastos hospitalares. Meu pai já fez tanto por mim e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente pela minha mãe, que me senti no dever de fazer algo por eles, um a minha vez. Eu tentei, mas... não consegui. Foi aí então, que surgiu o Victor na minha vida. Ele me ajudou e fez por mim tudo o que precisei, chegando a fazer até mais. — Um bolo se formou em minha garganta e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Maya... — Disse Clarice sentando-se ao meu lado na cama e segurando minha mão.

— Nós nos apaixonamos, Clarice. Eu o amo muito, mas fiz algo que acabou com nosso relacionamento. — Disse em prantos.

— Não fique assim, querida. Vamos resolver.

— Eu estava indo até a delegacia quando você chegou, Maya. Eu ia denunciar os desgraçados do Nick e do Cesár.

— Você não pode fazer isso! Se fizer, vão entregar você a polícia e será presa.

— Temos que saber o que aqueles escrotos fizeram com a gente, Maya! — Disse Penny começando a chorar.

PERIGOSAS ACHERON

— Do que vocês estão falando, meninas? — Perguntou Clarice assustada, nos encarando com seus olhos arregalados.

— Não vou deixar que faça isso, Penny. A minha denuncia pode ter sido uma armação e quem nos garante que o que aconteceu na festa, também não foi? Vamos pensar alto e longe.

— Vou perguntar só mais uma vez. Do que vocês estão falando? — Perguntou Clarice, com irritação e nervosismo na voz.

— Fomos para uma festa e fomos drogadas por dois monstros. Quando acordei no outro dia, estava em um motel e sem roupa, com meu corpo todo marcado. — Penny explicou de uma vez.

— Meu Deus! — Disse Clarisse boquiaberta. — Maya...

— O mesmo aconteceu comigo. — Disse a ela. — Nós não nos lembramos de nada. Ele foi tão convincente em relatar como foi nossa noite, dizendo como eu fiquei bêbada e de como o pedi para me amarrar e transar comigo, que eu não sei se isso foi um estupro ou não! — Disse em meio os

soluções do choro.

— E por que não foram a polícia? Isso é estupro de vulnerável. — Disse Clarice.

— Porque ele disse saber sobre a Penny. — A respondi.

— Com que tipo de pessoas você se envolve? — Perguntou Clarice a Penny.

— Com gente da alta. Se eu for a julgamento terei que citar nomes e isso vai gerar muito problema.

— Isso pode até ser perigoso para você, Penny. Não vou deixar que procure a polícia. — Disse a Penny.

— A Maya tem razão. Nem sempre a proteção da justiça é segura, infelizmente ela é corrupta. Ainda mais quando se trata de gente poderosa. Mas você, querida... — Clarice alisou meu rosto, enxugando minhas lágrimas. — ... você pode ir à polícia!

— Não posso! E se o Nick ficar enfurecido e entregar a Penny? Não posso colocar minha amiga

na cadeia, por desobediência minha!

— Essa escolha não é mais sua, Maya. Ou você vai, ou trarei a polícia até você. — Disse Clarisse. — Arrumem suas coisas. Vamos para Tulsa depois de irmos até a delegacia.

— Eu não vou. Preciso ficar, meu trabalho é aqui e eu preciso dele para me manter e estudar. Mas vou tomar cuidado, eu prometo. — Disse Penny. — Vá para casa depois de prestar queixa, Maya. Aqui não é mais um bom lugar para você.

— E se ele cumprir a ameaça? — Perguntei a ela.

— Acho que você vai ter que me visitar na cadeia. — Disse com um sorriso triste no rosto, segurando suas lágrimas.

— Vamos. — Chamou Clarice. — Nosso tempo é precioso.

Arrumei todas as minhas coisas, despedi-me da Penny e saí da fraternidade sob os olhares de julgamento de todas ali presente. Entrei no táxi e quando ele se pôs em movimento, olhei para trás e

meu coração se partiu por deixar Penny chorando de pé na calçada. Fomos para um hotel e no dia seguinte, para a delegacia. Encorajada por Clarice, prestei queixa contra o estudante que me estuprou. Através do seu perfil na rede social, Clarice descobriu que ele se chama Nickolas Hanks. Um jovem de vinte e dois anos, que já tem queixas contra ele por perturbação da paz e desordem, além de agressões físicas. Como não me lembrava de nada do ocorrido, me foi pedido um exame de corpo de delito. Foi humilhante ter que me submeter a isso, mas foi preciso. Senti raiva de mim mesma, por ter ido a aquela maldita festa.

— Maya Valentine. — Chamou a médica da porta do consultório. Levantei-me da cadeira no pequeno hall de entrada da clínica médica e caminhei até ela. — Entrem, por favor. — Pediu nos dando passagem na porta da sua sala. — Sentem-se.

— Então, Doutora? — Perguntou Clarice.

— Maya... você não sofreu abuso sexual. Os exames não apontaram nenhuma marca, lesões, ferimentos ou infecção. Você deve estar a pelo

PERIGOSAS ACHERON

menos uma semana sem relações sexuais. Tudo está perfeitamente saudável e normal.

— Mas já fazem quatro dias, desde a festa. Tem possibilidade que os sinais já tenham sumido? — Perguntei.

— Não. Se você tivesse sido estuprada, é como eu disse. Você teria lesões no colo do útero e no canal vaginal. Não há nada. Está tudo perfeitamente saudável e limpo. Quatro dias, não é tempo suficiente para curar as lesões e mesmo que fosse, você teria cicatrizes.

— E o exame de sangue? — Perguntou Clarice.

— Não deu alterações, seu organismo já eliminou todas as substâncias tóxicas que podem ter sido ingeridas. — Ela entregou o laudo a Clarice e sorriu com pena para mim. — Posso afirmar que abusada sexualmente você não foi, porém, quanto a ter sido drogada... não tem nada que eu posso dizer, a não ser o que está escrito no resultado do exame toxicológico.

— Okay, Doutora. Obrigada. — Levantei-me e

PERIGOSAS ACHERON

apertei sua mão, saindo da sala sem esperar por Clarice.

— Maya! Espere! — Gritou Clarice vindo atrás de mim. — Não está aliviada?

— Estou! É ótimo saber que um cara não abusou de mim e de que meu não transei com ele, mas por que ele me drogaria se não fosse para fazer isso? Isso não está certo, Clarice. Nada faz sentido. Por que ele mentiu sobre isso? Sinto que alguém armou para mim. — Comecei a chorar com desespero.

Meu coração grita que fizeram isso para me tirar o homem que eu amo. Fizeram isso para destruir minha felicidade.

— Se acalme, por favor. Infelizmente, temos que retirar a queixa que prestamos contra o Nick. Não temos provas de abuso, então...

— Tudo bem, eu entendo. — Disse a interrompendo. — Ele pode me processar, eu sei. — Voltamos para a delegacia e fizemos o que tinha que ser feito.

— Vamos voltar para o hotel, meu assistente

PERIGOSAS ACHERON

comprou passagens para voltarmos amanhã de manhã para Oklahoma.

Voltamos para o hotel e depois de um banho, dormi durante toda a tarde. Acordei com Clarice acariciando meus cabelos, sentada a beirada da cama de solteiro.

— Acorde. Vamos Jantar.

— Estou mesmo com fome. — Disse virando-me de barriga para cima.

— Ainda gosta de comida mexicana? — Perguntou sorrindo.

— Eu adoro! — Respondi sorrindo contente por ela se lembrar disto.

Quando eu e Grace éramos crianças, Clarice e minha mãe nos levava todos os sábados para comer comida mexicana em um famoso playground ao sul de Tulsa.

— Então vamos. Tem um restaurante aqui em frente.

Levantei e me troquei para sairmos. Atravessamos a rua e entramos no restaurante, indo

até o balcão fazer nossos pedidos e comemos tranquilamente sentadas a mesas da calçada, evitando os assuntos dos meus últimos cinco dias. Satisfeitas, pegamos dois sorvetes e voltamos para o hotel.

— Maya! — Chamou um homem parado na porta da recepção. — Você é a Maya? — Perguntou andando em nossa direção.

— Sou eu. — Disse um tanto assustada.

— Deixaram isso para você na recepção. — Disse estendendo-me um envelope de papel pardo, lacrado.

— Quem deixou isso? — Perguntei pegando o envelope da sua mão.

— Não sei. — Respondeu rude e nos deu as costas.

Olhei assustada para Clarice e ela tomou o envelope das minhas mãos, rasgando o lacre e o abrindo. Ela virou o envelope de cabeça para baixo, deixando o conteúdo cair no piso grosso do estacionamento. Duas fotos caíram no chão e um bilhete dobrado ao meio. Abaixei-me e os peguei

com curiosidade. As fotos são de Seattle. Exatamente da cena que eu Victor fizemos na sala da cobertura. Elas foram tiradas a distância, as imagens estão um pouco embaçadas, mas mesmo assim, se vê que é eu e ele em um momento bem íntimo. Com certeza, quem nos fotografou estava no prédio em frente e as portas de vidro abertas da sala, deram essa visão privilegiada ao fotógrafo.

— Deixe-me ver. — Pediu Clarice as pegando da minha mão. — Meu Deus. Tinha mesmo alguém invadindo sua privacidade, Maya. — Abri o bilhete e fiquei em choque ao ler o que estava escrito com letras impressas em um cartão branco. — O que foi, querida? O que está escrito?

Será que o seu pai terá orgulho da sua garotinha, recebendo estas fotos?

Talvez ele até queira as pôr sobre a mesa do seu escritório, ou quem sabe, ele as emoldure e pregue na parede do corredor.

— Eu preciso ligar para o meu pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Voltamos para o quarto e eu tentei ligar para ele, mas a chamada ia direto para a caixa de mensagem. Depois de muito insistir, finalmente eu consegui.

— Alô. — Disse ao atender.

— Pai? — O chamei em um sussurro.

— Na cadeia deixam você usar o celular? — Perguntou alto, com rispidez na voz.

— Pai, me ouça, por favor. — Implorei, já sentindo meus olhos ficarem marejados.

— Ouvir o que? Que a filha que eu criei com tanto amor e sacrifício, não passa de uma vadia? — Perguntou aos berros. — Você foi presa, acusada de prostituição! — Um desespero tomou conta de mim, fazendo meu coração disparar forte no peito.

— Pai, por favor. Eu posso explicar o que houve.

— Não, Maya! Por anos você foi o nosso orgulho, mas agora você se tornou nossa decepção e vergonha! Sorte da sua mãe, não estar acordada para presenciar isto!

PERIGOSAS ACHERON

— Não diz isso. — Pedi chorando.

— Não dizer o que? A verdade? O que o Victor é, Maya? Um cliente? Me diz, porque eu estou na dúvida com certas fotos que recebi pelo correio! Então é isso que você faz? As pessoas vão zombar da nossa família! Vamos virar piada na cidade inteira. — Berrou.

— Victor é o amor minha vida, pai. — Sussurrei sem forças, em meio ao choro silencioso.

— Todo aquele dinheiro que você me deu, era um empréstimo ou você conseguiu de outra maneira? — Não sabia o que responder. Não queria mentir, mas a verdade será mais difícil dele entender. — Não precisa responder, seu silêncio já me disse tudo. Não volte para esta casa, aqui você não tem mais um lar! Esqueça que eu existo! Vadia!

Ele encerrou a ligação e eu sentei-me nos pés da cama, encarando a tela que se apagou em segundos. Não pode ser. Eu fui expulsa da vida do Victor sem direito de me explicar ou me defender. E agora... da minha própria casa. Clarice saiu do

banheiro enrolada em um roupão e veio até mim.

— O que houve? Você conseguiu falar com ele? — Perguntou sentando-se ao meu lado.

— Ele disse que eu sou uma vergonha.

— Não é, querida. Quando voltarmos, vamos conversar e ele vai entender. — Disse Clarice tentando me acalmar.

— Ele não me deixou falar, não quis me ouvir. Eu agora não tenho casa, não tenho para onde ir.

— Claro que tem, Maya. Você é como se fosse minha filha, sabe disso. Pode ficar na minha casa, quanto tempo quiser.

— Por que a rejeição dói tanto? — Perguntei em meio aos soluços de um choro desesperado.

— Por favor, não chora! — Pediu ela puxando-me para deitar minha cabeça em seu colo. — Eu estou aqui. Sempre estarei. Você tomou decisões erradas, mas quem nunca fez isso? Eu e sua mãe, somos a prova viva. Você vai conseguir passar por isso, vai recomeçar e seguir em frente, você verá! — Consolou-me, me acalentando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele me chamou de vadia. Victor fez o mesmo. As pessoas na faculdade, falaram também pelas minhas costas.

— Vamos resolver! Vamos resolver!

Chorei por horas em seu colo. Tudo dentro de mim doí. Sinto-me com um saco de lixo, algo sujo e sem valor algum. Pensei que quando voltasse para casa, teria os braços do meu pai e seu ombro para eu chorar, mas estava errada. Já havia até mesmo, preparado meus ouvidos para escutar dele um; “ Eu lhe avisei. ”, em relação ao Victor. Estou me odiando pelo simplesmente fato de existir. Eu tenho Clarice e a Penny, talvez terei a minha avó, mas é apenas. Eu sei que se voltar para universidade, serei humilhada e já para casa, colocada para fora. Victor não é mais meu ponto de apoio e nem meu porto seguro, para eu recorrer. Grace, a pessoa que nasceu e cresceu comigo, não está mais na minha vida e isso também doí muito. Meu celular vibrou sobre o criado mudo ao lado, a tela acendeu iluminando o quarto escuro. Olhei para cama de solteiro onde Clarice dormia e ela permanecia virada para o outro lado, de costas para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peguei meu celular e ao destravar a tela, vi que era notificação de e-mail.

PERIGOSAS ACHERON

Cara Senhorita Valentine,

Lamentamos informar, que sua bolsa de estudos na Universidade de Houston, está suspensa por tempo indeterminado, até que seja feito uma investigação para averiguar um suposto envolvimento com práticas ilegais de trabalho em nosso país, os Estados Unidos da América. Pedimos que permaneça à disposição da Universidade e da polícia, para perguntas.

Atenciosamente; Reitora, Katherin Galdot.

— O que mais me falta perder? — Perguntei para mim mesma, em sussurros. — Acho que só a vida.

Segurei o choro entalado em minha garganta. Sentia uma dor aguda no peito, que me faltava até o ar. Um desespero para me livrar dessa agonia e sofrimento invadiu-me de maneira súbita, dando-me vontade de gritar o mais alto que eu puder. Levantei-me de vagar da cama e vesti uma calça jeans, calcei meus tênis e juntei minhas coisas que estavam espalhadas pelo quarto, colocando tudo dentro de uma das minhas malas, fazendo o mínimo de ruído possível para não acordar a Clarice. Peguei papel e caneta sobre uma pequena escrivaninha no canto do quarto e sentei-me na cadeira para escrever um bilhete para ela.

Querida Clarice.

Primeiramente, obrigada por existir na minha vida. O amor que tenho por você, é o mesmo que tenho por minha mãe. Eu te amo, não tenha dúvidas. Em segundo, obrigada por sua ajuda. Sem você, ainda estaria presa naquele lugar, sendo acusada injustamente. Eu preciso de tempo. Tempo para me curar, tempo para me achar outra vez, montar meus planos e descobrir meus novos ideais.

Não me procure, eu estarei bem. Sempre que quiser falar comigo, pode me ligar, mas lhe mandarei notícias. Não estou fugindo, apenas seguindo minha vida, é preciso! Um dia vou voltar e tentar conversar com meu pai, mas agora não consigo, sinto meu coração sangrar. Volte para casa. Volte para sua família e diga a todos que estou bem e que os amo. Diga a minha mãe o quanto sofro por estar longe dela. Eu sei que ela

PERIGOSAS ACHERON

pode nos ouvir. Eu acredito nisso! Até logo.

Com amor, Maya.

Coloquei o bilhete sobre o criado mudo ao seu lado e peguei minhas malas saindo do quarto de fininho, nas pontas dos pés. Desci a escada e atravessei o estacionamento, caminhando pela calçada até chegar em um ponto de ônibus.

— Boa noite. — Cumprimentou o motorista.

— Boa noite. — Disse ao passar por ele.

O ônibus fez sua última parada na rodoviária de embarque interestadual, às uma hora da manhã. O motorista ajudou-me a descer com as minhas malas, eu o agradei. Caminhei respirando fundo o ar fresco da madrugada, até uma cabine de vendas de passagem.

— Com licença. — Pedi ao me aproximar.

— Pois não? Em que posso ajuda-la? — Perguntou a atendente.

— Quando saí o próximo ônibus?

— O próximo sai em meia hora.

— Para onde ele vai?

— Illinois, Chicago.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda tem passagem?

— Sim. Três. — Disse conferindo no computador à sua frente sobre a mesa.

— Só preciso de uma. — Disse lhe empurrando meu cartão de crédito e meu documento por debaixo do vidro.

— Aqui está. — Disse ela os me empurrando de volta, juntamente com o ticket da passagem. — Boa viagem. — Desejou educadamente.

— Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

Caro leitor ou leitora.

Esta emocionante, dramática e excitante história, está apenas no começo. Maya, ainda tem muito o que viver, superar e reconstruir pelo caminho árduo da vida. Acompanhe como tudo acontecerá no segundo volume desta incrível trilogia.

Ps: Até o próximo livro, **Reconstruindo Sonhos**.

Com carinho, L. M. Braz.

Vire a página.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Spoiler Revelação.

Um mês depois....

◇ *Victor* ◇

Um mês havia se passado e Maya não me procurou mais. Confesso, que achei que ela seria insistente, mas ao invés disto, me surpreendeu deixando-me em paz. Ótimo, que continue assim. Eu a perdoei uma vez e não tenho que fazer isso de novo. Noberto às vezes, me olha com reprovação, eu sei que se fosse por ele, já teríamos ido atrás daquela que me traiu e mentiu. Por algumas vezes, quando estamos em meio ao trânsito caótico de Houston, e surge uma garota na calçada com características semelhantes à dela, ele diminui a velocidade do carro olhando para fora na esperança de que seja ela, como fez minutos atrás no caminho para casa. Admito que por duas vezes, as garotas se pareciam tanto, que deixou meu coração disparado

no peito. Eu ainda a amo, não posso negar.

— Senhor. — Chamou Noberto, despertando-me dos meus pensamentos.

— Sim.

— Aquela não é a Penny, Senhor? — Perguntou estacionando o carro na entrada da mansão.

— O que essa garota faz aqui? — Perguntei rude.

— Quer que eu chame a segurança? — Perguntou olhando-me pelo retrovisor.

Parei por um minuto e avaliei a garota que encarava o vidro traseiro do carro, com uma expressão chorosa e desesperada. Ela estava mais magra e abatida, tinha um pequeno corte no canto direito do lábio e um pequeno roxo abaixo do olho esquerdo, sinais claros de agressão. Penny esfregava suas mãos uma na outra com angustia, pensei em mandar os seguranças a retirarem daqui, mas eu quero ouvir o que ela tem a me dizer. Desci do carro e caminhei até ela, parando a sua frente e

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe encarando. Ela engoliu seco, preparando-se para falar algo e deu um passo à frente em minha direção.

— Diga logo o que quer. E já vou logo avisando, que se foi a sua amiga quem lhe mandou aqui, você já pode ir. — Disse rude.

— Não foi a Maya quem me mandou aqui. Estou aqui para falar dela, mas por favor... me escute com atenção.

— Fale logo. — Mandeí com arrogância.

— Victor... A Maya desapareceu a um mês. Ela simplesmente sumiu. Não está na casa dos familiares em Oklahoma e nem com a Clarice. Ela não fala com ninguém a semanas e o número do seu telefone, não atende mais. Eu não sei o que fazer e nem por onde começar a procura-la, eu...

— Precisa da minha ajuda? — Perguntei rude a interrompendo.

— Sim. Ela sumiu, porque eu fiz algo ruim. Muito ruim. E agora... tenho medo de perder a única amiga que tenho.

PERIGOSAS ACHERON

— Do que você está falando, Penny? —
Perguntei apressado e alto, pressentindo algo tenebroso.

— Prefiro que se sente, para me ouvir.

Não deixe de avaliar o livro. Obrigada!